

Maria Florentina A. Camerini

**A Produção de Saber Mediada pelo
Uso do Vídeo com Classes Populares
Urbanas – pela (Re)Construção da
Dignidade Humana numa
Experiência de Pastoral**

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2003

Maria Florentina A. Camerini

**A Produção de Saber Mediada pelo Uso do Vídeo
com Classes Populares Urbanas – pela
(Re)Construção da Dignidade Humana
numa Experiência de Pastoral**

Tese de Doutorado

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Solange Jobim e Souza

Volume I

**Rio de Janeiro
Fevereiro de 2003**

Ficha Catalográfica

Camerini, Maria Florentina A.

A produção de saber mediada pelo uso do vídeo com classes populares urbanas – pela (re)construção da dignidade humana numa experiência de pastoral / Maria Florentina A. Camerini; orientadora: Solange Jobim e Souza. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2002.

[10], 212 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Vídeo. 3. Classes populares. 4. Produção de saber. 5. Intervenção. I. Souza, Solange Jobim e. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Maria Florentina A. Camerini

**A Produção de Saber Mediada pelo Uso do Vídeo
com Classes Populares Urbanas – pela
(Re)Construção da Dignidade Humana
numa Experiência de Pastoral**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e de Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Solange Jobim e Souza

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Esther Maria de M. Arantes

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Eliana Yunes

Departamento de Psicologia --PUC/Rio

Prof. Francisco Ramos de Farias

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Maria Luiza Oswald

Departamento de Psicologia – UERJ

Prof. Jürgen Heye

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e de Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 14 de Março de 2003

Eu só peço a Deus
(Leon Gieco/Raul Ellwanger)
Beth Carvalho e Mercedes Sosa

Eu só peço a Deus
Que a dor não me seja indiferente
Que a morte não me encontre um dia
Solitário sem ter feito o que eu queria

Eu só peço a Deus
Que a injustiça não me seja indiferente
Pois não posso dar a outra face
Se já fui machucado brutalmente

Eu só peço a Deus
Que a guerra não me seja indiferente
É um monstro grande e pisa forte
Toda pobre inocência desta gente

Eu só peço a Deus
Que a mentira não me seja indiferente
Se um só traidor tem mais poder que um povo
Que este povo não o esqueça facilmente

Eu só peço a Deus
Que o futuro não me seja indiferente
Sem ter que fugir desenganado
Para viver uma cultura diferente

Agradecimentos

Uma tese que parte de uma experiência prática com uma comunidade ao longo de vários anos envolve uma lista interminável de agradecimentos. Na impossibilidade de listar o nome de todos os co-autores que direta ou indiretamente participaram deste trabalho vou mencionar os nomes daqueles que colaboraram mais proximamente na sua realização:

Padre Djalma Rodrigues de Andrade, pela abertura em permitir um estudo acadêmico com os participantes da Pastoral do recém-nascido.

Solange Jobim e Souza, pela aceitação do projeto, orientação da tese e incentivo para participar de eventos tais como: congressos, seminários e publicações.

Pontifícia Universidade Católica, por toda minha formação acadêmica e pela bolsa de isenção para o curso de doutorado.

Gregório Franklin Barembliitt, Maria Tereza Freitas, Francisco Ramos de Farias, Rita Ribes, Ana Elizabeth Lopes, Luciana Lobo Miranda, Berndt Fichtner, Maria Benites, Jochen Dietrich, Lucia Rabelo de Castro, Eliane Yunes, Adair Rocha por comentários sobre meu trabalho e pela indicação de livros, textos e vídeos.

Sandra Marques, Jean Christopher Marques, Isabel Bragança, Isabel Balian, Nayara Wiethaeuper, Aparecida Rodrigues, Aline Tatar, Adriano Dias, Yone Maria da Costa, Maria do Carmo Cavalcanti Marroig, Marise Lira de Souza, Vera Lucia da Silva, Bernardo Blanquier por contribuições e colaborações durante o processo da pesquisa de campo, seja nas filmagens, seja na própria participação da dinâmica do grupo, seja no deslocamento da câmera, seja na edição de fitas.

Marcia Guerra, pela digitação da tese de acordo com as normas do modelo PUC.

Nancy Farias, pela revisão do texto de toda a tese.

Eliane Carlman e Maria Amália Gayoso, pelas traduções do texto quando apresentei o trabalho em congresso no exterior.

Aos colegas do GIPS, da turma de doutorado e aos professores dos cursos para obtenção de créditos, pelo companheirismo compartilhado, incentivo e interesse pelo projeto.

Aos participantes da banca avaliadora da minha tese: Solange Jobim e Souza, Francisco Ramos de Farias, Eliane Yunes, Ester Arantes, Maria Luiza Oswald, Terezinha Fères Carneiro, Maria Tereza Freitas, pelo interesse em ler e avaliar meu trabalho.

Finalmente a todos meus familiares e empregados de minha residência pela compreensão e colaboração para que eu concluísse com tranquilidade minha tese de doutorado.

Resumo

Camerini, Maria Florentina A., Jobim e Souza, Solange (Orientadora). **A Produção de Saber Mediada pelo Uso do Vídeo com Classes Populares Urbanas – pela (Re)Construção da Dignidade Humana numa Experiência de Pastoral**. 2003, 222 p. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo de uma situação no campo, numa comunidade oriunda das favelas Rocinha e Vila Canoas, que se reúne, há mais de duas décadas, inicialmente motivada por um dos projetos assistenciais da Paróquia de São Conrado. A principal meta que serviu de suporte aos objetivos pretendidos foi a tentativa de demonstrar a articulação entre a função da imagem como dispositivo técnico; seu lugar na mediação da experiência com a comunidade e a construção de saber como um dos efeitos possíveis. Para tanto, tomou-se como eixo de condução da investigação o conceito de exotopia (Bakhtin), pois ele indica que a visão que o sujeito tem de si mesmo é constituída pelo olhar e pela palavra do outro, considerando a posição espacial deste. Além disto, são observados outros subsídios teóricos, no sentido de apontar a contribuição de uma leitura crítica da organização contemporânea, na tentativa de compreender a construção da subjetividade atual.

Partiu-se de um olhar-escuta, decorrente da inserção do pesquisador no campo de investigação, obtendo-se diálogos dos participantes, nos quais era assinalada a modalidade de construção de discursos num contexto alteritário de produção dialógica. No encontro com a situação-objeto de estudo, procurou-se dar voz aos participantes, no sentido de focalizar a atenção na produção e também nas possibilidades de cada um se posicionar criticamente em relação às demandas da comunidade e, além disto, construir projetos que culminem na ação partilhada.

Da leitura empreendida nas imagens produzidas e nos diálogos obtidos, constatou-se que a imagem, no discurso da comunidade, mostrou ser, estrategicamente, uma modalidade de intervenção em vários aspectos: conferiu visibilidade a cada participante; instaurou discursividade de modo crítico sobre o sujeito, sobre o contexto relacional, sobre a história, referida ao percurso existencial e ao *modus vivendi* atual, a uma vida digna e, enfim, à esperança de o vídeo despertar interesse e responsabilidade em outras instâncias, que têm poder de resolução, também afetadas pelos conteúdos de seus discursos.

Palavras-chave

Vídeo, classes populares, produção de saber, intervenção.

Abstract

Camerini, Maria Florentina A., Jobim e Souza, Solange (Orientadora). **The knowledge production mediated by do use of video**. 2003, 222 p. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This is a field situation study of a community group originating from Rocinha and Vila Canoas, slums in Rio de Janeiro, that has been meeting for more than two decades, originally motivated by one of the assistance projects of the Paróquia de São Conrado.

The main goal that gave support to the intended objectives was the attempt to demonstrate the articulation between the role of image as a technical device, its place in the mediation of the experience with the community and the construction of knowledge as one of its possible effects. For this purpose, it was elected as the axis of the conduction of the investigation, the concept of “exotopy” (Bakhtin) , since it indicates that the vision that the subject has of himself is constituted by the look and the word of the other, considering its spatial position.

Other theoretical subsidies have been taken into consideration, in the sense of pointing out the contribution of a critical reading of the contemporary organization, in trying to understand the construction of contemporary subjectivity.

Starting from a look-listening derived from the insertion of the researcher in the field of the investigation, dialogues between the participants of the group have been gathered, in which it was pointed out the modality of discourse construction in an alteritarian context of dialogical production. At the encounter with the situation/object of study, the idea was to give voice to the participants, in the sense of focusing the attention on the production and also on the possibilities of each one to assume a critical position in relation to the demands made by the community and in addition to build projects that end in shared action.

From the reading of the images produced and the dialogues obtained it was found that the image in the discourse of the community proved to be a way of intervention in many aspects: it brought visibility to each participant, it set up discursivity in a critical way about each subject, about the relational context,

about the history, referred to the existential course and the contemporary way of life, to a dignified life and last, the hope that the video will wake up interest and responsibility in the instances that detain the power of decision, also affected by the content of the discourses.

Keywords

Video, popular classes, knowledge production, intervention.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
	16
1. CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA	
1.1 - Inquietante reflexão	16
1.2 - A mídia e a comunidade	33
1.3 - O individualismo e as práticas grupais	41
2. VIRTUALIDADE E TECNOLOGIA	49
2.1 - Do reflexo à imagem	49
2.2 - Subjetividade e Tecnologia	53
2.3 - A Constituição da Subjetividade no campo social	57
2.4 - O modo de produção e a imagem técnica	60
2.5 - Tecnologias em imagens	68
3. O CAMPO INTERATIVO DA LINGUAGEM: O OUTRO, O DIÁLOGO, OS SENTIDOS, AS SIGNIFICAÇÕES E O CONTEXTO	75
3.1 - Exotopia: um ato de criação pelo olhar e pela palavra	76
3.2 - Monologismo e Dialogismo: nuances do diálogo	80
3.3 - Alteridade: o eu e o outro	83
3.4 - Gêneros do discurso: apreendendo a diversidade no particular	85
4. CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	89
4.1 - A origem da pesquisa	90
4.2 - A configuração do contexto	95
4.3 - Fragmentos de história de vida	96
4.4 - A investigação e seu contexto	99
5. METODOLOGIA	104
5.1 - Constituição do universo de estudo	104
5.2 - Dinâmica do funcionamento	105
5.3 - O Olhar-Vídeo	109
5.4 - Método de análise	112
5.5 - Mapeamento de análise	115
a) Reunião 9	118
b) Reunião 10	126
5.6 - Temas em estudo: a constituição do discurso aberto	140
5.6.1 - Funções parentais e educação	142
5.6.2 - Privação de necessidades básicas	158
5.6.3 - Drogas e tráfico	171
5.6.4 - Imagem e construção de saber	180
CONCLUSÃO	194
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
ANEXOS	206

Introdução

Nos dias atuais, aqueles que vivem nos grandes centros urbanos confrontam-se constantemente com as diversas formas de imagens técnicas. Ao tomar consciência deste fato, percebe-se que a tecnologia vem atravessando a produção da subjetividade, não só no estabelecimento de laços, mas também na formação de traços identitários, que muitas vezes decorrem da maneira como o sujeito reage e interage com a imagem técnica. Constata-se cada vez mais que o indivíduo constrói sua narrativa de vida configurada em termos de uma experiência virtual. Este fenômeno é uma novidade, tendo em vista que a eclosão e o desenvolvimento da tecnologia da imagem é um acontecimento recente.

Desta forma, pode-se considerar o efeito da imagem técnica na construção da subjetividade e de conhecimento crítico. A iniciativa de produção de diálogos estabelecidos entre sujeito e a imagem capturada por um instrumento técnico (câmara de vídeo) converte-se numa mola propulsora, cujo resultado é o discurso produzido pela confluência de várias nuances da operação olhar: eu me vejo; o outro me vê; eu vejo o outro; eu vejo o outro me vendo, eu vejo o outro testemunhando o meu pensar e eu vejo o outro pensando. Trata-se de um conjunto de operações que remetem ao conceito bakhtiniano de exotopia - a visão que o sujeito tem de si próprio é constituída por um dado recorte de tempo e espaço, pelo olhar e pela palavra daquele com quem interage. Sendo assim, o outro confere visibilidade ao sujeito, razão pela qual se toma a imagem técnica para possibilitar a cada participante apreender-se dos mais variados ângulos possíveis.

A imagem de si, mediada por um olhar externo e capturada de um espaço exterior, transforma-se em algo desencadeador de emoções e sentimentos, além de fazer remissão ao arquivo das marcas de experiências próprias e singulares da história de cada um.

.....

A influência da imagem na vida cotidiana é tão marcante que se pode admitir seguramente que a expressão mais característica da época atual é, sem dúvida, *civilização da imagem*. Não somente pelo espaço social que esta adquiriu,

mas pela interferência direta no espaço subjetivo: a imagem técnica afeta tanto a relação do sujeito consigo mesmo, quanto sua relação com o mundo, tendo reflexos diretos na posição que ocupa frente ao cenário político, econômico e social.

Cabe salientar que a imagem também pode ser considerada um meio mobilizador do sujeito, razão pela qual se entende o uso do vídeo como o dispositivo cuja função vai além do mero registro de informações. Imagem é tecnologia e, quando se pensa em camadas populares, constata-se o descompasso relativo aos benefícios e aos usos dos dispositivos técnicos, quase sempre restritos a um certo segmento do social. Esta disparidade no âmbito social pode ser apontada como a responsável pelo surgimento de diferentes correntes culturais, por vezes antagônicas e conflitantes, o que muito dificulta a produção cultural em termos democráticos.

Não obstante, não se está dando relevância à crescente aquisição dos recursos tecnológicos. E, ao que se sabe, as classes populares vêm apresentando um certo destaque a este respeito. A questão em causa é como dispor de todos estes recursos de modo advertido, reflexivo, crítico e transformador. Pontua-se aqui o valor simbólico do uso da tecnologia, no sentido que ela assume na vida de cada um, seja na construção de sua história de vida, seja na disponibilidade em relacionar-se com o semelhante.

Deste modo, compreende-se que o acesso às representações advindas do encontro do sujeito com a imagem é de extrema valia na constituição de padrões identitários, que são indistintamente assimilados pelos diversos setores do tecido social. Disso depreende-se que a mídia tem, na atualidade, o grande poder de produzir e difundir estereótipos, como também de permitir uma visibilidade mais apurada sobre a contradição gerada quando da difusão de tais estereótipos.

Por este prisma, a finalidade principal deste estudo assenta-se na possibilidade da construção - de forma consensual, num recorte de uma comunidade oriunda de favelas - de espaços de discussão e reflexão, a partir de um tempo em que atores comunitários se encontram e também são afetados pela incidência da imagem técnica. Partiu-se da experiência do trabalho assistencial que vem sendo realizado na Paróquia de São Conrado¹ para, mediante a

¹ Desde a década de setenta, o trabalho assistencial da Paróquia de São Conrado se encarrega da distribuição de leite para mães de recém-nascidos.

introdução de um operador técnico, propiciar e incitar discussões e reflexões de cunho social e político. Vislumbra-se, assim, compartilhar, paulatinamente, das etapas de um processo que culmina com a construção de saber e com a produção de conhecimento crítico, de modo que tal processo faça ressonância à posição do sujeito no contexto sociopolítico.

Acredita-se que a idealização de um espaço desta natureza é importante na medida em que leva o sujeito a tomar ciência de que sua constituição se deve primordialmente ao olhar e à palavra do outro, razão pela qual a perspectiva de análise empreendida centra-se: a) nos lugares que o olhar inscreve; b) nos espaços partilhados, que decorrem da explicitação de anseios e da formação de traços identitários; c) nas implicações decorrentes de ações referidas ao uso da palavra, e d) na confluência destes vetores na caracterização da experiência que retrata a relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo, tanto em termos de interações sociais, quanto na tomada de consciência de que o outro é imprescindível à vida (segue-se a indicação, já há muito refletida, de que aquilo que se denomina percurso existencial, em termos de vivência subjetiva, depende necessariamente da criação do outro). Em outras palavras, o alcance e o acesso que o sujeito tem de sua vida interna se dão pela mediação e pela determinação do olhar e da palavra do outro.

O efeito enigmático de ser visto e de ser falado pelo outro reside no fato de que tal instância (o outro) apreende o sujeito de um lugar que lhe é inacessível. O mesmo raciocínio pode ser estendido à palavra, visto que o sujeito é falado num tempo e num lugar em que nunca se encontrou, não se encontra e jamais se encontrará. Daí a imperiosidade para a existência do sujeito: ser constantemente visto e falado. O que o sujeito vê de si, bem como o que ouve sobre si mesmo, decorre da interferência do outro no que tange à significação - é o outro quem possibilita a produção de significado para a constituição do sujeito. Em suma, a construção da consciência de si resulta, de um modo partilhado, da operação do olhar, contribuindo para o estabelecimento de uma linguagem que possa ser utilizada para decifrar as interrogações com as quais o sujeito se depara.

.....

Considerando o exposto acima – imagem técnica, produção de discursividade, camadas populares e construção de subjetividade crítica – este estudo insere-se numa linha de investigação que apresenta como particularidade a

dimensão processual do encontro do pesquisador com o grupo através do comprometimento, pela palavra, na produção de saber.²

A palavra comprometida mostra-se um meio bastante eficaz como forma do sujeito assumir a responsabilidade na construção de sua história e de seus projetos de vida, uma vez que é sua principal característica a mobilização para uma resposta. Sendo assim, esta pesquisa não se atém à prerrogativa de ser a organização de informações futuramente analisadas e, sim, o testemunho da existência de uma experiência construída no encontro daqueles que estão em busca de entendimento de dadas circunstâncias da vida.

Para desenvolver a argumentação sobre a análise do presente trabalho, foi preciso estabelecer critérios de prioridades. Em princípio, a pesquisadora inseriu-se numa realidade social já existente, para então, de forma compartilhada, estar presente nos diversos momentos da construção de um projeto coletivo em termos do saber crítico. Por esta razão, a distribuição das questões abordadas realizou-se da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, fez-se um rastreamento teórico, dando continuidade a projetos anteriores³, na tentativa de encontrar subsídios para circunscrever a questão que originou o interesse pelo tema. Atentou-se para a relação entre mídia e comunidade e o modo de funcionamento coletivo na atualidade, no qual tem prevalecido, freqüentemente, o individualismo.

O capítulo dois, dedicado à imagem, pretende articular a dimensão que atravessa a experiência cotidiana: a presença da tecnologia, o âmbito da virtualidade e a interferência da imagem técnica. Inicialmente, tecem-se considerações sobre a definição da imagem, abordando, em seguida, a relação entre subjetividade e tecnologia, para, enfim, analisar os efeitos desta interação no processo de construção de subjetividades no campo social.

Na terceira parte são expostos os conceitos bakhtinianos – como o de exotopia e o de dialogismo, por exemplo – que dão fundamento teórico as idéias levantadas na presente tese. Entremeados com a teoria, dois aspectos da vida

² O comprometimento da palavra foi importante tanto no resgate de elementos para a construção de uma história da comunidade, quanto nas descobertas que cada um pôde obter de si mesmo.

³ Elaboraões referentes à dissertação de mestrado; elaborações de textos, publicações, leituras, seminários, eventos, dentre outros, no interior da pesquisa “Produção da subjetividade em imagens” (GIPS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, coordenado pela Prof.^a Solange Jobim e Souza) e experiência clínica.

contemporânea são trazidos para o campo de discussão ainda neste trecho: o entrecruzamento do discurso capitalista, depreendido do modo de produção; e as diversas modalidades de consumo de imagens técnicas, que culminam com a apreciação sobre a tecnologia em imagens e sobre o campo interativo, criado tanto pelo olhar quanto pela palavra.

Em seguida, no capítulo quatro, levantam-se as fontes que mobilizaram a construção deste projeto, numa tentativa de circunscrever e contextualizar o âmbito de investigação do estudo em campo, explicitando o contexto onde o mesmo se desenvolveu.

No quinto capítulo, explicitam-se as diretrizes do modelo metodológico, iniciando-se pela constituição do universo de investigação, retratado em termos de uma dinâmica de funcionamento, a partir da introdução do dispositivo olhar-vídeo. Em seguida, são indicadas as estratégias empreendidas para a compreensão e a análise do material, o que se segue da descrição, na sua totalidade, das reuniões nove e dez, consideradas representativas de todo o conjunto dos acontecimentos grupais. Aqui, cabe relatar que o método de análise, construído sistematicamente a partir da inserção no contexto de investigação, possibilitou a organização de categorias extraídas do discurso dos participantes, categorias elucidativas do *modus vivendi* desta comunidade.

Por último, apresentam-se idéias conclusivas, como pontos de reflexão, na intenção de que se convertam em questionamentos futuros. Constatou-se neste ponto que não há dúvidas sobre a importância dos efeitos que podem e são desencadeados por uma experiência da envergadura deste trabalho. Efeitos a serem colhidos tanto para aqueles que, ao se desnudarem no uso da palavra, traduzem seus sentimentos e suas necessidades em mensagens, quanto para aqueles que, responsáveis pelo exercício da administração do Estado, podem se ocupar de velar pelas condições de cidadania.

1

Contextualizando a Experiência Contemporânea

Os conceitos são criações livres do espírito e não estão unicamente determinados pelo mundo exterior.

A. Einstein

1.1

Inquietante reflexão

Ao focalizar a atenção nos grandes acontecimentos que marcaram o desenrolar do século XX, constata-se a ocorrência de pronunciadas transformações nos setores científico, econômico, político, religioso e na relação do sujeito com o saber. Guerras, avanços/descobertas/criações no campo das diversas ciências (bomba atômica, pílula anticoncepcional, transplantes de órgãos, inseminação artificial, clonagem, vacinas e medicamento, entre outros), significativo avanço das pesquisas na área da medicina, difusão da imprensa, aperfeiçoamento da fotografia, do cinema, surgimento da televisão, do computador (e, através dele, da internet), conquistas do espaço pelo homem, propagação e intensificação do consumo de drogas, assassinato de crianças, de índios, de homossexuais e de mendigos, crescimento desordenado dos centros urbanos, com conseqüências em termos de condições precárias de vida e urbanização anárquica¹, naturalização e banalização da violência (assaltos, seqüestros), posição do sujeito na sua indiferença (a fome, o desemprego) e, por fim, uma monotonia generalizada face a um suposto dinamismo.

Os acontecimentos e os fatos que compõem o mundo atual se encontram representados (ou podem ser simulados) por imagens técnicas: fotografias, cinema, vídeo, televisão e computador. Face a uma idéia relativa às questões da atualidade, simultaneamente se configura na mente uma imagem correspondente, ou uma vaga lembrança de uma imagem, que se reporta a algo já visto. O sujeito dispõe de um repertório de imagens sobre a atualidade, produzidas pelos aparelhos técnicos. A este respeito, Calvino afirma:

¹ Ver, em anexo, duas imagens da realidade que construímos e em que hoje vivemos. Revista *Veja*, Ed. Abril, 24/01/2001, e Jornal *O Globo*, 08/02/2001.

Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que cada uma delas adquira relevo².

Portanto, a cada dia se evidencia a presença da tecnologia da imagem nas práticas da vida. A existência do sujeito, hoje, é, necessariamente, produzida através dos aparatos técnicos que influenciam na construção de uma nova subjetividade, ou seja, um outro modo de o sujeito ser, agir e conhecer.

A presença marcante das máquinas na produção de um mundo repleto de imagens, sendo que estas, cada vez mais, pelos recursos dos avanços tecnológicos, vem propiciando ao sujeito a vivência do mágico e do fantástico e pode levá-lo a conceber uma supremacia das produções “maquínicas”, a ponto de suplantar sua potencialidade criativa na interação com o mundo em que habita. Cabe aqui citar Machado, que, ao comentar Flusser, faz a seguinte afirmação:

Os homens já não decifram as imagens como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de imagens. Não sabendo mais servir-se das imagens em função do mundo, eles passam a viver em função de imagens, de modo que estas últimas, tradicionalmente encaradas como mapas, se transformam gradativamente aos seus olhos em biombo, cuja função já não é mais representar, mas mascarar o mundo³.

É, portanto, a partir do contexto da experiência do mundo atual, plenamente mediada por imagens técnicas (cinema, computador, celular, fotografias em *outdoors*, revistas, jornais e encartes), que pretendo apresentar o eixo estrutural por onde estou pensando a questão deste estudo, e situá-lo nesta experiência.

Não tenho a intenção, neste capítulo, de fazer uma análise conjuntural aprofundada da experiência contemporânea, mas esta reflexão a respeito se constitui num contexto em que algumas interrogações são levantadas e refletidas.

O tema a ser abordado articula a função da imagem para o sujeito, seu lugar (da imagem) na mediação da experiência na comunidade e a construção de saber como a consequência mais imediata. Estes são os três pilares que dão suporte à compreensão da condição do sujeito numa dinâmica social, considerando a introdução da imagem como um mediador privilegiado. Não

² CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 107.

³ MACHADO, A. “Apresentação”. In: Flusser, V. *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio d'Água, 1998, p. 16.

somente retomo uma temática antiga, visto que se sabe das grandes contribuições teóricas de pensadores que se debruçaram sobre o assunto, como atento para o fato de um uso inflacionado (e, pode-se dizer, indiscriminado?) da imagem, pois, conforme comenta Gerard Simon, em *Le regard, l'être et l'apparence dans l'optique de l'antiquité*, desde a ciência clássica grega até o século do surgimento da ciência moderna, o mundo não pode passar sem o olho e sem o olhar que realizavam o “mistério da transmutação do visível e do visto”⁴.

Sendo assim, cabe dizer que, neste estudo, centro o olhar na possibilidade de como o uso da imagem pode produzir novos olhares, no sentido de colocar o sujeito diante de horizontes que o levem a construir saber sobre si, em termos de autoconhecimento. Quer dizer, as múltiplas engrenagens produtoras de imagens têm um valor significativo, na medida em que podem dispor ao sujeito novas possibilidades de acesso a uma realidade.

Em certo sentido, analisando a dinâmica social vigente, e especialmente a posição do sujeito em termos de um movimento da história de uma determinada sociedade, compreende-se que não se pode deixar de fora, na análise de suas condutas e na interação contínua com os outros, a relevante presença das imagens, pois não há mundo humano sem imagens. Isto é, o mundo dos acontecimentos, o mundo das coisas, somente é acessível para o sujeito quando, na esfera do pensamento, tais coisas são construídas como imagens. Inclui-se nisto o próprio sujeito, também efeito de imagem. A influência da imagem nas ações do sujeito está sempre presente. Sendo assim, as grandes determinações sociais operam sobre o pressuposto de que o sujeito é continuamente confrontado com imagens, remontando ao momento originário de sua constituição, visto que, como afirma Merleau-Ponty, “(...) o homem nasceu no momento em que aquilo que, no fundo do corpo materno não passava de um visível, torna-se ao mesmo tempo visível para nós e para si”⁵. Quer dizer, muito antes de se constituir num ser falado, num ser da ação, cada um de nós foi inscrito na tessitura simbólica como uma imagem, para, então, ter lugar a palavra, instrumento que põe para o sujeito um limite, em relação ao fascínio da própria imagem, visto que “funda o sujeito deixando desaparecer a imagem”⁶. É a palavra o principal responsável para que o sujeito

⁴ SIMON, G. *Le regard, l'être et l'apparence dans l'optique de l'antiquité*. Paris: Seuil, 1988, p. 17, (tradução da autora).

⁵ MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969, p. 49.

⁶ VASSE, D. *O peso do real: o sofrimento*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999, p. 19.

não se perca de si. Na tentativa de ser aquilo que é mostrado pela imagem, principalmente nesta sociedade, que é a do espetáculo, onde a produção do olhar assume lugar de destaque, exige-se, para o sujeito, glória, celebridade e existência. E isto leva-o a aproximar-se cada vez mais da televisão, do cinema, do vídeo e do computador, produtos fabricados pela ciência tecnológica.

Como se sabe, a imagem originalmente exerceu para o sujeito uma irresistível atração, tendo recebido a intervenção da linguagem como um fator que funda a existência do sujeito, porque o nomeia, o delimita. Sendo a imagem um elemento fundante, dificilmente o sujeito conseguiria resistir às promessas que vêm embutidas nas imagens, mesmo porque cabe lembrar que a imagem é um ideal. Em outras palavras, é impossível analisar a conduta de um sujeito sem qualquer referência à trama de imagens que estão na base da interação estruturada socialmente, processo em que a imagem é fornecida ao sujeito na condição de um outro, mas que somente pode funcionar no interior de um social, de uma cultura particular. Nestas condições, tem-se de pressupor a anterioridade dos processos sociais na constituição do sujeito, pois ele nasce em um grupo, constituído por vínculos estabelecidos pela linguagem, lugar de produção de imagens que circulam na interatividade dos sujeitos. Sem dúvida, “(...) a contemplação da imagem tem para o sujeito algo de fascinante, pois experimenta o contraste entre a visão de seu corpo tal como é visto de fora, tal como o outro o vê, e a imagem que ele próprio tem do corpo”⁷.

Caracteriza-se, assim, o interstício de sua relação com o outro.

Considerar a interação mediada pela imagem, na prática do sujeito no seio da coletividade, é pensar na sua implicação em processos de tomada de consciência de si e do outro, pois, conforme afirma Santo Agostinho, em suas *Confissões*, “(...) os olhos são os sentidos mais aptos ao conhecimento. É aos olhos que propriamente pertence o ver, quando os usamos para obter qualquer conhecimento”⁸.

A construção do conhecimento, que o sujeito faz de sua singularidade, parte necessariamente de uma demanda social. O desenvolvimento do autoconhecimento ocorre num processo de construção com o outro. Cabe lembrar

⁷ MERLEAU-PONTY, M. *Resumo de curso: filosofia e linguagem*. Campinas: Papirus, 1990, p. 102.

⁸ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 254.

que tecido social é um espelho que, em suas dimensões, constrói a história do sujeito e a história da relação de seus membros. Disto, constata-se ser necessária uma atenção aos fatos concretos do cotidiano, apreendidos em sua totalidade. Como também há que se focalizar a singularidade da própria história do sujeito, entendendo-se que esta se encontra em construção permanente, de modo que a descoberta do novo é sempre produzida na tensão das exigências enfrentadas pelo sujeito no confronto com o outro.⁹

É através deste confronto com o outro que o sujeito é levado a produzir soluções para os impasses com os quais se depara, de modo que tal encontro será sempre mobilizador para colocar o sujeito em ação. Ao mesmo tempo que o outro é para o sujeito um enigma (cada sujeito sabe que o outro pensa, mas não sabe sobre o conteúdo do pensar), é também rica fonte de conhecimento, pelo fato de se poder captar, desde um olhar diferente. Um olhar do outro, conforme afirma Bakhtin:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto –, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem¹⁰.

Depreende-se, então, que a visão e o olhar, remetidos à imagem, sempre tiveram um lugar de produção de conhecimento. Atualmente, vive-se o império do olhar. O olhar que faz a mediação da experiência cotidiana é produzido por instrumentos que, em suas características, são capazes de capturar o além do visível, na investigação das coisas. Melhor dizendo, o olhar não é um simples atributo do sujeito para o conhecimento, pois o sujeito se serve do olhar como instrumento para o conhecimento, na medida em que é afetado por esta ordem do

⁹ Ver GERALDI, J.W., "A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética". Texto apresentado no V Congress of the International Society for Cultural Research and Activity Theory, Amsterdam, 17-22 de junho de 2002. O autor parte de algumas noções da estética bakhtiniana formuladas para explicar as relações autor-herói e as transpõem para a construção de uma ética considerada como processo, sempre inacabado, de relações com o outro.

¹⁰ BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 43.

olhar, enquanto objeto¹¹. Cabe salientar que não se trata de um objeto passivo, mas de um sujeito, que, ao reagir, vai construindo história.

Uma particularidade na relação do sujeito com a imagem técnica merece destaque. A imagem que ele capta de si possibilita-o transformar-se, entendendo-se, assim, que um além da imagem produziu, para o sujeito, o indício e a mola de uma mudança. Esta modalidade do olhar “(...) pode ser imaginada pelo sujeito através de um barulho qualquer que denote a presença de alguém, pois o olhar assombra o visível”¹².

A imagem, como um outro que retorna ao indivíduo, o coloca obrigatoriamente numa dimensão relacional, onde experimenta, pelo fato de ser olhado, sensações de tormento, de ser descoberto e, também, de curiosidade em se reconhecer. Cabe salientar que se fala metaforicamente de um retorno do social ao sujeito, daquilo que foi produzido no outro, ponto fundamental da atividade que leva o sujeito a se transformar, visando à sua circularidade na tessitura social. Dito em outras palavras, o raio visual que emerge do olho social, incidindo sobre o sujeito, converte-se naquilo que o sujeito dispõe para ter acesso aos objetos, com sua visibilidade. Ao invés de ser meramente uma tela de projeção e um meio de transmissão de dados, o olho é dotado da função de criar as coisas, visto que o olhar é que pode vir a simbolizar o mundo, lançando o sujeito para além da aparência, ou seja, o olhar produz conhecimento e está para além das palavras, mas, para sua expressão, não há olhar sem palavras.

Na injunção olhar-palavra, tem-se a produção de um tipo de discurso, que sofre interferências históricas. Isto quer dizer que, em cada época, o sujeito produz um olhar sobre si mesmo, em função dos dispositivos técnicos ao seu dispor. Se, com a ciência moderna, se constatou a hegemonia da técnica como “(...) um modo decisivo de o homem se apresentar a tudo que é e está sendo”¹³, este avanço corre paralelamente às ocorrências que marcaram a história da humanidade nos últimos tempos, visto que a ciência, como o conjunto de poderes humanos, tanto se verteu em benefícios, pelas descobertas, como também tais descobertas, em algumas situações, foram utilizadas contra o próprio homem. Analogamente, pode-se

¹¹ Na medida em que incidem sobre o sujeito as determinações do olhar produzido pelos instrumentos tecnológicos, sua posição é de um objeto que prontamente reage a tais determinações.

¹² QUINET, A. *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2002, p. 12.

¹³ HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 39.

pensar que a imagem técnica não é somente uma exigência a que o sujeito deva adequar-se e consumir. Dependendo do seu uso, ela tem sua importância, ao propiciar, por exemplo, a construção de saber crítico. Enfim, consumo e conhecimento são duas polaridades relativas à imagem.

Circunstâncias de tal natureza não passaram despercebidas às mentes dos pensadores inquietos, implicados no entendimento da tessitura social. Explicações são exigidas a cada momento, constantemente, sem cessar, tal é a efemeridade em que se vive, a ponto de, quando uma explicação se produz, novas questões já se convertem em interrogantes, que se constituem como imperativos, convocando cientistas, filósofos e todos aqueles empenhados na solução dos “enigmas humanos” a se debruçarem sobre o assunto.

Os objetos disponíveis, hoje, para o consumo, não têm o mesmo destino, se comparados aos de décadas passadas, antes das grandes transformações da segunda metade do século XX. Em certo sentido, pode-se pensar que, outrora, o consumo era ditado pelo necessário, enquanto, na atualidade, o imperativo de consumo conclama o sujeito para o excesso.

Os bens de consumo são ofertas do mercado que prometem saídas, em termos de bem-estar. Assim ocorre também quando a imagem é elevada a tal condição. Em decorrência de seu uso intenso, o sujeito é induzido a quase se paralisar no imediatamente visto. Chega-se a um estado em que os valores de uso se equiparam, ou seja, “(...) o totalitarismo dos objetos aponta que tudo está ao alcance”¹⁴. Em certo sentido, o mercado dispõe de quase todos os tipos de objetos, inclusive de instrumentos que produzem imagens, oferecidos como adequados a diferentes tipos de demanda ou de carência. Em outras palavras, “(...) a cultura do consumo consiste, sobretudo, num componente ideológico que se articula à condição de que o desejo humano não se satisfaz jamais, sendo constantemente ativado pela ausência de que algo nos falta”¹⁵.

Há de se registrar que a cultura do consumo se verteu numa polaridade, em relação à qual o sujeito procura utilizar a multiplicidade de objetos disponíveis, não apenas para se diferenciar de seu semelhante, mas também para um culto voltado ao enaltecimento de si próprio. Neste sentido, pode-se pensar que a

¹⁴ SOARES, C.E.L.V. *Em nome do pai: um estudo sobre a culpa e a angústia*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: Depto. de Psicologia, PUC/R.J, 1997, p. 23.

¹⁵ RABELO DE CASTRO, L. *Infância e Adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998, p. 58.

expressão de uma vontade de poder contribuiu para o surgimento do individualismo. Como conseqüência disto, o sujeito é movido pelo ideal de que tem que se destacar para se sobressair entre os demais e ser único. Certamente, como afirma Lipovetsky,

As tradições perderam sua autoridade e sua legitimidade incontestes, a unidade individual, soberana e autônoma é que é primeira, mas nenhuma regra coletiva tem valor em si se não é expressamente admitida pela vontade do indivíduo. Já não são mais as normas coletivas que se impõem a mim, sou eu quem dou minha adesão a elas deliberadamente¹⁶.

Apesar de o individualismo, ou o culto exacerbado ao narcisismo, ser criticado como uma modalidade de alienação, a relação do sujeito com sua imagem é sobretudo uma espécie de “alimento do ideal humano de satisfação” e de conhecimento.

O *modus vivendi* da atualidade coloca o sujeito frente a frente com as imagens ideais, produzidas segundo um padrão. Divulga-se, por exemplo, um padrão de beleza relativo à satisfação do corpo, não mais apenas a partir do vestuário, mas de próteses, enxertos e transformações na própria carne. Sabe-se que o sacrifício do corpo sempre esteve presente na relação do homem com a busca de prazer. Desde as eras remotas se sacrificava o corpo aos deuses, para receber mais em outras vidas. Mas, na atualidade, parece haver quase uma exigência de criatividade em todas as áreas, para se conquistar novos mercados. E, como afirma Baudrillard,

(...) antigamente bastava ao capital produzir mercadorias o consumo sendo mera conseqüência. Hoje é preciso produzir os consumidores é preciso produzir a própria demanda, e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias¹⁷.

Consumir o excesso: eis a lógica que norteia as ações do homem de nossos dias. Excesso que se estende desde bens materiais a valores espirituais. E o que é produzido deve ser imediatamente consumido, a tal ponto que a imediatez pode ser considerada como um obstáculo à construção da história. Caberia, então, destacar a este respeito dois aspectos: não é o consumo que produz o vício de consumir, visto que é preciso considerar a possibilidade de escolha do sujeito, que

¹⁶ LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 271.

¹⁷ BAUDRILLARD, J. *A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 26.

empenha seus esforços na busca de objetos para aplacar seu mal-estar. Por outro lado, não se pode ignorar que a diversidade de objetos disponíveis se converte num atrativo e que, muitas vezes, são objetos ou soluções que têm conseqüências bastante negativas para o próprio sujeito. A lógica do consumismo, apesar de seu aspecto nefasto (consuma o excesso!), converte-se também em modalidades de bem-estar, pela variedade e pela facilidade de obtenção de objetos. Enfim, se, de um lado, se pode falar de um sujeito apático frente a uma imensidão de coisas previamente oferecidas para suas necessidades, com chances mínimas de escolha, por outro, sabe-se que o seu modo de proceder se revela sobretudo como uma questão subjetiva, da qual não se pode eximir de enfrentá-la.

De certo modo, não se está promulgando o apogeu de uma postura puramente irracional, uma vez que as descobertas científicas estão ao alcance dos sujeitos. Não obstante, adotar posturas radicais, como pensar que o cotidiano, em suas marcadas convulsões¹⁸, seria fruto de uma postura puramente irracional do homem moderno, ou que somente aquilo que se compreende racionalmente e/ou que se prova cientificamente seria o fundamento para explicar a dinâmica complexa do comportamento do homem frente a todas as catástrofes, seria tentar novamente reduzir a multiplicidade de implicações da constituição da subjetividade atual a uma explicação monológica dominante. Dito de outro modo, seria querer negar a implosão contínua de aspectos ainda não analisados, que constituem o homem contemporâneo.

Mais acentuadamente após a segunda metade do século XX, um tesouro de sabedoria foi sendo deixado de lado pelo homem moderno, isto é, os ensinamentos das tradições e dos costumes passaram a ser negados sistematicamente. Trata-se, aqui, do sentido figurado do termo para retratar o cotidiano tanto rural quanto urbano, marcado principalmente pela escassez e pela pobreza de relacionamentos, pela violência crescente, pelo ataque à natureza, pela ambição desmedida do homem, pela impunidade, e, enfim, pela descrença em ideais, já que os líderes no comando oferecem poucas esperanças salvaguardadoras e identificatórias.

¹⁸ BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”, *Obras Escolhidas*, vol. 1, “Magia e técnica, arte e política”. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Com o desenvolvimento do capitalismo voltado para o consumo¹⁹, foi-se acirrando o incremento do individualismo/egoísmo, conforme se pode constatar através das relações no cotidiano. Verifica-se que, neste sistema, não apenas são criados padrões universais de consumo, seja de objetos materiais, serviços ou comportamentos, como também se sente uma imposição sobre o sujeito, quase de forma coercitiva, para que se consuma tal produto. É muito comum ouvir: “mas o mundo de hoje está assim, não é? O que se pode fazer? Se a maior parte das pessoas agem assim, como posso ir contra?” Depara-se, então, com um sentimento de impotência, de vazio, diante de uma mistura de sensações provocadas principalmente pelos avanços da tecnologia. Há sede de novidades a todo momento, o que é novo se torna velho num tempo tão curto e rápido que incita o sujeito novamente a querer algo diferente. E, se parar, ele se sente como se estivesse perdendo a história, que está ficando por fora, que será esquecido. As relações afetivas que não criam laços, que são fugazes, e a vida, mostrada como se fosse um filme, um espetáculo, através da televisão, e que constituem esta realidade em que se vive, levam o sujeito a este sentimento de não saber o que falar, o que pensar, o que fazer. Encontra-se muitas vezes meio paralisado, apenas assistindo à vida passar, como se ela passasse fora dele, como se ele não fizesse parte dela.

Além do estado de indiferença próprio do homem moderno, vê-se crescer e intensificar-se uma modalidade de individualismo que muito se aproxima de um delírio de autonomia. O que pensar sobre isto? Em princípio, pode-se pensar que a desvalorização dos tesouros da cultura, a supervalorização da eficácia da técnica e a não implicação no contexto das relações sociais são, possivelmente, os fatores responsáveis por um estado de deterioração que, de modo paradoxal, convive com o chamado avanço científico. A ciência progrediu com descobertas úteis ao homem, e isto é um fato, como é também a atitude de desprezo com que o sujeito moderno trata os valores de seus antepassados, a ponto de o século XX ter sido expressivo em formas implacáveis de hostilidade. Em certo sentido, sabe-se que o sujeito age a partir de determinações socioeconômicas e políticas próprias do seu contexto, e que não passa incólume em relação aos efeitos de sua ação, visto que

¹⁹ Esta posição teórica é definida por BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 90, 1991, e HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, entre outros.

“(…) toda transformação acarreta certos perigos, entre o momento da demolição e o da construção, fica-se momentaneamente sem abrigo e sem apoio”²⁰.

Principalmente após a segunda metade do século XX, o sentimento de neofilia, ou seja, a apetência pela novidade, constituiu-se num imperativo de primeira ordem, conforme ilustram magistralmente os veículos de comunicação: agências de *Top Model*, *reality shows*, programas que exploram e vendem a infância e a exaltação da estética jovem, a ponto de as pessoas adotarem posturas extravagantes num esforço hercúleo para apagar as marcas do tempo. A busca contínua de um estado de neofilia tem suas conseqüências, como, por exemplo, o estranhamento e a dificuldade em se relacionar com a diferença. Além disto, observa-se que as transformações sofridas pela estrutura familiar, em decorrência da crescente influência da técnica e como expressão da massificação, causaram um grande impacto, isto é, a diminuição progressiva do contato entre pais e filhos. A situação causa perplexidade, visto que é cobrada uma eficiência em tempos recordes ao jovem, para sua realização no trabalho. O jovem bem-sucedido é identificado com aquele tecnicamente qualificado, que significativamente produz. A conseqüência imediata deste estado é a não admiração pelo homem em sua maturidade. Esta questão implica em conseqüências para o próprio jovem. Além do projeto de manutenção da juventude “dinâmica e eficiente”, há uma recusa das tradições familiares, ou seja, o jovem se identifica maciçamente sem equívoco com outro de sua cultura, estabelecendo-se, assim, um estado de ruptura entre gerações. O não discernimento destas questões produz comportamentos extremados, tais como manifestação descontextualizada da agressão, ingestão contínua de promessas químicas, dentre outros.

Cabe ressaltar que, face à velocidade e à difusão da informação, se produz um modelo veiculado como ideal, de bem-estar, que tende a ser universal. Ao pensar este contexto em termos de Brasil, Jurandir Freire Costa é enfático, ao admitir ser necessário o resgate de valores perdidos, pois “O incômodo, a insatisfação são efeitos do que falta: falta de culpa; de vergonha; de decoro; de compromisso; de solidariedade; de sentido cívico; de sensibilidade política, etc. O remédio é a restauração dos valores perdidos”²¹.

²⁰ LORENZ, K. *Civilização e pecado*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1974, p. 97.

²¹ COSTA, J.F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2^a edição, 1995, p. 40.

A desconstrução gradativa dos valores concorre de forma significativa para a construção de um modo de pensar em que se julga que o sucesso seja o resultado de “aplicação de golpes”, considerados como naturais. A naturalização de formas de corrupção e degradação de valores é freqüentemente detectada nas ações do homem atual.

Além disto, algumas transformações, decorrentes do sistema capitalista, caracterizam-se, sobretudo, no âmbito dos existenciais humanos, pela aceleração do ritmo de vida. Ou seja, a inserção do sujeito no modo de pensar capitalista obrigou-o a não somente produzir uma nova modalidade de pensar, mas também a encontrar meios para atender às novas exigências que surgiram. Se, por um lado, se pode falar em progresso, quando se considera o chamado “avanço tecnológico”, por outro, assiste-se, muitas vezes, a uma situação de impasse, frente às decorrências deste avanço. Em outras palavras, o homem não dá conta dos efeitos de suas produções.

Na época atual, principalmente nas últimas décadas, vive-se uma intensa compressão do tempo e do espaço. Esta questão tem provocado uma desorientação e uma ruptura nas práticas político-econômicas, no poder de classe e na vida social e cultural²².

Este estado de coisas incide diretamente no modo de pensar, na maneira de agir e na modalidade de encontrar soluções para a vida cotidiana. Sem sombra de dúvida, quer-se assinalar a interferência destas conseqüências no modo de ser de cada um, na atualidade, em termos de organização da vida psíquica.

O perfil da família, hoje, também é determinado pelo impacto das transformações socioeconômicas, em conseqüência do capital monopolista, conforme nos sugerem Adorno e Horkheimer²³, para quem o trabalho, ao se tornar universalmente produtivo e alienado, transformou os indivíduos em agentes da lei do valor, solitários e indefesos. Observa-se que o pai de família, hoje, às vezes não se encontra em condições de passar ao filho, por exemplo, algo que é do seu sucesso na vida, no sentido do saber fazer, de marcar a história de seu filho com

²² HARVEY, D., op. cit.

²³ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento, fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

alguma referência ao seu nome, referência que possa situar o filho dentro de uma linhagem e dentro da história das gerações²⁴.

Retoma-se esta questão para assinalar que o perfil da família atual deu lugar a uma modalidade distinta de exercício da paternidade, pois, face às transformações oriundas da técnica, o século XX foi palco de uma crescente crise da autoridade paterna²⁵, visto que “a imagem paterna foi exilada da vida privada”²⁶.

Na medida em que a educação e os cuidados médicos foram ficando cada vez mais fora do espaço doméstico, os pais foram privados de vivenciar experiências de cuidados e de educação em relação a seus filhos. Conseqüentemente, cada vez mais, na medida em que a insegurança dos pais aumenta, se cria a dependência com relação aos especialistas²⁷. Estes, por sua vez, também sujeitos a constantes mudanças impostas pela cultura do consumo, vendem estratégias e mais estratégias de saúde e de educação²⁸.

Os especialistas técnicos não só colaboram positivamente na promoção e na manutenção do bem-estar, como também reproduzem o *modus pensandi* vigente, fazendo parte de um circuito no qual oferecem aos pais aquilo que julgam ser o melhor, intervindo, assim, significativamente na educação das crianças. Como estrategistas, não estariam fora da lógica do consumo, já que produzem um bem a ser “vendido” e imediatamente consumido. Toda proliferação de bens à disposição faz ressonância no mercado comodismo de que o sujeito atual se utiliza para solucionar os impasses de suas demandas.

A ciência instrumental penetrou as instâncias da sociedade, assim como a infância. Cada criança pode ser respeitada em seu ritmo, desde que ascenda à fase seguinte. A própria teoria psicológica²⁹ também indica um fechamento, uma classificação do comportamento da criança. Exclui-se um estudo mais

²⁴BENITES, L.S. “Delinqüência e maus-tratos: uma questão de filiação?”. In: FLEIG, M. (Org.). *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

²⁵MITSCHERLISH, A. “Ausência do pai”. In: CANEVACCI, M. *Dialética da família (fragmento)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

²⁶JULIEN, P. *O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p. 37

²⁷DOLTO, F. “Prefácio”. In: MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

²⁸LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

²⁹RABELO DE CASTRO, L. “Desenvolvimento humano: Uma perspectiva paradigmática sobre a temporalidade”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 5, 2: 99-100. Ver Também, da mesma autora, *Crianças e Jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU, Editora FAPERJ, 2001.

aprofundado da sua relação com a família, com a escola, com as pessoas que lidam com ela, enfim, não é considerada inserida num contexto histórico-social.³⁰

Neste novo cenário, o sujeito tem que se mobilizar frente à possibilidade de produzir uma nova modalidade de utilizar o tempo, como também o espaço, ou seja, impõe-se ao homem abrir mão de um dado padrão de conduta, para não ficar de fora, ou, até mesmo, distante dos acontecimentos à sua volta.

O exemplo mais marcante pode ser colocado no campo da produção, principalmente na de mercadorias, onde a ênfase recaiu nos valores e nas virtudes da instantaneidade e da descartabilidade, produzindo uma sociedade do descarte, o que, mais do que jogar fora bens produzidos, significa também ser capaz de abrir mão de valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, a lugares, a pessoas e a modos adquiridos de agir e ser.

Esta efemeridade, de acordo com Harvey³¹, provoca “(...) uma temporalidade na estrutura dos sistemas de valores públicos e pessoais”, que fornece um contexto para a “quebra do consenso” e para a diversificação de valores, numa sociedade em vias de fragmentação.

Costa³², apoiando-se nas idéias de Lasch, expostas em *O mínimo eu*, ressalta bastante que o descrédito das leis e o ataque à idéia do sujeito moral ideal propiciam o surgimento de uma cultura individualista, de mínimos eus. Na medida em que a política deixa de ser o espaço próprio ao exercício da liberdade, para se tornar o lugar privilegiado da delinquência, os cidadãos intimidados retraem-se nos mecanismos cegos de sobrevivência apenas e perdem sua capacidade de transcendência.

Esta transformação do sujeito, em termos de valores morais e postura ética, é objeto da reflexão de Sennett em *A corrosão do caráter*, que, face a tal circunstância, levanta a seguinte indagação:

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa

³⁰CAMERINI, M.F.A. A importância do contexto histórico-social e relacional na estruturação psíquica da criança e na formação de seu sintoma. Dissertação de mestrado. Depto. de Psicologia, PUC-Rio, 1996. Ver também da mesma autora, Comentários: "A criança e o adulto" in: (org.) GARCIA, C.A., RABELLO DE CASTRO, L. e JOBIM e SOUZA, S. Infância, Cinema e Sociedade. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 87.

³¹HARVEY, D., op. cit., p. 259.

³²COSTA, J.F., op. cit.

economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas?³³.

Em seu modo de pensar, Sennett admite que, quando o capitalismo considerava, no conceito de trabalho, uma perspectiva carreirista e, portanto, a narrativa era linear, futurista, as famílias tinham valores a serem praticados e projetos a serem atingidos. O capitalismo era opressor, mas deixava um espaço livre para os sujeitos organizarem seu tempo, suas vidas. Havia, neste sentido, um poder sobre a vida privada.

No conceito de trabalho flexível e nas chamadas estruturas *on line*, há uma reinvenção descontínua de instituições, a espacialização é flexível (flexibilização de tempo: criação de emprego com baixa remuneração) e a desterritorialização da produção (desconcentração de poder) se constrói. Neste sentido, o controle sobre os trabalhadores e o risco de perda do trabalho aumentaram. Atualmente, há recursos técnicos que propiciam uma igualdade entre as classes na aparência, mas na profundidade as diferenças são maiores.

Constata-se que há uma maior parte da população que apenas participa de modo residual do mercado global, cada vez mais desprovida de elementos que possam construir pensamento crítico. A este respeito, pode-se citar Forrester, que critica o neoliberalismo e a globalização como responsáveis pela manutenção e pela ampliação do mercado a qualquer custo, nem que seja necessário o extermínio do homem pelo próprio homem. Vale destacar suas palavras:

Ao ver como se pegam e se jogam homens e mulheres em virtude de um mercado de trabalho errático, cada vez mais imaginário, comparável àquela ‘pele de onagro’ que se encolhe, um mercado do qual eles dependem, do qual suas vidas dependem, mas que não depende deles; ao ver como já não são contratados com tanta frequência, e como vegetam, em particular os jovens, numa vacuidade sem limites, considerada degradante, e como são detestados por isso; ao ver como, a partir daí, a vida os maltrata e como a ajudamos a maltratá-los, ao ver que, para além da exploração dos homens, havia algo ainda pior: a ausência de qualquer exploração – como deixar de dizer que, não sendo sequer exploráveis, nem sequer necessárias à exploração, ela própria inútil, as multidões podem tremer, e cada um dentro da multidão?

Então, como um eco àquela pergunta: ‘Será útil viver quando não se é lucrativo ao lucro?’ Ela própria eco daquela outra: ‘É preciso merecer viver para ter esse direito?’ Surge então o temor insidioso, o medo difuso, mas justificado, de ver um grande número, de ver o maior número de seres humanos considerados supérfluos. Não subalternos nem reprovados: supérfluos. E por essa razão, nocivos³⁴.

³³ SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 10

³⁴ FORRESTER, V. *O horror econômico*. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1997, p. 16.

Na ênfase das características desumanas nas quais o mundo se encontra, vale destaque a questão da fome, ponto central para a compreensão da condição dos sujeitos frente ao instituído. Em *A Fome - Crise ou Escândalo*, Melhem Adas lembra que, segundo a FAO, somente a produção de cereais seria suficiente para alimentar adequadamente a todos. É incrível constatar que, num mundo onde há alimentos suficientes, morrem, diariamente, tantas pessoas por inanição. As razões para explicar este fato são inúmeras, mas uma delas é que a pobreza, vivida por uma multidão de humanos, é a causa da fome e da tragédia a que se assiste. Por outro lado, sabe-se que a pobreza é uma construção humana, produzida e mantida pelo contexto social, político e econômico mundial. Melhem Adas, citando Susan George, nos afirma:

Morrer de fome ou de inanição ou ainda ter o desenvolvimento físico e mental comprometido pela desnutrição, num mundo em que a produção de alimentos é suficiente para assegurar alimentação adequada para todos, é uma vergonhosa situação para toda a humanidade. É um escândalo³⁵.

Pertinente seria incluir também nesta discussão a questão da reforma agrária e do Movimento dos Sem-Terra. É conveniente lembrar que, no mundo, há áreas áridas e semi-áridas, que dificultam a produção agrícola; mas também há um grande desenvolvimento de técnicas agrícolas que permitem superar obstáculos do meio natural. Além destas possíveis soluções, via tecnologia, há uma grande disponibilidade de terras, que servem à agricultura e não são utilizadas.

Ao destacar a questão da fome, pretende-se trazer à tona a reflexão de pensadores que vêm reafirmando ser o homem o responsável por suas produções (instituições, leis, valores, sistemas e modelos de produção), e que muitas destas produções não estão a serviço das comunidades; ao contrário, são submetidas aos modelos produzidos e impostos por uma minoria, detentora do e responsável pelo poder econômico.

De algum modo, todos são diretamente atingidos por quaisquer ocorrências que chegam através da mídia, ou que presenciam diretamente, fator que os obriga a uma tomada de posição e, de certa forma, os compele a contribuir.

³⁵ ADAS, M. *A fome: crise ou escândalo?* São Paulo: Moderna (Coleção Polêmica), 1988, p. 18.

Não se quer atenuar ou mesmo amainar o espírito pessimista, nem encetar uma euforia otimista. Apenas se quer salientar que a expansão econômica, o ódio às diferenças, a explosão demográfica, a política de manutenção da pobreza e do analfabetismo e outros tantos males terríveis se encontram numa onda crescente, comparável ao que se pode entender numa progressão geométrica.

A vida nos centros urbanos é, em grande parte, produtora de modalidades de relacionamentos caracterizados quase sempre pela instantaneidade, a ponto de o sujeito ser surpreendido pela possibilidade de que a idéia de amor ao próximo se teria dissolvido.

Um simples acontecimento pode ser chocante, escandaloso ou mesmo provocativo, para o sujeito indagar sobre o porquê de suas ações, bem como sobre o destinatário das mesmas. Vive-se num regime de imediatismo em que, de alguma maneira, se é ofuscado, a ponto de serem indiferentes as circunstâncias que incidem sobre o seu semelhante.

A este respeito, cabe indagar sobre as preocupações em relação ao outro³⁶. Eis um encaminhamento ético que deve ser sublinhado, pois o objeto deste estudo é o próprio homem e, segundo Costa, “Ética é toda ação humana que toma por objeto de intervenção outra ação humana, do próprio agente ou de um outro”³⁷.

Embora se saiba da aridez que matiza as relações na atualidade, pela difusão de *slogans* do tipo “não podemos nos envolver emocionalmente”, é impossível não ser afetado pela realidade circundante. Certamente, o cotidiano das grandes cidades, na sua diversidade econômica, política, religiosa e racial, configura uma dinâmica inevitável para cada um de nós, especialmente no selo de desumanidade embutido neste processo, que, apesar dos esforços empreendidos, parece ser quase inevitável. A consequência é nefasta! Quanto mais se é levado a viver na massificação, aumenta contra o sujeito uma acusação interior de que ele está acuado e que precisa fazer alguma coisa.

As idéias, expostas até então, espelham o universo da camada social, objeto de estudo desta investigação e também um campo de prática de há mais de

³⁶ GERALDI, J.W., op. cit.

³⁷ COSTA, J.A., op. cit., p. 19.

duas décadas.³⁸ Na exaltação do padrão imagístico, houve, de forma gradual, um movimento que concorreu para colocar em segundo plano outros valores, a ponto de ser a imagem que dita costumes, normas de comportamento e fórmulas de “felicidade”, conduzindo o sujeito a também consumir imagens. Cabe sinalizar que a exaltação e a exacerbação narcísicas são constantemente fomentadas pela eficácia da técnica que, difundida pela imagem, assume uma preponderância de habitar o imaginário de todas as camadas sociais.

1.2

A mídia e a comunidade

A história da mídia teve sua origem no Direito Romano, quando se construiu a idéia do político, que seria o interesse público do patrimônio compartilhado.

Foi Cícero quem, pela primeira vez, expôs os problemas do domínio público, público este que se faz daquilo que excede, do heterogêneo da comunidade, do atraso, do retardamento. Na medida em que o público não dá conta das questões da comunidade, ele se constrói esvaziado desta noção.

A matriz política do público se constituiu através da Lei das XII Tábuas. Conforme afirma Altavila,

(...) o direito havia perdido o seu mistério; deixara de ser frustradamente sagrado, saíra da escuridão conveniente dos templos; poderia agora ser consultado e invocado por patrícios e plebeus; fincava no solo romano o seu princípio de universalidade; deixara de ser um raio fulminante de Júpiter para se constituir um clarão perpétuo na razão humana; deixara de ser um ditame real para se transformar num mandamento escrito e divulgado; deixara de ser um subterfúgio legal para se converter numa comunhão de idéias e de interesses coletivos; não era mais um atributo dos sacerdotes, porque passara à secularidade e ao condomínio do povo; não era mais uma fórmula imprecisa e obsoleta e sim a consubstanciação de uma conquista historiada em doze placas de bronze de boa têmpera, encravadas naquela parte do foro destinada aos comícios e banhada pela luminosidade rubro-dourada do sol que fecundava prodigamente todo o Lácio³⁹.

³⁸Ao longo de minha prática comunitária, observei que as pessoas engajadas em pseudoprogramas assistenciais, com grande facilidade adotam posturas alienadas, a ponto de se esquivarem do processo de tomada de consciência de suas reais condições e de suas potencialidades. Quero assinalar a minha descrença em trabalho voluntário que não se constitua um espaço de discussão para a produção de conhecimento, pois se sabe que as transformações produzidas pelo saber têm seus resultados nos agentes nos quais incidem. O que se obtém da produção do saber pode ser pensado como uma provisão narcísica, mola fundamental para a continuidade e o investimento de um trabalho.

³⁹ALTAVILA, J. de. *Origem do direito dos povos*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 85.

Mas foi a partir deste momento que se produziu o primeiro obscurecimento do público, pois nem todas as pessoas tinham acesso às inscrições da Lei das XII Tábuas. A instauração do dispositivo legal resultou, naquele momento, em uma separação. Por um lado, havia um grupo de pessoas que, por terem acesso ao significado do texto legal, passaram a agir em conformidade com ele, e por terem conhecimento das indicações estabelecidas, poderiam, em função de valores políticos e sociais, propor mudanças. Por outro lado, havia uma outra categoria, denominada de excluídos, em função de sua condição social, para a qual era difícil o acesso aos lugares instituídos, disponíveis para a transformação do sujeito pelo saber. A este contingente era vetado o direito de mudança. O funcionamento do dispositivo legal teve como consequência uma transformação no seio das relações sociais, em função da eficácia técnica produzida. Não seria forçoso denominar este efeito de tecnologia, que, desde os primórdios, se configurou como uma forma de apagamento e/ou mascaramento do conflito social.

A divulgação de informações, na condição de imperativos, estabelecem um novo contexto de relações. Ao invés de o homem confrontar suas idéias com seus semelhantes, simplesmente viu-se diante de um texto que muito lembra a proposta kantiana de que, em se tratando de lei, não se pode concebê-la de outra maneira que não seja uma forma sem conteúdo⁴⁰. O sujeito passa, então, a reagir não mais à ritmicidade e aos distintivos da voz, do olhar e do corpo, e sim à “letra”, na sua forma mais impessoal possível. Todas estas questões exigem do sujeito um posicionamento frente à realidade produzida. É neste sentido que se pensa que a imagem, na atualidade, tem um poder decisivo nas ações do sujeito, no entendimento que produz sobre si mesmo e na trama das relações que marcam o seu encontro com o semelhante.

As diversas modalidades de tecnologia que difundem informação, desde os primórdios da imprensa até o virtual digitalizado, produzem o mesmo efeito, qual seja, criam imediatamente uma categoria de excluídos. Talvez seja por esta razão que, para um setor da população, que não domina estes instrumentos técnicos, a difusão da informação assume um caráter mágico, sem dispor de muitas chances de questionamento sobre aquilo que recebe, o que, na maioria das vezes, pode ser um dos fatores, senão o principal, de massificação e alienação.

⁴⁰KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1989.

Cabe salientar que significativa transformação se deu nos canais pelos quais o sujeito construía suas representações do mundo circundante. No princípio, o homem se ateu aos valores divinos para representar o seu dia-a-dia. Atualmente, sabe-se que a representação social é grandemente influenciada pela tecnologia. E, à medida em que a grande parte das pessoas não tem acesso à decodificação das informações recebidas, vão ficando, cada vez mais, de fora dos processos concernentes à vida pública. Isto é uma constatação bastante visível. Deste modo, o século XX foi marcado pela formação de comunidades autocentradas, em função dos *slogans* que apontavam para o individualismo exacerbado. Sendo assim, muitas delas nutriam a preocupação com a demarcação de seus limites e de seus traços distintivos.

A intensificação do individualismo concorreu para a construção de uma conscientização de uma via de mão dupla de desconhecimento, conforme se pode depreender em: “nós somos nós e os outros são os outros”. Não se trata de um apelo a uma singularidade pura e simples, mas de uma exigência de banir a diferença, e que os diferentes não podem realizar intercâmbio, já que a estagnação destes agrupamentos concorre para a não aceitação do semelhante como condição de reconhecimento mútuo.

Esta configuração de comunidades demarcadas de forma individualista⁴¹ tem estreita relação com o avanço da técnica, visto que, constantemente, se oferecem ao sujeito modos de pensar e de agir que alcançam difusão ampla e imediata.

Se, por um lado, a expressão da técnica pode ter tido um efeito segregacionista, por outro, reverteu-se em grande benefício, não só pelo fato de o sujeito participar das ocorrências em tempo recorde, como também de acompanhar as transformações que produz. Neste sentido, o virtual sugere uma interatividade. Cabe saber qual a conseqüência disto, em termos da dinâmica subjetiva.

⁴¹ A esse respeito ver NICOLACI DA COSTA, A.M. no texto: "Comunidade: teorias e modelos. Psicologia clínica, Pós-graduação & Pesquisa, v. 8, n. 8, 1996/7, PUC/Rio. A autora traz contribuições para a compreensão da noção de comunidade influenciada pela emergência do culto ao individualismo, do capitalismo selvagem, da alienação da força de trabalho, dentre outras.

O regime de visibilidade é uma auto-representação da sociedade, isto é, como se quer ver. E as modalidades de construção do espaço público estão associadas aos recursos técnicos para torná-las visíveis.

Ao procurar compreender a relação da mídia (imagem técnica) com a comunidade, necessariamente fala-se de organização da sociedade (o político, o público e o privado) e de sua maneira visível (tecnologia) de se auto-representar⁴².

O acesso aos dispositivos técnicos para a promoção do bem-estar do homem ainda carece de possibilitar uma alternativa de diálogo entre os diferentes. O que se pode constatar é o crescimento de uma política que se utiliza de traços identificatórios, no sentido de inculcar nos sujeitos uma espécie de conscientização de sua própria exclusão. Sendo assim, cada comunidade alimenta a crença de que seus valores são circunscritos à restrição de seu próprio espaço.

Tradicionalmente, as relações sociais dependiam do caráter dos indivíduos, ou seja, do valor ético. Atualmente, este valor está corroído sob a lógica do consumo.

A vida pública no século XVIII acontecia como uma cena de teatro, num grande palco, onde as pessoas representavam papéis diversos e marcavam suas diferenças de posições. Os códigos de credibilidade eram o corpo, tomado como um manequim, e o discurso, como um signo. Neste contexto, havia um entrelaçamento entre a vida privada e pública. O homem era ator e espectador⁴³.

Segundo Benjamin⁴⁴, o sistema corporativo medieval contribuiu para uma prática de produção de conhecimento, que se dava nas oficinas. Trabalhavam juntos, na mesma oficina, o camponês sedentário (que permanece no seu país e sabe suas histórias e tradições), o marinheiro viajante (que viaja e traz seu conhecimento de longe) e os artífices. Neste encontro, havia um entrecruzamento de narrativas, contadas pelos mestres (o camponês e o marinheiro) e aperfeiçoadas pelos artífices. O narrador benjaminiano retira da experiência o que ele conta, seja

⁴²SODRÉ, M. *A máquina de Narciso*. São Paulo: Cortez, 1994.

Algumas colocações desta introdução estão também baseadas nas aulas ministradas pelo Professor Muniz Sodré, em seu curso “Socialidade, virtual e mídia” (UFRJ-ECO – 1999.2 - RIO).

⁴³SENNETT, R. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

⁴⁴BENJAMIN, W. “O narrador”, *Obras Escolhidas*, vol. 1, “Magia e técnica, arte e política”. São Paulo: Brasiliense, 1987.

da sua própria ou da relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes.

Nesta época, as relações entre as pessoas ocorriam de forma mais direta de umas com as outras e, portanto, o contato era face a face. Isto não significa que se quer defender a tradição, via uma postura conservadorista. “Conservadorismo não é defender a tradição; é resistir ao surgimento de novas tradições” (Costa, 1994)⁴⁵. Igualmente, Benjamin afirma que, ao se procurar manter uma tradição em nome apenas de uma riqueza cultural que já perdeu o sentido para os dias atuais, há possíveis prejuízos nesta condição, na medida em que o sujeito pode não se abrir aos novos questionamentos que uma outra situação vai necessariamente criando. Em suas palavras,

(...) qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais a vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (...) Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda⁴⁶.

Há que se considerar o contexto e criar novos modos de relações humanas possíveis.

Segundo Benjamin⁴⁷, com a extinção progressiva da experiência, propiciou-se a intensificação das situações de choque em diferentes domínios, dando lugar a nova sensibilidade coletiva, expressada como vivência. Nesta nova situação, os estímulos tornam-se cada vez mais desconcertantes, apresentando-se como choques. Neste sentido, o sujeito lança mão mais da consciência e, portanto, mais da vivência relacionada ao presente, e menos da memória, ou seja, da experiência ligada à conservação.

A oposição entre experiência e vivência se dá não só como duas formas de percepção do sujeito nas suas relações com o mundo, mas como duas formas de se relacionar com a técnica, nos seus mais variados aprimoramentos.

⁴⁵COSTA, J.F., op. cit.

⁴⁶BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”, *Obras Escolhidas*, op. cit., pp. 115-116.

⁴⁷Ibid., “Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo”, *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, v. 3, 1989b.

A corrosão dos valores de forma gradual deveu-se provavelmente ao aprimoramento da técnica aplicada pelo homem. O ponto alto da questão reside no fato de que o homem pode ter algum controle no manejo dos instrumentos, mas dificilmente conseguirá acompanhar os efeitos da ação produzida. Não obstante, se a técnica é, na atualidade, um imperativo, não se pode esquivar de pensá-la. Deste modo, os campos dos saberes são convocados a se debruçarem sobre o seu uso.

A técnica, estando presente em todos os espaços, vai imprimindo sua influência, deixando suas marcas. Parece ser um fato paradoxal a existência de tantos estados de barbárie face ao aprimoramento e à evolução desta técnica. No entanto, diante de conseqüências tão marcantes, o homem pode empenhar-se no exercício de reflexão, para tentar construir saídas para os impasses com os quais se defronta. Como afirmou Benjamin, na citação acima, a barbárie impele o homem “a começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda”. Na maioria das vezes, tais saídas não sugerem o encaminhamento do uso da técnica, mas sim o apelo ao vínculo constitutivo das comunidades. Isto é, seria recorrer à capacidade de reflexão do homem, na esperança de que o consenso seja o referencial a possibilitar as relações entre os sujeitos. Cabe salientar que é quase impossível, nos dias atuais, uma intervenção na realidade que não seja perpassada pela influência da técnica.

Se, por um lado, a manutenção do estado de barbárie é a recorrência e a exaltação de um resto de arbitrariedade, por outro, a crescente destrutividade produzida, na maioria das vezes, convoca o sujeito a questionar-se sobre o perigo da manutenção de um resto de tal natureza. Por isto, vale-se de alianças para se proteger da presença de um suposto mal. Não obstante, conforme alerta Benjamin, “a violência não é exercida de forma ingênua”⁴⁸.

O homem do século XX é parte de seu tempo, da mesma forma que este tempo e os espaços criados fazem parte dele. Deste modo, sua história, influenciada pela técnica, e os momentos cruciais que o mundo conheceu compõem a textura da vida, tanto pública quanto privada. Em certo sentido, o homem teve de abrir mão de sua certeza de que, com o manejo da técnica,

⁴⁸BENJAMIN, W. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 184.

dominaria a natureza e construiria uma sociedade igualitária. Não é de se estranhar que, neste novo cenário, tão diversificado, ao mesmo tempo em que há expansão de mercados, fortalecimento de corporações e avanços tecnológicos, se assista ao agravamento da pobreza, do desemprego e da violência.

Não é um acaso qualquer o fato de, diante de um acentuado progresso técnico e científico, que não conseguiu amainar as diferenças, se observar um processo de reevangelização do mundo, ou seja, um retorno às religiões e às seitas em que se inscrevem os fundamentalismos salvadores, como uma modalidade de religiosidade que floresce nos dias atuais. Certamente pela busca de proteção frente ao indeterminado, mas não ao inesperado, já que, frente à técnica não há mais “inocência”, no sentido de que se sabe que ela produz sempre transformações.

A globalização das informações permite que o sujeito tenha acesso, por um simples dispositivo, o controle remoto, a um máximo de informações da mais variada natureza, sendo tudo transmitido em alta velocidade, comparável a um *videoclip*, mas entrecortado pelos anúncios da última palavra em matéria de conforto, bem-estar e *status* de vida. Isto sem contar com a possibilidade da mudança brusca que se pode ter da passagem do horror de um noticiário sobre a guerra, sobre a fome e a miséria e sobre uma bomba lançada em um prédio, para a última encenação de um *show* na Brodoway, com direito à interação ativa e imediata.

Sem sombra de dúvida, “o espetáculo do sofrimento” se dilui num lampejo, ou, quem sabe, o sofrimento se transforma num espetáculo. A indústria da imagem dá a pista de que nem mesmo se deva pensar que o sujeito faz parte das situações das quais é excluído. Igualmente, diluem-se as idéias subversivas e ameaçadoras, domesticadas por estereótipos e pela própria repetição, ou seja, ao longo de um dia, vêem-se as mesmas imagens, que se repetem incessantemente. Estas engrenagens mais ou menos secretas, anônimas, através da mídia, monopolizam a possibilidade de trocas simbólicas entre os sujeitos. Através do enorme poder de investimento dos meios de comunicação, o sujeito é conclamado a ser portador de um máximo de informações num mínimo de tempo. Afinal, ele não se encanta diante do sombrio poder da cultura de massa? Se, por um lado, o fenômeno da globalização é apontado como freqüentemente agressivo, não se pode negar o surgimento de novos contornos neste mesmo cenário, pois ela é um

fenômeno ligado à economia e marca um novo ciclo da história. Sendo assim, os movimentos étnicos, feministas e comunitários são expressões indiscutíveis de novas respostas frente aos atuais dilemas da cultura. Sem dúvida, respostas mais salutares do que os linchamentos, as guerras e outras tantas formas de devastação do semelhante.

Dentre vários estudiosos do século XX que se ocuparam da questão, Milton Santos⁴⁹, numa reportagem intitulada “Nação ativa, nação passiva”, enfatiza que a grande parte da população excluída do mercado global, ou que sobrevive à margem da contabilidade pública oficial, chamada de nação passiva, seria os verdadeiros agentes do futuro do país. Isto porque, na nação passiva, se cria uma cultura própria, endógena, resistente, que também constitui um alicerce, uma base sólida para a produção de uma política. Sua verdadeira riqueza estaria no fato de ela ser dotada de um dinamismo próprio, autêntico, fundado em sua própria existência. Em certo sentido, a tomada de consciência, trazida pelo enraizamento no meio e pela experiência da escassez, além de ser formada pela maior parte da população, tornaria possível a produção de um projeto. A ótica do autor seria a de que o papel principal dos intelectuais, hoje, muito mais do que combater as formas de ser das elites (“nação ativa”), é empenhar-se para mostrar, analiticamente, dentro do todo nacional, a dinâmica e a resistência da “nação passiva”. A reflexão sobre cada realidade contraditória deve ser oferecida tanto às sociedades organizadas em associações, sindicatos, igrejas e partidos, como também à sociedade desorganizada, como esperança de encontrar nesta nova interpretação os elementos necessários para uma sociedade mais condizente com o interesse público, de uma organização social mais solidária.

Igualmente, Raquel Paiva, ao procurar compreender o que é vida comunitária, partindo de sua própria dinâmica, sua composição, enfim, sua estrutura, vislumbra resgatar a solidariedade humana, perdida no modelo individualista da organização social. Para a autora,

Solidariedade é, em termos de comunidade, uma verdadeira estratégia dos que, por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular de convivalismo e de experiência local. Esta última vem se oferecendo como uma espécie de sementeira de

⁴⁹ SANTOS, M. "Nação ativa, nação passiva". *Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 21 de novembro de 1999.

novas instituições públicas, capaz de referenciar os contratos em termos de uma nova forma de Estado⁵⁰.

Refletir sobre o sentido que as produções teóricas constroem a respeito do mundo contemporâneo é, sem dúvida, partir para a criação de novos modelos teórico/práticos, que contemplem o homem na relação com a liberdade e a amizade, numa experiência de sociedade solidária e fraterna.

1.3

O individualismo e as práticas grupais

Frente ao crescente processo de individualização e privatização das práticas sociais, que tem início na passagem do século XVIII para o XIX, vive-se progressivamente sob o império do individualismo, onde se aposta em valores narcísicos (uma exaltação crescente de características ligadas a transformações do corpo e da imagem), numa ética individualista (um quase total desconhecimento das necessidades do semelhante) e numa estética ligada apenas ao consumo (serventia daquilo que está disponível para o consumo imediato, como promessa de bem-estar e felicidade). Esta tríade, vinculada ao império do individualismo, tem conseqüências tanto no contexto das relações sociais, em termos das bases estabelecidas para as relações, quanto na cientificação que o indivíduo tem de sua condição.

O conceito de indivíduo, que se perpetuou até hoje, se caracteriza, segundo Bezerra⁵¹, por uma idéia de ser autônomo, livre, dotado de um universo interior absolutamente único: um eu singular.

Considerado na sua acepção de humano, o indivíduo tem sido historicamente objeto de debates, nos quais se debruçaram sábios de diferentes épocas, com suas doutrinas. Como ser autônomo, tão promulgado na era moderna, talvez tenha sido a formulação teórica que resultou em diferentes formas de individualismo, dentre as quais o liberalismo econômico e o contrato social se destacam. Tal concepção presume-o como estreitamente vinculado às determinações do Estado, sem movimento de oposição. Por outro lado, as

⁵⁰ PAIVA, R. *O espírito comum: comunidade e globalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 11.

⁵¹ BENILTON, B.J., “Grupos: cultura psicológica e psicanálise”. *Saúde loucura*, nº 4 – Grupos e coletivos, São Paulo: Hucitec, 1994.

doutrinas que afirmam estar ele em constante oposição à sociedade e ao Estado apelam para uma radicalidade, a partir da qual interpretam, de um lado, uma organização individual, e de outro, uma organização estatal, como se fossem estanques. Cabe sinalizar que estas doutrinas não defendem a posição de que o indivíduo deveria ser anti-social, no entanto, se as organizações são tomadas como estanques, dificilmente ele encontraria na organização do Estado ressonâncias às suas aspirações. Enfim, as doutrinas que postulam uma suposta harmonia promulgam a defesa da expressão e da manifestação da singularidade de cada um, para que, a partir de um consenso, sejam estabelecidos acordos e, assim, pensar em coletividade. Cabe salientar que a formação e a configuração de uma coletividade não têm lugar sem que haja minimamente a repressão de uma parcela da liberdade individual⁵².

Tomado como pessoa, é uma forma de individualismo personalista que destaca a importância do “bem comum”, que não se confunde com “totalitarismo”. Não nega a liberdade individual, em detrimento de um benefício único à sociedade, pelo contrário, tende a integrar os interesses individuais com os sociais, considerando o componente histórico.

Na área da psicologia, foi criada a classificação das individualidades para examinar o que é específico de cada um⁵³. A psicologia individual voltou-se para os estudos das características diferenciais de cada ser humano e suas relações de dependência frente ao mundo social.

Sabe-se que, embora o foco da psicologia social seja o estudo das diferenças individuais, isto não a eximiu de cair também numa modalidade de individualismo, considerando-o como a doutrina segundo a qual a entidade básica em toda agrupação humana ou em toda sociedade humana é o indivíduo, o sujeito individual, de modo que a agrupação ou a sociedade são concebidas como conjuntos de indivíduos. Progressivamente, através das transformações que se deram na construção do mundo burguês, a identidade autocentrada do indivíduo, como eu único e singular, foi ganhando esta definição, na medida em que o processo de interiorização individual foi sendo valorizado para a busca dos direitos de cidadão livre, autônomo e único. A dimensão de interioridade e de

⁵²ROUSSEAU, J.J. *O contrato social*. In: ROUSSEAU, Coleção *Os pensadores*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1984.

⁵³MORA, J.F. *Dicionário de filosofia*. Barcelona: Editorial Ariel, 1994.

singularidade absoluta, advindas da noção de indivíduo, produziu uma cultura psicológica com tais características. Em termos de subjetividade, pode-se dizer que o indivíduo, construído historicamente dentro destas noções, se manifesta através de uma esfera privada de existência, da intimização das relações pessoais e do surgimento de instituições voltadas para o seu controle.

Nos estudos sobre o individualismo e a cultura psicológica, observa-se um caráter globalizante, homogêneo. Seu polimorfismo e suas contradições não são conhecidas. A identificação da subjetividade à individualidade reproduz a representação universalista e unificadora do indivíduo, assim como reduz os componentes múltiplos e heterogêneos dos modos possíveis que a compõem, o que se pode entender como expressão do egoísmo.

Uma visada histórica remontaria ao modo de caracterização do século XVIII como sendo, segundo Sennett⁵⁴, o momento supremo do equilíbrio entre a vida pública e a vida privada, visto não se ter operado ainda a marcada transformação de valores característicos dos séculos seguintes. Tais transformações estão na base de outras, no caso, das condições materiais advindas da expansão do capitalismo, o que concorreu significativamente para o avanço da privatização.

O secularismo dos anos 1700 era fundado na concepção de transcendência, de essência comum, numa cultura na qual vigoravam fundamentos comuns e direitos inalienáveis. Já o dos anos 1800 voltou-se para a imanência, em que os fatos têm uma significação em si próprios, em que se acredita no contingente, no particular.

A sociedade intimista, construída no século XIX, tem em sua constituição o conceito de narcisismo⁵⁵, onde a energia do sujeito é basicamente investida em si próprio. A moralidade passa a ser uma coisa íntima, particular: “eu penso assim”. Em contrapartida, o homem do século XVIII, quando falava EU, se referia a uma idéia pública.

Ao tomar as duas posições de sujeito: “Eu penso assim”, reflexo da vida privada e “EU”, ressonância da vida pública, vê-se que esta primeira instância vai, ao longo do século XX, ser alimentada pelas crescentes formas de egoísmo,

⁵⁴SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁵⁵FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XIV.

entendido como amor excessivo ao bem próprio, sem consideração aos interesses alheios; exclusivismo que faz o indivíduo referir tudo a si próprio. Do ponto de vista da ética, egoísmo é a “(...) doutrina que considera como princípio aplicativo dos preceitos morais, e como princípio diretor da conduta humana moral o interesse individual; egoísmo é o amor exclusivo e excessivo de si, implicado na subordinação do interesse de outrem ao seu próprio”⁵⁶.

Durante todo o século XVIII, falou-se muito dos egoístas, no sentido de que sustentavam somente existir o “eu mesmo” (ego). Foi no século XIX que o sentido moral de egoísmo se desenvolveu. A definição aristotélica de egoísmo como o “amor a si mesmo” foi a que prevaleceu até os dias atuais, tendo várias matizes, dentre os quais o “interesse próprio”⁵⁷.

Na acepção kantiana, em indicação de Ferrater Mora⁵⁸, o egoísmo foi classificado em quatro modalidades. A primeira é o egoísmo lógico, no qual se mantém o próprio juízo sem considerar o dos demais; a segunda é o egoísmo estético, no qual se afirma o próprio gosto; a terceira é o egoísmo moral, no qual o indivíduo se confina à sua própria ação, e, por último, o egoísmo metafísico, no qual se recusa reconhecer a existência ou a justificação da existência de outros “eus” ou da realidade externa. Enfim, o egoísmo é naturalmente constitutivo da existência humana. Neste sentido, sempre se revela na pessoa, independentemente da cultura ou do progresso.

Se, por um lado, se constata que a polaridade egoísmo faz parte da própria individualidade, por outro, sabe-se que, para o indivíduo, é necessidade premente ser reconhecido por seu semelhante, o que exige viver em grupalidades, que variam desde a horda até a comunidade.

As várias tentativas de definição do conceito de grupalidade concorreram para a cristalização de essências como possibilidade de existência do objeto-grupo, ao mesmo tempo que também legitimaram a oposição indivíduo-grupo⁵⁹. Neste contexto, produziram-se, por um lado, teses em que os indivíduos constituíam a única realidade. Havia uma negação a respeito da possibilidade de

⁵⁶AURÉLIO, B.H.F. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1975, p. 500.

⁵⁷MORA, J.F., op. cit.

⁵⁸Ibid.

⁵⁹BARROS, R.D.B. “Grupos e Produção”. *SaúdeLoucura*, n° 4. Grupos e Coletivos, São Paulo: Hucitec Ed., 1994.

teorização sobre grupos. Por outro lado, também se desenvolveram teses que definiram o grupo como uma entidade distinta dos indivíduos que o compõem, com um estatuto próprio, necessário para a compreensão dos movimentos grupais.

É nesta concepção dicotômica entre indivíduo e grupo que estas duas entidades, enquanto objetos, se mantêm separados e opostos. O processo de voltar-se para dentro foi produzindo não só a categoria de indivíduo, mas também de individual, formando-se, concomitantemente, maneiras de estar, sentir e viver o mundo. Por exemplo, o espaço da casa e o da família ganharam novos sentidos neste momento, porque se separaram do lugar do trabalho e passaram a concentrar a afetividade em seu interior. Pode-se, então, indagar: este novo arranjo doméstico não teria sido a interferência do público no privado? Melhor dizendo, a configuração espelhada na distribuição de papéis e de laços familiares poderia ser a reprodução de um *modus vivendi* constituído sob a égide do que se denomina comunidade, família e, também, grupalidades, como formações construídas, cujo objetivo seria produzir uma modalidade de ação para dar destino àquilo que excede?

Dentre estas formas, a “comunidade” é o conjunto social orgânico e originário, onde predomina a vontade natural, oposto à sociedade, que é o tipo de comunidade formado e condicionado pela vontade racional. Não se trata de uma contraposição abstrata, mas baseada nos fatos sociológicos. A comunidade também pode ser vista como o espaço de ação recíproca, sendo algo análogo à experiência.

Ao procurar direcionar um olhar sobre comunidade na psicologia, Sawaia⁶⁰ procura mostrar, historicamente e de maneira crítica, como a psicologia se foi aproximando do que é comunidade. Somente na década de 70 e a partir de um ramo da psicologia social, que se autoqualificou de comunitária, o qual objetivava comprometer-se com a realidade estudada (especialmente com os excluídos da cidadania) é que o conceito de comunidade começa a ser introduzido na psicologia.

Uma avaliação crítica do papel social das ciências tinha-se manifestado através de um movimento mais amplo, desencadeado nos anos 60, e que culminou

⁶⁰SAWAIA, B.B. “Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade”. In: CAMPOS, R.H. de F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

nos anos 70 e 80, quando, então, o conceito de comunidade passou a ser incluído no discurso das ciências humanas e sociais, mais particularmente na área da saúde mental, com o objetivo de refletir e transformar o mundo. Sem dúvida, apropriações demagógicas do conceito, em nome de unir e proteger o povo, não escaparam às observações. Certamente, na atualidade, o conceito de comunidade aparece como a utopia do final do século para enfrentar a deterioração causada pela globalização. Segundo Sawaia, o uso da comunidade como utopia é reacionário, saudosista, porque coloca o passado como tendo sido a situação ideal perdida, tempo/lugar onde as pessoas naturalmente se inclinavam ao bem.

Em função da possibilidade de se terem vários usos e interpretações sobre o que é comunidade, tento esclarecer, neste estudo, que utilizo o conceito de comunidade como a parte da população que não é totalmente regida pelas leis e pelas regras do poder público. É aquela parte que excede, que sobra, que não faz falta, ou seja, aquela que não tem qualificação profissional e, portanto, escolaridade concluída ou suficiente para concorrer a algum trabalho. O conceito de comunidade aparece e desaparece nos debates e nas reflexões sobre o homem e a sociedade, em função do contexto histórico e político de cada época. Ora defendem-se valores coletivistas, ora, valores individualistas.

É através do autocentramento dos indivíduos, garantidos em suas unidades, que a lógica do um⁶¹, tanto no indivíduo com a forma de um, quanto no grupo com a forma de todo, que a noção de grupo se veio construindo.

Não só a noção de indivíduo atravessou e constituiu as práticas psicológicas de nossa época, mas também a sociedade capitalista consumista tomou o modelo do triunfo do indivíduo, fator que marcou fortemente um sentido utilitarista e de lucro nas relações entre as pessoas.

Tanto na perspectiva que defendia o conservadorismo comunitário, quanto na que o atacava, o conceito de comunidade vai aparecer como utopia remetida ao passado, com uma significação reacionária. A família é tomada como o modelo básico, e a religião, a nação, a raça, a profissão e as cruzadas seriam sua expressão simbólica. Os seus princípios básicos são a comunhão de objetivos, a condição de continuação no tempo, o engajamento moral e a coerção social. Sua delimitação

⁶¹BARROS, R.D.B. op. cit. “Lógica do Um → indivíduo (indivíduo - Um: todo, referindo-se a si próprio); grupo (grupo - Todo: um, referindo-se a si próprio)”, p. 147.

pode ser local ou global. A prática comunitária visava, nesta época, a união de esforços entre povo e Estado, com o objetivo de integrar a sociedade.

Neste período, houve um avanço no corpo teórico da psicologia comunitária, ao começar a superar a cisão entre subjetividade e objetividade, mas a intencionalidade prática visava mais à integração social do que à exclusão. Mas, no final da década de 70 e com o domínio da matriz marxista, houve uma revisão crítica desta questão da intencionalidade prática, e a psicologia comunitária se apresenta como área do conhecimento científico, a serviço do povo, com o objetivo de superar a exploração e a dominação.

Atualmente, a reflexão sobre comunidade em psicologia gira em torno da produção de pesquisas e relatórios de práticas com questionamentos responsáveis sobre problemas éticos produzidos pela modernidade. No processo de globalização atual, já se fala em comunidade virtual através da internet em rede, e, em contrapartida, se fala também de diferenciação, de segregação e de exclusão. Deste modo, os estudos sobre comunidade, hoje, requerem cada vez mais uma postura ética e um olhar “exotópico”, ou seja, olhar com um certo grau de distância, para que se possa analisar o fato como um todo. Sem dúvida alguma, o termo “alteridade”, entendido como embaixador da vida social digna, seria o primeiro a ser revisto, numa sociedade onde o imperativo é homogeneizar.

O termo comunitário não é antagônico à individualidade e as potencialidades humanas podem ser desenvolvidas em espaços particulares do cotidiano. “Os valores comunitários devem ser interiorizados como projeto individual para se transformar em ação”⁶², pois ninguém é motivado por interesses coletivos abstratos. O bem-estar coletivo e o prazer individual não são dicotômicos, assim como o consumo democrático não é conquistado necessariamente à custa do sacrifício pessoal. Sawaia afirma, então, que

(...) comunidade, mais do que uma categoria científico-analítica, é categoria orientadora da ação e da reflexão e seu conteúdo é extremamente sensível ao contexto social em que se insere, pois está associada ao debate milenar sobre exclusão social e ética do bem viver⁶³.

Nesta perspectiva, comunidade é qualquer espaço de relatos, onde se podem objetivar questões da vida cotidiana. A psicologia comunitária, atualmente,

⁶²SAWAIA, B.B., op. cit., p. 49.

⁶³SAWAIA, B.B., op. cit., p. 50.

visa colaborar com a criação destes espaços relacionais, onde os sujeitos se reúnem para compartilharem, na interlocução, questões sobre a dignidade humana, lutando, desta forma, contra a exclusão de qualquer espécie.

O rastreamento até então realizado procurou situar a importância da imagem na constituição do sujeito, o modo como a mesma é constantemente transformada em objeto de consumo e, conseqüentemente, consumida no seio da comunidade, além de ter, fundamentalmente, um papel decisivo na construção do conhecimento que o sujeito produz sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo. Esta forma de interação do sujeito com imagens tem seus desdobramentos. Qual a função, para o sujeito, da imagem que obtém de si mesmo, por meio dos artifícios técnicos disponíveis, para a produção de um discurso? A imagem de si, capturada pelo aparelho técnico, habilita-o a construir um saber crítico no contexto da comunidade? Como a imagem técnica intervém no seu cotidiano, mudando e alterando o seu comportamento? A experiência com a imagem, marca do cotidiano, embota ou, até mesmo, rompe com a expressão do sujeito pela palavra? Considerando a prevalência da imagem, seria possível estabelecer modalidades de experiência para o sujeito, que não se subordinem à cultura do consumo? E como operar com imagens, e isto é inevitável, associando-as à construção de uma dimensão crítica da experiência contemporânea?

2

Virtualidade e Tecnologia

A cultura contemporânea, na qual se sobrepõem linguagens, tempo e projetos, tem uma trama plural, com múltiplos eixos problemáticos.

D.F. Schnitman

2.1

Do reflexo à imagem

A imagem nada é em si mesma.

Ovídio

O cotidiano se apresenta para o sujeito com um imperativo, que é ter que tornar públicas as inúmeras particularidades de sua vida. Ao voltar a atenção para os conteúdos transmitidos nos diversos veículos de comunicação, constata-se uma interessante transformação: se, outrora, a ficção era encenada no intuito do entretenimento, atualmente as ocorrências da vida real são transformadas em imagens “bem” produzidas, cuja estética nem sempre é estímulo para a diversão. Além disto, sabe-se também que perpassa no imaginário coletivo a idéia de que ocorrências de cunho drástico devem ser encenadas para o conhecimento público. E pode-se constatar que é principalmente no momento em que os meios de comunicação exploram minuciosamente as nuances do drama subjetivo que se tem um alto índice de audiência nos programas televisivos, como também grande vendagem de jornais e revistas.

Os acontecimentos dramáticos não se constituem mais somente como instrumentos para a reflexão ou a tomada de posições, pois o mercado já organizou uma tabela de valores financeiros para os mesmos. Mas, por outro lado, além do valor simbólico da ocorrência trágica como mercadoria, há também um benefício bastante significativo, ou seja, a glória, para algumas pessoas, de se verem na televisão ou de verem seus nomes nas manchetes de jornais. Acredita-se que este segundo fator (estar diante de sua própria imagem) seja o que mais impele o sujeito a participar desta engrenagem. Com isto, ressaltamos que a imagem devolve ao sujeito uma espécie de reconhecimento de sua existência, como também retrata sua presença no mundo. A sua imagem, captada através de procedimentos técnicos, possibilita ao sujeito tomar ciência de si em múltiplos

aspectos. Frente aos demais, pode utilizar o seu aparecimento na TV, nos jornais ou nas revistas para se investir de importância, além de um possível efeito restaurador, em termos subjetivos. Querendo ou não, este momento é, para ele, um recorte na sua história de vida, dotado de uma singularidade inquestionável.

Afora todas as reflexões que se possam fazer acerca do modo de viver atual, com conseqüências, muitas vezes, indiretamente prejudiciais para o sujeito, não se pode deixar de considerar que o apelo ao recurso da imagem tem um valor fundamental de constituição de sua vida subjetiva. A relação com a sua própria imagem é de um tipo pelo qual o homem, em nenhuma época, passou incólume aos efeitos produzidos por ela.

É interessante notar que, no projeto de vida que antecedeu ao mundo platônico, ou seja, no mundo em que predominava a tragédia, uma relação do homem com sua imagem era determinante de sua vida, conforme podemos depreender no mito de Narciso.

Metaforicamente falando, Narciso morreu diante da sua imagem. E hoje? De que forma se apropriar desta metáfora, para pensar nas possíveis “mortes” do sujeito, que experimenta um viver pleno de aparelhos técnicos que possibilitam a produção de imagens do mundo e de si, numa facilidade antes nunca vivida? Ao partir de uma rápida reflexão, pode-se admitir que, atualmente, o sujeito conhece um certo estado de entorpecimento, principalmente se atentar para o *slogan* comercial que constantemente oferece um modo de submetimento, quando estampa: imagem é tudo! Certamente sim, imagem constitui o sujeito, lhe dá reconhecimento, serve de parâmetro avaliador, produzindo categorias de excluídos, e também mata¹. Quer-se ressaltar que, na história de vida, possivelmente se coloca em cena a função constitutiva da imagem, principalmente no que se refere à complexa trama de valores que se estrutura por trás dela.

Sabe-se que a imagem por si só tem sua importância, basta se reportar a Narciso, para quem a imagem traçou um destino. Novamente a pergunta: como se valer de sua própria imagem, sem se aprisionar mortalmente nela, como fez Narciso²?

¹A morte, aqui, se refere às transformações no corpo (plásticas, lipoesculturas, implantes de silicone, ingestão de energéticos, drogas, dentre outros), que os sujeitos consomem de modos às vezes desmedidos, levando-os de fato à morte real, ou a conseqüências negativas irreversíveis.

²Ver FREUD, S. *Sobre o narcisismo*, op. cit., e OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Rio de Janeiro. Editora tecnoprint S.A. 1983.

Ao olhar para uma imagem, hoje, parece que não se reconhece que se trata, ali, somente de uma imagem. Parece que se está no aprisionamento da profecia que condenou Narciso a não se conhecer, pois foi vítima do engano que o levou a tratar uma imagem como coisa viva.

O que Narciso encontra nas águas mortíferas é a constatação de que “o objeto de seu desejo não existe”³, pois, em se tratando da imagem de si mesmo, bastava uma virada para que o objeto de amor desaparecesse. De modo que “a sombra que Narciso vê é o reflexo da sua imagem; ela nada é em si mesma”⁴.

A novidade encantadora, produzida nas águas, que capturou Narciso, constitui-se num dilema, pois, caso se afastasse, tal esplendor glorioso desapareceria, caso se colasse à tal maravilha, também seria o fim. Como, então, estabelecer uma distância da imagem que não seja mortífera? O espelho das águas retratou para Narciso uma imagem que fez sua aparição no momento em que ele se presentificou às águas e que “permanece e desaparece com sua partida, se Narciso tivesse coragem de partir”⁵.

Irresistivelmente apaixonado por sua imagem, Narciso, sem saber que se tratava apenas de uma imagem, fica condenado à alienação, na medida em que se torna vítima do encantamento da fascinação atormentadora e dominante da imagem de si. A atemporalidade, contida na aparência viva da imagem, o coloca no lugar daquele que não sabe o que vê, mesmo vendo e até mesmo por ver.

Pela incapacidade de se afastar de sua imagem, perde-se na contemplação de si mesmo e definha dia-a-dia, à beira da fonte, na busca do amor impossível.

A exaltação da imagem, nos dias atuais, poderia ser pensada como uma tentativa de oferecer ao sujeito, além de provisões amorosas, saídas para o estado de desamparo? Talvez se tenha aí o motivo pelo qual o sujeito se vê compelido, cada vez mais, a estar o mais próximo possível de uma imagem, padronizada por valores atuais e difundida pela mídia, na crença de que esta seria sua imagem. Como, então, oferecer alternativas ao sujeito de um mínimo de distanciamento salutar? Como espectador, de que modo tratar sua imagem, que não seja de outra forma como algo vivo e dominador? O sujeito dispõe de meios de decidir seu querer ser, diante do conjunto de possibilidades promissoras oferecidas na

³ OVÍDIO, op. cit. p.61

⁴Ibid. p.59

⁵Ibid. p.59

imagem, ou se vê imperiosamente obrigado a sê-la, a qualquer custo? Precisa-se de imagem como se precisa de alimento, de ar, de companhia. Não por acaso, mas sim pelo fato de que a imagem transforma e dá a certeza de que há um outro interessado em mim, quando estou frente à minha imagem. Como entidade construtiva de subjetividade, a imagem ocupa um lugar fundamental, porque é o outro que investe seu desejo para o existir de um sujeito. É também o outro que informa sobre a condição de se estar vivo e interroga sobre quem se é, o que se deve fazer, e que projetos se deve elaborar no chamado percurso de vida.

Mais uma vez reporto-me à história mítica de Narciso, para concluir que o enamoramento exagerado de si mesmo e a busca do objeto de amor na própria imagem levam à morte.

Se existem caminhos na mediação do sujeito com sua imagem, que o levam à morte, então não se pode ignorar que há nisto um perigo, que toma dimensões crescentes quando a imagem, além de ser oferecida como um bem restaurador, passa para a galeria dos bens de consumo. E, como a palavra de ordem no cotidiano é consumir o excesso, então se pode admitir que a crescente valorização da imagem concorreu para uma importante transformação no sujeito, tanto no seu modo de pensar, de sentir e de agir, quanto no seu relacionamento com a memória e na elaboração de projetos. Certamente, isto repercute de forma significativa no âmbito da constituição subjetiva.

Fala-se, na atualidade, da subjetividade constitutiva de um consumo intenso de imagens técnicas, que exercem sobre os sujeitos contemporâneos uma fascinação atormentadora, que os domina e os condena à alienação, à medida que se tornam vítimas de seu encantamento.

O uso das imagens, oferecidas pelos dispositivos técnicos, bem como a imagem de si, captada por estes aparelhos, podem ser instrumentos para promover rupturas ativas, que abram para o sujeito possibilidades de diversidade?

Ao refletir sobre questões suscitadas pela imagem técnica, num mundo por ela constituído, procura-se ampliar a compreensão sobre a história, a cultura e os modos de subjetivação dos sujeitos, neste contexto de vida atual. E, ao fazer uso de um instrumento técnico (a câmera) como mediador das relações entre os sujeitos, não só se pensa em articular produção de saber crítico com intervenção social, como também, ao se proceder desta forma, numa prática comunitária, se leva em conta a dimensão ética, política e cultural, nas transformações do sujeito e

da sociedade. Este foi o grande desafio neste estudo, ao se usar a imagem técnica como capturadora da imagem de si mesmo, que, como vem sendo reafirmado, tem uma imperiosa função na constituição das produções subjetivas. Portanto, utilizar a imagem de si através da videogravação foi considerada-la como um instaurador de discursividade para o sujeito, capaz de revelar as intensas relações interpessoais, intrapessoais e com o mundo, tanto dos objetos físicos quanto das instituições em que habita.

2.2

Subjetividade e Tecnologia

O binômio de abertura trouxe para discussão um interrogante, que insiste em se fazer ecoar: qual o futuro do homem, após o advento, o aprimoramento e a sofisticação da tecnologia? A tecnologia determinou uma nova realidade. Transformou drasticamente as bases da experiência humana e, conseqüentemente, o tipo de laço estabelecido entre os homens, particularmente no que tange à sua relação com o saber. Começando pela técnica, conforme nos sugere Heidegger⁶, que afirma,

(...) realizando a técnica o homem participa da disposição como um modo de descobrimento que domina a técnica moderna, possui como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: extração, transformação, estocagem, distribuição e reprocessamento. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar, são modos de descobrimento.

O alerta heideggeriano induz pensar na técnica instrumental, que, sobretudo, remodelou o mundo das ferramentas, tanto em termos de sua utilização, quanto na capacidade de ultrapassar o próprio horizonte da experiência humana.

Por outro lado, a tecnologia, aliada à técnica, alterou consideravelmente o predomínio das forças naturais, ou seja, o sujeito passou a ter consciência da possibilidade de intervir na natureza, a ponto de transformá-la. Deste modo, alterou-se também significativamente a relação do homem com a natureza e com seu semelhante. É pertinente distinguir técnica, considerada como o artifício da ferramenta, da tecnologia propriamente dita⁷. Entende-se por técnica todo e

⁶HEIDEGGER, M., op cit., p. 20.

⁷As definições da técnica e da tecnologia aqui tratadas estão baseadas em HEIDEGGER, M., conforme nota anterior.

qualquer instrumento que tenha o significado de representar extensão dos dispositivos de contato do homem, considerando a potencialidade de sua força para transformar a matéria-prima, extraída da natureza, ou aprimorá-la. A tecnologia é uma operacionalidade que, necessariamente, incide sobre a matéria industrializada, quer dizer, a matéria inventada pelo discurso da ciência. Certamente, a idéia de tecnologia é contemporânea do surgimento da ciência moderna, que, sem dúvida, redirecionou e transformou o mundo das ferramentas. A técnica produziu um *status quo* para o sujeito, no sentido de forjar um novo arranjo para a experiência humana.

O discurso da ciência, fundado na modernidade, em nosso estado de civilização, guarda íntima relação com a técnica e a tecnologia. “O homem toma consciência de ter ingressado em um mundo novo – o mundo transformado pela técnica e pela indústria – mas, e talvez por isto mesmo, um mundo cada vez mais desconhecido e imprevisível”⁸. Em princípio, pela incerteza que se produziu, mas também pela transferência de responsabilidades. “A visão antropológica e antropocêntrica do mundo destrói e substitui a visão cosmocêntrica ou teocêntrica. Enfim, liberado de toda tutela, o homem se torna mestre das significações do Universo”⁹. Se, no mundo antigo, a responsabilidade era atribuída a Deus, no mundo moderno, é ao sujeito. Colocou-se “(...) em xeque a idéia de que pensar equívale a representar e que sustentou as três figuras clássicas, eu, mundo e Deus”¹⁰.

Com isto, o homem foi obrigado a assumir a autoria de seus atos, inaugurando, por assim dizer, uma nova relação com o saber. A questão, foco de preocupação, pelo menos em termos subjetivos, é a relação ciência e técnica. A técnica, por si só, funcionando de forma autônoma, responde às leis de mercado, de modo a ultrapassá-las, como também exerce este mesmo efeito nas investigações científicas. Não obstante, entre ciência e técnica há um abismo intransponível, por onde se introduzem questões de ordem ética, ou seja, a aplicação técnica do discurso científico deve ser constantemente questionada, em nome da civilização e de seus progressos, mesmo que se considere o lugar de

⁸JOBIM E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, 1994, p. 31.

⁹Ibid.

¹⁰HERZOG, R. *Da falta à ausência de referência: O vazio na psicanálise*. *Agora*, 2(1), 1999, p. 60.

potência, ocupado pela ciência. Em certo sentido, assiste-se, na atualidade, à proliferação da produção de objetos, fruto da técnica, objetos que “(...) multiplicam geometricamente os consumidores parecendo oferecer o impossível: uma satisfação à disposição de quem a eles tem acesso”¹¹.

A técnica e a tecnologia são responsáveis pelo surgimento do saber, até então indisponível, do homem: previsão do tempo, fissura do núcleo do átomo, inseminação artificial, transplantes de órgãos, clonagem e, enfim, outras promessas, dentre as quais aquelas para evitar a morte ou proteger-se dela. Mas o avanço científico povoou o homem de incertezas em relação a si mesmo, colocando-o, muitas vezes, num estado de perdição, representando muito mais do que uma perda; pois se trata de um *modus vivendi* que tem nele, no homem, “o seu próprio artífice. Perdição é a perda de toda e qualquer referência, o esfacelamento de todo recurso ordenador”¹².

Entende-se, assim, que a perdição é uma situação de ordem subjetiva, que põe em xeque o sujeito. Este estado de coisas que incidiu sobre o homem se refletiu diretamente no futuro da civilização, visto que, frente à imperiosidade da técnica e da tecnologia, o homem não se pode esquivar de sua condição subjetiva. Isto quer dizer que o emprego operacional da tecnologia o colocou numa situação problemática: como formalizar seu estatuto desejante?

Aliado à tecnologia, encontra-se, na atualidade, o fenômeno da globalização. A cultura globalizada e imediatista acentua o uso exacerbado da imagem, com suas conseqüências para o sujeito. Com o incremento da inserção no mundo das imagens, vividas no presente contínuo do aqui e agora, promove-se a crescente tendência ao esquecimento, além de propiciar uma redução às opções do desejo, pela fabricação incessante e quase que instantânea de objetos. O imediatismo, a sensação de um presente contínuo, a exacerbação dos limites de satisfação, dentre outras sensações vividas neste contexto contemporâneo, propiciam também uma exaltação do narcisismo, na tentativa de suprimir todo e qualquer mal-estar¹³.

No mundo de imagens, da técnica, da imagem técnica e da tecnologia, o homem, em seu modo de ser, vive uma dinâmica subjetiva que tende,

¹¹ SINATRA, E.S. *Variantes del argumento ontológico en la modernidad. Sujeto, goce y modernidad*. Buenos Aires: Atuel, 1995, p. 27 (tradução do autor).

¹² GONDAR, J. “Angústia, desamparo e o trágico”. *Tempo psicanalítico* 27, 1994, p. 61.

¹³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXI.

forçosamente, a reduzir ou a quase apagar um passado, a história¹⁴. Este tipo de operação parece ser aquele que a ciência produz no remanejamento dos grupos sociais, operação que exige a liquidação dos vestígios de memória, em prol da novidade, a supressão e a anulação da diferença, em nome de uma homogeneização, difundida pelos *slogans*: “tempo é dinheiro” e “só o trabalho dignifica”. Eis uma das conseqüências da tecnologia como mola da engenharia, no contexto das relações humanas, sobretudo em termos de uma universalização despida de ilusões e que esconde formas brutais de segregação, pois

(...) o desfrute é orientado e canalizado para o gozo dos bens, o que acarreta uma transformação do objeto. Não se trata mais do objeto de uso, objeto de longa duração, objeto adscrito à lógica dos bens. É o objeto de consumo. O consumo vira desenfreio em meio a uma produção tecnológica cada vez mais veloz¹⁵.

Assim, tem-se um tipo de satisfação com o objeto, que culmina com a sua própria destruição. Mas, se a técnica funciona e a tecnologia opera, o que fazer com a estocagem de objetos colocados à disposição pela produção em série, fruto da lógica mercantil que, em primeiro lugar, visa ao lucro? E, ainda, qual o custo subjetivo que o sujeito despende, ao se fazer parte desta engrenagem, em que prevalece o valor do desejo, segundo a lei da demanda e da oferta? Estaria ele nas malhas de um curto-circuito, onde desaparecem os pontos de fuga? Se, de um lado, se tem a premência da venda, de outro, a vontade de compra, quer dizer, não só o mercado se especializou na oferta de soluções ou na venda de respostas, como há no sujeito uma busca desenfreada para este oferecimento. Desta forma, o desejo não é mais consumir pura e simplesmente objetos emblemáticos, que encerrem em si questões voltadas para a satisfação, mas também atender a uma demanda criada pelo mercado.

Se há excesso de produção, devido à tecnologia, tem-se também excesso na produção de desempregados, famintos, doentes, imigrantes, que, mesmo considerados como encalhes de produção ou estoques remanescentes¹⁶, são, na maioria das vezes, encaminhados à assistência social, mas cuja equação, num

¹⁴BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”. *Obras Escolhidas*, op. cit.

¹⁵CABAS, A.G. *Os paradoxos da civilização e o desgarramento da cultura*. *Agora* 1(1), 1998, p. 12. Ver também FORRESTER, op. cit.

¹⁶FORRESTER, V., op. cit.

ajuste de contas, apresenta um índice deficitário de subjetividade¹⁷. Certamente, além da promessa de felicidade, promessa de livre acesso aos produtos, há uma falha subjetiva irreduzível, que a lógica dos bens, a produção dos objetos em série e, enfim, a fabricação de excedentes oferecem a ilusão de suprir. Estariam as crises subjetivas, tão freqüentes no sintoma atual, bem como as convulsões sociais, apontando para o fracasso desta crença e a impossibilidade de suprimento? Toca-se, assim, na tríade matricial da subjetividade contemporânea, marcada pelo manejo e pela promessa na política dos bens: monotonia, uniformidade e tédio, que afetam tanto o sujeito quanto a civilização. Não se pode negar que, por mais “democratizados” que estejam os bens de consumo, e que a produção de produtos diferenciados já atingiu um número maior de consumidores de outras classes sociais, se necessita avançar nas possibilidades de usar a extraordinária condição da tecnologia dentro de uma política de transformação da grande parte dos sujeitos. As tecnologias não são as vilãs da subjetividade contemporânea, no que se refere ao seu aspecto negativo, mas sim os modos como os sujeitos delas se valem¹⁸.

2.3

A constituição da subjetividade no campo social

Guattari concebe a subjetividade como produzida constantemente no entrecruzamento de diversos fatores, que vão desde o “romance familiar” até o desenvolvimento tecnológico mais avançado dos dias atuais. Portanto, a subjetividade se altera a todo instante por transformações históricas, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, dentre outras, devidamente datadas. É neste

¹⁷ AMORIM, M. “Mikhail Baktin's contribution: the ethical, esthetical, and epistemological triple articulation”. Texto apresentado no *Fifth Congress of the International Society for Cultural Research and Activity Theory*. Amsterdam, 18-22 de junho de 2002.

¹⁸ A este respeito, ver JOBIM E SOUZA, S. (Org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. Em princípio, todos os textos dos autores contemplados nesta coletânea tratam da questão das transformações engendradas pelos avanços tecnológicos tanto no sujeito como nos modos de vida.

Ver também do mesmo autor, “O olho e a câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual”. In: Revista *Advir*, publicação da Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ASDUERJ, 15 de setembro de 2002. A autora também levanta uma série de questões a partir da influência da tecnologia (no olhar, na subjetividade e no conhecimento), nos dias atuais, como um desafio para a área da educação.

sentido que, nos estudos da subjetividade, desenvolvidos por Guattari¹⁹, se pode observar um redimensionamento das categorias de indivíduo e sociedade, além da própria relação sujeito-objeto. Com a visão de um mundo como uma complexa rede, a dicotomia até então reinante entre estes termos se desfaz.

Para compreender a subjetividade como produção, há que se pensar em processo, em movimento e nas forças que podem acelerá-la ou paralisá-la, como, por exemplo, os jogos de poder e contrapoder, força e resistência, singularização e captura.

É uma concepção de subjetividade produzida tanto por instâncias individuais quanto coletivas e institucionais, apontando sempre para o campo da multiplicidade e da heterogeneidade. Portanto, a subjetividade não se situa apenas no campo individual, mas no campo de todos os processos de produção social e material. É neste sentido que Guattari afirma que os processos de subjetividade não são centrados nos agentes individuais – funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais, nem em agentes estritamente grupais. As tecnologias, nesta concepção, também são vistas como vetores de subjetivação. As máquinas se referem tanto à produção, que pode ser de bens materiais, quanto de modos de subjetivação. É também neste sentido que alude à produção de um inconsciente “maquínico”, que não se centre apenas nas relações familiares, mas também em outros vetores, produtores de subjetividade, inscritos numa perspectiva de uma construção marcada pela processualidade, propensos às transformações da história e da sociedade.

O autor chama a atenção para não se equiparar subjetividade a individualidade. A individuação do corpo, que se refere ao indivíduo, é totalmente diferente do conceito de subjetividade, que é composto por uma multiplicidade de agenciamentos de subjetivação, fabricados e modelados no registro social²⁰.

Nesta concepção de subjetividade, não há nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca. Segundo Guattari, a produção de subjetividade é a matéria-prima mais importante do capitalismo, porque incrementa sua produção através da interferência cada vez maior da mídia e da tecnologia na vida das pessoas. Portanto, a produção de subjetividade, hoje, compreendida na inter-relação com os processos de produção,

¹⁹GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

²⁰GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

permite ao capitalismo sua existência, sua afirmação e sua reprodução, pois, como bem afirmam Guattari e Rolnik²¹,

Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas.

Guattari também amplia a noção sobre o conceito de ideologia marxista, ao dizer que o capitalismo, em especial o que ele denomina de capitalismo mundial integrado (CMI), não produz e modifica apenas representações, mas cria modelos de comportamentos, de sensibilidade, de percepção, de memória, de relações sexuais, de relações sociais, dentre muitos outros. A despolitização da vida deve ceder lugar à inquietação criativa, vislumbrando modos novos de pensar e atuar. Ao se referir, por exemplo, ao que denominou de “revolução molecular”, afirma: “É o conjunto das possibilidades de práticas específicas de mudança de modo de vida, com seu potencial criador... E isso não tem nada de utópico, nem de idealista”²².

Não há transformação revolucionária independente de qualquer que seja o regime, se não houver, concomitantemente, uma revolução cultural, postula Guattari. Caso contrário, só teremos uma reprodução do anterior. Para o autor, a revolução molecular completa as formas tradicionais de luta política, os partidos, as organizações, os movimentos populares, entre outras. Os domínios da sensibilidade e do desejo devem estar paralelamente junto às lutas e às organizações clássicas, de modo que os campos da arte, da política e da tecnologia e informação possam integrar-se como forças presentes nos grandes e nos pequenos acontecimentos da vida. Deste modo, Guattari acredita em possibilidades de lutas singulares que escapem à modelização dominante.

²¹Ibid., p. 6.

²²Ibid., pp. 186/187.

2.4

O modo de produção e a imagem técnica

A sociedade contemporânea, principalmente a urbana, pode ser caracterizada como a sociedade da imagem que, cada vez mais, atravessa a experiência da vida urbana. Pelos vários lugares por onde se passa, depara-se com imagens envolventes, provocando, desta maneira, novos modos de se comportar na vida.

O modo de compreensão da experiência do ser, nos dias atuais, é dado pela tecnologia, que não é mero instrumento, mas uma forma assumida pela consciência. Padrões de comportamentos, hoje, são oferecidos pela mídia, que, portanto, é formadora de atitudes, gestos e modos de ser dos sujeitos.

Esta maneira de conceber as práticas tecnológicas no campo das relações humanas é nova e, portanto, bastante passível de críticas, mas que não se deixe de ver as possibilidades (e nelas pensar) que o próprio desenvolvimento da tecnologia vai criando em seus usuários. Esta ordem de existência tecnológica atende a uma forma específica de relacionamento com o real.

Como foi visto anteriormente, a tecnologia, desde os primórdios, esteve sempre associada ao modo de funcionamento da sociedade. É o recurso de que esta lança mão para se fazer visível.

Aproximadamente em meados do século XX, com o incremento do capitalismo e dos avanços tecnológicos, viveu-se o período da produção industrial, da produção em série, do consumo de bens materiais. Em função das mudanças sociais desta época, Adorno e Horkheimer²³ criaram a expressão “Indústria Cultural”, como crítica às produções que surgiam em decorrência do incremento do capitalismo. As produções artísticas, como a fotografia e o cinema, serviram de protótipos para uma crítica à cultura como um todo.

Principalmente para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural favoreceu o empobrecimento das artes e da cultura, uma vez que estava submetida ao mercado. Para eles, o sistema capitalista era tão imperioso que qualquer produção, nas diferentes áreas da vida cultural, era vista como submissão a uma ordem

²³ADORNO, T. & HORKHEIMER, M., op. cit. Estes autores, entre outros, fundaram a Escola de Frankfurt, que tinha por objetivo analisar as relações entre os fenômenos culturais e o momento em que o capitalismo da época, o nazismo e a segunda guerra se encontravam em ascensão. Seus estudos têm forte fundamentação no materialismo dialético.

imposta pelo sistema, retirando cada vez mais a possibilidade de intervenção dos sujeitos.

Já Benjamin²⁴ procurou, em suas análises, estudar as alterações que este momento provocava nos sujeitos, não só em relação aos aspectos negativos, mas também sobre os novos modos de se relacionar, que o sujeito produzia em função destas transformações. O conceito de arte foi focalizado no sentido de repensá-la em função deste novo momento. A distinção entre o que é ou não arte não depende mais da forma tradicional de definição. A noção de aura, que uma obra possuía, no sentido de expressar o seu valor de culto e a sua autenticidade, pela existência de um único original, não pode mais ser concebida do mesmo modo. Na medida em que a obra é criada a partir dos meios de reprodução e se destina a ser tecnicamente multiplicada o máximo possível, perde a sua aura, no que diz respeito a ser única. A reprodutibilidade passa, então, a ser uma aliada da arte. E, neste sentido, afirma Benjamin:

(...) a reprodutibilidade técnica da obra de arte emancipa-a, pela primeira vez na história do mundo, da sua existência parasitária no ritual. A obra de arte reproduzida torna-se, cada vez mais, a reprodução de uma obra que assenta na reprodutibilidade. A partir da chapa fotográfica, por exemplo, é possível fazer uma grande quantidade de cópias, o que retira sentido à questão da cópia autêntica. Mas nesse momento, com o fracasso do padrão de autenticidade na reprodução de arte, modifica-se também a função social da arte. Em vez de assentar no ritual, passa a assentar numa outra praxis: a política²⁵.

Tal reprodutibilidade, alcançada pela tecnologia, intensificou não apenas a inserção da arte no mundo, mas a vinculou a uma prática política. As inúmeras possibilidades de exibição, propiciadas pela multiplicidade, permitem uma certa democratização do acesso à arte. Neste sentido, surge a cultura de massa e, conseqüentemente, a cultura da imagem.

Uma das características da tecnologia é a de ter a possibilidade de representar o real com a máxima perfeição. Desde os primórdios, a imagem técnica tende ao ideal de objetividade e de representação da realidade. É neste sentido que, na produção das imagens técnicas, é importante tentar conter ao

²⁴BENJAMIN, W. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". *Obras Escolhidas*, vol. 1, "Magia e técnica, arte e política". São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁵Ibid. *A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica. Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992, pp. 83/84.

máximo a interferência da subjetividade. Nesta condição, Machado²⁶ as define como

(...) uma classe de fenômenos audiovisuais em que o adjetivo ('técnico') de alguma forma ofusca o substantivo ('imagem'), em que o papel da máquina (ou seja lá qual for a mediação técnica) se torna tão determinante a ponto de muitas vezes eclipsar ou mesmo substituir o trabalho de concepção de imagens por parte do sujeito criador, o artista que traduz as suas imagens interiores em obras dotadas de significado numa sociedade de homens.

Retirar a possibilidade da influência subjetiva do criador/autor de uma imagem técnica seria, então, segundo os critérios de qualidade de uma imagem, um ponto importante a ser alcançado.

A imprensa, como precursora da TV, tinha seus jornais sensacionalistas, de grande tiragem, demandando leitores e atuando no campo da razão, enquanto a televisão usa imagem, som, luz e movimento e atua no campo da emoção. Na TV, o fato e sua divulgação são transmitidos de forma simultânea, ao vivo. Efeitos inéditos foram produzidos com o seu advento. Ela é capaz de reunir um grande número de pessoas, num mesmo momento, diante de um telejornal.

Ao ter como meta o sucesso comercial e a grande audiência, e atuando no campo das emoções, desperta um imenso interesse no telespectador, ao estimular as paixões mais primárias, com notícias de raptos de crianças e escândalos capazes de suscitar a indignação popular. O discurso da mídia também é o discurso da moralidade. Os valores midiáticos determinam discursos modelizantes e moralistas, também midiáticos.

Nos anos 50, a televisão tinha, e acredita-se que ainda tem, uma pretensão cultural (documentários, adaptações de obras clássicas, debates culturais, entre outros) e impunha ao grande público, devido ao seu monopólio, este tipo de produto.

Uma comparação, com relação a este meio de comunicação, nos dias atuais, faz ver que, para atingir a mais ampla audiência, a televisão dos anos 90 visa explorar os gostos, despertar a curiosidade, oferecendo aos telespectadores produtos brutos, tendo o *talk-show* como paradigma. Recortes da vida privada, exibições cruas de experiências de pessoas comuns, *reality shows*, notícias políticas (fatias da vida dos políticos), catástrofes naturais e acidentais são fontes

²⁶MACHADO, A. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 3^a ed. 1^a reimpressão, 1997, p. 10.

de estimulação voyeurística e exibicionista nos telespectadores, não requerendo destes, nem dos apresentadores, nenhuma competência específica prévia, sobretudo política.

A mídia influi nos costumes, nos hábitos e nos valores. Ter acesso a um instante de visibilidade, nem que seja por um *flash*, num jogo de futebol, ou num *show*, é sinônimo de existência do sujeito. Aparecer na televisão, por exemplo, é a existência do candidato à política. Daí a disputa pelo tempo.

A mídia eletrônica atua no campo sensorial e emocional e tem como pano de fundo uma estetização visual. O sensorial da mídia é que vai conformar a existência do sujeito público e privado, a presença do humano no espaço social. Ela não recobre a totalidade da vida social. Simula o espaço social por inteiro e leva o sujeito a produzir uma agenda esteticista, a fazer a pauta dos produtos que vai consumir.

As pesquisas de opinião vão-se articular com a mídia e formar um campo imaginário, representativo da opinião pública, do qual são pura imagem, objeto inexistente, um novo social, dominado por profissionais midiáticos. O sujeito está sendo olhado pelos objetos técnicos que fazem nascer aquilo mesmo que iluminam, uma outra realidade, uma realidade particular, compatível com a razão tecnomercadológica.

A tecnologia e o mercado, portanto, são iluminadores da mídia, que dita o valor moral, o que presta, o que não presta, o que é moda, o que não é moda. Este valor atende aos interesses privados, aos interesses de classes. Segundo Muniz Sodré²⁷, esta questão está referida ao conceito de deontologia, que trata da ética dos deveres e não da ética das virtudes, por isto, pode gerar um fascismo moral. Poder-se-ia dizer que, na época atual, a deontologia está servindo a grupos e à moralidade burguesa cristã. A moral deontológica oculta os verdadeiros interesses setoriais.

A tecnologia reduz a esfera do indeterminado, reduz o que não depende da ação humana, e isto afeta o sagrado, afeta a experiência de transcendência, mas preserva, ao mesmo tempo, uma espécie de uma nova religião: o assombro. A consciência humana adere ao fascínio da técnica, transformando a idéia do ser supremo num Deus remoto, num Deus que se materializa. A fragilidade e a

²⁷SODRÉ, M., op. cit. E anotações de aulas do curso ministrado pelo Professor Muniz Sodré na UFRJ, já citado anteriormente.

precariedade do corpo humano, a insuficiência mental de velocidade e de instantaneidade são compensadas pela tecnologia.

Os objetos produzidos pela máquina se transformam em signos²⁸. Seu poder decorre do modo de organização social. Hoje, estamos num modelo aprofundado por produções independentes, variações, acumulação flexível, onde a ordem é produzir demanda nos sujeitos. Neste sentido, o processo informativo é elemento de estrutura de capital importantíssimo. Segundo Bourdieu²⁹, a informação se transformou em uma lei, válida para qualquer órgão de imprensa ou meio de expressão, que tem por objetivo atingir um público amplo. É a lei da “informação-ônibus”, que não levanta problemas, não abre questionamentos. É uma informação³⁰. É a lei que procura não dividir o público, que deve estar de acordo com as categorias do receptor, que homogeneíza. Cabe, então, a pergunta: que efeitos políticos e culturais podem resultar disto? Um ponto de abertura para pensar esta questão nos é oferecido por Bourdieu³¹, ao admitir que não há um sujeito específico que possa ter pensado e desejado a despolitização e a conformização do trabalho coletivo. Para o autor, isto é fruto de um processo, de uma ação invisível nos meios de comunicação. Admite que não há um sujeito específico que possa ter pensado e desejado que o trabalho coletivo tenda a homogeneizar, a “conformizar” e a “despolitizar”.

Frente a esta questão, Bourdieu aponta para uma necessidade de reavaliação permanente das produções oriundas da aliança entre as forças da tecnologia com as da economia, a lei do lucro e da concorrência, pois há conseqüências que são geradas independentemente de uma intencionalidade e de uma previsibilidade. Na mídia, pode-se fazer previsibilidade, mas não se podem prever os efeitos sociais. Ou seja: “No estado atual de minhas observações, penso que, inconscientemente, os responsáveis, vítimas da ‘mentalidade-índice-de-audiência’ não escolhem realmente”³².

²⁸BAUDRILLARD, J. *A sociedade de...*, op. cit.

²⁹BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997.

³⁰Deleuze, ao postular a informação via imagem, vai dizer que a sociedade disciplinar que se estabelecia pelo confinamento (Foucault, 1975), com suas instituições (prisão, hospital, escola), foi substituída pelo controle contínuo e pela comunicação instantânea, caracterizados pelas máquinas cibernéticas e pela computadorização da sociedade. DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

³¹BOURDIEU, P., op. cit.

³²Ibid., “Bourdieu desafia a mídia internacional”. *Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 17 de outubro de 1999.

Também Beatriz Sarlo³³ afirma que, com a expansão do espaço da videoesfera, houve uma mudança radical na organização da dimensão simbólica do mundo social. De acordo com a autora, as transformações tecnológicas modificam a percepção da espacialidade e da temporalidade, e são irreversíveis. Primeiro, porque desencadeiam processos sociais produtivos, com um impacto material tão forte quanto o simbólico, e, segundo, porque as transformações tecnológicas se incorporam ao imaginário, convertendo-se em estilos culturais. A visibilidade da organização do aspecto público da política nos dias atuais é dada pela videopolítica.

Sarlo levanta algumas hipóteses sobre as implicações da videopolítica nas questões da política hoje, fundamentando-se nas características dos audiovisuais. Desta forma, chama a atenção para o que se vem apontando: a capacidade que as tecnologias têm de ofuscarem o fato real, sendo necessário, portanto, construir reflexões críticas a respeito dos usos que se fazem das produções alcançadas pelas sociedades, pois “a videopolítica institui formas aparentemente não mediadas de apresentação das questões públicas”³⁴. Ou seja, a videopolítica cria a ilusão daquilo que se vê como uma ininterrupta recepção ao vivo, sem a intervenção de operadores. Neste sentido, ela vai impor suas regras ao discurso político, como mudanças no estilo de argumentação, no tipo de implicação entre argumentos, no sistema de imagens, entre outras, visto que “(...) a videopolítica dessacraliza a política”³⁵. Com a ilusão da não-mediação e da recepção dos fatos enquanto estão ocorrendo (ao vivo), estabelece-se uma proximidade entre cidadãos e políticos profissionais. A vida privada dos políticos se torna pública. O político profissional apresenta-se com os atributos do homem comum. Submete-se a testes de popularidade, pautados na estética da mídia. A “televisibilidade” passa a ser a qualidade mais alta de um político e “(...) a videopolítica adota uma forma discursiva mais simples e acessível que as instituições deliberativas do sistema político”³⁶. O tempo da videopolítica se acelera tanto na proposição dos problemas como na busca de soluções, por isto pode convencer mais, o que quer dizer que “a videopolítica desliza por um *continuum*, cujo ponto nodal está

³³ SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e video-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

³⁴ *Ibid.*, *Paisagens imaginárias*, São Paulo: EDUSP, 1998, p. 130.

³⁵ *Ibid.*, p. 132.

³⁶ *Ibid.*, p. 134.

fortemente fixado no presente. Assim, intensifica o presente, bem como debilita o passado e o futuro”³⁷. Isto significa dizer que a noção de continuidade do tempo, que vivenciamos através do tempo gasto para construir um projeto ou a história de uma comunidade, é representada como uma sucessão de intervenções num presente deslocado do fluxo denso da temporalidade, em que as coisas aparecem e desaparecem num ritmo que é outro, é o ritmo da mídia. O meio audiovisual é dominado por uma abundância de acontecimentos sem qualidade e que são intensamente repetidos. Isto faz parte de uma estratégia discursiva, afetando diretamente a política.

Continuando em seus argumentos, Sarlo afirma que “(...) a videopolítica define um novo tipo de fato público, especialmente criado para integrar-se a seu *continuum*”³⁸. Sendo a videosfera o lugar onde a visibilidade é a mais alta que se pode esperar, a política prepara o fato para que seja registrado na televisão. Esta visibilidade acentuada, entretanto, tem uma curta duração do acontecimento na memória, ou seja, “(...) nada existe se não aparece na tela, e ali nada dura muito tempo”³⁹.

Por fim, “(...) a videopolítica transforma a democracia representativa em democracia de opinião”⁴⁰. Neste sentido, ela é uma extensão cultural da política na vida, sendo, portanto, democratizadora dos lugares de enunciação, que a política antiga distinguiu pelo manejo de saberes e pela posse de habilidades. Mas, por outro lado, a nova hierarquização de pessoas nos meios audiovisuais cria um novo sistema de preferências: os midiáticos (os intelectuais, os políticos e os cidadãos passam a participar de um macroespaço, que os recategorizam, isto é, suas opiniões são apresentadas como equivalentes). Em relação a esta questão, Bourdieu⁴¹ assinala que uma reflexão necessária deveria incidir sobre o moralismo dos apresentadores de jornais da televisão, dos animadores de debates e dos comentaristas esportivos, de modo que se tornam porta-vozes de uma moral típica do pequeno-burguês, dizendo “(...) o que se deve pensar sobre, por exemplo, os problemas de violência em escolas, nos subúrbios e nos demais locais. Esta perspectiva democratizante tem conseqüências quando se passa a

³⁷Ibid., p. 135.

³⁸Ibid., p. 136.

³⁹Ibid., p. 137.

⁴⁰Ibid., p. 137.

⁴¹BOURDIEU, P. "Bourdieu desafia a mídia...", op. cit.

opinar sobre temas que demandam saberes específicos”. Sarlo é enfática, ao dizer que

Estamos vivendo uma época em que é preciso voltar a pensar na relação entre sistema político, cidadania e opinião pública... Espera-se que ‘nessa tela hoje sempre desperta’, se instalem formas de informação e transparência que não se esgotem nos estilos da democracia plebéia impulsionada pelo *show business*⁴².

A nova tecnologia, segundo Muniz Sodré⁴³, exige um redimensionamento da realidade. O homem, hoje, aceita, na condição de espectador, o pacto da ilusão, a experiência da alucinação, mediada pela máquina. Enquanto seu corpo permanece ancorado no espaço físico, sua cabeça viaja.

Com a expansão da mídia, entra em cena um outro espaço, que está sendo criado: o virtual. No conceito clássico de imagem, esta dependia de um referente. Já na era virtual, a figura digitalizada é uma construção que deriva de números. Não depende de um referente histórico. É o resultado de um algoritmo, de um número. A técnica, no virtual, se configura com uma nova natureza, porque se impõe com uma ordem absoluta: na sua falha, nada funciona.

O ciberespaço se cria como um mundo paralelo, com uma realidade utopista, com uma nova religiosidade, com uma integridade interativa falsamente democrática. De acordo com Muniz Sodré, cria-se o reinado da “Panarquia”, onde cada um é rei. Este reinado tende a crescer com uma concomitante miséria subjetiva também crescente.

O virtual é uma clonagem sinestésica de uma realidade física, é uma ilusão proprioceptiva, é uma simulação da integração dos sentidos não apenas do campo visual. O rádio e a televisão também produzem uma dimensão virtual externa ao indivíduo, assim como os jogos de imaginação já produzem, virtualmente, uma realidade. A diferença entre o cinema, a TV e o computador é que os dois primeiros atuam nos campos afetivo e visual, enquanto o último atua em mais um campo, além do afetivo e do visual, atua também no sinestésico. O que está em jogo na virtualidade do computador é a existência do digital, que é um artifício sinestésico, é uma clonagem, que constrói uma realidade da sensação de inclusão, de presença.

⁴²SARLO, B., op. cit., p. 138.

⁴³Anotações de aulas do curso ministrado na UFRJ, já citadas anteriormente, e do livro SODRÉ, M., op. cit.

A realidade virtual permite a construção de um real a partir de modelos científicos. O virtual é uma interpretação do real, feita por informações matemáticas digitalizadas. Temos, portanto, dispositivos técnicos simulando uma realidade.

Atualmente, o sujeito deve ter uma postura de plasticidade suficiente para se ajustar à velocidade do mercado e às tecnologias⁴⁴. Na lógica do virtual, há que ser rápido. A subjetividade, conformada pelo tempo durável, dá lugar a estratégias de adaptações; neste sentido, estão ocorrendo mudanças nas enunciações das subjetividades. O virtual demanda outras peles nas pessoas, abrindo uma realidade espectral nos sujeitos. Vive-se um momento em que a réplica pode ser mais real do que o real, em que o quase é quase presença. Vive-se diante de uma nova tecnologia subjetivante, pois o homem pode habitar o seu cerne, pode pensar com ela. O indivíduo se tornou um ponto de existência numa rede comunicacional. Nesta nova realidade, homem e objeto são definidos como feixes de relações. A pele com que os indivíduos se tocam é uma prótese, faz-se economia do contato real.

2.5 Tecnologias em imagens

Como viver num mundo onde as imagens causam tanto domínio, a ponto de o sujeito passar, minimamente, um fim de semana inteiro na frente de uma televisão, sem se questionar, ou melhor, sem sentir falta de se questionar sobre outras possibilidades de inserção no vasto campo das relações sociais humanas que a vida lhe oferece?

Consumir a imagem naquilo que supostamente ela oferece, seja de cunho ilusório, seja de reconhecimento, é um tipo de experiência próprio de ser, nos dias atuais. Mas uma coisa é o uso da imagem sugerindo reflexão, isto é, diante de uma situação dada, espera-se que o sujeito produza uma cena imaginária da mesma, mostrando, assim, a ação de seu pensamento pelo viés criativo⁴⁵. Outra,

⁴⁴BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

⁴⁵A este respeito, ver os textos: “O ABC da gramática televisiva” de Marcelo Tas, e “O vídeo e a subjetividade: criação não é comunicação”, de André do Eirado Silva. In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.). *Mosaico...*, op. cit. Os autores abordam principalmente a questão do uso da tecnologia voltado para a criação.

bem diferente, é quando, ao ser dada a situação, já vem junto a imagem que dela se pode ter. Possivelmente, esta segunda alternativa, por atender de imediato à posição natural (instintiva) do sujeito, que é a tendência à inércia, “ao nirvana”, ao princípio do prazer⁴⁶ e, portanto, mais econômica, seja tão mais passível de um consumismo. Como afirma Eirado Silva,

Há artificialidades que interessam àqueles que querem produzir e criar e há artificialidades que interessam àqueles outros que querem dizer para a gente que a gente não precisa criar nem produzir, que dão tudo pronto na nossa mão, que a gente precisa apenas crer e consumir⁴⁷.

As imagens, positivamente, sempre nos ajudaram a ilustrar a narração de uma história, a simplificar idéias complexas, a falar do sucesso das caçadas nas culturas primitivas, a ilustrar as publicações jornalísticas, a dar suporte às informações via televisão e, mais recentemente, temos as imagens digitalizadas, com o desenvolvimento da informática⁴⁸.

Com a digitalização, as imagens podem ser modificadas, e isto requer um olhar cauteloso. Esta é uma nova modalidade de poder na produção das imagens. As coisas nelas representadas são modificadas em nome da estética vigente, criando, entre a coisa e a imagem a que se refere, uma distância surpreendente e às vezes assustadora.

Hoje, a edição de fotos e de filmagens não está mais associada à “melhor” imagem, mas sim àquela que mais se possa trabalhar, retocar, manipular. Barros Leite, baseando-se no texto “A precessão dos simulacros”, de Baudrillard, quando aborda “a irreferência divina das imagens”⁴⁹, afirma que “(...) uma foto, depois de passar pelo processo de digitalização, fica sujeita tanto à simulação (fingir ter o que não se tem) como à dissimulação (fingir não ter o que se tem), à mercê de uma ‘atualização do real’⁵⁰.

⁴⁶FREUD, S. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

⁴⁷EIRADO SILVA, A. do. “O vídeo e a subjetividade: criação não é comunicação”. In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.), op. cit.

⁴⁸O modo de produção capitalista da nossa sociedade de consumo sempre esteve na base das transformações ocorridas no campo da informação, visando evidentemente aumentar a produção num tempo cada vez menor e com redução dos custos. ADORNO, T. & HORKHEIMER, M., op. cit.

⁴⁹Irreferência – Neologismo não dicionarizado, utilizado por Barros Leite.

⁵⁰BARROS DE LEITE, A.L. *Ética*, http://www.observatório_da_imprensa.com.br/artigos/mo200899.htm.

Assim que a foto (que registra um instante do real) é digitalizada, deixa de ter um suporte físico para ganhar pontos de luz, que podem ser modificados, adulterados, transformados e/ou adequados às necessidades de um determinado momento.

Segundo ainda Barros Leite, exatamente no momento em que as imagens podem ser ferramentas para ajudar a contar e analisar os fatos, elas vêm sendo usadas para justificar uma informação, credenciá-la, torná-la verdadeira. Portanto, o autor recomenda que, agora, neste momento em que as imagens estão sendo usadas como um certificado de comprovação da realidade dos fatos, “(...) é que mais devemos desconfiar das aparências – uma espécie de antítese da expressão que tornou popular São Tomé – ver para não crer!... A era digital é uma realidade, suas conseqüências, um desafio que teremos que enfrentar”⁵¹.

A engrenagem mecânica, até então referida à reprodução, alcança uma nova função: a produção. Não obstante, o que é produzido, quer dizer, recriado pela máquina, não escapa à intencionalidade e, conseqüentemente, mantém íntima relação com o *modus vivendi* do sujeito na atualidade. Se a máquina nos oferece a ilusão de ocultar algo que não se quer, e de se aparentar algo que não se tem, este recurso é o reflexo da vontade humana, que, atenta aos apontamentos do contexto social, assim confere à máquina uma certa direcionalidade. Eis o horizonte encenado pela digitalização: realidade virtual ou um novo domínio?

Raquel Paiva, em seu texto “O virtual comunitário”⁵², ao abordar a questão da globalização, da comunicação em rede e do surgimento de uma comunidade virtual, propõe entender os acontecimentos do mundo nesta nova ordem, formulando a seguinte proposta: que papel é reservado à mídia, ferramenta fundamental como sistema de difusão e padronização cultural? Que tipo de socialização se configura neste horizonte? Que alternativas se tornaram preponderantes, como saídas possíveis de serem adotadas, até mesmo como modelos sociais?

Este novo cenário é produtor de novas subjetividades e, portanto, as categorias sociais também se refazem. Há uma consolidação de uma nova língua, usada pelo homem para se transportar velozmente por diferentes lugares, via rede.

⁵¹Ibid.

⁵²PAIVA, R. *O virtual comunitário*, http://www.facom.ufjf.br/lumina/paiva_lum.htm.

A realidade virtual tem produzido idéias sobre a possibilidade de comunidades também virtuais, que assumiriam a forma concreta a partir da comunicação via rede e da utilização de um único idioma.

Os entusiastas da *internet* chegam a pensar na possibilidade de um novo Estado, sem grande desenvolvimento institucional e ausência de sentimentos civis, próprios do exercício da cidadania. Destacam como ponto positivo o fato de tratar-se de um meio democrático, que capacita as pessoas a obterem informações que ficariam restritas a um determinado espaço geográfico. Um aspecto inquietante é que, neste novo modelo, existem apenas duas possibilidades, os consumidores/produtores e os excluídos.

Criam-se, assim, duas categorias estanques e dissociadas uma da outra. Existem os que circulam na rede, ou seja, são consumidores de imagens, enquanto produtos oriundos de uma técnica. Firma-se, deste modo, um laço identificatório totalmente imaginário, pois o sujeito age e reage, frente àquilo que constrói como imagem, na possibilidade de interação com outro sujeito. Se a relação não é mais sujeito/sujeito, não se têm parâmetros de agir ou reagir segundo as entonações e as modulações rítmicas e afetivas. É neste sentido que se fala de uma nova subjetividade, de modos de o sujeito agir e reagir frente às experiências mediadas pelos aparelhos técnicos.

Há uma segunda categoria, os que estão fora da rede, numa modalidade de circulação que se identifica como “excluídos” de interagirem com a imagem⁵³. Esta categoria já conhece graus crescentes de segregação, e tudo indica que a ordem das coisas sugere o seu fim, não apenas no sentido de sua extinção por não participar, mas também no sentido de sua inclusão. E por que não? Este é um dos desafios sobre o qual há uma inquietação contínua e instigante, que suscita construir soluções. Seria apenas ilusão pensar que a comunicação em rede, potencialmente, é uma possibilidade de ajuda no gerenciamento de um novo mundo? Neste estado da experiência do homem, mediada pelas imagens técnicas, novos modos de relacionamento do espaço social foram construídos. Uma vez que

⁵³Está-se referindo aqui apenas aos sujeitos que não consomem as imagens via *internet*, pois o convívio com a tecnologia nos dias atuais se dá em intensidades variadas em todas as camadas da sociedade. Todos os sujeitos se inscrevem num contexto compartilhado de experiências diferenciadas com a tecnologia. Na medida em que, por exemplo, o computador passou a existir, a experiência tanto dos consumidores quanto dos “excluídos” ficou marcada pela sua existência. Portanto, qualquer nova tecnologia influencia a todos, de maneiras específicas.

a imagem se traduz enquanto universalidade, por exemplo, apagam-se as distâncias, bem como a idéia de território nacional se esvanece, entendido este como um espaço cultural, o lugar onde vigorava a vinculação político-comunitária entre as pessoas, onde prevaleciam costumes partilhados, a partir de um modo de relacionamento face a face.

Há uma classe consumidora/produtora, cujo índice é bem reduzido, em comparação com os “excluídos”, e tem um perfil basicamente ocidental, ou seja, tem um padrão que responde pela estética, pela arte, pela linguagem, pelo comportamento, pelo consumo, pela educação, enfim, por uma aparência diferenciada, constituindo, assim, o que se denominou de “elite transnacional”⁵⁴, que se desloca de um lugar a outro, para capitais mundiais, sem o menor transtorno, sentindo-se em casa. Esta nova elite é um pouco nômade, na medida em que é movida pela mobilidade de capital. Desgarra-se das idéias associadas de família e vizinhos e se descompromete com o território.

Este panorama conta com o enfraquecimento do Estado, que, cada vez mais, assume contornos gerenciais, reduzindo substancialmente sua atuação em setores da área social, como educação e saúde. Esta questão não afeta a nova elite, porque ela usufrui de serviços privados.

Diante deste panorama, Paiva define a atualidade, em primeiro lugar, como o esvanecimento do horizonte ético, do que resultam os entraves e os impasses na tessitura social em atos solidários, pois, na atualidade, se constata uma perda radical da capacidade do pensamento consensual e também do sentimento de filiação. Em segundo lugar, constata-se o surgimento de um modo de proceder, fruto de uma razão instrumental, cujo pragmatismo das ações visa quase totalmente uma eficácia específica. Enfim, há um reforço contínuo do individualismo, que, nos seus graus de exacerbação, se aproxima do delírio de autonomia.

Em se tratando da dinâmica subjetiva, este mesmo efeito pode ser observado, pois não importa quais sejam os meios para se alcançar a categoria de imagem consumível. Há, nisto, a confluência de uma exigência decorrente do progresso científico, aliada aos anseios do sujeito que responde a tais exigências, na expectativa de encontrar felicidade. Ao não se questionar se é ou não uma

⁵⁴PAIVA, R. *O virtual comunitário...*, op. cit.

necessidade premente, o sujeito entra na engrenagem do consumo, de modo que, pacificamente, adere ao imperativo que se forjou no entrecruzamento do discurso capitalista com o discurso científico. Consuma! Eis a palavra de ordem, sugestiva de encontro para amenizar, tanto o estado de desamparo do sujeito frente às situações que enfrenta, quanto as suas pretensões. Tem-se, assim, uma promessa para que o sujeito tenha, ao seu alcance, objetos que evitem o confronto com os limites próprios de sua condição. O oferecimento de completude e satisfação plena não seria um mero engodo, já que desaloja o sujeito daquilo que é sua característica principal, ou seja, a falta estruturante? A adesão desmedida a uma ordem de aparência pode recair sobre ele, no sentido de se produzir uma transformação efêmera dos valores e, conseqüentemente, da própria subjetividade, criando-se, assim, uma espécie de moral singular e enganadora. Esta concepção de moral é “(...) a manifestação de nosso vivido social. Desde quando o viver em conjunto nada representa, o sujeito é tomado pela vertigem do engano e a vida social se rompe”⁵⁵.

Esta clivagem no social ocorre juntamente com uma dissociação das condições de representação, culminando com o aparecimento de categorias de acusação de uma camada social a outra. Na verdade, as acusações se mesclam desde a imobilidade ao uso excessivo, processo em que se nutre a esperança de apagamento daquilo que é oposição ou diferença.

Por intermédio de imagens, o sujeito é capaz de tratar o drama como ficção. Tal modificação só se pode produzir na relação sujeito/imagem, com uma radical transformação na capacidade de representação, em que o império do visual e o anseio da eficácia parecem ter deslocado o valor de sentido no processo de transmissão. Além disto, os meios de comunicação, em sua grande maioria, procuram dar evidencia às coisas de modo a afastar o alcance da possibilidade de reflexão, uma vez que oferecem artificialmente as sensações que o sujeito é obrigado a viver por procuração. O telespectador é levado a acreditar que faz parte de uma engrenagem dinâmica, quando o que se observa é uma tendência à imobilidade. Novamente aqui, pode-se recorrer à reflexão crítica de Benjamin, sobre este aspecto, quando afirma que há uma nova forma de percepção na *atitude distraída* das massas frente à obra. Em suas palavras,

⁵⁵HEUILLET, H. *Le malaise social. Le Discours Psychanalytique*. 9, 1993, p. 63, (tradução do autor).

O cinema rejeita o valor de culto, não só devido ao fato de provocar no público uma atitude crítica, mas também pelo fato de tal atitude crítica não englobar, no cinema, a atenção. O público é um examinador, mas distraído⁵⁶.

A saturação atual do visível, quer dizer, da imagem técnica, tende a preencher a curiosidade antes mesmo de ser expressada, como se as necessidades tivessem que ser saciadas antes de se evidenciarem.

A modalidade discursiva repleta de esteriótipos, de imagens dominantes, dificultaria o intercâmbio necessário ao viver em grupo? Ou o sujeito ainda não se deu conta deste novo modo de sociabilidade?

Não se pode opor-se ao fenômeno da mundialização, mas se pensa que se pode, sim, produzir uma resposta à fragmentação, ao individualismo, à naturalização ao *apartheid* social. Segundo Paiva, o que interessa é sugerir formas alternativas de sociabilização. Trata-se de um procedimento em que a solidariedade se fundamenta como nota determinante, considerando-se aqui a solidariedade como uma atitude que pode vir a ser produzida e não algo inato ao ser humano. Para a autora, o mundo atual caracteriza-se como aquele em que [se]

Vive um momento especial, em que se pode ‘navegar’ por todos os mares pretendidos, com rotas extremamente ordenadas e acessíveis, fazer e manter contatos com as pessoas, instituições e as temáticas que se deseje. Portanto, um aparato técnico sem precedentes na história da humanidade, pelas possibilidades que deixa antever de um eu central ou da essência humana, mas antes como a capacidade de ver as diferenças tradicionais – que se fazem cada vez mais visíveis e necessárias como elemento identificatório dentro da globalização – como não determinantes, bem como a capacidade de pensar em pessoas muito diferentes como incluídas na esfera do nós⁵⁷.

⁵⁶BENJAMIN, W. *A obra de arte na época...*, op. cit., p. 110.

⁵⁷PAIVA, R. *O virtual comunitário...*, op. cit.

3

O Campo Interativo da Linguagem: o Outro, o Diálogo, os Sentidos, as Significações e o Contexto

Neste trabalho, considero principalmente a produção de linguagem verbal dos sujeitos participantes a partir do encontro com a imagem de si, através da videogravação, para investigar como se processam a produção de saber e a construção de subjetividade crítica sobre as suas questões, as do outro e as do mundo. Em outras palavras, toma-se a videogravação dos sujeitos, numa reunião comunitária, para analisar as falas produzidas a partir do enfrentamento da imagem de si e as possíveis manifestações críticas surgidas, que apontam para uma mudança de atitude. Neste sentido, o uso da videogravação da imagem de si, num contexto comunitário, é utilizado como um meio de intervenção sobre o sujeito.

Os discursos lingüísticos produzidos pelos sujeitos participantes desta pesquisa foram analisados à luz da compreensão bakhtiniana de linguagem. Esta escolha deve-se ao fato de Bakhtin considerar a produção da linguagem como fenômeno socioideológico, construído dialogicamente no fluxo da história. Através de conceitos como polissemia, polifonia, dialogismo, dentre outros, o que interessa para esta visão é a heterogeneidade da linguagem, em sua dimensão social concreta, ou seja:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial¹.

É necessário considerar o contexto onde a linguagem é produzida. Há uma variedade de modos de falar e de linguagens, o que reflete a diversidade da experiência social. A língua se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal, não é um produto acabado, visto que

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua

¹BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p. 95.

consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência².

Bakhtin construiu uma concepção de linguagem na medida em que foi fazendo críticas radicais sobre duas correntes da lingüística tradicional, que funcionavam como obstáculo à sua visão. Uma delas é o subjetivismo individualista, que considera a linguagem como enunciação monológica; o fenômeno lingüístico é ato de criação individual. O subjetivismo individualista separa vida interior de vida exterior, priorizando o aspecto interior e subjetivo da criação. A outra corrente é a do objetivismo abstrato, que considera a linguagem como um sistema abstrato de formas; a fala não é objeto da lingüística; o fator normativo e estável prevalece sobre o caráter mutável da língua e, portanto, esta é vista como um produto acabado, transmitido através de gerações; o que interessa é a relação do signo para o signo, no interior de um sistema de signos. Portanto, o signo é considerado interdependente das significações ideológicas que a ele se ligam.

Na perspectiva bakhtiniana, tanto a língua estaria sendo transformada em seus diferentes usos, como a fala do indivíduo seria sempre social. A consciência individual pertence à ordem do *socius*. Não é a ideologia que aparece como decorrência do psiquismo, mas é a própria consciência que é um fato socioideológico. Deste modo, mesmo a consciência, a palavra interior, está marcada pelo território social das ideologias. Os conceitos bakhtinianos têm uma interligação entre si, que revelam uma complementaridade sempre presente nas suas definições. Nesta pesquisa, defini apenas os conceitos que foram utilizados na fundamentação da análise do material.

3.1

Exotopia: um ato de criação pelo olhar e pela palavra

O conceito de exotopia é estudado por Bakhtin a partir da fenomenologia do ato de criação, em especial, da criação literária. No desenvolvimento de seu estudo, vai fazendo uma ponte entre a relação autor-herói com as relações inter-

²Ibid., p. 108.

humanas. Para ele, a relação autor-herói (personagem) é um caso particular da relação entre dois seres humanos.

Exotopia é o acabamento que o herói (o personagem) ganha, em função da relação que o autor-criador mantém com ele. Um personagem não se define autonomamente, depende de um distanciamento do autor, de um excedente de visão para completá-lo. A respeito de acabamentos para a existência de um herói (sujeito), o autor assinala que

(...) a forma estética não pode ser fundamentada de dentro do herói, a partir de seu enfoque do objeto e do sentido da vida, em outras palavras, a partir da significação pura e simples de sua vida; a forma é fundamentada no interior do outro – do autor, isto é, a partir de uma reação geradora de valores que são, por princípio, transcendentais ao herói e à sua vida, mas todavia ligados a ele. Essa reação criadora é o amor estético³.

O autor e o personagem fazem parte, juntos, de um todo acabado, mas tanto o autor quanto o herói se relacionam dialogicamente, cada um de seu lugar de existência.

O acabamento do herói vai sempre depender do olhar externo do autor sobre ele. Neste sentido, o autor sabe mais que o seu herói. Este saber mais é o olhar de fora, é o excedente de visão, que pode ver o outro como um todo completo. A imagem externa do herói só é possível através da visão do autor. Portanto, a consciência de acabamento que o herói tem de si é construída através de uma relação dialógica de produção do conhecimento entre um e outro.

Ao transpor a relação entre o autor e o herói para as relações da vida real, tem-se a importância do outro, com quem as relações se dão, possibilitando as visões de acabamento que se pode ter sobre si mesmo, nos vários contextos por onde transita na vida. Acerca desta dinâmica, valem destaque as seguintes palavras de Bakhtin:

Cumpra compreender que tudo o que dá valor ao dado do mundo, tudo o que atribui um valor autônomo à presença no mundo, está vinculado ao outro que é seu herói, fundamentado em seu acabamento: é a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, só preserva e reconstitui o outro; e tudo isso é feito a fim de que minha própria memória das coisas do mundo e da vida se torne, por sua vez, memória estética⁴.

³Ibid. *Estética da criação...*, op. cit., pp. 104/105.

⁴Ibid., p. 126.

Quer dizer, como o olhar do outro é importante no entendimento que o sujeito tem de si, o olhar do sujeito sobre o outro possibilita uma visão de acabamento, daquilo que ele não pode ver de si mesmo. Em relação a isto, afirma:

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento⁵.

Cada olhar, que tantos outros me podem proporcionar sobre mim mesmo, é único e múltiplo, porque cada outro ocupa um lugar singular no mundo, sobredeterminado por diversas experiências. Sempre se está numa relação dialógica de acabamento com o outro, e vice-versa. Neste sentido, a idéia de acabamento é circunstancial, é provisória, o sujeito é um ser inacabado permanentemente, como diz o autor:

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida –, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-*vir*, devo não coincidir com a minha própria atualidade⁶.

O ser humano, então, para se constituir num todo, o seu acabamento só pode vir de fora do sujeito, através do olhar do outro. Para isto, Bakhtin vai considerar a pessoa em dois planos: espacial e temporal. O plano espacial se refere ao corpo, que, para ser um corpo inteiro, só pode ser visto pelo outro. E o plano temporal relaciona-se ao que chama de “alma”, de vida interior.

Ao falar do ponto de vista espacial, enfatiza o excedente de visão, que me é dado pelo outro, no acabamento da minha visão estética. Quando uma pessoa, numa situação concreta, olha para outra pessoa, seus horizontes concretos não coincidem. Sempre o contemplador, nesta situação concreta, verá partes do outro, que não são acessíveis a este outro.

O excedente de visão constante sobre o outro é condicionado pelo lugar único ocupado por cada pessoa no mundo. A exotopia é justo este excedente de visão que cada pessoa pode ter sobre os outros que o rodeiam, que estão fora de si.

⁵Ibid., p. 45.

⁶Ibid., *Marxismo e filosofia...*, op. cit., p. 33.

A distinção entre horizonte e ambiente confere aos olhares uma dissimetria constitutiva, que possibilita esta visão a mais do outro sobre mim, e vice-versa. A exotopia concreta é importante, no sentido de que cada um pode ter acesso a uma visão que só é dada a partir do lugar que o outro ocupa: “(...) o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim (...)”⁷.

Mas, no plano abstrato, Bakhtin vai dizer que a relação ele e o(s) outro(s) é relativa, porque o sujeito cognoscente, como tal, não ocupa um lugar concreto na existência. No plano abstrato do conceito e da teoria, os sujeitos podem ser iguais, mas, no âmbito do empírico, se está sempre em posições distintas e singulares. Ele quer mostrar que há sempre uma inter-relação entre o externo e o interno, entre o abstrato e o concreto. A percepção efetiva de um todo concreto pressupõe um contemplador único e encarnado, situado numa dada posição, enquanto o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser pensados. Mas “(...) a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair o fato de que o sujeito desse ato e dessa contemplação artística ocupa na existência um lugar concreto, único”⁸. O excedente de visão que uma pessoa tem sobre a outra instaura um conjunto de atividades internas e externas que só uma dada pessoa pode pré-formar sobre aquela específica outra, e que a completam justamente onde ela não pode sozinha completar-se.

Em relação à forma temporal do homem, ela se dá do mesmo modo como a forma espacial, ou seja, desenvolve-se a partir do excedente de visão temporal que uma pessoa tem sobre o interior de outra, sobre a alma do outro, abarcando o que é transcendente e assegurando o acabamento do todo da vida interior desta outra pessoa. A este respeito Bakhtin afirma que

O todo da minha vida não tem significado no contexto dos valores da minha vida. Nascer, viver-ser neste mundo, e, finalmente, morrer – tudo isso não se realiza em mim e para mim. O peso emocional da minha vida, em seu todo, não existe para mim mesmo⁹.

Os valores emotivo-volitivos só têm sentido com relação ao outro, e eles dão à vida de uma pessoa um peso de acontecimento particular, que sua própria vida não tem. Apenas o outro torna possível a alegria que uma determinada pessoa

⁷Ibid., *Estética da criação...*, op. cit., p. 43.

⁸Ibid., p. 44.

⁹Ibid., p. 120.

pode sentir, ao encontrá-lo, ao estar com ele, assim como o pesar do deixá-lo e a dor ao perdê-lo. Viver a vida com significação pela existência de outro é algo que se constrói no tempo, não é simplesmente algo concedido. O outro sempre se coloca à minha frente, na qualidade de objeto, sua imagem externa se insere no espaço e sua vida interior se insere no tempo. A articulação do todo com o outro é abordada por Todorov da seguinte maneira:

(...) apenas meu nascimento e minha morte me constituem em um todo, ora, por definição, minha consciência não pode conhecê-los por dentro. Logo, o outro é ao mesmo tempo constitutivo do ser e fundamentalmente assimétrico a ele: a pluralidade dos homens encontra seu sentido (...) naquilo em que cada um é o complemento necessário do outro¹⁰.

Segundo Amorim¹¹, o conceito de exotopia traz em si uma ambigüidade que permite que ele seja interpretado em dois sentidos opostos, a saber, um monológico e outro dialógico. A totalização exotópica, segundo a autora, corresponde ao que Bakhtin fala sobre o trabalho do enunciado monológico voltado para o objeto e que está presente em toda criação. O conceito de exotopia é monológico porque afirma a superioridade do olhar do autor (do outro), enquanto possibilidade de totalização e acabamento. E é dialógico, porque afirma a necessidade do olhar do outro sobre mim, de modo que eu possa ter um olhar inteiro sobre mim, para eu ver em mim o que só posso ver com o olhar do outro.

3.2

Monologismo e Dialogismo: nuances do diálogo

Monologismo e dialogismo estão sempre presentes na reflexão bakhtiniana, funcionando numa relação de figura e fundo, alternadamente. A mesma obra pode contar, em momentos diferentes, com quantidades maiores ou menores de distanciamento ou de exotopia. Monologismo e dialogismo são, portanto, categorias centrais de análise, cuja distinção funda a própria operacionalidade, mas que se marca sobretudo como diferença de grau no interior de um mesmo texto.

¹⁰TODOROV, T. "Prefácio". In: BAKHTIN, M. *Estética da criação...*, p. 14.

¹¹AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa editora, 2001.

Os termos monológico e dialógico são categorias de análise tanto num texto verbal ou escrito. A palavra do outro está sempre lá, mas ela pode ser mais ou menos assimilada ou escondida, mais ou menos estrangeira. Num texto, as vozes são múltiplas, assim como são múltiplos os momentos e os modos em que se fazem ouvir. E, considerando, então, um texto com estas características, as categorias monológica e dialógica possibilitam um certo tipo de investigação, ou seja, pesquisar os diferentes caminhos que pode percorrer um texto para encontrar seu objeto, através da complexidade da relação com o outro. Portanto, um texto acabado será monológico ou dialógico, conforme se represente ou não a presença de outros discursos no seu interior.

O **dialogismo** bakhtiniano é basicamente uma categoria de análise da dialogização interna do discurso. Portanto, não significa o face a face conversacional do diálogo, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, a referida análise interna do discurso.

O que torna um texto dialógico? Como fazer aparecer a construção do objeto, ao invés de uma pretensa neutralidade do pesquisador? Como distinguir a necessária reflexividade¹² do discurso do conhecimento de uma ilusória reflexividade do pesquisador?

Segundo Amorim¹³, revelar a construção do objeto não se faz por um relatório exaustivo da história de sua criação. O acontecimento dialógico não é previsível, mas apenas analisável *a posteriori*. Confrontar-se com a palavra estrangeira, com as diferentes vozes que coexistem e interagem num texto, que estão sempre lá, mas que às vezes se tenta evitar, dar-lhe voz e presença, permitir que a palavra do outro refrate a minha, tal exercício seria a arte dialógica.

A relação dialógica tem uma especificidade, que é o fato de não depender de uma relação de ordem lógica, lingüística ou, ainda, de uma relação de ordem natural. É uma relação de sentido, que se estabelece entre enunciados, na comunicação verbal. E estes enunciados só podem ser considerados completos ou potencialmente completos se, por trás deles, se encontra seu autor.

¹²Em relação ao uso do termo “reflexividade” aqui empregado segue-se a afirmação de Amorim: “A chamada reflexividade do pesquisador seria uma tentativa de objetivar a subjetividade do pesquisador e/ou de subjetivar o objeto, tentativa na qual se assiste a uma verdadeira psicologização do texto de pesquisa”. AMORIM, M., op. cit., p. 94.

¹³AMORIM, M., op. cit.

Pode-se falar numa relação dialógica muito além do diálogo de uma conversa comum, de uma discussão científica, dentre outros. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo, revelam-se em relação dialógica mediante uma construção do sentido.

Segundo Bakhtin, pode-se observar sempre uma relação dialógica, mesmo entre as produções verbais profundamente monológicas. Quando se procura compreender um enunciado, esta compreensão é de natureza dialógica, num sistema também dialógico, que será globalmente modificado por tal compreensão específica, pois compreender é, necessariamente, tornar-se o terceiro numa relação dialógica. Este(s) terceiro(s) pode(m) situar-se em diferentes épocas e sua compreensão responsiva pode também situar-se em diferentes direções, ou seja,

“(...) este fato decorre da natureza da palavra que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua *no imediato* mas indica um sempre além (de um modo ilimitado)”¹⁴.

O conceito de **monologismo** pode ser compreendido tanto do ponto de vista da afirmação de uma linguagem única, de uma única maneira de falar, de uma verdade definitiva, quanto como a marca de uma diferença.

O problema da oposição monologismo e dialogismo está no centro de toda reflexão a propósito do gênero científico. Enquanto gênero, o texto científico é monológico por excelência. O discurso está orientado para o objeto. A palavra é utilizada apenas para representar. É uma representação de um discurso da verdade, destituído de toda especificidade histórica e individual, tendendo a eliminar as marcas do outro¹⁵.

O modo de definir monologismo como uma afirmação única seria eqüivalente ao discurso dogmático ou ao discurso do cientificismo, onde há uma verdade única e absoluta sobre todas as disciplinas exatas e inexatas.

A monologização de um discurso tende a uma interação entre as pessoas, desprovida de vozes, de entoações, de réplicas, de palavras vivas. É um contato mecânico de oposições, um contato entre coisas. Enquanto reconhecer o monológico do discurso científico é reconhecê-lo em sua especificidade e em sua diferença, o que significa deixar espaço para outras modalidades discursivas.

¹⁴ BAKHTIN, M. *Estética da criação...*, op. cit., p. 356.

¹⁵ AMORIM, M., op. cit.

Num determinado momento, Bakhtin se refere ao monologismo como esquecimento da alteridade, mas, aqui, como etapa na vida criativa do autor. A palavra do outro, de início, teria sido acolhida e reconhecida pelo autor e, no final, ela seria totalmente assimilada e anônima, tamanho o grau de incorporação feito pelo autor. Ter-se-ia, então, um todo e novo(s) autor(es) constituiria(m) um novo diálogo e, assim, novos todos se formariam, possibilitando novos diálogos, sucessivamente.

A relação dialógica de uma palavra monológica será representada *a posteriori*, pelo leitor e não pelo autor. Amorim¹⁶ concluiu que não existe palavra que seja totalmente monológica nem totalmente dialógica. Esta afirmação é feita a partir de Bakhtin, quando afirma que a palavra que só visa persuadir, que só se ocupa de seu interlocutor, perde sua possibilidade criativa. Portanto, pode haver num texto graus de representação da alteridade e até mesmo seu silenciamento.

3.3

Alteridade: o eu e o outro

O conceito de alteridade caracteriza-se a partir de uma dimensão de estranheza entre eu/outro, pesquisador/pesquisado, autor/personagem, onde um distanciamento entre um e outro necessariamente deve ocorrer, para permitir a visão deste outro na sua especificidade. Portanto, não se trata do simples reconhecimento de uma diferença.

O manejo das relações de alteridade e de sua inteligibilidade produz-se, diferentemente, segundo o lugar que se ocupa. Em todos os casos, uma ou mais relações de alteridade estão em jogo: numa diferença cultural, de classe, de gerações e/ou de lugar enunciativo.

Em se tratando de uma relação alteritária de pesquisa, mesmo no caso em que o pesquisador não se diferencia de seu objeto, de todo modo a diferença que permeia o ato de pesquisa estará lá. O outro se torna outro, se torna estranho, pelo simples fato de eu pretender estudá-lo; independentemente das intenções do pesquisador, há uma dimensão de desconhecido e de imprevisível, mesmo quando

¹⁶Ibid.

determinadas técnicas de pesquisa tendem a apagar qualquer manifestação de alteridade.

Na especificidade da relação alteritária de pesquisa, o pesquisador é aquele que recebe e acolhe o estranho. Para isto, num primeiro movimento, ele é recebido e acolhido pelo outro. Em suma, o pesquisador se dirige, em relação ao outro, para construir uma determinada escuta, traduzi-la e transmiti-la, pois “(...) o outro é ao mesmo tempo aquele que quero encontrar e aquele cuja impossibilidade de encontro integra o próprio princípio da pesquisa”¹⁷.

É no âmbito dos signos que a possibilidade e a impossibilidade do encontro estão em jogo, e é também através deles que se podem verificar os efeitos de contato entre diferentes povos ou grupos.

Ao citar Lévesque, Amorim¹⁸ afirma que, ao se considerar que o diálogo se funda na circularidade do intercâmbio, na mutualidade recíproca e na conciliação dos pontos de vista, se deve admitir que uma dissimetria de princípio entre o lugar do pesquisador e o do outro é um limite que atravessa as diferentes possibilidades de diálogo.

Se, por um lado, a dissimetria de base entre o pesquisador e o seu outro e a diferença de lugar enunciativo entre estes dois termos não indicam necessariamente uma relação de desigualdade, por outro lado, a possibilidade de ruptura ou de não reconhecimento se joga exatamente neste ponto, de possibilidade de pesquisa e de risco, de descoberta do outro ou de perda, de negação, de nada querer saber sobre o outro.

Como identificar no outro pontos em comum, como fazê-lo falar e compreendê-lo, como se fazer ouvir e ser compreendido pelo outro? A tensão existente entre as dissemelhanças produz as respostas às questões que se colocam da maneira mais diversa possível. A imprevisibilidade inserida nesta concepção metodológica permite que o outro explicita seu modo de representação, assim como indica o grau de alteração que a pesquisa e o olhar do pesquisador puderam sofrer.

Considerar a imprevisibilidade como fator importante numa análise sobre a presença da alteridade nos diálogos dos sujeitos não significa dizer que os métodos e os projetos sejam inúteis. É através deles que se pode defrontar com a

¹⁷Ibid., p. 28.

¹⁸Ibid.

alteridade, pela descoberta dos pontos cegos. Na medida em que fracassam, vão, ao mesmo tempo, indicando o grau de alteração que a pesquisa e o olhar do outro puderam sofrer. Em suas palavras, Amorim afirma que,

Do encontro e de seu fracasso, do diálogo e do equívoco se tece a produção de conhecimento em Ciências Humanas. Conhecimento que se constrói portanto no paradoxo e na vertigem, pois sua possibilidade é alternativamente negada e afirmada¹⁹.

Admite que o estranhamento é tomado como a condição de princípio de todo procedimento num trabalho de pesquisa. É através dele que se cria a condição de possibilidade do objeto de pesquisa.

Estranhar e analisar onde se dá a impossibilidade de diálogo, onde há uma perda de sentido na comunicação entre os sujeitos, é a via de construção de um objeto, assim como a de um conhecimento. O fato de um objeto de pesquisa ser construído e não dado implica num trabalho de negociação com os graus de alteridade, que podem suportar a pesquisa e o pesquisador.

O familiar pode-se tornar imperceptível ao diferente, de modo que é preciso estranhar o objeto de pesquisa desde o início, para poder retraduzi-lo do seguinte modo, sucessivamente: do familiar ao estranho, e vice-versa. Concebe, enfim, o outro como estrangeiro, como aquele a quem realmente me é, em muitos aspectos, estranho, pela cultura, pela língua e pelas demais características.

3.4

Gêneros do discurso: apreendendo a diversidade no particular

Para definir gêneros do discurso, há que se retomar a definição de enunciado e de língua, pois, em última instância, gêneros do discurso seriam a elaboração de tipos de enunciados relativamente estáveis.

A atividade humana está toda relacionada com o uso da língua, e a utilização desta se manifesta em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Seja pelo seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, seja pelos recursos da língua – lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas, e

¹⁹Ibid., p. 32.

sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação humana.

As formas que a língua adquire no cotidiano das relações sociais são tão multiformes como as próprias atividades humanas. Mas, no entanto, existem formas sistemáticas de usos da linguagem no cotidiano da vida social, que são os chamados gêneros do discurso.

Para cada esfera das práticas sociais existe um repertório de gêneros discursivos, que se diferenciam e se transformam, na medida em que as práticas sociais se tornam mais complexas.

Para falar, faz-se sempre uso dos gêneros do discurso, embora se possa ignorar sua existência teórica. Eles são por nós assimilados mediante enunciados concretos que se ouvem e que se reproduzem durante a comunicação verbal que se efetua no cotidiano dos indivíduos.

A variedade dos gêneros do discurso, tanto orais quanto escritos, é muito grande. Na vida cotidiana, há uma gama de gêneros mais difundidos, que apresenta formas tão padronizadas (como no caso dos gêneros das felicitações, dos votos, dentre outros) que o sujeito quase só pode manifestar-se na escolha do gênero.

A diversidade dos gêneros varia conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros: há, por exemplo, o estilo oficial, o familiar e outros mais. As formas da língua e as típicas de enunciados (gêneros do discurso) são assimiladas pelo sujeito, conjuntamente. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados. Fala-se por enunciados e não por palavras ou orações isoladas. A fala é moldada pelas formas do gênero e, ao ouvir o outro falar, pode-se perceber-lhe o gênero, o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), ou seja, pressente-se, nas primeiras palavras, o todo discursivo que, no processo da fala, se evidenciará com suas diferenciações.

A entonação expressiva do gênero pode, por exemplo, marcar a escolha de um determinado gênero: mais frio, mais caloroso. Na comunicação verbal entre os sujeitos, pode-se dar também o uso de um gênero de uma determinada esfera da atividade humana para outra, utilizando, então, o jogo das inflexões, como, por exemplo, a ironia, a paródia, dentre outros.

O valor do enunciado é dado pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com o sujeito falante e com outros enunciados. Os julgamentos de valor e de avaliação fazem com que o discurso verbal se envolva diretamente com a vida. E, neste sentido, afirma Jobim e Souza:

O discurso verbal é diretamente ligado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação. Quando deparamos com um enunciado do tipo 'Eu não acredito mais em você', percebemos que ele envolve uma série de critérios (éticos, políticos, afetivos) que levam em consideração muito mais do que está incluído nos fatores estritamente verbais do enunciado. São os julgamentos de valor e as avaliações que fazem com que o discurso verbal se envolva diretamente com a vida, formando com ela uma unidade indissolúvel²⁰.

A entoação de um enunciado revela o que ele cria de novo, no infindável processo de interação verbal. Cada enunciado se constitui num tema próprio, que se realiza por meio da entoação expressiva, através da qual se podem compreender as vibrações sociais e afetivas que envolvem o falante, assim como a singularidade da criação dialógica e a responsabilidade dos falantes no diálogo. Desta forma, a entoação se constitui parte essencial da estrutura de significação de um enunciado.

Não é apenas através do domínio da língua e da riqueza de vocabulário que os sujeitos podem sentir-se à vontade e criativos no país do outro, mas, sim, pelo conhecimento e pela assimilação do repertório dos gêneros discursivos daquele dado contexto.

Aprender as características comuns dos gêneros discursivos não significa superar as diferenças em busca de categorias uniformizantes, mas, sim, apreender, nos movimentos dos usos da linguagem cotidiana, a diversidade que constitui a língua viva e que reflete as transformações da vida social.

Os gêneros do discurso, em comparação com as formas da língua (os componentes e as estruturas gramaticais), são, para o indivíduo falante, mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém eles lhe são dados, não é o sujeito que os cria. É neste sentido que o enunciado, em sua singularidade, apesar de sua individualidade e de sua criatividade, não pode ser considerado uma combinação absolutamente livre das formas da língua.

²⁰ JOBIM E SOUZA, S. *Infância e...*, op. cit., p. 104.

A oração, assim como a palavra, é uma unidade significativa da língua. Para ser entendida como geradora de uma atitude responsiva²¹, de sentido, deve estar dentro de um contexto, ou seja, dentro do todo do enunciado. É elemento significativo de um enunciado em seu todo e adquire sentido definitivo somente dentro deste todo.

Assim como a palavra, a oração não tem autor, somente quando funciona como enunciado completo é que se torna expressão individualizada na comunicação verbal.

Uma das características importantes do enunciado em Bakhtin é seu aspecto de confronto, que só se realiza na interlocução. Tanto a palavra como a oração podem ser enunciados, se tomadas como unidade do discurso, isto é, pela possibilidade de réplica, de contestação no diálogo. A fronteira do enunciado é dada tanto pelo autor quanto pelo ouvinte, portanto, este é também co-autor do enunciado. O **dialogismo** bakhtiniano vai considerar que todo enunciado, para ser compreendido, além de ter que ser relacionado ao seu contexto, não é uma prática individual, representa um entrecruzamento de diversas vozes. Portanto, cada enunciado contém diversas vozes de diferentes lugares e épocas diversas. Compreende-se, deste modo, que a **polifonia** se define pela pluralidade de vozes que falam ao mesmo enunciado e a **polissemia**, pelas tantas significações possíveis quantos forem os contextos em que foram produzidos. Bakhtin considera que a palavra não é exclusividade de quem fala, revela também a presença do ouvinte como a de todas as vozes que antecederam àquele momento do ato de ser falada pelo autor da palavra.

É neste sentido também que, num texto, seja verbal ou escrito, é possível avaliar a dinâmica dos signos culturais, em seu permanente processo de transformação e de interação. O texto (verbal ou escrito) traz em si a possibilidade de investigação no amplo campo das ciências humanas, onde

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma

²¹ BAKHTIN, M. "Arte y responsabilidad". In: *Estética de la creación verbal*. Madrid: Veinteuno Ed., 1985.

forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais²².

Para Bakhtin, ninguém pode ter exclusividade de uma criação verbal primeira. Quando se usam as palavras, elas já habitavam o mundo falado por falas de outras pessoas. É neste sentido que a linguagem, segundo o autor, é um processo contínuo que nunca se completa totalmente. Assim, a especificidade das relações dialógicas considera os aspectos metalingüísticos que constituem cada enunciado. Portanto, os enunciados não são redutíveis às relações lógicas da língua.

²²Ibid. *Marxismo e filosofia...*, op. cit., p. 41.

4

Contextualizando o Campo de Investigação

Faço discretamente coisas loucas; sou o único testemunho de minha loucura. O amor que desnuda em mim é a energia.

R. Bakhtin

4.1

A origem da pesquisa

Todo investigador, ao escolher sua temática de trabalho, não o faz sem o acionamento de forças que remontam à sua história e, portanto, concernem aos aspectos de sua vida subjetiva. Sendo assim, cabe assinalar que é possível rastrear e traçar os determinantes que o levam a tal escolha.

Há vinte anos, aproximadamente, iniciei voluntariamente uma participação na Pastoral do Recém-Nascido, através de um convite do pároco¹ da Igreja Católica de São Conrado. O convite consistiu na possibilidade de implantação de um “Serviço de Psicologia”, contando com o funcionamento da distribuição de leite, já existente. A solicitação era de uma intervenção psicológica junto às mães que participavam deste recebimento.

A Pastoral funcionava com a distribuição voluntária de leite em pó para mães de recém-nascidos da favela de Vila-Canoas, o que se dava de forma irregular, isto é, havia semana que uma mãe podia receber duas latas, outras vezes, uma, e, às vezes, nenhuma. Dependia da doação dos paroquianos. Havia uma voluntária que se encarregava de distribuir o leite. Ficava nas dependências da igreja por um período de duas a três horas, num determinado dia da semana, aguardando as mães, que chegavam para recebê-lo.

Com a minha entrada na Pastoral, precisei determinar o horário para começar e para terminar o trabalho. A intenção era dedicar duas horas de uma manhã e uma hora a mais, no máximo, caso fosse necessário atender a alguma

¹Este pároco (Pe. Djalma Rodrigues de Andrade) havia sido meu professor de uma disciplina religiosa na PUC/Rio, no período de minha graduação.

demanda individual².

Uma necessidade imperiosa para o funcionamento grupal é o compromisso de seus participantes no cumprimento de determinadas regras. Foi explicitada ao grupo a necessidade de que os atendidos chegassem num determinado horário, de modo a haver uma participação global. Assim, teve início a construção das regras, em conjunto com o grupo de mães. Na medida em que a garantia de presença do trabalho de psicologia se fez constante e, portanto, havia possibilidade de funcionamento do grupo pelo trabalho do psicólogo, ao mesmo tempo pôde-se observar que a regularidade da entrega do leite se fez necessária, já que a presença dos participantes estava estabelecida anteriormente pela distribuição do leite.

Mas uma mudança radical se produziu: foi introduzido no grupo, e pelo grupo, a possibilidade de recebimento ou não do leite em função de uma regra estabelecida. Por ter havido uma imensa demanda pelo serviço da Pastoral, o grupo decidiu dar prioridade a quem pudesse usufruir dos serviços de psicologia, pois quem não pudesse participar das palestras, com a justificativa de que se tinha que ir ao trabalho, poderia comprar o leite, porque percebia salário.

A construção de uma regra para normatizar o funcionamento de uma prática até então existente foi responsável pelo aparecimento de um interessante fenômeno: o número de pessoas, querendo inscrever-se na Pastoral, aumentou assustadoramente. Havia dias em que cerca de cento e cinquenta pessoas ficavam do lado de fora do portão da igreja, querendo entrar. Começou a aparecer gente das favelas vizinhas: Rocinha, Vidigal e Rio das Pedras. Fazia-se a inscrição das pessoas, mas não se tinha como incluí-las no serviço da Pastoral.

Na medida em que esta informação passou a ser difundida em espaços que se ocupam da discussão de temas comunitários, houve o aumento do número de doadores, o que permitiu um maior número de inscritos no programa. A Pastoral passou a atender a cem recebedores de leite, quando, originalmente, se limitava a trinta.

² Cabe aqui assinalar que o fato de ser um trabalho voluntário sugere uma doação daquele que nele se envolve. Quero ressaltar que, quando se trata de doação, seu destinatário passa a ocupar uma posição singular, ao compreender que a doação de uma hora de trabalho é uma retirada de uma jornada, por uma escolha. Trata-se, assim, de uma ação que produz um efeito imediato: o destinatário se compromete, ao tomar ciência de que aquilo que é doado não é da ordem de um resto ou de um excesso.

Com a intenção de minimizar o caráter puramente assistencialista, queria construir, em conjunto com as pessoas que recebiam o leite, um espaço de interlocução, a fim de discutir questões da vida em geral, partindo de uma referência profissional, ou seja, a prática clínica psicológica.

Nesta época, eu desenvolvia, em consultório particular³, o que chamei de curso sobre Psicologia do Desenvolvimento para pais, com o objetivo de instrumentalizá-los em relação à educação e à formação de seus filhos. A idéia de também transmitir conhecimentos sobre a psicologia do desenvolvimento de forma sistematizada foi aceita pelos participantes da Pastoral. É importante ressaltar, mais uma vez, que as regras de funcionamento foram sendo construídas na medida em que o trabalho se desenvolvia, e apontadas pelos próprios membros do grupo⁴. Foram, então, discutidos e estabelecidos, com o grupo, o horário e o dia para os encontros, o tempo de duração de cada encontro, o tempo de permanência de cada participante no grupo, os atrasos e as faltas.

A inserção da mãe ou do responsável pela criança no grupo se dá a partir do terceiro mês de nascimento. A mãe deve apresentar a certidão de nascimento de seu filho e, normalmente, aguardar até que seja chamada. Há uma fila de espera constante, em torno de cento e cinquenta pessoas. A permanência de cada membro no grupo é de dois anos, tempo que, juntamente com o grupo, achei necessário para a assimilação e a internalização das questões discutidas nas reuniões semanais da Pastoral. A entrada de um participante no grupo se dá com a vaga deixada por um outro, e pode acontecer em qualquer época do ano. É pouco comum um participante desistir do grupo. Normalmente, seu desligamento se dá quando seu prazo de permanência expirou, ou quando lhe surge algum trabalho. O lugar da criança é sempre garantido pela presença da mãe no grupo ou por

³Em minha prática clínica, houve uma demanda por parte de pais de pacientes (crianças) e também de amigos conhecidos, para que organizasse um curso sobre conhecimentos da psicologia que pudessem instrumentalizá-los na educação e na formação de seus filhos. A proposta era explícita: “Queremos um curso, aulas. Não queremos fazer terapia em grupo. Queremos discutir a partir de uma teoria que acreditamos poder nos ajudar. Gostaríamos de que você falasse dos aspectos psicológicos, desde o nascimento até a adolescência”. Após alguns grupos fui entrevistada pela revista *Fatos e Fotos*, com uma reportagem intitulada: “OS PAIS VÃO À ESCOLA”. Ver em anexo.

⁴Este fato faz muito sentido para o funcionamento deste trabalho, porque a exigência de regras surgiu do próprio grupo. Em relação a esta questão, Guattari usa a expressão grupo dispositivo, justamente para dizer que é através das tensões geradas no próprio grupo que se devem buscar suas soluções, ou, em suas palavras, suas “linhas de fuga” (BARROS, R.D.B. “Grupos e Produção”. *SaudeLoucura...*, op. cit.

qualquer outro adulto (pai, avós, vizinhos e parentes), quando a mãe precisa se ausentar por algum problema particular. Portanto, o grupo funciona com uma heterogeneidade de sexo e de idade muito evidente, além de muitas crianças pequenas, que acompanham os pais. Atende-se a cem famílias, sendo dois grupos de cinquenta participantes, oriundos das favelas da Rocinha e de Vila Canoas. Um, sob minha coordenação, e outro, coordenado pela psicóloga Nayara Wiethaeuter⁵.

O controle das inscrições e da doação/distribuição do leite sempre foi feito por um voluntário⁶ e pelo zelador da Igreja⁷.

Como foi dito, a regularidade da distribuição do leite se fez importante para o funcionamento do grupo. O processo de distribuição operou como um dispositivo para a construção das regras que organizavam a realização deste trabalho. Por exemplo, antigamente, a reunião tinha início às oito horas. Quem chegava atrasado dispersava muito o grupo. Após discussão, ficou estabelecido que a tolerância para quem chegasse atrasado seria de dez minutos, caso contrário, a pessoa não poderia receber o leite. Era aberto um espaço de discussão, o grupo avaliava o motivo apresentado e chegava de forma consensual a uma decisão de exceção da regra ou de sua ratificação.

Um outro exemplo se refere à falta da mãe ao grupo. Se ela tiver que faltar por um motivo qualquer, pode enviar uma outra pessoa no seu lugar. Tal pessoa não pode ser uma mãe inscrita no grupo nem uma criança. O recebimento do leite ficou, então, atrelado à participação de um adulto, representando o lugar do recém-nascido inscrito no grupo. Somente um adulto tem condições de discutir e transmitir as questões colocadas no grupo à mãe faltante, assim como a presença assídua de um adulto garante um não esvaziamento do grupo e mantém a diversidade de opiniões e participação nas reuniões.

O local para a realização do trabalho era o interior da igreja, até o momento do término da construção do salão paroquial, onde se conta com ótimas instalações (armário para guardar o leite, banheiros, água, ventiladores, quadro de giz, TV, vídeo, aparelho de som, alto-falante, microfone, e mural). Este trabalho

⁵Voluntária com formação em psicoterapia familiar.

⁶Há quatro anos vem sendo feito por Isabel Balian.

⁷Sr. Adriano Dias.

sempre foi realizado através de palestras, que seguem o roteiro⁸ de um curso sobre o desenvolvimento emocional da criança.

Vários outros temas surgem a partir do que é exposto. Não só temas sobre as relações familiares, mas também voltados para a questão da cidadania, como trabalho, vagas em escolas para os filhos, atendimento hospitalar, entre outros.

A dinâmica do grupo se dava através da exposição oral de conteúdos teóricos e, em seguida ou às vezes ao mesmo tempo, com interlocuções dos participantes, como formulações de questões ou exemplos, que iam ilustrando ou confrontando o conteúdo teórico exposto.

Desde o início deste trabalho, houve uma demanda para atendimento individual. Geralmente, após a reunião, há, em média, umas cinco pessoas querendo falar particularmente. Atende-se ao que é possível e opta-se pelo encaminhamento ao serviço de Psicologia Aplicada da PUC⁹. Como algumas pessoas optavam por colocar suas questões por escrito¹⁰, a ação empreendida consistia em não atendê-las de imediato, já que tal modo de agir representa algo a ser tomado como um movimento do grupo.

Recebia várias cartas e lia para o grupo, procurando, desta forma, obter alguma resposta para tais questões, ou seja, dava-se continuidade, assim, a um espaço de reflexão com direito à palavra.

A configuração do funcionamento do trabalho de doação de leite já é, neste momento, objeto de uma significativa transformação. Os participantes, além de receberem o leite, tiveram a oportunidade de produzir uma escrita de ordem subjetiva e também de refletir sobre o conteúdo das cartas num contexto de coletividade.

⁸Ver o programa das palestras, em anexo.

⁹Hoje, também encaminha-se a um grupo de psicólogos que estão com consultório na Rocinha, sendo uma das psicólogas ex-estagiária da Pastoral do Recém-Nascido, no ano de 2000.

¹⁰Ver exemplo nas cartas, em anexo.

4.2

A configuração do contexto

Muitas indagações converteram-se em inquietações contínuas, que me fizeram ir ao encontro da realidade social que serviu de base para o estudo das questões suscitadas nesta investigação.

Antes de mais nada, quero salientar que esta preocupação é antiga e que, de certo modo, se encontra enraizada nos determinantes – e corre paralela a estes – que me mobilizaram para minha escolha profissional.

Quando estava escrevendo o projeto para a seleção do Curso de Doutorado, completavam-se dezessete anos de minha inserção no trabalho da Pastoral do Recém-Nascido, da Igreja Católica de São Conrado. Nesta época, várias interrogações, que me foram feitas e que eu me fiz ao longo desta experiência, se tornaram questões importantes neste estudo, para compreender sua dinâmica e seu funcionamento, a partir de um foco teórico e metodológico de análise, num contexto acadêmico.

As interrogações que me foram feitas partiram de pessoas residentes no bairro de São Conrado, quando, por várias vezes, fui convidada por outros setores da Pastoral para falar do trabalho, assim como nas reuniões mensais do Conselho Paroquial da Igreja de São Conrado. Também surgiram de colegas, em situações de algum encontro profissional, como em seminários, palestras e congressos.

Era constantemente abordada com questões de difíceis respostas, como: “você é religiosa ou tem alguma ligação com a igreja, para estar fazendo esse trabalho numa pastoral? Mas como você transmite conhecimentos da psicologia para pessoas tão despreparadas? Será mesmo que elas entendem? Por que você nunca escreveu sobre esse trabalho? Por que escrevê-lo através da academia?”

Além de ser surpreendida com significativas indagações, constatei um interesse crescente deste coletivo em se familiarizar com o trabalho no âmbito da psicologia. Não só isto, sabia que estas indagações apontavam um mais além, que se traduz em preocupações na busca de bem-estar, em melhores condições de vida e na conscientização de determinados aspectos da vida. Havia interesse em cooperar e a cooperação era legítima, como na seguinte indagação: “Que trabalho lindo! Eu até gostaria de participar, nem que seja doando o leite”. Mas também havia uma certa recriminação, que só posso pensar como auto-recriminação: “É

um trabalho muito bonito! Pena que as pessoas (as mães participantes da pastoral) não saibam dar valor. Elas não têm alcance. Com certeza só vão lá por causa do leite. São pessoas muito ignorantes”.

Uma inquietação atravessava-me constantemente: qual a mobilização que levava os integrantes deste coletivo a quererem participar cada vez mais do trabalho? Por que a lista de espera aumentou tanto e permanece sempre? Identificar este fator motivacional, certamente uma expressão genuína da condição desejante de cada um, me fez alçar vôos mais longínquos, até que cheguei a pensar que, se tivesse mais tempo para investir nesta proposta, fazendo alguma parceria com empresas ou com o governo, poderia receber mais pessoas e, talvez, pudesse atender à demanda de acompanhamento das famílias por mais tempo, até as crianças ingressarem na escola, como era seu desejo. Elas sentem que a frequência semanal por dois anos lhes concede um ponto de referência para cuidar dos filhos com mais segurança. E, se esta parceria fosse possível, como poderia incluir os serviços que me são constantemente demandados, como acompanhamento médico e dentário, formação e qualificação profissional, grupos de orientação aos adolescentes e outros mais¹¹?

Enfim, estaria pensando em estratégias e métodos de como criar uma cultura do profissional que seja operativa, num recorte de uma coletividade com sua caracterização própria? Eis o que me levou a uma prática que, acredito, dela não posso afastar-me, pelo contrário, sinto que tenho que me implicar mais e mais.

Indica-se, assim, a construção de uma alternativa para um tipo de atuação profissional que não se restrinja ao limite do assistencialismo.

4.3

Fragmentos de história de vida

Iniciar uma produção escrita sobre uma prática de longos anos requer o exercício da reflexão, o que remete a situações da própria história de vida. E, aqui, a pergunta: Você é religiosa? Por que trabalhar numa Pastoral? Parece que há, no saber popular, uma suposição de que a história pessoal pregressa influencia

¹¹Lancetti, A. realizou um importantíssimo trabalho na Secretaria de Ação Comunitária da Prefeitura de Santos (SP), com o objetivo de produzir condições de inclusão social e de desenvolvimento humano e econômico. (LANCETTI, A. (Org.). *Assistência Social e cidadania*. São Paulo: Hucitec, 1996.

diretamente nas escolhas dos sujeitos. E disto não temos dúvida! Eis um apontamento que me lembra a época em que, ainda na infância e no campo, ouvia narrativas, numa situação em grupo¹². Minha mãe era professora (normalista) numa localidade do Estado do Espírito Santo e os meus irmãos mais velhos estudavam em regime de internato, em colégio de padres jesuítas. Em suas férias, organizavam com a comunidade camponesa, próxima à nossa casa, torneios esportivos, gincanas e palestras sobre algum tema (higiene, sistemas de esgoto, cuidados com a água, vacinação, vida comunitária: amizade, fraternidade, solidariedade...), à luz das explicações obtidas em seus estudos e em sua formação jesuítica. A prática com trabalhos em comunidades teve início a partir de minha inserção nos grupos de jovens da Igreja Católica, desde quando cursei o “ginásio”. Nesta época, participei também de trabalhos realizados por um casal de estrangeiros, que desenvolvia atividades no MEPS (Movimento de Educação e Promoção Social).

O desejo de iniciar uma prática profissional o mais cedo possível me fez optar pelo curso de Formação de Professores (curso “Normal”). Concomitantemente, fiz o curso “Clássico”, pois queria aprofundar-me nos estudos de filosofia, de sociologia e de idiomas.

Morava, então, em Cachoeiro de Itapemirim (ES) e dei continuidade à minha prática comunitária através de encontros de jovens, realizados pela Pastoral da Igreja Católica. Trabalhava neste momento com alfabetização de adultos, segundo o Método Paulo Freire.

Através das aulas práticas do curso “Normal” e das disciplinas do curso “Clássico”, fiz minha opção pela psicologia. Precisava vir para o Rio de Janeiro, porque, na época, ainda não havia tal curso no Espírito Santo.

Assim que entrei para a faculdade (PUC/Rio), vinculei-me às atividades de sua pastoral e fui trabalhar na Rocinha, também com alfabetização de adultos, ainda pelo Método Paulo Freire.

Durante todo o curso de graduação, sempre estive engajada em trabalhos comunitários, via pastoral, e em estágios nas diferentes áreas de aplicação da

¹²Esta questão se remete a Benjamin, para quem o verdadeiro narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais (BENJAMIN, W. “O narrador”, *Obras Escolhidas...*, op. cit.).

psicologia: escolar, industrial (seleção de pessoal) e clínica (ambulatório e internação), com o objetivo de ter uma visão das suas múltiplas aplicações.

No contato com as demandas de pessoas marginalizadas, sinto que o convite à ação é imediato. Geralmente, as demandas são de naturezas tão urgentes, tão básicas e, diria, tão simples, que, às vezes, se trata de uma demanda apenas de escuta ou de uma postura acolhedora¹³. Esta constatação, desde os trabalhos na pastoral e nos estágios, me remete a uma outra questão, que me propuseram, em função de não ter escrito sobre tal prática.

Talvez uma possível resposta a esta questão seja o fato de existir uma colagem direta entre a demanda destas pessoas e a ação de ajuda imediata. Parece não haver intervalo para uma reflexão mais distanciada, a ponto de produzir um texto escrito, em função de as demandas serem, em sua maior parte, muito básicas, como mencionado. Além disto, posso também dizer que, na relação “clínica” com esta população, há uma manifestação de gratidão tão explícita, que se faz através de um simples olhar, de um aperto de mão, de uma lágrima que escorre, de um choro contido. A clareza da gratidão parece colocar-nos num momento de sentimentos tão próximos um do outro a ponto de gerar uma sensação de satisfação. Parece que algo foi confirmado, de fato produzido. É um momento entre duas ou mais pessoas, em que se vive a sensação de plenitude de afeto, da experiência da ligação que temos uns com os outros e do prazer que sentimos no reconhecimento do quanto nos fazemos bem mutuamente: o terapeuta, com a sua disposição em ajudar, e o outro, no reconhecimento de que foi ajudado. Posso dizer, segundo minha experiência, que a prática da clínica me tem propiciado o prazer de viver em relação à existência do outro.

¹³Benilton Bezerra, ao relatar uma experiência terapêutica com grupos, desenvolvida por profissionais do Centro Psiquiátrico Pedro II (RJ), afirma: “Havia muitas afirmações peremptórias, descrição de situações concretas, pedidos e perguntas diretas, problemas objetivos, e assim por diante. (...) O fato de esses clientes não carregarem de forma maciça os emblemas e insígnias da cultura psicológica não impediu a escuta analítica”.

“Da mesma forma, a função do terapeuta pôde mais facilmente ser percebida no que tem de essencial: ocupar um lugar que, investido transferencialmente pelo cliente, serve de garantia para a emergência das formações inconscientes que põem em xeque as versões imaginárias de cada um” (BEZERRA, B.J. “Grupos: Cultura psicológica e psicanálise”, *SaúdeLoucura...* op. cit., pp. 142-143.

Jairo Goldberg, numa experiência de psiquiatria institucional (CAPS), também vai privilegiar a escuta do paciente, marcando, deste modo, que todas as pessoas têm direito a chances de vida digna, a despeito de doenças ou outras limitações sociais e econômicas (GOLDEBERG, J. *A clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, Instituto Franco Baságliã, 2ª edição, 1996.

É esta experiência que, em meu modo de entender, partilho com Barembritt¹⁴, quando afirma que “(...) a clínica pode se constituir em uma prática, encaminhada, cada vez mais, para uma atitude política e ética perante a vida, no sentido amplo do termo”. Em suas palavras,

O estatuto da clínica não se reduz ao domínio de uma teoria, de um método ou de uma técnica específica, muito menos aos regulamentos do exercício de uma profissão. A clínica se processa num espaço ‘sui generis’, portanto sem um lugar instituído. Desde que haja ‘Vontades de Ajuda’¹⁵, que localizem e procurem desconstruir o que impede o processo produtivo, pode se dar algo da ordem da clínica¹⁶.

O desejo de escrever e de analisar minha prática comunitária veio-se construindo desde meu ingresso no Curso de Mestrado. Foi nesta ocasião que tive a oportunidade de conhecer os autores da teoria crítica, como também alguns teóricos contemporâneos, que refletem sobre os usos dos avanços tecnológicos, suas conseqüências negativas e positivas sobre os sujeitos.

4.4

A investigação e seu contexto

Os fatos e as passagens até então mencionados acredito terem sido importantes para o aprofundamento das questões das quais me ocupo há mais de duas décadas. Assim, reuni idéias e instrumentos para articulá-las. A opção de trabalhar com a imagem, entre outras tantas possibilidades, se deu em função do contexto característico do nosso cotidiano, que se pode denominar de “o império da imagem”.

Ao considerar o efeito das imagens (mídia contemporânea) na construção da subjetividade atual, elege-se a imagem através do vídeo (videogravação da imagem de si, em grupo), como alternativa metodológica para a compreensão e a análise de como se processam a produção do saber e a construção da subjetividade crítica, com populações de baixa renda, provenientes de bairros da cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma iniciativa de uma Pastoral em realizar um trabalho comunitário.

¹⁴BAREMBLITT, G.F. “A clínica como ela é”. *SaudeLoucura*, nº 5. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997, p. 7.

¹⁵Segundo o autor, esta é uma redefinição de uma idéia tomada de Nietzsche.

¹⁶BAREMBLITT, G.F., op. cit., p. 7.

A justificativa do presente trabalho é tecer considerações sobre o conhecimento produzido a partir de um encontro de sujeitos, utilizando-se como instrumento de observação e registro a imagem, detectada em função do uso do vídeo.

Parte-se do pressuposto de que a introdução da imagem no contexto grupal funciona como um instaurador de discursividade¹⁷, entendido como a moção que opera em termos da produção do pensar, do falar e do agir, enquanto diferença.

A contextualização dos modos humanos de relacionamento contemporâneo me levou a utilizar a imagem como estratégia de intervenção, no sentido de propiciar aos sujeitos da referida Pastoral modos críticos de pensar e agir na experiência cotidiana.

Foi introduzido o uso do vídeo no trabalho comunitário, tanto produzindo imagens no interior dos grupos com os quais se trabalha, como utilizando vídeos didáticos¹⁸, que visam complementar os assuntos abordados. Desde o início de minha inserção na Pastoral, um tipo de inquietação se fez presente. Acreditava estar diante da possibilidade de não poder explicar este tipo de agrupamento simplesmente em função do alimento em si. Quer dizer, outros vetores deveriam ser considerados para explicá-lo. Este algo mais se converteu num aspecto instigante, que, no momento, procuro investigar, através da introdução do uso do vídeo. Portanto, produzir um entendimento sobre o modo pelo qual o saber é construído, considerando os possíveis rearranjos que ocorrem num agrupamento de sujeitos, numa proposta de alcance comunitário, também permite avaliar uma modalidade de prática psicológica em termos de seus paradigmas, seus alcances,

¹⁷“Instaurador de discursividade” é uma expressão proposta por Michel Foucault e utilizada por Marília Amorim que significa dizer que: “É instaurador de discursividade todo aquele cuja obra permite que outros pensem algo diferente dele. Dito de outra maneira: sua obra é condição de possibilidade para que determinados pensamentos se produzam, mas ao invés de serem pensamentos que se repetem o que diz essa obra, ao contrário, trazem diferenças em relação a ela”. AMORIM, M. *O pesquisador e...*, op. cit., p. 15.

¹⁸Algumas vezes, antes da realização desta pesquisa, fazia-se uso de vídeos, que foram nomeados de vídeos instrutivos/educativos, como complementação do conteúdo exposto. São vídeos produzidos pelo Ministério da Saúde sobre temas tais como prevenção da AIDS, métodos contraceptivos, aleitamento materno, parto, entre outros.

Embora os vídeos didáticos estejam presentes no trabalho da Pastoral, não serão abordados na análise sobre o uso do vídeo. Há também fotografias do grupo, realizadas a partir de solicitações de alguns participantes, como uma possível recordação que eles possam levar do grupo, ao término de sua permanência na Pastoral do Recém-nascido; ver alguns exemplos em anexo. Estas fotografias também não serão objeto de análise. Ainda há um vídeo sobre o trabalho da Pastoral, quando a TVE fez uma entrevista para o programa “Um salto para o futuro”, que foi ao ar em 04/04/01. Este vídeo também não consta da análise sobre o uso do vídeo.

seu poder de transformação e sua repercussão no contexto das relações sociais. Ao introduzir a câmera nos encontros semanais grupais, possibilita-se o acesso ao uso desta tecnologia com classes populares¹⁹, que, com exceção dos grupos que se organizam em torno de interesses específicos, como, por exemplo, TV Maxambomba, TV Pinel²⁰, se vêem apartadas do processo de criação da imagem e, muito menos, se pensam como sujeitos atuantes, capazes de produzir, de intervir, de compreender e de criticar este processo.

Os trabalhos mencionados dentre muitos outros, das várias instituições acadêmicas e iniciativas governamentais e não-governamentais, trazem importantes contribuições principalmente neste momento em que fica mais clara uma situação que vem de muitos anos, ou seja, a situação das comunidades pobres das favelas que vivem num regime de exceção, sob o comando e o controle do poder paralelo²¹. É em função principalmente dessa questão, que se percebe como é fundamental para o desenvolvimento democrático das grandes cidades, procurar respostas de fato possíveis para a melhoria de condições de vida material e subjetiva para as populações de baixa renda, vislumbrando atingir a integração da comunidade que vive no regime de exceção com a comunidade que pode usufruir do poder legal. Segundo Leonardo Boff "a inserção do pesquisador no mundo da apartação é solidária porque expressa a vontade de unir-se a eles para reforçar a busca das transformações necessárias".²²

Possibilitar a conscientização de que todos somos responsáveis em algum nível pelas condições de vida que temos, é um dos caminhos possíveis para as

¹⁹“Com a ampliação gigantesca da imprensa, colocando à disposição dos leitores uma quantidade cada vez maior de órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais e regionais, um número crescente de leitores começou a escrever, a princípio esporadicamente (...) Com isso, a diferença essencial entre autor e público está a ponto de desaparecer (...) A competência literária passa a fundar-se na formação politécnica, e não na educação especializada, convertendo-se, assim, em coisa de todos” (BENJAMIN, W. “A obra de arte da era...”, *Obras Escolhidas...*, op. cit., p. 184.

²⁰Luciana Lobo Miranda, integrante do grupo interdisciplinar de produção de subjetividade (GIPS) e Doutora do Departamento de Psicologia da PUC/Rio, desenvolveu um interessante estudo sobre a experiência das TVs comunitárias (TV Pinel e TV Maxambomba). Com a participação direta dos grupos populares no processo de produção, elaboração e distribuição de vídeos, vai-se dando uma apropriação da construção das imagens, podendo, desta forma, propiciar encontros comunitários (depoimentos, questionamentos) via programas de TVs locais (MIRANDA, L.L. PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 2002).

²¹ A esse respeito ver ZAMORA, M.H.R.N. *Textura áspera: confinamento, sociabilidade e violência em favelas cariocas*. Tese de doutorado, Depto. de Psicologia, PUC/RJ, 1999. A autora estuda o afastamento da vida social em espaços públicos dos favelados para lugares privados como a casa em consequência da violência cotidiana influenciada principalmente pelo narcotráfico e pela ação da política.

²² BOFF, L. No comentário de orelha do livro de ROCHA, A. *Cidade Cerzida*, Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000.

soluções, mas torna-se necessária a participação ativa das pessoas nas diversas inserções sociais. Neste sentido, é preciso que as pessoas se organizem para se fazerem representar nos diversos lugares de discussão e posterior decisão de seus interesses.

Foi com o objetivo de produzir condições de inclusão social e de desenvolvimento humano e econômico que Antonio Lancetti²³ realizou na secretaria de Ação Comunitária da Prefeitura de Santos várias iniciativas com a participação da população organizada em conselhos, em conferências e fóruns, questões de interesse da cidade. Um ponto forte dessa intervenção foi marcada pela participação da população de diversas maneiras. Nesta mesma linha de atuação Adair Rocha²⁴ explora as complexas relações entre a favela e o "asfalto". É uma publicação que se realiza após dezesseis anos de convivência "comunitária" do autor com um grupo de pessoas do morro Santa Marta mobilizando esta coletividade para atividades de organização dos moradores para sua melhoria material e subjetiva.

Lucia Magno Lopes Pereira²⁵, parte de uma experiência de trabalho com menores infratores e tenta estabelecer um diálogo entre psicanálise e violência para pensar em contribuições ao contexto de "mal-estar" crescente na cidade do Rio de Janeiro. Cabe destacar também um estudo acerca da construção de subjetividade com meninas e adolescentes no espaço de rua, no qual Vania Maria de Oliveira²⁶, analisa o processo de construção da subjetividade em meninas e adolescentes que deixam a casa para morarem nas ruas de Copacabana. A importância do estudo também se dá pelas análises das relações dos sujeitos em questão com a família, a escola, o trabalho, os grupos de pares e das instituições de atendimentos e comunidades.

²³ LANCETTI, A. (org.) *Assistência Social & cidadania*, op. cit.

²⁴ ROCHA, A. *A cidade cerzida*, Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000.

²⁵ PEREIRA, L.M.L. *A fala da violência: um estudo psicanalítico da violência*, PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 17/04/97.

²⁶ OLIVEIRA, V.M. *A rua é lugar de menina? Um estudo acerca da construção de subjetividade com meninas e adolescentes no espaço de rua*. Dissertação de mestrado. PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 30/04/93.

Ao fazer uso do vídeo (aparelho técnico), pensa-se também em propiciar acesso a óticas não visíveis pelo olho humano²⁷, possibilitando, desta maneira, aos sujeitos da Pastoral, mobilizações subjetivas próprias da experiência do homem contemporâneo. Ao produzir um texto sobre uma prática comunitária num contexto acadêmico, tem-se ainda por objetivo não só abrir o debate sobre a necessidade de se incluir permanentemente, nos currículos de formação do psicólogo, uma cultura do profissional voltada para os trabalhos com as comunidades, como também propiciar uma inter-relação maior entre a Universidade e as comunidades²⁸.

²⁷Benjamin, ao comentar sobre a positividade da reprodução técnica, afirma: “(...) a reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual. Ela pode, por exemplo, pela fotografia, acentuar certos aspectos do original, acessíveis à objetiva – ajustável e capaz de selecionar arbitrariamente o seu ângulo de observação –, mas não acessíveis ao olhar humano. Ela pode, também, graças a procedimentos como ampliação ou câmera lenta, fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural. Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma de fotografia, seja de disco” (BENJAMIN, W. “A Obra de arte na era...”, *Obras escolhidas*, op. cit., p. 160).

²⁸Maria Florentina A. Camerini e Aída M. Carvalho, p. 981, abordam a questão da relação entre teoria e prática e compartilham com BRASIL, C.V., da seguinte passagem: “Como reformular a política da palavra na academia, possibilitando a interação da polivalência social do signo ideológico, numa práxis, colocando-se o sujeito no vir a ser de grupos socialmente organizados e diversos tornando-o autor de um texto prático teórico” (CAMERINI, M.F.A., e CARVALHO, A.M. “A produção da pesquisa na academia e sua aplicação”. In: *Cadernos de metodologia*, Rio de Janeiro, PUC, CTCH, Depto. de Psicologia, v. 1, nº 1, 1994).

5

Metodologia

5.1

Constituição do universo de estudo

Comumente, a formação de coletividades pressupõe a realização em torno de um ideal. Na unidade em que realizei a intervenção por meio da imagem, a formação do grupo ocorreu em razão da distribuição de leite. O contingente de pessoas que se prontificou às atividades não se constituiu para atender aos objetivos deste estudo, ou seja, trata-se de uma grupalidade em funcionamento, da qual continuo participando. Cabe salientar que, em relação à reflexão das questões expressas durante aproximadamente duas décadas, foi necessário estabelecer um novo lugar de pertencimento para esta grupalidade, pois, além da prática de intervenção, passei a ocupar o lugar de investigador.

O grupo em estudo se compõe, em sua maior parte, de mães, na faixa dos 17 aos 35 anos (idade média de 25 anos), sem qualificação profissional, residentes nas favelas da Rocinha e de Vila Canoas, no bairro de São Conrado, Rio de Janeiro. A maior parte do grupo mora em casa própria; estas casas são denominadas de barracos, construídas de forma geminada, no morro, com precariedade de espaço, de grau de acabamento da construção e de serviços de água e esgoto; o nível de escolaridade médio do grupo gira em torno da 3ª série primária; o número médio de filhos é de três por família; a maior parte dos filhos em idade escolar estão matriculados na escola; o relacionamento conjugal destas mulheres com o mesmo parceiro, em média, é de quatro anos; a renda média de cada família é de dois salários mínimos. São, em sua maioria, donas de casa. Uma particularidade do relacionamento conjugal dos participantes do grupo é de união não legalizada, o que pode refletir um tipo de conscientização sobre as questões de responsabilidade das funções parentais, geralmente ficando para as mães o encargo do cuidado dos filhos.

Outra característica dos participantes do grupo, em sua maioria, é a expectativa de que a escolarização dos filhos possa reverter-se, futuramente, numa

melhoria de condições de vida: melhoria de suas habitações, aquisição de bens de consumo que os insiram na realidade difundida pela mídia; aumento das finanças através do trabalho, que possibilite o acesso a serviços de atendimento (saúde, educação e transporte), na qualidade de cunho privado. Por outro lado, para os adultos, há uma demanda imediata de trabalho, sem alusão à qualificação profissional, para uma mudança de vida também imediata. Predomina, neste sentido, a expectativa de respostas mais a curto prazo.

5.2

Dinâmica do Funcionamento

Foi explicitado ao grupo que algumas questões chamavam a atenção neste trabalho da Pastoral e que gostaria de procurar entendê-las, estudando-as com maior dedicação. As questões principais eram: a fila de espera sempre acima de cem pessoas; o desejo, por parte dos integrantes do grupo, de que o trabalho continuasse por mais tempo; vários ex-participantes que voltam a procurar a Pastoral, como ponto de referência diante de questões da vida em geral; pessoas que gostariam de continuar no grupo, mesmo sem receber o leite.

Coloquei que, ao fazer parte de um grupo de pesquisa, que estuda a construção do conhecimento através da imagem, gostaria de estudar o conhecimento que era produzido no grupo da Pastoral também utilizando imagem. Além das imagens que já usávamos através de vídeos, que complementam os temas sobre a psicologia do desenvolvimento, havíamos pensado em introduzir a imagem do próprio grupo, ou seja, as reuniões seriam gravadas e a discussão se daria a partir destas imagens. O estudo a ser realizado focalizaria o movimento do grupo (conversas, comportamentos e atitudes) a partir da introdução da imagem dele mesmo.

Todos os passos da introdução da câmera foram discutidos abertamente com o grupo, assim como eu o convidava sempre a participar da montagem da câmera e do processo de filmagem. Neste momento, evidenciaram-se duas funções: a construção da imagem pela filmagem e a coordenação do grupo, funções em relação às quais constatei não poderem ficar a cargo de uma mesma pessoa. Como não dispunha de um circuito fixo na produção de imagens, contei com a ajuda de

um profissional voluntário¹, que se tornou integrante ativo da Pastoral, pois realizou semanalmente a filmagem do grupo. Até a última filmagem, nenhum membro do grupo se interessou em manusear a máquina durante a videogravação, mas eles se disponibilizavam a transportar a máquina desde a sala até o meu carro, e vice-versa².

As primeiras filmagens foram realizadas no modo de funcionamento de palestras. Primeiras, no plural, porque considero as filmagens iniciais, em função do aprendizado com a máquina, apenas encontros de ensaio. Foram produzidas, por exemplo, imagens muito escuras, imagens sem som, som sem imagem, imagens muito chuviscadas, ou muito claras, ou muito distantes, ou muito grandes. Enfim, o aprender a operar a máquina foi-se fazendo a cada reunião. Na medida em que esta imagem foi introduzida, para os participantes falarem a partir dela, a palestra foi desaparecendo e a reunião era iniciada com a imagem do próprio grupo. Geralmente, iniciava-se a reunião com a imagem da reunião da semana anterior.

Vários comentários, por parte do grupo, sobre a imagem em si, foram inicialmente colocados em função deste aprendizado com a máquina³. Também fizeram associações com as gravações das novelas, em que, às vezes, é necessário um dia inteiro de filmagem e refilmagem de uma cena, até chegarem à imagem mais perfeita. Surgiram, aqui, questões em relação à edição, à construção e à montagem das imagens veiculadas na televisão e no cinema.

Nota-se que, com a introdução da imagem, os participantes do grupo, de modo geral, procuram encontrar-se durante a exibição do vídeo. Neste momento, verifica-se uma maior atenção do grupo, com comentários com o vizinho sobre as imagens.

O grupo parece ficar mais alerta com a imagem, onde se podem observar risos e olhares atentos. Tinham muito interesse e achavam muita graça quando a imagem estava em velocidade, tanto para a frente quanto para trás, na rebobinagem da fita, ou quando se queria encontrar uma fala ou uma imagem específica no vídeo.

¹Jean Marques, engenheiro aposentado.

²A câmera de gravação pertence ao patrimônio da PUC/RJ.

³A referência aos acontecimentos daquele espaço foi estendida para a compreensão do cotidiano, em termos de produção, através dos diversos usos da imagem.

Após a exibição do vídeo, precisava-se, na maior parte das vezes, solicitar comentários. Observou-se, portanto, uma grande inibição para falar ao microfone. Aos poucos, a questão do microfone virou tema de discussão e seu uso se deu mais tranqüilamente. O grupo chegou à conclusão de que ele inibe, mas, por outro lado, dá uma qualidade de som à imagem muito importante para o vídeo.

Verificou-se que houve comentários de um em relação ao outro, que, às vezes, eram carregados de conteúdos agressivos. Ao observar tal atitude, sempre perguntava à pessoa que recebeu o comentário como ouviu o que fulano de tal falou sobre ela(e). Quando surgia uma situação deste tipo, foi observado também que eram comentários feitos entre pessoas que tinham uma certa intimidade.

Notou-se que houve um desejo maior no grupo em expressar os seus problemas de cidadania, tais como: desemprego; falta de escola, falta de creche; a questão da necessidade de a mãe precisar ficar mais com os filhos, quando pequenos, *versus* a necessidade de ir ao trabalho; saneamento básico (lixo, esgoto), transporte escolar, violência, drogas; desobediência dos adolescentes em relação aos locais impróprios.

Após a reunião, sempre havia pessoas que vinham justificar-se, porque não falaram no grupo, mas que tinham adorado a reunião.

Houve algumas manifestações de lideranças no grupo na condução da sua própria dinâmica, na colocação de temas para discussão, assim como no interesse em me apresentar locais na comunidade (nas favelas Vila Canoas e Rocinha) para que este trabalho fosse também feito lá⁴. Houve interesse também em formar outros grupos de discussão, de formação profissional e criação de um bazar⁵.

⁴Tive a oportunidade de conhecer (através da insistência de algumas pessoas do grupo), vários locais nas favelas da Rocinha e de Vila Canoas, que prestam serviço à comunidade e que estão abertos a novos trabalhos: Centro Espírita Maria de Nazaré; AMABE, local onde funciona um curso de inglês, um Laboratório de Análises Clínicas, aulas de artes marciais, dentre outras; espaço D. Uêga, onde há distribuição de enxovais para recém-nascidos, doados por um deputado; Escola Bento Rubião, onde funciona uma oficina de trabalhos manuais para deficientes físicos, sob a coordenação da FUNLAR; Escola Acadêmicos da Rocinha, onde se realizam encontros de pessoas da comunidade para assuntos diversos; Clube Umuarama, local onde se realizam várias atividades, principalmente voltadas para os jovens e crianças: reforço escolar, natação, futebol, artes marciais, dentre outros.

⁵Através da disponibilidade de três estagiárias, Aline Tatar, Aparecida Rodrigues e Sandra Marques, foi realizado, durante o período de um ano, sob minha orientação, uma oficina de bijuterias com um grupo de mulheres da Pastoral. Esta oficina se realizava com encontros semanais, onde as mulheres construam a possibilidade de sua realização, o escoamento da produção e a possibilidade de autogestão. A oficina funcionou na quadra de tênis da Acadêmicos da Rocinha.

Observou-se que, apesar de o vídeo ser um elemento comum a todo início de cada reunião, não criou a condição de uma diretividade, isto é, não necessariamente os comentários, após a exibição do vídeo, diziam respeito aos assuntos nele focalizados.

Após a exposição do vídeo, quando não se observava nenhum comentário, era introduzida a seguinte pergunta: o que vocês têm a dizer hoje?

As intervenções no grupo eram no sentido de fazer com que os participantes dialogassem entre si, através das diferentes opiniões, dadas por eles mesmos. Procurava-se fazer ligações entre uma fala e outra, naquilo que têm em comum ou naquilo que se apresenta como diferença. Ao final de cada encontro, tentava-se fazer uma síntese do que foi colocado ali, ressaltando as falas deles mesmos, naquele dia, ou associando com falas de reuniões anteriores. Às vezes, também se faziam pontes associativas de seus assuntos com a teoria do desenvolvimento psicológico, com as reflexões da teoria crítica em relação à sociedade de consumo ou com algum conhecimento de outras disciplinas que estivessem ligadas ao tema em questão.

Constatou-se a importância de se fazer uma edição da fita gravada a cada reunião, de modo a selecionar os pontos onde as pessoas falaram ou onde houve alguma atitude que merecia ser comentada. A edição de uma fita, com duração no máximo de 10 min (dez minutos), possibilitaria um trabalho mais propício à proposta do tempo de que se dispunha com o grupo. O fato da não edição levaria o grupo a rever praticamente toda a reunião anterior, não sobrando tempo para discussão. E rebobinar a fita, até encontrar um ponto para discussão, dispersava bastante o grupo. Por ocasião de apresentações do trabalho em seminários e congressos, fizeram-se duas edições. A cada reunião, o pesquisador, previamente, selecionava as falas mais audíveis e usava o método de rebobinamento para projetá-las no momento da reunião do grupo. Às vezes, algum participante pedia para ver alguma imagem e, deste modo, ele também participava desta forma de edição das imagens. Após ter projetado algumas imagens por um tempo aproximado de dez minutos, suspendia-se o áudio e iniciavam-se os comentários. Quando ver as imagens sem o áudio desconcentrava o grupo, retiravam-se as imagens, muitas das vezes por indicação do próprio grupo. O recurso da suspensão do áudio, após os dez minutos de projeção, era tomado no sentido de

que todos os participantes pudessem ter acesso à sua imagem e à possibilidade de solicitar o áudio, caso fosse do seu desejo.

Acredita-se que o funcionamento desta coletividade, já caracterizada, reflete a dinâmica do funcionamento social mais amplo e com ela se articula, de modo que as preocupações e as inquietações, surgidas em decorrência do encontro grupal, se revelam teoricamente as mesmas que revestem o cotidiano ou o dia-a-dia com o qual ela se defronta. Sendo assim, gostaria de salientar que os participantes engajados nesta investigação não passaram e não estão incólumes aos acontecimentos que preenchem as páginas dos veículos de comunicação e são temas dos telejornais.

5.3

O Olhar-Vídeo

A imagem audiovisual tomada para analisar a escuta, a interlocução e a reflexão, desencadeadas pelas gravadas em vídeo dos sujeitos (mães, pais, avós e vizinhos), que participam dos encontros semanais da Pastoral, poderiam ser consideradas dentro do denominado paradigma ético-estético, que Guattari⁶ usa no modelo terapêutico familiar. Neste, o coordenador do grupo se engaja, corre riscos, não hesita em considerar seus próprios fantasmas e em criar um clima paradoxal de autenticidade existencial, acrescido, entretanto, de uma liberdade de jogo e de simulacro. Nesta modalidade, a cena grupal implica uma múltipla superposição da enunciação: uma visão de si mesmo, enquanto encarnação concreta; um sujeito da enunciação, que duplica o sujeito do enunciado e a distribuição dos papéis; uma gestão coletiva do jogo; uma interlocução com os comentadores dos acontecimentos, e, enfim, um olhar-vídeo, que restitui, em *feedback*, o conjunto destes níveis superpostos.

O uso do vídeo se constituiu, nesta pesquisa, estratégia metodológica para a produção do conhecimento crítico dos participantes do grupo, assim como um recurso para a análise das narrativas produzidas no ato de escrever o texto. Trata-se de compreender a presença da câmera como um terceiro interlocutor que, necessariamente, favorece ou dificulta o surgimento de uma infinidade de

⁶GUATTARI, F. *Caosmose*, um novo paradigma estético, Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

comportamentos, expectativas e desejos, que são incorporados na forma pela qual o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico.

A videogravação aponta para novas questões, na medida em que as possibilidades de anonimato do sujeito desaparecem. De qualquer maneira, o vídeo retira os sujeitos de um “estado de graça”⁷, isto é, de não consciência. Querendo ou não, o sujeito participante da reunião de grupo com videogravação vai ser visto por ele mesmo e pelos demais participantes. Mesmo que ele não receba nenhum comentário verbal sobre si, de si mesmo ou de um outro do grupo, se terá deparado com seu próprio olhar sobre si mesmo. A imagem de si produz algo da ordem da falta, daquilo que não é, daquilo que pode vir-a-ser, da incompletude, da possibilidade de mudança, de aperfeiçoamento.

O discurso se manifesta referido a uma produção de linguagem compartilhada com pessoas e com um objeto específico, a câmera, que é vista, neste contexto, como mediadora das relações interpessoais. Deste modo, tanto o pesquisado como o pesquisador trabalham juntos sobre o tema que emerge e se desenvolve a partir da presença da câmera no grupo e das conseqüências de sua influência nas direções que o discurso vai tomando no desenrolar da pesquisa.

Qualquer instrumento técnico não substitui o pesquisador, pode-se dizer que o auxilia ou o amplia, em diferentes sentidos, pois, em última instância, neste modo de proceder, há uma “identidade entre sujeito e objeto”⁸, ou seja, entre o pesquisador e o objeto de investigação. Em outras investigações, com o uso do vídeo, verifica-se uma outra direcionalidade no uso deste instrumental⁹, isto é, tais investigadores utilizaram-se de procedimentos de observação em que a apreensão do observado é construída ativamente pelo observador (obviamente, baseado em seu referencial teórico, quando se trata de uma pesquisa científica). É o observador (pesquisador) quem determina as dimensões, os aspectos ou as partes do fenômeno a serem privilegiados na observação e, em última instância, constrói o próprio fenômeno, ao instituí-lo como foco de observação.

⁷Comentário do professor visitante Jochen Dietrich (Universidade de Coimbra) ao assistir às videogravações desta pesquisa, numa reunião do GIPS em 3/08/01 na PUC-Rio.

⁸DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987, p. 16.

⁹CARVALHO, A.M.A. e cols. “Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: Reflexões a partir de relatos de experiência”. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, set./dez. 1996, vol. 12, nº 3, pp. 261-267.

Portanto, o uso do vídeo não resolve os dilemas epistemológicos fundamentais. Constitui-se em um recurso técnico e meio de intervenção, cujo modo de utilização independe dos procedimentos de recorte e análise de dados.

Na utilização do vídeo, nesta pesquisa, como meio de intervenção, tem-se a esclarecer que: a) a metodologia de trabalho tem de ser considerada como um processo em construção, em função das circunstâncias relativas ao encontro do pesquisador com o pesquisado; b) os dados a serem observados se caracterizam não em termos de um mero registro, mas sim apontam para a montagem de uma história de natureza subjetiva, e c) se considera a possibilidade de mudança a partir da introdução da imagem para o sujeito.

Além do mais, uma vantagem no uso da tecnologia de vídeo é dada pela sua característica de preservação do registro no tempo, pois se tem a possibilidade de retornar ao material, de forma a repensá-lo, elaborá-lo e reelaborá-lo. A preservação do registro permite ainda que diferentes leituras se possam dar por pesquisadores de outras orientações teóricas.

Dessen¹⁰ também sinaliza a positividade do uso do vídeo em estudos sobre interações e relações sociais no contexto do desenvolvimento humano, ressaltando que: a cópia em vídeo serve como um ponto de referência estável durante o processo de avaliação e construção das categorias, no entanto, o exame das fitas vai envolver o sistema referencial do observador; a transcrição, através do vídeo, estimula a reflexão, porque possibilita, entre outras coisas, uma reconstrução ativa do material gravado; a utilização do vídeo possibilita verificar, com clareza, pistas abstraídas de posturas, expressões faciais, olhares, entre outros aspectos.

A câmera, como mediadora na construção da consciência do espaço social e subjetivo, pode ser utilizada como modalidade de intervenção nas práticas sociais, por ser desencadeadora de processos de trocas interpessoais, construídos pelo grupo e negociados a cada momento. É utilizada como instrumento que provoca discussão em grupo, tornando a experiência coletiva *de ver e de ser visto* tema fundamental da própria investigação. Deste modo, utiliza-se a videogravação como meio para se alcançar outra visibilidade do lugar do sujeito no mundo, seus desejos e intenções, incluindo a tomada de consciência de si, causada pelo impacto que a própria imagem e a imagem do outro provocam, quando abordadas

¹⁰DESSEN, M.A., Tecnologia de Vídeo: registro de interações sociais e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais. Psicologia: Teoria e Pesquisa vol II n.3, 1995.

através desta mediação técnica. Em outras palavras, a imagem técnica permite que uma pessoa se veja sob diferentes ângulos, possibilitando uma visão diversificada da sua própria imagem e da imagem do outro. A visibilidade simultânea de si e do outro, mediada pela videogravação, favorece a ampliação da consciência alteritária da presença do sujeito no mundo e possibilita a ressignificação da construção subjetiva de cada um dos participantes do grupo.

Ao introduzir a câmera de vídeo nos encontros semanais com o grupo da Pastoral, esperava-se que esta intervenção propiciasse um determinado modo *de ver e de ser visto* entre as pessoas e que este olhar, mediado pelas lentes da câmera, permitisse uma compreensão de si e do outro totalmente singular, despertando a conscientização de si e do outro, trazendo à tona questões novas para aquele grupo específico.

5.4

Método de análise

Esta pesquisa apresenta uma peculiaridade que deve ser destacada: a dimensão processual do encontro entre o pesquisador e o grupo, na produção do conhecimento. Trata-se, portanto, de uma produção de conhecimento que acontece em duas direções complementares. Por um lado, o conhecimento que o grupo vai construindo sobre si mesmo e as particularidades que se revelam a cada sujeito, de modo singular; por outro lado, o conhecimento que o pesquisador vai construindo sobre a própria intervenção, por meio da utilização do vídeo, analisando as conseqüências desencadeadas por este aparato técnico na dinâmica de funcionamento do grupo.

Podem-se demarcar os tempos e os espaços deste processo de interação em grupo, definindo o modo como se organiza a dinâmica deste encontro da seguinte maneira:

- momento/espaço (tempo/lugar social) do pesquisador, com suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o grupo;
- momento/espaço (tempo/lugar social) de cada membro do grupo, com suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o pesquisador, com os outros membros do grupo e consigo mesmo;

- lugar da câmera (tempo/espaço ocupado pela câmera), que interfere na dinâmica de funcionamento do grupo como um objeto que desencadeia sentimentos, atitudes e comportamentos.

Num primeiro momento, a câmera registra o encontro do grupo, suas imagens e narrativas. O tema surge no grupo e vai-se desenvolvendo a partir das intervenções da fala do pesquisador, dos membros do grupo e do movimento da câmera, no espaço em que acontece o encontro.

O grupo analisa as imagens gravadas e discute os sentimentos, as falas e as experiências afetivas e cognitivas que foram sendo produzidas a partir da experiência *de ver e de ser visto* na tela da TV.

Embora tudo isto aconteça a partir de uma experiência global de interatividade entre pessoas e um aparato técnico, a proposta é caracterizar detalhadamente esta experiência e construir categorias para uma análise mais apurada deste acontecimento. Portanto, dois momentos diferentes de análise podem ser definidos:

A) Análise dos temas que surgem da experiência do grupo no momento de intervenção da videogravação (forma e conteúdo do discurso)

Este momento da análise se refere à própria interação grupal e ao modo como se organiza o conteúdo das narrativas, a partir das diferentes posições sociais, marcadas nos gêneros discursivos, que o pesquisador e as pessoas assumem frente à câmera. Esta análise se refere, principalmente, aos temas que surgem e ao modo como estes temas se vão constituindo no discurso, ao longo da reunião. Portanto, o que está em pauta, neste momento da análise, é o conteúdo e os gêneros discursivos possíveis no contexto do encontro.

B) Análise das imagens gravadas

Esta análise se refere às imagens gravadas e ao que elas revelam para as pessoas do grupo, no momento em que se relacionam com as suas imagens na tela da TV. Em outros termos, o que se procura evidenciar é a tomada de consciência

de si e do outro, evidenciada pelos movimentos da câmera, como, por exemplo: tomadas em *close up*, detalhes, distanciamentos, imagens em câmera lenta, imagens em velocidade, entre outros. Enfim, a possibilidade de se ver, sob diferentes ângulos, na tela da TV, permite uma outra consciência sobre o lugar que ocupa o corpo no espaço, mas também o efeito do olhar do outro sobre cada sujeito. A câmera expande a dimensão exotópica do olhar do outro sobre mim, recriando tecnicamente situações impossíveis de serem registradas pelo olhar natural. A intenção é analisar o discurso, que se evidencia através das imagens gravadas, registrando os momentos reveladores da tomada de consciência do sujeito em relação a si mesmo e em relação às trocas intersubjetivas que se desenvolvem num determinado contexto social. Destacam-se, portanto, três momentos no processo de tomada de consciência do sujeito, que são revelados pela experiência de ver e analisar imagens gravadas no grupo:

- **OUTRO PARA MIM** - situações em que o meu discurso emite uma opinião sobre o outro, ou seja, o que eu revelo ao outro do que sei sobre ele a partir do meu ângulo de visão;
- **EU PARA O OUTRO** - situações em que o outro emite uma opinião, um discurso sobre a minha pessoa, revelando a mim o que sabe sobre a minha pessoa a partir do seu ângulo de visão;
- **EU PARA MIM MESMO** – transformações que se operam em mim a partir da experiência de refletir sobre o meu discurso e o discurso alheio. Este é o momento em que a tomada de consciência do sujeito sobre si mesmo e sobre o outro acontece mediada pelas imagens gravadas e põe em evidência uma dinâmica interativa que organiza a produção de conhecimento, levando em consideração a prática dialógica e a dimensão alteritária entre o eu e o outro.

Cabe destacar que, em todos os momentos da pesquisa-intervenção, o pesquisador é um sujeito que participa, junto com o grupo, da construção de sentidos sobre esta experiência comum. Isto significa que há uma negociação permanente de produção de linguagem entre o grupo e o pesquisador, mediada pela câmera. Portanto, o pesquisador assume duas posições necessariamente, uma vez que ele é o autor do processo de intervenção, mas, ao mesmo tempo, é também um sujeito que experimenta, com o grupo, um acontecimento novo,

propiciando possibilidades de produção de conhecimento inusitadas, tanto para o grupo como para ele (pesquisador). Esta duplicidade de posições do pesquisador, é, portanto, produtiva, pois estimula a experiência simultânea do saber e do não-saber, criando espaço para que o discurso do outro se integre ao dele, revelando as possibilidades criativas e críticas do conhecimento construído na interação com o outro. A proposta do pesquisador é, portanto, construir um conhecimento dialógico e alteritário, ou seja, um conhecimento permanentemente compartilhado.

5.5

Mapeamento de análise

A partir da inserção do pesquisador no grupo de trabalho, obteve-se um rico material, tanto em termos da produção de imagens quanto da possibilidade de produção de discurso, a partir da retomada e da apresentação das imagens. Sendo assim, os apontamentos traçados nortear-se-ão nestas duas vertentes (imagem e discurso sobre a imagem), destacando-se o que foi possível apreender, em termos de escuta, seguindo a diretriz da análise discursiva do modelo proposto no item anterior.

O método de análise consiste na tomada do discurso dos participantes, a partir do momento em que são confrontados com suas imagens: cada participante é convocado a refletir sobre si mesmo, mediante o encontro com sua imagem. Posteriormente, esta produção discursiva tomará corpo, no sentido de circunscrever a realidade social do grupo, recortada para o estudo em pauta.

Aquilo que resulta da escuta e do efeito produzido pela imagem verte-se num procedimento para construir uma temática, na qual cada participante tem a oportunidade de analisar a sua inserção naquele contexto.

Todo o material foi analisado a partir da reflexão do próprio grupo e pelos indicadores teóricos, considerando fundamentalmente o momento do acontecer, no qual o sujeito é capturado por uma imagem.

Para análise do material, observou-se a tensão dialógica surgida no grupo a partir de um determinado tema, numa cena específica escolhida. A análise da cena foi feita em dois níveis. Considerou-se a totalidade do acontecimento, destacando as temáticas observadas e como um determinado tema escolhido se desenrolou

naquela cena. É uma análise intracena. Posteriormente, foram recortadas cenas consideradas importantes em diferentes reuniões, colocando-as em diálogo para observar em que pontos se cruzam. Este nível de análise é entre cenas.

A partir do momento em que se começou a realizar os encontros do grupo com suas próprias imagens, obteve-se um total de vinte reuniões videogravadas. Tais videografações, para efeito de análise, receberam uma codificação numérica.

A seqüenciação obedeceu ao critério cronológico de ocorrência, o que se constituiu em elemento facilitador para que se pudessem compreender as transformações ocorridas ao longo do processo.

Considerar uma grupalidade em sua dinâmica como objeto de estudo numa abordagem qualitativa permite perceber o meio pelo qual uma unidade social (o grupo em estudo) pode ser abordada, enquanto representativa da totalidade circunscrita para tal fim. O método qualitativo tem sua vantagem para este estudo, por ser “(...) um meio de organizar os dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”¹¹.

O recorte da grupalidade para análise foi construído ao longo de aproximadamente seis meses, cujo registro se fez por vinte videografações, resultantes de acontecimentos em que os participantes, em função da intervenção da imagem técnica, compartilharam de trocas, para, enfim, se alcançarem mudanças relativas à construção de saber, ou seja, a análise aqui feita parte da consideração de que as manifestações verbais dos participantes do grupo são resultado da interlocução que se deu entre eles, no confronto com suas próprias imagens videogravadas, influenciadas pelo contexto de sua produção, além de outros fatores que precederam os encontros, mas que, de algum modo, se fazem presentes e se atualizam na tensão do próprio acontecer grupal. Cada recorte tomado para análise é entendido como expressão, ao mesmo tempo, de um discurso singular e coletivo¹².

A videografação, excelente método de registro de dados, recebeu, nesta pesquisa, um tratamento especial, *em termos de ter sido também um operador em campo e não só uma técnica de organização para análise do material*.

¹¹ GOOD, W.J. e HATT, P.K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1979, p. 422.

¹² Este modelo de análise se aproxima da análise realizada no videotexto “Era uma vez... a escola”, realizado por Solange Jobim e Souza, Maria Florentina A. Camerini e Maria Cecília Morais, PUC/RJ, Depto. de Psicologia, Depto. de Artes, 1997.

A abordagem das situações de estudo em campo não pretende analisar o lugar que cada participante ocupou no grupo. Analisam-se os discursos verbais que ficaram mais evidenciados; a presença do pesquisador que produziu a interlocução, propiciando uma reflexão e, ainda, a presença da câmera, com suas extensões, tal como o microfone.

Além de ser um trabalho de importância, no que se refere ao exercício de construir saber crítico e, portanto, ser um trabalho de intervenção, esta análise se encaminha como uma elaboração para o pesquisador, na medida em que o conjunto de dados (as videograções) lhe possibilita um retrabalho junto às pessoas envolvidas no grupo, assim como poderá ser um ponto de partida para outras pessoas, em diferentes situações de trabalho em grupo, e, ainda, como reelaboração para os participantes do projeto, quando tiverem a possibilidade de encontro com esta análise, numa futura reunião na Pastoral¹³.

Nesta análise, portanto, tenta-se descrever e compreender os processos de transformação dos sujeitos através de seus discursos, mediados pela imagem técnica (o vídeo). Procura-se buscar entender o movimento que se produz a partir da presença da câmera, das imagens gravadas e das intervenções do coordenador/pesquisador, como presenças que compartilham da produção de uma reunião de trabalho. Nesta concepção de análise, a presença destes elementos produz algo novo no campo enunciativo. Pretende-se conhecer como o grupo lida com a presença de algo estranho (como, por exemplo, a câmera) e como isto se manifesta em seus discursos e comportamentos, assim como a relação de alteridade que se deu no trabalho de campo. A cena e o gesto têm, aqui, a importância de serem recortados, uma vez que a enunciação transcende o conteúdo estrito do enunciado, ou seja, toma-se a cena para se analisar aquilo que dirige uma construção de um discurso. Tão importante quanto o conteúdo a ser dito são os indicadores do modo de produção do discurso.

A seguir, encontra-se a transcrição de duas videograções, escolhidas como protótipos para a análise deste estudo. Pode-se, assim, observar como um determinado tema surgiu e se desenrolou nestas reuniões específicas.

¹³Esta possibilidade é bem real, na medida em que continuo como voluntária na Pastoral do Recém-nascido, e estou com a lista de endereço de todos os participantes.

a) Reunião 9

Esta reunião aconteceu uma semana após a comemoração oficial do dia dos pais (segundo domingo do mês de agosto). Havia sido combinado na reunião anterior que, nesta, se comemoraria o dia dos pais durante a reunião e se tomaria um café com biscoitos, bolo e refrigerantes¹⁴.

A gravação da reunião se inicia com o café. O coordenador/pesquisador sugere que alguém se apresente como voluntário para servir o café e os biscoitos, ao mesmo tempo em que fala, procurando refletir um pouco sobre a questão do pai. Parte da idéia de que a figura do pai, independentemente da pessoa física, é também passada à criança através da mãe; como o pai foi incluído no discurso e nas atitudes da mãe? Desde a escolha do nome para o bebê, o pai é ou não consultado? Como é a organização dos papéis do homem e da mulher dentro e fora de casa?

A filmadora já estava registrando a reunião.

Coordenador – Então, quando vocês chegarem em casa, podem passar para eles o que conversamos aqui. De qualquer modo, temos uma fita, que vai ficar gravada [o coordenador tentando passar a idéia de que o grupo estava incluindo os pais, mesmo eles não estando todos ali presentes]. O que você achou da idéia do café?

Magali – Café eu não tomo, mas o biscoitinho eu posso comer.

Coordenador – O que você achou da idéia da gente comemorar o dia de hoje em relação aos pais?

Magali – Vou dizer uma coisa para a senhora. Eu acho muito bom. Eu tive um pai que eu não tive sorte com ele não, até hoje. Até hoje ele não dá valor a mim, nem a meus irmãos. Hoje em dia, era pra gente estar seguindo um outro rumo do que ele ensinou. Mas graças a Deus demos pra ser pessoas boas, trabalhadoras, a gente sempre corre atrás, nunca esperamos por ele. E agradeço a Deus que meu avô foi uma pessoa muito boa pra mim. Mas Deus o levou logo.

Coordenador – Mas teve um avô, não é?

¹⁴As datas festivas, como dia das mães, dia dos pais, dia das crianças e Natal são comemoradas pelo grupo. Várias pessoas se prontificam a trazer alguma coisa (bolos, biscoitos, salgados e refrigerantes) e se confraternizam sempre com um café da manhã, pois o horário de funcionamento do grupo é das sete às oito e trinta horas. Com a participação da estagiária Sandra Marques, houve um incentivo maior para que estas comemorações se realizassem. Anteriormente, só comemorávamos o Natal. Nos últimos três anos, o Natal vem sendo patrocinado pela senhora Lea Klabin, com brindes e espetáculos infantis (mágicos e palhaços) para as crianças. Os comestíveis continuam sendo organizados e fornecidos pelo próprio grupo da Pastoral.

Magali – Mas tive um avô que era meu pai duas vezes e que me tratou muito bem. Dele eu não tenho o que falar, graças a Deus.

Coordenador – Na ausência de um pai real, ou quando a mãe é viúva, quem passa a idéia do pai é a mãe. Então o pai está internalizado dentro da gente.

[Zum, zum, algumas pessoas falando entre si... Alguém pergunta sobre uma garrafa de café].

Coordenador – Esse cafezinho está sem açúcar. Esse café é para Marcia. Marcia você não está em dieta? [Coordenador se referindo a uma fala de Marcia, quando esta disse que precisava entrar numa dieta]. Ai a Sandra se lembrou e... Sandra, vou logo falar disso [Sandra é a estagiária que ajudava em algumas tarefas no grupo, como, por exemplo, passar o vídeo].

Sandra – É, faz parte.

Coordenador – O Pe. Djalma orientou a gente para que déssemos uma mensagem para vocês darem para os pais lerem em casa. Ou peguem um filho que já saiba ler bem e peça ao filho para ler para o pai. Eu escolhi essa daqui, que tem muito a ver com o nosso trabalho [era uma mensagem do folheto da missa do domingo do dia dos pais]¹⁵.

A estagiária distribuiu a mensagem para o grupo. O coordenador pede que alguém se apresente para ler. Como ninguém se prontificou, o coordenador vai lendo e explicando algumas passagens.

Marcia – Ela disse que o marido dela não sabe ler. Mas a senhora já falou aí que ela pode ler para ele, ou um filho. Pronto, já resolveu o problema dela.

Coordenador – É, a idéia é passar que a gente pensou neles.

[Silêncio, silêncio. Conversas paralelas.]

Coordenador – E aí gente? [Alguns comentários paralelos. O cafezinho ainda estava sendo servido].

Cristina – O que você fez pro seu marido no dia dos pais? Um risoto, strogonof, uma lasanha? O que que tu fez? [dirigindo-se a uma participante. Risos, silêncios].

Magali – Me fala uma coisa. Já que ninguém quer falar, vou falar. Posso ou não posso? Me diz, quem foi que, no dia dos pais, andou brigando? Ninguém, né? Alguém andou brigando aqui? Fez a paz dentro de casa? Fez ou não fez? Fica todo mundo calado?

Lucia – Fiz um churrasco. [Fala outras coisas inaudíveis.]

Coordenador – Mas no dia dos pais vocês fizeram alguma comemoração diferente, como ela está sugerindo, ou passou direto? Que nem passou quinta-feira passada, que nós nem nos lembramos? Dia das mães é mais comemorado, todo mundo lembra.

¹⁵ Ver em anexo a mensagem distribuída em comemoração ao dia dos pais.

Marina – Dia das mães a gente não esquece, os pais são mais esquecidos.

Coordenador – Vocês acham isso?

Marina – Quando a gente foi lembrar deles já tinha passado. [Risos]

Coordenador – Realmente, a gente só está lembrando hoje¹⁶.

Marta – [Fala meio inaudível, mas fala bastante sobre o marido que a ajudou com os filhos].

Coordenador – Alguém mais quer comentar como foi o dia dos pais? [O coordenador queria introduzir a videogravação da reunião anterior, porque o cafezinho havia terminado.]

Marina – Os pais todos pobres. Às vezes eles querem sair com os filhos, têm vontade, mas nem condições têm. Num lugar que não tem também. Só vivem enfiados dentro dessas favelas aí. [Alguns comentários inaudíveis de várias pessoas, em paralelo.]

Vanusa – Ela queria ir ao shopping.

Marina – Não, eu queria ir a um sítio, me enfiar dentro do mato.

Cristina – Ela queria ir ao Downtown.

Marina – [Inaudível...] mas não tem graça. Tem uma pracinha lá que se desce [descer o morro da favela] todo mundo, não ia caber. Não tem nada pra se ver.

Joana – Tem ali em baixo na praia, em São Conrado.

Coordenador – Ali nas asas-delta?

Joana – É.

[Zum, zum...]

Lucia – Ali [na praça da asa-delta] só se fosse no verão.

Coordenador – Estão te dando idéias [referindo-se à Marina].

Passa-se o vídeo da reunião anterior, em que dialogaram sobre como estabelecer limites aos filhos, sobre a questão dos castigos, da influência das companhias, da determinação genética, do se surpreender com algum comportamento inesperado dos filhos, do respeito que os pais têm entre si, sobre o

¹⁶Geralmente se faz a comemoração da data festiva na reunião anterior à data. Desta vez, só se pode comemorar depois da data, porque, quando se lembrou, não havia tempo hábil antes do dia dos pais.

que cada um fala aos filhos e as instituições de menores. É um vídeo que despertou muitos risos, porque havia alguns depoimentos sugestivos ao riso.

Suspende-se, após alguns minutos, o som do vídeo.

Ninguém fala nada, alguns comentários em paralelo. Risos. Algumas conversas paralelas. Silêncios.

Coordenador – Vocês sugeriram que deixássemos a reunião mais solta, o que vocês estão achando disso?

[Ninguém fala nada, zum, zum... comentários paralelos. Risos].

Marina – [Fala algo inaudível que faz todos rirem.]

Cristina – [Também fala algo inaudível.]

Coordenador – Eu queria assim, que vocês falassem um pouco sobre o seguinte: vocês sugeriram que a gente deixasse a reunião mais solta, que falassem de temas soltos, não é? Como é que vocês acham que isso está funcionando? Antes eu dirigia mais, agora a coisa está mais solta.

Cristina – O que mudou? [olhando para Marcia]

Marcia – O que mudou?

Cristina – É, o que....

Marcia – Já vou falar, Glória Maria [referindo-se à Cristina; Glória Maria é a apresentadora do programa Fantástico da TV Globo. Risos.]

Marina – Ficaram mais amigas, sabia? Depois que soltaram mais a língua, souberam mais da vida uma das outras [referindo-se a Marcia e Cristina, Risos].

Cristina – [Inaudível; fala algo sobre vergonha.]

Coordenador – Você queria falar, não é, Marcia?

Marcia – Não. [Risos]

Cristina – Então está só rindo por quê?

Coordenador – A maioria fica silenciosa, calada. Quem falou, falou que está bom assim. [Referindo-se a comentários de reuniões anteriores.]

Cristina – Por mais que se mude, que saia um pouquinho das crianças, ainda tem muita gente que não fala nada. Ficam exibidas. Só o nosso grupo que fica falando, agitando. Só algumas senhoras participam. Eu até entendo as senhoras, porque a gente aprende muito com as senhoras, como a minha mãe.

Creuza – Eu falo alguma vez na vida? [A mãe de Cristina]

[A fita do vídeo continuava sendo passada sem o áudio.]

Coordenador – O que vocês acham da idéia de a gente passar as imagens de vocês e ir parando sobre uma fala? Ou numa imagem? De a gente trabalhar com a imagem? Alguém tinha sugerido isso. [Inaudível, zum, zum, zum.]

Marcia – Eu prefiro o trabalho com imagem. Porque quando a gente se vê, a gente vê o que precisa trocar na gente. [Zum, zum, zum, risos.]

Maria – Com a imagem a gente vê se falou alguma besteira, se falou alguma coisa certa. E, também, porque é muito mais animado, mais interessante.

Claudinha – Acho mais legal, porque a gente vê os vacilinhos das pessoas. As pessoas fazendo coisas erradas. Eu, por exemplo, só estou balançando aquela perna ali, eu estou vendo a mania que eu fico. [Risos...]

Antonia – É conforme a moça falou ali, a gente se corrige. E mesmo sobre a fisionomia da pessoa, ajuda, o que é bom. É bom a gente ir se corrigindo.

Isabel – A gente pode também guardar uma lembrança da gente, passando todo mundo ali. Quando acabar o grupo? Tem as fitas todas pra todo mundo ver.

Coordenador – Mas o trabalho em si, além de guardar lembrança? Você viu o Marcio [o marido] ali, tanto que você proibiu do Marcio vir ao grupo. [Risos]

Isabel – Com imagem a gente se corrige mais. Às vezes a gente está sentado todo esquisito. Se vê na fita e diz: Ah! não! na próxima venho mais bonitinha.

Coordenador – E você? É bom com imagem?

Julia – É, porque a gente comenta, fica comentando o que vê na fita. Aí é ótimo.

Coordenador – Dá mais comentário? Gostaria que as pessoas dessem mais depoimentos, porque, como vocês sabem, eu tenho que pegar a máquina para trazer até aqui e voltar com a máquina. Sé é um trabalho que vai ajudar mais a vocês eu tento continuar trazendo a máquina. [Referindo-se à possibilidade de continuar o trabalho com imagem, após a pesquisa.]

Marcia – E também divulga o trabalho da senhora. Porque o que adianta a senhora fazer um trabalho e sair mostrando a fita por aí para ver quem quer ajudar? Como é que eles vão ajudar se não verem realmente a fita?

Coordenador – Ajuda também na divulgação do trabalho? Para nós, que trabalhamos com vocês, o vídeo tem que ser uma coisa que funcione, que ajude a vocês a se sentirem melhor; falarem mais, conversarem mais. É mais nesse... Por isso é que a gente pergunta a vocês.

Marcia – No grupo da Nayara [psicóloga que coordena outro grupo] tem uma colega que quer ficar aqui, porque aqui tem vídeo. Aí ela estava falando que queria ficar aqui porque tem vídeo. Aí ela estava falando, que lá ela [Nayara] só fala na palestra dela. Não queria subir de jeito nenhum.

Coordenador – E você?

Paula – Eu prefiro com a imagem, porque as pessoas... Tem gente aqui que fica impaciente. Não sabe se coça a cabeça [risos]. Fica preocupada com o que vai aparecer

na imagem. Então as pessoas vê umas as outras, assim, já ficam encarnando umas as outras. Ah! você precisa melhorar isso, você precisa melhorar aquilo!

Coordenador – Uma ajuda a outra?

Paula – É, uma ajuda a outra a se corrigir.

Coordenador – Quem mais poderia dar um depoimento?

Ana Rita – Pra mim tá bom com a imagem. Fica mais animado assim. A gente não fica só conversando, nem só na palestra. Tem uma coisa pra gente ver diferente. É melhor com a imagem, com o vídeo.

Coordenador – Temos que caminhar nisso. Vamos então trabalhar com a imagem. Com a imagem temos que ter mais tempo. Vocês topam a gente começar¹⁷ às 7:15h? A reunião termina por aqui.

Comentários: labirintos de discursividade

Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação de seu próprio ponto de vista. O ato de compreensão supõe um combate onde o que está em jogo reside numa modificação e num enriquecimento recíprocos.

Mikhail Bakhtin

O teor dos temas evidenciados neste encontro convergiu para trabalhar a questão concernente à comemoração do dia dos pais, ocasião que fez cada participante reportar-se às vivências relativas ao exercício de tal função, bem como à condição de ser filho.

A discussão, à medida em que o tratamento do tema exigiu um certo aprofundamento, caminhando para ele, deu lugar à emergência de uma nova temática. Elegeu-se, então, trabalhar com a imagem técnica, no sentido de refletir sobre seus efeitos.

O tema *Relações parentais e educação* faz parte de um critério de ordem externa. Houve uma solicitação da Paróquia para apresentar uma mensagem que fizesse refletir sobre os pais, o que o coordenador/pesquisador tomou como estratégia para a abertura da reunião.

Ao ser introduzido, tal tema mobilizou os participantes, no sentido de expressarem as mais diversas manifestações, desde a concordância até posturas como o silêncio. Se, por um lado, o tema veio ao encontro daqueles que

¹⁷O termo *começar* é tomado, aqui, no sentido de todos estarem assistindo ao vídeo às 7:15h, pois, normalmente, a reunião com a psicóloga tem início às sete e trinta horas. Das sete às sete e trinta ocorre a distribuição do leite, realizada por uma voluntária.

esperavam uma oportunidade para tornar público aspectos de sua história, a partir de injunções referentes aos pais, por outro, provocou “dificuldades”, em função de vivências particulares com as figuras parentais, em relação às quais, naquele momento, o participante não se sentia, num primeiro momento, à vontade para dividir com os demais tais nuances de seu percurso existencial. Acredita-se que a manifestação de momentos caracterizados por expressões irônicas e conversas paralelas incompreensíveis teve lugar para dar cobertura momentânea a tais dificuldades.

O impacto decorrente da solicitação de produzir saber sobre a questão parental pôde ser observado em táticas manifestadas no decorrer do encontro, como aproximação, representada pela abertura de uma via de acesso às lembranças do pai na infância, do pai atual, do pai de um filho e de um pai na sua função mais ampla. Houve evitação, no momento em que alguns participantes decidiram empreender, em duplas ou trios, diálogos inaudíveis, em que, mesmo sendo sobre a questão do pai, se observa a tentativa de privar os demais das construções imaginárias até então alcançadas. Numa direção oposta, já que esta postura mencionada se configura como um diálogo “fechado”, tinham lugar atitudes enunciadas ao coletivo, como os risos, os silêncios e as expressões denotadoras de inquietação corporal. Além disto, cabe registrar o momento em que houve, no que se refere à conscientização da importância das figuras parentais, a convocação, por parte de alguns participantes, para a produção de saber, quando, entre eles, se fizeram perguntas, questionamentos e aberturas para o diálogo.

Apesar das diversidades mencionadas, mediante a superação dos obstáculos em elaborar o tema, um aprofundamento considerável foi registrado, quando alguns participantes se dispuseram a trazer aspectos de suas vivências pessoais, tanto em tom reivindicativo, quanto em termos de gratidão, seja diretamente ao pai ou àquele que, por alguma razão, se apresentou no exercício de tal função.

Em suma, a elaboração do coletivo, em termos de produção de saber, converge para o momento no qual se destaca a importância do pai em seus vários desdobramentos: cuidados na condução de um filho, orientação para a vida, o homem de uma mulher, o colaborador nas tarefas do lar e aquele que demonstra um certo estado de satisfação de ser pai.

A experiência de quem viveu na ausência do pai, ou de quem educa seus filhos na mesma condição, é retratada em termos de amargura, sentimento expresso por uma necessidade permanente de carência afetiva, mantida em lembranças indicativas de saudades, nostalgia e esperança.

Outra temática que mereceu atenção do grupo, neste encontro, foi *Imagem e produção de saber*, resultado também de uma intervenção por parte do coordenador/pesquisador, visando provocar produção verbal nos participantes, a partir do vídeo. O ritmo do funcionamento grupal revelou momentos de tensão positivos, no sentido de alcançar uma produção, mas negativos, quando assumem intensidades mais elevadas. No sentido de minimizar o estado de tensão para um nível suportável e propício à produção, optou-se pela introdução da imagem, especialmente frente à tensão expressa no riso defensivo e na atitude negativista da formação de pares ou trios em cumplicidade nos diálogos “fechados”.

Cabe registrar que outra modalidade de riso, de cunho produtivo, teve lugar, quando se deu a exposição da imagem, seja pelos comentários, seja mediante posturas irônicas no apontamento de possíveis “falhas” a serem corrigidas. Sendo assim, o riso defensivo, diante da impossibilidade de produzir, difere do riso que mobiliza o participante a direcionar-se a um movimento coletivo para produzir saber. Em princípio, houve, por parte do grupo, uma recepção calorosa da estratégia apresentada, expressa pela perplexidade frente ao desconhecido, até a curiosidade em saber mais.

A mobilização através da imagem é de importância considerável, pois o ato de ver, por si próprio, produz um movimento de diálogo, mas também se revela ser um entretenimento provocador de riso ou de acompanhamento interessado das ocorrências que se desenrolam na tela. Todos estes movimentos são seguidos de produção verbal, espontaneamente ou por solicitação, como o resultado do processo de reflexão sobre a dinâmica observada e o efeito produtivo que a imagem provoca em cada um. Sendo assim, não houve esquiva na prontidão para abordar o tema, considerado de grande importância para acabamentos provisórios, interessante pelo fato de ser uma provisão narcísica, e divertido, quando se caracterizou uma ocupação agradável e animada.

A atitude convocatória, decorrente da introdução da imagem técnica, mostrou-se numa frequência considerável, pois a imagem é vivida no encontro, como algo que confere presença ao sujeito naquele acontecer grupal. Além disto,

transparecem o desejo e a esperança de permanência e, mais que isto, de que suas mensagens sejam destinadas a outros espaços, ou seja, que suas falas encontrem ressonâncias em outros interlocutores, no sentido da familiarização e da atenção na solução dos problemas apresentados.

No que tange à construção de saber, também o grupo acredita ser a imagem um instrumento valioso, no sentido de propiciar um conhecimento de si, além da possibilidade de revelar aos demais as necessidades vividas. Sendo assim, houve, da parte do grupo, a esperança de que a imagem registrada pudesse circular em outros âmbitos, seja como prova cabal de existência, seja como apelo.

b) Reunião 10

Antes do início da projeção da videogravação da semana anterior, o coordenador fala que esteve visitando a Rocinha, a convite de alguns participantes do grupo. Comenta que conheceu o Centro Espírita Maria de Nazaré e que a coordenadora deste havia pedido que divulgasse o trabalho que a psicóloga Maria Teresa Maldonado vem procurando desenvolver lá, especialmente com dependentes de álcool e drogas. Falou ainda de outros lugares que conheceu na Rocinha e comunicou ao grupo a presença dos professores Solange Jobim e Souza e Berndt Fichtner na próxima reunião.

Inicia-se a projeção da fita da semana anterior, que se faz por um período de tempo de aproximadamente dez minutos. É a reunião número nove, descrita e comentada aqui, anteriormente.

Após a projeção das falas da reunião 9:

Coordenador – Querem começar algum comentário? Vamos comentar? Vou tirar o som e aí a gente começa.

Marcia – Florentina, não tira o som não, aumenta um pouquinho, porque vou dar uma entrevista aí.

Coordenador – Era sua vez agora? É agora, Marcia? Acho que agora é aquela hora em que lemos aquele papel [a mensagem do dia dos pais]. Vão lá pegar algumas cadeiras para vocês se sentarem aqui [o coordenador, referindo-se a algumas pessoas que estão em pé. As cadeiras ficavam no andar de cima]. O que vocês têm a dizer desta gravação aí? [Silêncio] O que vocês estão achando desta gravação aí? Quando você [dirigindo-se a Marcia] falou assim: Florentina, não tira o som não, vou dar uma entrevista aí. [Risos] O que você está lembrando da vez passada que você falou?

Marcia – Daquela hora que a Senhora falou que quem não soubesse ler, podia [pedir] à esposa ou ao filho para lê. Se o marido não... Então eu estava falando pra ela, aqui, que você [Florentina] deu uma boa idéia. Porque se o marido dela não sabe lê, ela lê para ele.

Coordenador – Você queria ver esse pedaço?

Marcia – É, pra lembrar [o som da fita é aumentado].

Coordenador – E aí, como é que foi? Você leu pra ele? [referindo-se à Claudinha, que foi interpelada pela Marcia].

Claudinha – Eu não.

Coordenador – E o que você fez com aquele papel [a mensagem]?

Claudinha – Tá lá guardado.

Coordenador – Alguém fez alguma coisa com aquele papel?

Marcia – O pai dele [referindo-se ao filho, que estava em sua companhia], leu. Estava em cima da geladeira.

Silvia – Ele [o marido] olhou e colocou dentro da carteira de trabalho.

Coordenador – O que significa colocar dentro da carteira de trabalho?

Silvia – É uma mensagem que ele vai levando pra cima e pra baixo.

Coordenador – Quem mais fez uso daquela mensagem? Alguém se lembra o que fez?

Magali – O meu leu e falou que gostou. Ele disse que alguém lembrou dele – pelo menos alguém lembrou de mim. Meus filhos não podem me dar nada agora porque estão pequenos, mas alguém lembrou de mim – pegou, leu e gostou. Aí pegou e botou dentro da carteira de trabalho dele.

Coordenador – E aí, vocês querem que eu aumente o som de novo? Vamos comentar alguma coisa? E vocês não querem pegar as cadeiras? [referindo-se a algumas pessoas que continuavam de pé]. O que vocês acham? O que a gente faz? Aumenta o som de novo? Semana que vem vamos ver esta fita de hoje.

Marcia – Se solta, libera, está cheia de medo? [referindo-se à colega do lado].

Cristina – Libera?

Ana – Liberar o quê?

Coordenador – Você quer falar alguma coisa? Você sente vergonha para falar? [... risos, insistência...]

Ana – Não, é que eu ainda não tenho nada pra falar. Pára, Lucinha! [Lucinha, apelido da Marcia, que a provocou].

Coordenador – Que foi, Marcia, que você provoca ela tanto pra falar?

Ana – *É que não quero falar mesmo.*

Cristina – *Gente, escuta bem, vai ter um homem que vem aí, a gente tem que falar, gente.*

Ana – *Por que você não fala, amor?*

Cristina – *Não dá pra eu falar a palestra toda, também não dá, e a garganta? Não dá.*

Ana – *Você não falou nada, ainda, hoje?*

Cristina – *E o seu marido, o que ele achou da mensagem do dia dos pais? [Risos..].*

Ana – *A mensagem, está guardada na minha bolsa. [Risos...]*

Cristina – *Mas o que você falou quando chegou em casa?*

Coordenador – *E aqui, o que está rolando aqui [dirigindo-se a outras pessoas que estavam em conversa paralela] hem? Acho que seria bom a gente fazer uma roda, porque está meio esquisito. A gente se sente meio inibido de falar, não sente?*

Andréa – *A cada quinta-feira, cada um, a gente podia trazer uma sugestão pra gente discutir, às quintas-feiras você não acha legal?*

Vanusa – *Tipo o que você comeu ontem?*

Andréa – *Ah! quer que eu fale? Filé mignon [Risos].*

Coordenador – *Qual a idéia que você quer discutir hoje?*

Andréa – *Ah! Hoje eu não tenho. Cada pessoa podia trazer a cada semana e a gente discutia aqui, todo mundo. Um problema de casa. Aí toda quinta-feira a gente fala quase as mesmas coisas? Você não acha legal?*

Coordenador – *Mas esta foi a sugestão dada pela Vanusa, pela Cristina...*

Andréa – *Não, estou falando assim: a gente trazia uma sugestão e, claro, filmar. Mas não é uma bobeira não, é uma coisa séria, de casa.*

Coordenador – *O que é uma bobeira?*

Vanusa – *Tipo o que você comeu ontem. Arroz, feijão e ovo. [Risos].*

Andréa – *É uma coisa assim [risos]. Bobeira não, coisa séria.*

Coordenador – *Mas o que é bobeira, e o que é coisa séria? [Repete em voz alta para todos ouvirem o que ela, a Andréa, está propondo, e diz que pediu para ela dizer o que é uma bobeira e o que é uma coisa séria].*

Andréa – *Mas Florentina, eu não estou dizendo que o que a gente fala aqui é uma bobeira não. Não estou falando isso, não, claro que não. O que a gente conversa é sobre a gente mesmo e é sério. Mas, tipo assim, cada pessoa trazer um problema e a gente dar uma sugestão, cada um dá uma opinião tipo o caso daquela moça ali. Ela trouxe pra cá e a gente demos a opinião da gente. Tipo assim. Porque tem gente que tem problema, mas*

chega aqui não fala. Um problema em casa com o filho, com a filha, com o marido, com os pais. E chega aqui não fala nada. Às vezes é uma sugestão legal?

Coordenador – Porque você acha que as pessoas chegam aqui e não falam?

Vanusa – Vergonha.

Andréa – É mesmo, vergonha, vergonha.

Coordenador – Como você acha que a gente pode ajudar as pessoas a não terem vergonha?

Andréa – Ah! não sei.

Cristina – A gente nunca sentiu vergonha dos outros! Olha, só fica entre eu, Vanusa, Lucinha, a Cláudia, muito poucas pessoas. As outras pessoas só escutam, riem.

Andréa – É, a maioria tem vergonha.

Ana – [Inaudível; zum, zum] Cristina [falando inaudivelmente], as outras pessoas só balançam...

Ana – Muitas vezes o problema dos outros...

Coordenador – Como que foi?

Lucia – Às vezes a gente fica esperando pra ver se alguém fala no meu lugar.

Cristina – É às vezes a gente até puxa, mas outras pessoas não se interessam.

Coordenador – Você acha que as pessoas não se interessam ou que são inibidas?

Cristina – Não, inibidas não são não! [Risos...]

Lucia – Acho que são inibidas.

Coordenador – Cristina, por exemplo: quem daqui você acha que nunca falou e que você acha que teria alguma coisa pra dizer?

Cristina – Ah! você sempre fala [referindo-se a uma colega]. Essa garota ali. Ela nunca abriu a boca pra dizer um sim ou um não. [Risos]

Coordenador – Mas você tem curiosidade para saber o que ela tem a dizer, ou você acha que ela tem que falar porque tem que falar? Como é que é isto?

Cristina – Ela tem que falar alguma coisa, ela não tem filhos? Ela tem alguma coisa. Ela nunca falou nada. [Zum, zum, zum]. Tem aquelas que fazem uma pequena bagunça mas falam alguma coisa. [Zum, zum, zum]. Como essa aqui. Ela teve neném. [Zum, zum, zum].

Coordenador – Espera aí, que a Cristina está provocando uma aqui para falar. Toma aí [o microfone], Cristina!

Cristina – Como essa daqui teve neném, faz uns dois ou três meses, qual foi sua dificuldade com ele?

Marisa – [Envergonhada, não diz nada.]

Cristina – *Eu tiro pra você o microfone. [Risos] Isso aqui, gente, é um estudo e quase ninguém fala. Você, por que você tá rindo? Aí, por isso que eu falo. Agora, se vem um homem aqui pra escutar a gente, todo mundo morto, passaram um fecho e cler na boca. [Cristina toma o microfone, levanta-se e começa a entrevistar as pessoas, provocando-as e insistindo para que elas falem]. Gente, fala alguma coisa! Não, Magali não, nem adianta falar com Magali [Magali fala muito, risos]. Ah! Essas daqui. Elas são novas aqui? Como foi o dia dos pais? [para uma criança]. O que você fez com o seu pai? Fala pra tia. Tá com vergonha? A minha mãe, a minha mãe eu sei que ela debate juntinho comigo. Mãe, o que a senhora acha da entrevista, da reunião? A senhora veio aqui duas vezes. Gente, não ri não, é sério. [Risos]*

Creuza [a mãe de Cristina] – *Vocês querem debater?*

Cristina – *Debate algum assunto.*

Creuza – *Vamos debater. Nós moramos todos na Rocinha. Acho que quase todo mundo daqui é da Rocinha. Tem muita coisa lá que é boa, e muita coisa é ruim. Como tem muita gente aqui que precisa e necessita desse leite. Como tem muitos também que não precisa. Tem muita gente, conforme... tem marido. Uma coisa que a gente tem que debater na Rocinha: droga. Coisa que muita gente aqui não vai dizer pra mim, porque sou velha na Rocinha, tem marido novo e com os maridos todos metidos em tóxico. Isso não é certo. Tem conforme a Dona Florentina falou. Tem a psicóloga lá em cima, gente, pede ao marido para ir. Porque essa droga não leva a gente, não leva o marido de vocês a nada. Eu falo porque eu tenho um filho. Eu criei meus filhos sozinha. Separei do meu marido e meus filhos ficaram pequenos. Eu aturei, criei tudo. Trabalhava de dia, à noite, criei. Mas infelizmente tive um filho que passou a usar e eu me sinto até meio perdida por causa disso. Dois filhos, por eu ter de trabalhar, eu deixei soltos, não porque eu quisesse. Ou eu trabalhava ou eu soltava eles na vida, pra eles ficar conforme tem aí. Não tem filho sem mãe pra ficar esse absurdo de criança na rua cheirando cola. Porque tem mãe, não tem filho de chocadeira. Então as mães têm de olhar mais pros filhos, mesmo que trabalhe. Porque eu sempre trabalhei. No que eu botava comida dentro de casa, de noite quando eu chegava, eu ia ver os cadernos deles, o que estava faltando, mas eu não estava de dia acompanhando eles. Foi aonde ele se misturou, porque o outro não foi. As meninas não foram. Todas casaram. As que não casaram moram com um cara e se não deram certo se separaram. Mas o pior é o meu filho. Ele não é mais um garotinho, porque ele agora já é um adulto. Mas esse negócio de droga, nós que somos mulheres, temos que chegar para o marido e falar, pedir, porque isso mais tarde... Agora tá o pai, daqui a pouco entra o filho, a mãe não liga, sai pra trabalhar, o filho fica com o pai ou jogado. Ninguém quer saber. Nós, que somos mãe, a gente não está vendo agora, mas, mais tarde, a gente vai ver. Estou vendo um monte de criança, todas perdidas na rua.*

Eu fui criada em colégio interno, sem pai e sem mãe, mas eu sinto até hoje. Eu sinto falta da minha mãe, eu sinto do meu pai. Não é que eles me jogaram no mundo não. Foi fatalidade deles morrerem quando eu era pequena. Então fui criada num colégio interno que graças a Deus me deu pra mim olhar acima de mim. Não olhar pra trás. O que passou eu sei que passou. Então eu tento que olhar sempre pra frente. Tive um marido não deu certo, tive outro. Não vai dando eu vou tentando, até acertar. Um dia eu acerto. [Risos..] É Kássia. Kássia vai ficar com um homem, conforme tem muita gente aqui, que não fala, mas chega em casa, às vezes, tem marido em casa cheirando, drogado. Metelhe o pau. Apanha sentada. Isso é coisa que eu não admito. Porque apanha sentada, apanha. Quando chega de noite, oh! Um vê [um vê com os dedos] pra ele. Deita e vai dar [ter relação sexual] pra ele. Isso eu não admito.

Coordenador – A Kássia foi convidada a falar, quando ela falou, não é Kássia?

Kássia – Oh! Eu conheço ela desde pequena. Isso que ela falou é coisa séria, ela falou coisa verdade. Isso acontece muito na Rocinha mesmo. Eu também criei filho sem marido, mas graças a Deus, negócio de drogas, essas coisas, minha família não é disso. Mas o que ela falou é coisa séria. Pra mim, o que ela falou é uma coisa que precisamos muito.

Cristina – Tem muitas mulheres aqui que têm filho, entendeu, e acho que algumas delas têm problema com o filho. Não precisa só falar da vida de vocês não, gente! As vezes, a gente só quer ajudar em algum tema, em alguma coisa que você fez com seu filho, que você achou que ele não deveria fazer e você não soube resolver o problema, entendeu? Não é querer que a gente fale da vida de vocês. A gente não quer participar da vida íntima de vocês. A gente quer um assunto pra isso aqui também não morrer. Por que isso aqui sem assunto, entende? Aí todo mundo vai ficar olhando pra parede. Porque sem assunto, fica difícil trabalhar assim. Ou vocês trazem alguma tema que... Pois não?

Coordenador – Quer falar? [dirigindo a atenção a uma participante que estava no canto e fazia menção de querer falar.]

Joana – Olha só, eu acho que ela falou certo, porque ela falou que nem todas as pessoas que estão aqui precisam do leite, porque ele ajuda muito. Principalmente para mim, que tenho quatro crianças. Deixei de trabalhar por causa dos meus filhos, porque eu não queria que ficassem jogados no morro, chegassem da escola, ficassem à toa. Então esse leite serve muito, porque além da neném, eu posso dar um copo para cada um deles. Ainda mais agora, que passou a dar toda semana [duas latas] ficou muito melhor mesmo. Porque eu posso dar um copo para cada um deles, posso fazer as coisas deles. E sobre o trabalho, é muito difícil, mesmo, uma pessoa ter quatro filhos, três, não pode trabalhar mesmo não. Não tem condições. Três filhos pequenos e a pessoa trabalhar, não tem condições. Deixa jogado mesmo. Porque tem muita gente boa e tem muita gente ruim no morro. Crianças que não querem nada. Tem muita criança que a mãe não faz comida e deixa à toa. Fica jogado na rua e uma pessoa pede para fazer um mandado, dá alguma coisa e aí a criança vai se viciando, e botando outras crianças a perder. Acho que ela falou muito certo mesmo. Mas a gente, nós todos precisamos. E acho que o governo podia olhar pela gente que tem filho pequeno no colégio. A gente vai levar a criança na escola e o motorista não quer nem abrir a porta da frente. A gente tem que pagar a passagem, para levar a criança, senão a criança cresce burra para virar um marginal para matar ele mesmo [o motorista], ou então o filho dele e outras pessoas. Eu acho que o governo tinha que dar esse direito pra gente levar o filho para a escola. Entrar pela frente e vir. Tinha também que dar uma cesta básica, no valor da criança pra mãe não ter que ir trabalhar, para ficar tomando conta da criança. Porque a maioria das crianças que viram marginal mesmo é porque a mãe tem que trabalhar para dar sustento para dentro de casa. Normalmente o pai não quer saber, fica viciado mesmo na boca, o que pega vai gastar com droga, com cachaça e já aconteceu comigo. E não dá nem um quilo de arroz pra dentro de casa. E as crianças passam fome mesmo, igual já passou as minhas mesmo, já passou, hoje em dia está melhor, graças a Deus. Mas já passou muita fome mesmo. Então acho que é a mãe que tem que se preocupar, porque está vendo o filho passar fome, então ela se rejeita a trabalhar, a deixar o filho dentro de casa trancado, tomando conta de mais dois, três e acontece isso mesmo.

Cristina – [Toma o microfone novamente] Gente! o que que vocês estão achando desse horário político também? [Reação do grupo: ah!]. Não, algum debate, eu estou puxando assunto. Em quem vocês vão votar, em quem não vão votar?

[Zum, zum, zum. Risos.]

Magali – Só tem promessas deles.

Marcia – Vote na Lucinha.

Cristina – Estou falando sério Lucinha, pô!

[Zum, zum, zum]

Cristina – O senhor?

Paulo – Pela primeira vez que estou vindo aqui, estou achando um negócio bem mais ou menos bom, né? Incentiva todo mundo. Está incentivando o pessoal participar mais, conversar mais.

Coordenador – É a primeira vez que está vindo hoje?

Paulo – É, e estou achando bom.

Cristina – E o que o senhor gostaria de debater? [Risos]

Paulo – A situação do pessoal, né?

Cristina – E qual situação que o senhor acha do pessoal? Eu gosto de gente assim.

Paulo – A situação que está dentro de casa...

Cristina – E a senhora?

Dalva – Cada um tem problema na vida, né?

Cristina – Qual é o que a senhora acha o mais pior?

Dalva – A Rocinha está muito diferente. Eu moro ali há 35 anos.

Cristina – Cresceu muito, né?

Dalva – Cresceu muito, antigamente a gente podia deixar o filho e tudo né, agora está difícil.

Cristina – Deixa eu ver aqui, aquela dali. O que você acha do que ela comentou?

Julia – Sobre o quê? Teve dois comentários?

Cristina – Onde você mora?

Julia – Moro aqui em São Conrado.

Cristina – O que você acha do seu bairro?

Julia – Acho um bairro tranquilo, bom de se viver com as crianças.

Cristina – Em todos os lugares tem drogas.

Julia – Todos. É verdade.

Cristina – Tem muito isso lá?

Julia – Não.

Cristina – Há quanto tempo você mora lá?

Julia – Há um ano.

Coordenador – Onde você mora?

Cristina – São Conrado [e Julia aponta pra cima, indicando a favela de Vila Canoas, a qual ela chama de São Conrado].

Cristina – O que você gostaria de mudar no seu bairro?

Julia – O quê?

Cristina – O que, talvez, se desse, você gostaria de mudar no seu bairro?

Julia – Ah! acho que o barulho dos bares. Porque é a noite toda. Você ter que levantar para trabalhar, você acorda... É muita bagunça.

Cristina – Que assunto? Fala! Fala alto. Perguntar pra quem? Eu escutei.

Lucia – Pergunta pra mim, o que eu quero mudar?

Cristina – Ah! sim.

Lucia – Aquela obra que eles fizeram lá no beco, no esgoto, que toda vez entope. Aquelas vielas cheia de cocô descendo toda vida até lá em baixo.

Cristina – Isso, fala mal do governo. Isso é do governo.

Lucia – Então, quem foi que fez aquilo?

Cristina – Não sei.

Lucia – Eu esqueci qual foi o gover... quem foi?

Cristina – A associação, né? Que também estava na frente.

Lucia – [Dirigindo-se ao grupo]. Quem foi que fez aquela obra no morro todo? Ahn!

[Alguém responde: César Maia.]

Lucia – Ai! Eles têm que mudar aquela obra que fizeram na Rocinha. Eles fizeram. Está tudo errado. Antes não era assim não.

Coordenador – Eu estive lá e vi muito lixo, mas muito. Não é, Marcia? A gente estava conversando. Era lixo tipo assim: garrafa, saco cheio de lixo. E as pessoas jogam o lixo direto assim. E se limpar a vala? Como é que se poderia fazer para não cair mais lixo dentro da vala?

Marina – [Fala algo inaudível. pessoal ri].

Cristina – *Mas isso também depende dos moradores. É porque tem muito morador que joga lixo na lixeira; que joga o lixo direto dentro da vala e não quer saber quem está morando em baixo, o resto é que se dane.* [Falamos algo e riem.]

Coordenador – *Aquele senhor ali tem uma opinião.*

Francisco – *Esse negócio de lixo não adianta nem falar nada. Eu, por exemplo, limpo a porta da minha casa todo dia. É, eu, hoje em dia, fiz um mês mais ou menos, faz vinte e um dias hoje que ela faleceu, a D. Severina. A gente acaba de varrer daqui a pouco quando olha... vem lá de cima do morro com bolsa cheia de lixo e larga na porta dos outros. Então, não acaba nunca a sujeita lá do morro. Tem uns carrinhas, você vê lá, com a cesta, limpando. É eles lá limpando na frente e o pessoal jogando atrás. Porque tem muita gente relaxada no morro. Eu moro na Rocinha há 60 anos. Me criei na Rocinha. Fui para a Rocinha com 65. Vou fazer 61 de morro. Mas, graças a Deus, ninguém nunca me viu misturado no meio de droga. Quando era garoto, eu jogava ronda. Era o único jogo que aprendi a jogar na minha vida e gostava de um goró. Mas, nunca usei droga, nunca cheirei nem nada, hoje em dia tá largado. Quando nego ia fazer, nego ia lá pra mata, lá pra cima pro mato. Agora não, é na porta dos outros, é sentado na porta dos outros. De vez em quando, eu expulso um lá do morro, da minha porta.*

Cristina – *O senhor tem netos?*

Francisco – *Eu? Tenho netos, tenho filhos graças a Deus. Teve um que quis entrar até no bicho. Vocês devem conhecer. O Carlinho; Carlinho quis entrar no bicho. Olha, o Dênis, conhecem muito bem o Dênis (ex-chefe do tráfico de drogas na Rocinha), quando Dênis soube que ele era meu filho, deu conselho a ele. Por quê? Porque conheci o Dênis, ele, desde garotinho. Trabalhei na COFAP [inaudível] há quatorze anos direto; entreguei muito bujão de gás, muito fogão a gás. Era da Gás Brás, fui trocado pela Heliogás. Aquela garotinha lá, vi de fralda no berço. Aquela moça gorda lá [apontando para uma participante] me conhece um bocadinho de ano. A mãe dela me conhece há mais de trinta anos. Nunca estive misturado no meio de marginal. Era do meu serviço pra casa, da casa pro meu serviço. Era a lei do "murici": eu trato de mim, cada um trata de si. Não me prejudicando... eles que vivam a vida deles que eu vivo a minha, entendeu?*

Pedrina – *Sobre o assunto de drogas, eu acho assim, que também não é só homem que fuma, que usa. A gente vê muitas garotas novas, moças bonitas, misturadas juntas.*

Cristina – *E sobre o cigarro?*

Pedrina – *Sobre o cigarro, a mesma coisa. Eu, por exemplo, não fumo nada, não tenho nenhum vício. Mas onde eu moro, a gente vê muito homem, mulher, criança na rua, criança mais ou menos oito, dez anos fumando droga. Isso é uma tristeza. Quer dizer, muitas mães querem prender os filhos, mas já tem o trabalho. Eu por enquanto tenho uma filha de um ano e cinco meses, deixo com uma moça pra eu ir trabalhar. Mas não sei quando ela tiver maior. Ai, a gente sempre pensa no futuro.*

Cristina – *Vamos fazer o debate aí e com ela? [dirigindo-se à outra psicóloga, Nayara, do outro grupo, que veio nos assistir]. Oi, tudo bem? Como você está achando esse debate aí todinho? Cada um falando...*

Nayara – *Eu acho isso uma coisa muito boa, né? Porque dá possibilidade de todo mundo expressar o seu pensamento e saber o que o outro pensa, né? Criar uma nova*

maneira, a partir do que cada um está pensando e tá expondo, de criar uma nova maneira de pensar. Porque a gente, quando escuta algo diferente, a gente está acostumado sempre a funcionar de uma determinada maneira, a gente fica muito preso às idéias que a gente vem trazendo ao longo da vida, e quando a gente tem a possibilidade de uma outra escuta essa outra escuta vem e amplia a cabeça da gente, vamos dizer assim, a mentalidade, a maneira de pensar. Eu acho isso uma coisa muito boa, a possibilidade de a gente se colocar. Porque, na medida em que a gente vai conversando, a gente vai respondendo, enfim, a gente vai trocando idéias, a gente vai-se escutando, né? Porque, quando você coloca pra fora o que você tá pensando, você também se escuta e aí você, puxa: Olha só! E aí você vai criando novas idéias né, você vai conhecendo o outro, enfim.

Cristina – É, vamos supor, tira uma curiosidade minha. Essas palestras todas que a gente escuta aqui a senhora acha que por mais que entra a mentalidade, a gente vai, assim... como posso dizer? O comportamento em casa vai mudando?

Nayara – Eu acho que sim, no momento em que você está disponível, porque às vezes a gente escuta as coisas e as coisas... chip... entram e saem. Na medida em que a gente escuta, em que a gente tem aquela disponibilidade interna de se abrir para o que está recebendo, isto pode causar uma mudança na maneira de pensar e ajudar, né? Porque, quando a gente escuta aqui, a gente se remete às coisas da gente e isto ajuda. Você está entendendo? Isto ajuda você a criar uma outra saída, quando a gente escuta outras vozes, como a gente chama.

Cristina – Vamos supor, quando você tem um problema com seu filho, como você deve tratar ou conversar?

Nayara – É, é isso aí, quando você escuta novas idéias, você está aberta, você experimenta lá, entende? Tenta essa solução. São outros caminhos que você abre.

Vanusa – Chega de falar agora. [Referindo-se à Cristina, que comandava a reunião. Risos.]

Cristina – Ainda tem dois minutos. Gente, vocês me desculpem se fui muito chata mas valeu.

Coordenador – O que vocês acharam desta nossa líder aqui?

Marcia – [Faz positivo com o dedo. Alguns elogios.]

Dalva – Vamos votar nela pra ser prefeita da Rocinha!

Coordenador – A Cristina tem capacidade de liderança, vocês não acham? Ela conseguiu fazer vocês falarem, não é? [Risos]

Magali – Ela é uma pessoa muito bacana, muito capaz, eu gosto dela.

Coordenador – Ham ham... O grupo, pelo jeito, pelo visto, aceitou bem esta participação da Cristina. Cristina conseguiu provocar vocês, vocês conseguiram se colocar. Então, assim, tentando ver os temas que brotaram aqui hoje, você vê que, na medida em que a gente foi falando, os temas foram surgindo aqui. Quais foram os temas que nós podemos lembrar?

Marina – Lixo.

Marcia – Drogas.

Cristina – Bebida.

Coordenador – É droga tá no meio de bebi..., bebida tá meio de droga. Ela falou lá o quê?

Vanusa – Escola.

Coordenador – Escola pras crianças. Que mais? A possibilidade de a mãe cuidar mais das crianças, se ela pudesse ficar, estar mais em casa.

Lucia – A obra do prefeito.

Coordenador – Isto, as obras que a prefeitura deveria estar fazendo, que o governo deveria estar fazendo. Então nós temos muitos temas. Como acham que a gente poderia ir discutindo estes temas? Alguém poderia dar uma sugestão como que a gente pode discutir: drogas, lixo... O que vocês sugerem? Como vocês gostariam de debater estes temas? [Muitas pessoas falam juntas.]

Coordenador – O que vou sugerir, hoje, é que vocês vão pensando como vocês gostariam de debater os temas. Como que a gente vai debater o tema de droga, o tema do lixo. Ela, ali, está sugerindo que a gente fosse lá [ir ao prefeito]. Mas a gente tem que se organizar pra isto, por exemplo, né? Vamos pensar como debater? Nós só falamos sobre os temas, agora vamos aprofundar o assunto, vamos estudar sobre as drogas? Sobre o bairro? O que nós vamos fazer para aprofundar etse assunto?

Creuza – Ô Florentina!

Coordenador – Sim.

Creuza – No caso dela ali [olhando para Lucia, que falou sobre a obra na Rocinha], não é defendendo o Cesar Maia não. Peraí, aquela vala...

Lucia – Não, não é a vala não, é os canos.

Creuza – O esgoto. Pera aí. Lá perto onde moro, onde eu moro, eu encanei o meu esgoto contra a vizinhança. Olha, minha filha! Teve uma vez, que entupiu. Como eu fiz, eu fui desentupir. Dentro do vaso, sabe o que tinha? Pepino, lata de sardinha. Cano não foi feito pra isso. Então se tem isso tudo dentro do cano, você acha o quê? Bate, entope. Não vai? Vvai entupir. Porque, se o pessoal aqui tomasse consciência que o vaso sanitário não é pra botar pepino, lata de sardinha, descer... descer calcinha [risos].

Coordenador – Creuza, foi o assunto que o senhor, como é seu nome? [dirigindo-se ao senhor que falou sobre o lixo].

Sr. Francisco – Meu nome é Francisco Fernandes dos Santos. Mas todo mundo me conhece na Rocinha como Alziro.

Coordenador – Alziro? O assunto que o Sr. Alziro trouxe. Ele falou que, na casa dele, ele varre e, daí a pouco, só tem gente deixando o lixo ali.

Creuza – Mas Florentina, essa é a Rocinha.

Coordenador – Mas você acha que não tem jeito?

Creuza – Ser pobre é ser pobre. Ser porco é ser porco. Tem gente que é pobre e é limpo, tem gente que é pobre e é porco.

Coordenador – Mas você não acha que tem uma questão aí...

Ana Rita – E tem gente que é porco e não muda. Tem gente que às vezes vê você varrendo sua porta, tem o exemplo e não muda.

Creuza – O vaso sanitário fica aonde? Não fica dentro de casa? O esgoto é que passa na rua. Se o esgoto entupiu, veio de alguma casa.

Lucia – Mas lá em cima tem as valetas todas abertas.

Coordenador – Ela trouxe uma idéia. Esta coisa da valeta aberta. Mas tem gente, sim, que joga coisa dentro do vaso, eu concordo também.

Creuza – Oh! Minha casa tinha um vão atrás. Lata de leite vazia é pinico?
[Risos]

Coordenador – Às vezes serve de penico, não serve não?

Vanusa – [Balança a cabeça, concordando que lata de leite vazia serve de penico.]

Creuza – [Comenta algo inaudível de atitudes deseducadas que as pessoas fazem ao seu lado.]

Coordenador – Então, vejam só, é uma questão de educação. A gente talvez tenha que fazer uma campanha e educar o povo neste sentido. Mas ela falou uma coisa importante [referindo-se a Ana Rita], ele dá o exemplo [referindo-se ao Sr. Francisco], se todo mundo tiver dando o exemplo, alguma coisa vai mudar.

[Zum, zum, zum]

Creuza – Eu pago dez merréis para levarem o meu lixo da minha porta. No outro dia de manhã tem sacos e sacos na minha porta.

Coordenador – Sabem o que eu achei também? [referindo-se a quando, recentemente, esteve na Rocinha.] Tem muito cachorro na Rocinha. Tem uma cachorrada. Você vai andando, tá cheio de cocô na rua. Olha, vamos terminar, semana que vem vamos começar neste horário também [são quinze minutos mais cedo do horário habitual, de modo que se possam ver mais imagens]. Sete e dez estamos aqui. Vamos fazer nosso final. [Após vários pedidos e agradecimentos inaudíveis o coordenador também fez um pedido.]

Coordenador – Eu quero pedir que nosso grupo e o grupo da Nayara, as pessoas que aqui participam cada vez mais se sintam à vontade de ir colocando suas idéias, seus desejos, porque só assim a gente vai conseguir batalhar e crescer dentro de uma coisa que nós precisamos. Então, vamos pedir que a gente tenha, assim, consciência de que o mundo é assim como é, porque nós somos assim como somos e...[inaudível]. [Todos se

dão as mãos e colocam seus pedidos e agradecimentos da semana... [inaudível] e depois se reza um “Pai Nosso” de mãos dadas]¹⁸.

Comentários: labirintos de discursividade

O sentido assim compreendido (no contexto inacabado) não é nem tranqüilo nem confortável (não saberíamos nele descansar e morrer).

Mikhail Bakhtin

Embora a produção de saber, neste encontro, tenha revelado o entrelaçamento de questões diversas, os temas *Drogas e tráfico* e *Privação de necessidades básicas* evidenciaram-se num atravessamento bastante pregnante.

No que concerne ao primeiro tema, observa-se a repercussão de uma questão que é objeto de preocupação no âmbito de uma política internacional. Não obstante, o vivenciar cotidianamente as atividades de consumidores e de traficantes causa bastante inquietação, preocupação, desespero e tensão. Ao que tudo indica, a incidência do uso de drogas no dia-a-dia das pessoas parece ser visto como aspecto que faz parte da própria vida, em termos de o sujeito ser diretamente afetado pelo uso, ou de sofrer as conseqüências de ter um membro da família inserido em tal universo. Um ou outro modo de ser afetado traduz-se quase sempre em temor, frente a uma força “mortífera” e danosa, para a qual poucas medidas têm efetividade, no sentido de se alcançarem outras alternativas.

A mobilização para falar do tema é de tal importância, a ponto de a grande maioria dos participantes se implicarem em tarefas de reflexão, no sentido de expressarem suas opiniões, na esperança da obtenção de ajuda e, também, de que suas vivências pessoais sirvam de exemplos para que as pessoas, diante deste

¹⁸A introdução deste final das reuniões, de mãos dadas, onde quem quiser se coloca para pedir ou para agradecer a Deus e, depois, se reza a oração do “Pai-nosso”, foi adotada após aproximadamente um mês de pesquisa. O Pe. Djalma solicitou uma reunião exclusiva com os voluntários da Pastoral do Recém-nascido e colocou que, por estarmos realizando este trabalho num espaço da igreja e em nome da Pastoral, deveríamos passar algumas idéias sobre as festas religiosas da igreja católica. A idéia não é evangelizar a comunidade, pois há pessoas de vários credos religiosos que freqüentam a Pastoral, mas sim passar os princípios básicos das festas mais importantes da igreja.

Esta situação foi levada ao grupo e membros dele próprio sugeriram rezar também o Pai-nosso. Não houve, em princípio, nenhum comentário contrário. O que se percebeu foi que o pessoal reagiu bem ao que foi solicitado. Em algumas situações, quando é possível, temos convidado pessoas das Pastorais Religiosas para fazerem uma palavra para o grupo.

saber, tomem precaução em relação ao que fazer ante as circunstâncias de vida que se polarizam em torno da droga.

A espontaneidade em colaborar, a partir de experiências vividas de cunho entristecedor, foi a tônica que guiou os debates. Neste íterim, foram relatadas experiências dolorosas da sensação de perder um ente querido para a droga e, também, do que fazer em situações-limite, como uma mãe que, sozinha, se encarrega da educação e dos cuidados dos filhos, tendo que trabalhar para a manutenção dos mesmos e assisti-los. A discussão revelou-se bastante acusatória, no sentido de que, na opinião das mães, deixar os filhos aos cuidados de um irmão mais velho, também menor, pode ser o caminho que abra as portas ao mundo das drogas. Também foi revelado que a atitude radicalmente oposta (trancar as crianças em casa) mostrou-se ser em nada frutífera.

Os apontamentos trazidos, as evidências levantadas, bem como as advertências indicam a vivência diante de um impasse em relação ao que fazer para educar um filho, num contexto onde há o contato contínuo com hábitos que incluem desde o vício de mulheres, homens e crianças da bebida, ao uso constante e à negociação de drogas.

A sensação de impotência é freqüentemente revelada, denunciando ser a droga e o tráfico “monstros” praticamente indomáveis, o que mobilizou o coletivo, no sentido de que cada um tem de se ocupar em alguma atividade, ou seja, cada um tem que assumir uma parcela de responsabilidade, com a finalidade de, coletivamente, construir situações viáveis que sirvam de alternativas, a ponto de fazer o sujeito escolhê-las. Em suma, o grupo constata que é preciso produzir algo para oferecer à comunidade, que seja mais atraente que a droga.

O processo de construção de saber, neste encontro, culminou com a produção da idéia partilhada coletivamente de que, aliada à postura do cidadão, uma ação governamental é de fundamental importância e necessária.

O encadeamento que se segue à discussão sobre *Drogas e tráfico* pôs em evidência um estado de vivência cotidiana nesta comunidade, retratado no tema: *Privação de necessidades básicas*.

Tais privações, como fome, habitações precárias, inadequação ou inexistência de sistemas básicos de saneamento e higiene, bem como a dificuldade de trabalho, são condições de vida que, na opinião de muitos, se revestem de caminhos para o tráfico de drogas, a prostituição de menores e, enfim, o consumo.

Depreende-se, assim, que tal tema se imponha ao grupo como o retrato de uma realidade vivida em sua máxima crueza. Em princípio, a postura do coletivo neste encontro mostrou-se bastante favorável ao engajamento em trabalhar o tema, talvez pelo fato de que tais situações são vividas na própria pele, sem nenhum anteparo. Além disto, pode-se pensar também que tal atitude esteja expressando o poder daquilo que é difundido em programas midiáticos, que se centram na exposição do drama humano da miséria e da violência e que culminam em alternativas de solução.

Sendo assim, tanto focalizar o tema para discuti-lo, quanto deixar um registro em imagens convertem-se na esperança de que tal mensagem tenha um endereçamento, a ponto de sensibilizar autoridades políticas a se inclinarem ao tratamento e à solução de questões desta natureza. A constatação disto deu-se tanto em atitudes críticas dirigidas às medidas (de faz de conta) tomadas pelas autoridades governamentais para solucionar problemas que impedem o atendimento mínimo das necessidades básicas, quanto no papel de cada um, no sentido de ter posturas de respeito ao semelhante e cuidado com o bem comum.

5.6

Temas em estudo: a construção do discurso aberto

A palavra do outro deve se transformar em minha – estrangeira (ou em estrangeira, – minha). Distância (exotopia), e respeito. O objeto, no curso do processo de troca dialógica ao qual dá lugar, transforma-se em sujeito (no outro – eu).

Mikhail Bakhtin

A diversidade de tópicos que uma coletividade produz sobre as questões concernentes ao *modus vivendi* é bastante significativa. Entretanto, para a análise pretendida, em função dos objetivos deste estudo, fez-se necessária a escolha daqueles que, diretamente, focalizam as relações entre a construção de saber crítico numa comunidade na qual o uso do vídeo (produção de imagem) teve um papel preponderante. Assim, privilegiaram-se quatro, que formam uma trama de relações sobre a tríade abordada: produção de saber, intervenção da imagem e coletividade.

Os temas: **funções parentais e educação, privação de necessidades básicas, tráfico e consumo de drogas e imagem e construção de saber**¹⁹ receberam destaque, em função de suas presenças, em praticamente quase todos os acontecimentos do grupo, mas também pela atualidade de que se revestem. Além do mais, à medida em que estes temas eram discutidos, a posição de alguns dos participantes do grupo mostrava-se claramente modificada, o que reflete a transformação pela produção de saber, em decorrência do aprofundamento e das associações referidas ao tema, bem como do fato de cada participante poder reportar-se a si mesmo em outras ocasiões, o que ocorreu mediante o uso da imagem, que possibilitou a relação consigo mesmo: momento em que se pôde avaliar uma situação, na medida em que se dedicou a abordar uma dada questão. O encontro do sujeito consigo mesmo, através da imagem, circunscreve-se numa dimensão temporal em que figuram dois momentos distribuídos espacialmente, sendo que o agora é de suma importância para refletir e significar o antes.

Cada tema foi desdobrado em três categorias bakhtinianas; o outro para mim, eu para o outro e eu para mim, que refletem o acontecer grupal em relação a momentos singulares de transformação e construção de saber, vividos a partir de acabamentos provisórios, que os múltiplos olhares da experiência com a imagem, numa reunião em grupo, pode produzir.

Ao longo da análise, verifica-se como, no contexto relacional, ocorreu a construção dos determinantes que se agrupam em cada uma destas categorias. Atenta-se não só para o conteúdo das produções discursivas, como também para o ritmo e a modalidade (direcionalidade) em que foram produzidas. A análise vai incidir sobre os quatro temas identificados nas duas reuniões escolhidas (Reuniões 9 e 10).

Estes temas atravessam as vinte videogravações. Portanto, a análise contemplará exemplos colhidos ao longo de todas elas. Cabe ressaltar que as categorias: *o outro para mim, eu para o outro e eu para mim* não se evidenciam no discurso de forma estanque, mas, sim, são reveladas simultaneamente no modo como o diálogo se vai constituindo naquele momento específico de interação entre as pessoas que participam do grupo. No entanto, dependendo da modalidade de construção dialógica, é possível visualizar-se com mais destaque uma ou outra

¹⁹ Ver alguns exemplos em imagens desses temas no CD-ROM em anexo.

destas categorias. Em função da pregnância de algumas produções dialógicas, elas foram retomadas em diferentes pontos da análise, a partir do exercício do olhar exotópico, buscando a diversidade de sentidos ali indicados. Portanto, a retomada de alguns fragmentos não é mera repetição, vislumbra-se a possibilidade de trazer outros sentidos, contidos num mesmo fragmento. Ao exercitar o olhar exotópico, novos sentidos vão-se revelando no ato de compreensão de um diálogo “constituído”. Portanto, é importante lembrar que não há um sentido ou uma interpretação primeira, última ou única. A compreensão de uma modalidade dialógica é mais um modo de significá-la, colocando-a num novo horizonte, assim como esta nova compreensão também é, ao mesmo tempo, passível de significações infinitas.

5.6.1

Funções parentais e educação

O tema em pauta foi privilegiado na reunião 9, em função da abertura feita pelo coordenador sobre a questão do pai, no sentido de atender a uma solicitação do pároco, visando trabalhar a mensagem de cunho cristão sobre a significação do pai. Neste ínterim, o coordenador introduz a temática, embora já houvesse, até certo ponto, uma exposição do tema, pois, naquele dia, a coletividade reunia-se para, entre outros objetivos, comemorar o dia dos pais.

Há, de início, um empenho do grupo em trabalhar o tema, que evolui pelas associações feitas em termos de lembranças dos pais de origem, momento em que uma participante (Magali) se ocupa do relato de histórias sobre seu pai. Há uma extensão na abordagem. As mães começam a falar dos pais de seus filhos, num duplo aspecto: a relação deles com elas e com os filhos. Deve-se ressaltar que a construção do que seja a função paterna resulta de lembranças que, pouco a pouco, são evocadas na reunião.

Observa-se um aprofundamento, quando a temática converge para tratar a maneira como a inclusão do casal parental ocorre no desejo de um em relação ao outro, bem como as condições de produção afetiva e material junto aos filhos.

Em outras reuniões, o tema se fez presente também, de modo bastante explícito, quando eram abordadas as relações íntimas dos casais, referentes ao uso dos métodos anticoncepcionais. Observou-se, muitas vezes, que havia, no discurso

das mães, uma atitude machista dos pais. No que concerne a tal procedimento, há uma reação imediata, o se que reflete, diretamente, em suas relações (das mães) com os filhos, na medida em que se sentem sozinhas para o encargo de educar e responder por outras responsabilidades junto a um filho, em relação ao qual não houve qualquer indício de concordância com o pai, na concepção. Há, ainda, um reflexo desta postura do pai na divisão de trabalho, quase sempre ao encargo da mulher, que responde pelos cuidados domésticos com os filhos. Por fim, a abordagem estendeu-se à maneira como a palavra de um e de outro é considerada na dinâmica do casal junto ao filho.

Assim se pode circunscrever a temática em questão: a distribuição dos papéis de pai e de mãe ou de seus substitutos no cuidado e na educação dos filhos, além da maneira como cada figura da dupla parental representa, para si e para o outro, sua função junto à criança, e a função de seu cônjuge.

Neste sentido, a reunião escolhida (reunião 9) deve-se ao fato de ser o registro da comemoração do dia dos pais, momento em que o tema incitou discussões a partir da revivência de lembranças pessoais. Tanto na reunião em pauta, como nas demais, que o tema atravessa, observa-se, quase sempre, a tônica de uma reivindicação dirigida, principalmente, à figura do pai, este, geralmente, internalizado como ausente, descuidado ou incapacitado.

Há uma alegação explícita, em termos da concepção do pai, mais acentuadamente como “reprodutor” e como quem se exime de educar as crianças. Cabe salientar que não há, da parte das mães, qualquer indício de suas responsabilidades em relação à escolha dos pais de seus filhos, até porque prevalece um ideal, mobilizado pela aspiração da esperança de encontrar um homem que solucione suas precárias condições materiais. Algumas delas – uma pequena minoria – já expressam uma concepção referente aos valores de outra classe social, que reflete o imaginário do homem mais participativo nas atividades domésticas, construído segundo os moldes difundidos pela mídia, no contexto atual.

Há, ainda, um caráter ambivalente, expresso pelas mães, principalmente, no chamado do pai às funções das reais responsabilidades junto aos filhos. Em princípio, revelam um descrédito quanto às possíveis ações do homem face a seu modo de vida (alcoólatra, desempregado, toxicômano), em que, segundo elas, a convivência com este pai representaria um perigo para as crianças. Por outro lado,

ao assumirem uma posição resignada, estariam revelando um estado de onipotência, na medida em que somente elas teriam a solução a oferecer aos seus filhos.

Foi relatado, com muita frequência, o hábito de deixar crianças trancadas em casa, como também o de mães que adotam uma postura oposta, de permitirem as crianças viverem soltas na rua. Tanto uma postura quanto a outra dificultam a educação dos filhos, no que se refere às questões, tanto em termos subjetivos, como nos cuidados com o desenvolvimento do corpo.

Também é comum a prática de as mães delegarem a terceiros (avós) o cuidado das crianças, isentando-se, assim, de conviver com elas, em função da busca de trabalho.

A modernização das condições de vida no século XX, o grande progresso devido ao avanço científico, a proliferação da migração do homem do campo para a cidade, o surgimento de conglomerados urbanos em condições de vida precárias, a especialização de profissionais que passaram a responder junto à família, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o aparecimento da televisão, entre outros fenômenos, criaram condições que produziram radicais mudanças na estrutura familiar. Disto resultou, tanto nas classes de poder econômico elevado, quanto nas de baixa renda, uma posição da função paterna que conheceu grande declínio, pelo menos em termos do poder frente aos filhos. Ao mesmo tempo, assiste-se a um clamor para que o pai possa ocupar-se do exercício da sua função, uma vez que há uma reivindicação constante, expressa em relação a uma suposta falha da função paterna.

Tal reivindicação, presente nos vários segmentos sociais, tem apenas roupagens diferentes, seja em termos de divisão de tarefas no lar, seja em termos de ausência.

A alusão das mães à figura do pai expressa um acúmulo de atividades em função de um pai que é vivenciado como descomprometido e ausente das responsabilidades junto à criança. No entanto, ao agrupar as produções discursivas, de acordo com as categorias bakhtinianas, tem-se um nível de análise focado na produção dialógica do discurso, podendo-se, deste modo, depreender outros sentidos e significados, que se revelam na particularidade de cada fala. Vale assinalar que as trocas verbais (enunciados) são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. O locutor, ao terminar seu enunciado, dá a

palavra ao outro ou vai negociando com o outro a compreensão de seu enunciado, para possibilitar-lhe uma compreensão responsiva ativa, expressada, muitas vezes, também em silêncios e intervalos. A alternância entre um sujeito que fala e outro, que marca as fronteiras entre os enunciados, assume formas diversas.

A solicitação para o grupo centralizar-se numa temática, que já era assunto de outras reuniões, tornou possível depreender o entendimento de como as mães retratam, tanto em condições reais quanto imaginariamente, a responsabilidade da figura paterna, no que concerne à educação e ao cuidado dos filhos. Observou-se que posições diferenciadas, tais como passividade, resignação, descrédito, esperança, iniciativa, entre outras, foram assumidas quanto à mobilização para abordar o assunto. As produções, seja por iniciativa própria, seja por meio de induções, mostraram tonalidades diversas, o que reflete o momento de cada participante diante dos efeitos vividos em função do acontecimento grupal e da intervenção através do operador imagem. Em princípio, destacam-se iniciativas de cooperação para solucionar impasses, momento em que um participante se ocupa da tarefa de pensar em um outro não presente, conforme demonstram as passagens seguintes:

Marcia – Daquela hora que a Senhora falou que quem não soubesse ler, podia [pedir] à esposa ou ao filho para lê. Se o marido não... Então eu estava falando pra ela, aqui, que você [Florentina] deu uma boa idéia. Porque, se o marido dela não sabe lê,, ela lê para ele. [Reunião 10]

Lucia – O que vocês acham, meu marido trabalha à noite, chega em casa, quer dormir e as crianças atrapalham, aí ele quer ir para a casa da mãe. Deixo ele ir, ou saio pra rua com as crianças pra ele dormir? [Reunião 4]

Além da possibilidade de um acordo para a solução compartilhada dialogicamente, observa-se nos discursos uma forma de diálogo em que a narrativa se constrói em tom acusatório e autoritário: eu sei, portanto é *verdadeiro*, nas seguintes colocações:

Cristina – O que você fez pro seu marido no dia dos pais? Um risoto, strogonof, uma lasanha? O quê que tu fez? [dirigindo-se a uma participante. Risos, silêncios. Reunião 9]

Magali – Me fala uma coisa. Já que ninguém quer falar, vou falar. Posso ou não posso? Me diz, quem foi que no dia dos pais andou brigando? Ninguém, né? Alguém andou brigando aqui? Fez a paz dentro de casa? Fez ou não fez? Fica todo mundo calado? [Reunião 9]

Matilde – Que coisa feia, a mãe cortando a unha do filho com o dente. [Reunião 4]

Cristina – Ela tem que falar alguma coisa, ela não tem filhos? Ela tem alguma coisa. Ela nunca falou nada. [Zum... zum... zum...] Tem aquelas que fazem uma pequena bagunça, mas falam alguma coisa. [Zum... zum... zum...] Como essa aqui. Ela teve neném. [Zum... zum... zum... Reunião 10]

Marcia – Eu, Vanusa, Lucinha e Claudia, quando falamos, as outras pessoas só escutam, só riem ou balançam a cabeça. [Reunião 6]

Cristina – Tem muitas mulheres aqui que tem filho, entendeu, e acho que algumas delas tem problema com o filho. Não precisa só falar da vida de vocês não, gente. Às vezes a gente só quer ajudar em algum tema, em alguma coisa que você fez com seu filho, que você achou que ele não deveria fazer e você não soube resolver o problema, entendeu? Não é querer que a gente fale da vida de vocês. A gente não quer participar da vida íntima de vocês. A gente quer um assunto, pra isso aqui também não morrer. Por que isso aqui sem assunto, entende? Aí todo mundo vai ficar olhando pra parede. Porque sem assunto fica difícil trabalhar assim. Ou vocês tragam alguma tema que... Pois não? [Cristina está de pé, com o microfone na mão, meio que coordenando a reunião. Reunião 10]

O diálogo é detectado na maneira como o outro é incluído na produção do sujeito, em que se observa a tentativa de expressar esta inclusão. Nota-se, nesta direcionalidade das questões referentes ao outro, a transmissão subjacente de uma mensagem de valores educativos, do bem-viver, caracterizando-se, assim, como uma informação importante a ser comunicada ao outro. Tanto os risos, quanto os períodos de silêncio que se seguem têm seus significados. Pode-se dizer que os risos, nestes enunciados, estariam indicando, provavelmente, uma resposta de não inclusão do pai, a dificuldade de representação do papel do pai e, talvez, a realidade precária, que em muito dificulta pensar em excessos para comemoração. Há que se ressaltar que tal reticência não sugere ausência desta questão (comemoração) no imaginário desta classe social, até mesmo quando retrata costumes que são atribuídos a uma outra classe social. Por outro lado, os silêncios podem ser indicativos de momentos inibitórios, diante da dificuldade em relação ao tema, e sugerir ações apreendidas como distanciadas da realidade em que vivem. Além disto, pode-se pensar em elaboração e reflexão em suas variadas possibilidades.

Ao que tudo indica, a idéia de comemoração é representada em termos da produção de soluções, seja relativa à resolução de conflitos, seja relativa aos afazeres cotidianos.

Constata-se, na fala de Magali, uma tentativa de estabelecer um diálogo em presença do outro, mas o discurso se dirige de maneira autoritária, indicando valores como paz, união familiar, datas comemorativas para oportunidade do perdão, entre outros. Trata-se, assim, de uma modalidade de acusação (o participante faz a pergunta, sugerindo a identificação das pessoas), mas também de transmitir um valor positivo. A presença alteritária se faz notar em tom acusatório e de cobrança.

O zum..., zum..., zum..., expresso após a fala de Cristina, talvez revele produção, mas num diálogo em paralelo. Este modo de acontecer grupal (conversas paralelas) tem sido a tônica de todos os encontros, indicando a mobilização grupal para produzir. Muitas vezes, o falar em voz alta pôde ser considerado como reação frente à inibição, que aos poucos se minimizou, a ponto de alguns participantes do grupo adotarem a prática de levantarem o braço, demonstrando sua intenção de falar para a grupalidade. Assim, acredita-se que o exercício fez a construção de um hábito, voltado para a produção. Cabe lembrar que a convivência com o barulho, em suas múltiplas formas, está no cotidiano desta comunidade, no local onde residem. Os silêncios, que podem ser experienciados como uma ampliação do tempo e do espaço, não fazem parte do dia-a-dia desta grupalidade em suas habitações. Os barulhos são constantes e os espaços, pequenos.

Há que ressaltar, na fala de Cristina, uma modalidade dialógica típica da informação, visto que o falar, o se instruir e o se informar indicam uma possibilidade de construção de valores e, portanto, de transformação. A participante em pauta, ao se diferenciar em sua postura, o que muito se aproxima da função de coordenador, pôde dar continuidade ao processo de transmissão de informação. Neste sentido, pode-se observar a evidência da relação de alteridade frente à possibilidade de desconstrução do lugar do coordenador, sem que isto tenha causado qualquer constrangimento ou reação paralisante no grupo.

Esta alternância do lugar do coordenador revela a importância de o próprio grupo ter capacidade de se organizar e encontrar suas saídas. A produção de saber via palavra, disparada pela imagem, é acentuada como importante e necessária para a busca de soluções específicas daqueles sujeitos, tanto que é imposta como uma ordem a ser cumprida, manifestada na fala determinada e aconselhativa de alguns membros do grupo, quanto pelas perguntas insistentes do coordenador para

darem sentido ao que se passa e ao que pode ser dito. Assim sendo, pode-se dizer que a produção de saber, referida a cada tema, foi o tempo todo focada, seja através de perguntas sugestivas, convidando o outro a se colocar, seja através de comentários sobre a situação presente, seja através de colocações em tom acusatório, mas, ao mesmo tempo, aconselhativo/informativo, para as pessoas falarem, com o intuito de saírem de uma abordagem superficial para o aprofundamento de um tema e, conseqüentemente, para uma postura reflexiva, até se chegar a uma mudança de atitude. Nota-se uma esperança de mudança subjacente nas colocações, seja indicando posturas a serem praticadas, seja solicitando pedidos de ajuda explícita, seja imaginando a potência da Pastoral e da pesquisa (o estudo em pauta) em fazer suas vozes ecoarem em outros âmbitos de preocupação social.

Há uma intenção de se estabelecer o diálogo, que pode ser depreendida das seguintes passagens:

Ana – A mensagem, está guardada na minha bolsa. Risos... [Reunião 10]

Marina – Ah! Nada não, depois eu falo. [Risos... Reunião 7]

Vanusa – A maioria tem vergonha. [Reunião 13]

Andréa – Mas Florentina, eu não estou dizendo que o que a gente fala aqui é uma bobeira não. Não estou falando isso, não, claro que não. O que a gente conversa é sobre a gente mesmo, e é sério. Mas, tipo assim, cada pessoa trazer um problema e a gente dar uma sugestão, cada um dá uma opinião, tipo o caso daquela moça ali. Ela trouxe pra cá, e a gente demos a opinião da gente. Tipo assim. Porque tem gente que tem problema, mas chega aqui não fala. Um problema em casa com o filho, com a filha, com o marido, com os pais. E chega aqui, não fala nada. Às vezes é uma sugestão legal [Reunião 10]

Em princípio, o discurso é observado diante da produção de uma resposta, mas segue indicando, neste caso, uma atitude de desvio em relação ao destinatário da mensagem. O movimento expresso pode ser sugestivo da falta de vontade em abordar o assunto. Os risos que se seguem a tal atitude podem indicar uma resposta em relação à postura de omissão para abordar a questão do pai, ante a dificuldade de trazer à tona aspectos desconcertantes, penosos e dolorosos. Mesmo assim, a ação em pauta pode ser reveladora de uma atitude narcisista, demonstrada no guardar a mensagem, ou, também, talvez, um tipo de deboche ou descaso.

Há, ainda, indicada, nestas construções dialógicas, a tentativa tanto de o participante se explicar, como de criar metodologia para trabalhar os temas no grupo. Além disto, há cobrança de participação, o que se entende como modalidade discursiva acusatória, e a importância da informação é destacada, quando são sugeridos um esquema de trabalho e a escolha de temas, em função de suas relevâncias. Tem-se, assim, caracterizada a alteridade, quando é considerado o grupo como um outro, lugar de discussão, de reflexão e de produção.

Outro apontamento pode ser detectado quanto à importância da experiência grupal, conforme se depreende das passagens seguintes:

Joana – ...E acho que o governo podia olhar pela gente que tem filho pequeno no colégio. A gente vai levar a criança na escola e o motorista não quer nem abrir a porta da frente. A gente tem que pagar a passagem, para levar a criança, senão a criança cresce burra para virar um marginal, para matar ele mesmo [o motorista], ou então o filho dele e outras pessoas. Eu acho que o governo tinha que dar esse direito pra gente levar o filho para a escola. Entrar pela frente e vir. Tinha também que dar uma cesta básica, no valor da criança pra a mãe não ter que ir trabalhar, para ficar tomando conta da criança. [Reunião 10]

Matilde – Sabe por que isso aí? Porque as nossas mães não ensinavam pra gente. Eu estou ensinando meu filho a usar camisinha, porque no tempo passado tinha camisinha mas só que era muito escondido. Hoje em dia os homens não querem usar porque não têm aquele conhecimento, aquela noção. Tinha camisinha e nem os homens e nem as mulheres antigamente se preocupavam em usar. Hoje em dia, não. Para eles também é uma dificuldade muito grande, gente! Não pensem que é fácil não. Porque o normal é uma coisa. Uma coisa plástica é outra sensação. Eles estranham com essa sensação de, vocês me desculpem, penetrando, entenderam? Eles sentem outra sensação totalmente diferente, que para eles também é um susto muito grande. Então para vocês, que têm filhos, eu aconselho já falarem com seus filhos, ensinar, por causa dessa doença também. Só. [Reunião 15]

Detectam-se, nas falas acima, expressões dialógicas, que se revelam pela confirmação de uma experiência vivida. Em princípio, Joana retrata algo de sua história vivida, sem qualquer escamoteio. Há de se ressaltar a manifestação de expectativa de melhores condições de vida no futuro, vislumbradas a partir de um tempo presente. Além disto, destaca-se, também, nas passagens referidas, uma espécie de reivindicação aflitiva, em tom acusatório, ao mesmo tempo em que se revela a atitude de desespero de quem é forçado a vivenciar situações que não deseja, caracterizadas pelo modo de dizer da *verdade nua e crua*. A insistência em querer fazer o outro ser ouvido, em querer fazer-se ouvir pelo outro e em querer

mobilizar o outro à participação é indício de alteridade, expressada para a obtenção de solução imediata dos obstáculos presentes no viver cotidiano.

Podem-se ainda depreender outras modalidades discursivas, quando se focalizam as referências ao manejo da dimensão espaço-temporal, conforme se depreende das passagens seguintes:

Dalva – A Rocinha cresceu muito, antigamente a gente podia deixar o filho e tudo né, agora está difícil. [Reunião 10]

Joana – ...Então, acho que é a mãe que tem que se preocupar, porque está vendo o filho passar fome, então ela se rejeita a trabalhar, a deixar o filho dentro de casa trancado, tomando conta de mais dois, três e acontece isso mesmo. [Reunião 10]

Joana – Porque a maioria das crianças que viram marginal mesmo é porque a mãe tem que trabalhar, para dar sustento para dentro de casa. Normalmente o pai não quer saber, fica viciado mesmo na boca, o que pega vai gastar com droga, com cachaça e já aconteceu comigo. E não dá nem um quilo de arroz pra dentro de casa. [Reunião 10]

Pedro – Acho que a única coisa que tem nisso tudo, é se apegar mais aos filhos quando pequenos, para, quando chegar a adolescência não ficar dando trabalho, porque tem que ser de pequeno. Tem que começar a cuidar de pequenos, porque se abandonar, se deixar, vai pagar um bom preço, vai mesmo. [Reunião 19].

Magali – Depois que terminar, quando a gente parar de pegar o leite, será que tem como a gente ganhar uma lembrancinha, para guardar sobre isso não? [Reunião 8]

Não somente a apreensão de um tempo presente/futuro é constantemente suscitada, como também a nostalgia de um passado vivido em melhores condições, além de serem indicativos de que o manejo da relação tempo/espaço se transformou consideravelmente, seja em função da comparação entre as lembranças de tempos passados e a vivência do tempo atual, seja pela possibilidade de que a fala suscita uma viagem a um tempo claramente perdido, momento em que são reveladas ações que deviam ter ocorrido e de que se perdeu a oportunidade. Entretanto, há um aspecto positivo em relação a tais circunstâncias, pois, ao invés da desistência, atenta-se para a possibilidade de se retomarem tais ações e realizá-las no momento presente. A possibilidade de transformação, em virtude do acesso ao saber, é vislumbrada não somente no gerenciamento do tempo, como também em relação às condições indispensáveis a uma vida salutar. Isto foi expresso pela necessidade, tanto de um projeto político-social, quanto pela instrução relativa à educação, para a utilização dos serviços

destinados ao atendimento das necessidades básicas, conforme se pode observar também nas seguintes passagens:

Marina – Acho que o Conselho Tutelar tinha de andar uma vez pelo menos nas favelas. Só o Conselho pode dar jeito nisso aí. Uma vez por semana. Quer dizer, só o Conselho pode dar jeito nessas crianças na rua. A gente vai fazer o quê? O Conselho pega, leva pra escola. Eles têm escola pra criança assim. Eles têm que dar educação. Aí eles vão ver se a mãe tem responsabilidade ou não tem. [Reunião 17]

Creuza – O esgoto. Pera aí. Lá perto onde moro, onde eu moro, eu encanei o meu esgoto contra a vizinhança. Olha, minha filha! Teve uma vez que entupiu. Como eu fiz, eu fui desentupir. Dentro do vaso, sabe o que tinha? Pepino, lata de sardinha. Cano não foi feito pra isso. Então se tem isso tudo dentro do cano, você acha o quê, bate, entope. Não vai, vai entupir? Porque se o pessoal aqui tomasse consciência que o vaso sanitário não é pra botar pepino, lata de sardinha, descer... descer calcinha. [Reunião 10]

Julio Cesar – É, tem criança que se revolta na escola e sai matando. Eu acredito que aquilo ali aconteceu alguma coisa na infância dele. Porque aquilo ali não é um comportamento nem de um adulto, quanto mais de uma criança. Pegar uma arma de verdade e sair matando. Que nem eu chegar aqui e sair dando tiro a torto e a direita em quem não tem nada a ver, indignado com a vida. Então eu acredito que aquilo ali, ela carrega algum trauma da infância, algum pai, ou alguma pessoa fez com ela e ela vai carregando aquilo até a hora que explode, aí sai cometendo coisas erradas. Acho que a violência que você está usando contra as crianças hoje pode um dia se voltar contra o próprio pai. [Reunião 18]

Ana Rita – E tem gente que é porco e não muda. Tem gente que às vezes vê você varrendo sua porta, tem o exemplo e não muda. [Reunião 10]

Lucia – Mas lá em cima tem as valetas todas abertas. [Reunião 10]

A tônica destas produções é acusatória, frente ao despreparo e também à carência de informação para evitar ações desastrosas na convivência cotidiana. Sendo assim, o tema educação segue numa modalidade dialógica da informação e do *aconselhamento*, no intuito de produzir mudanças. Há a explicitação do tratamento da questão em tom irônico, talvez reveladora da possibilidade de enfrentamento da questão.

Veza por outra, observa-se uma tendência a expressar a idéia de uma verdade absoluta, quando são retratadas circunstâncias com poucas chances de mutabilidade, o que culmina num tom acusatório. Em outros momentos, encontra-se a polarização dialógica que leva à reflexão, momento em que a expressão de alteridade mobiliza para a saída de uma posição persecutória e acusatória, momento em que são esboçados indícios de mudança, de atitude cooperativa.

Refletir sobre possíveis acabamentos provisórios, na dinâmica relacional entre os sujeitos, e focalizar a apreensão de cada participante sobre o que é pensado a seu respeito, a partir de uma consciência alheia, detecta-se em:

Marina – Quando a gente foi lembrar deles [Aos pais] já tinha passado. [Risos. Reunião 9]

Julio Cesar – Você tentou o diálogo. Parece que entrou na mente dela, mas depois desaparece tudo, não é? Dá umas palmadinhas pra variar, de vez em quando. [Risos. Reunião 16]

A primeira passagem acima explicita uma modalidade dialógica, que revela um descaso do sujeito em relação ao outro. Os risos que se seguem podem ser indícios de uma ressonância desta fala nos participantes, que parecem acordar com tal circunstância. A estrutura do discurso sugere, em função do riso, um certo fechamento. Sendo assim, estes risos podem, também, ser indícios de opiniões particulares e divergentes da posição de quem fez tal enunciação. Não obstante, pode-se acrescentar, ainda, que os risos, como indícios de não resposta, sugerem um desvio da questão em pauta.

Esta forma discursiva, que culminou numa modalidade aconselhativa extremada, é também observada em momentos em que é sugerida a aplicação de ações de cunho autoritário, através de procedimentos físicos, o que fica exemplarmente evidenciado nas seguintes passagens:

Magali – Acho que você deve cortar muitas coisas dela, muitas brincadeiras, coisas que ela quer que você faça. E botar ela de castigo. Porque a gente bater, é muita covardia. Você dialogar com ela é muito melhor. [Reunião 16]

Naila – Às vezes, até com uma vara de marmelo de vez em quando. Hoje em dia, diz que é violência, se a gente bate nos filhos em casa. Diz logo que vai chamar a polícia. Qual é a violência maior? Em casa, ou os policiais na rua, ou os vizinhos? Não sei. No caso dela, às vezes, até a filha dela esteja acompanhando alguma amiga. Acha que a amiga está certa, aí, pronto. A educação que a mãe dá em casa já não vale mais nada, é dos tempos da mãe, não vale nada, conforme está aí. Às vezes, são debochados. Tem que botar de castigo e ir conversando, de modo que ela vá vendo. Tem que ser com amor e carinho. [Reunião 15]

Observa-se que o diálogo é entrecortado pela presença constante de proposições autoritárias. Há, ainda, indícios de construção de consciência crítica, quando se vislumbra, como saída para o impasse, a interação através do diálogo. Observam-se, também, críticas, não só aos procedimentos de cuidados e educação

dos filhos, como também à expectativa em termos da assimilação de princípios para a convivência em espaços públicos, tendo-se, assim, caracterizada a importância da informação.

O confronto de realidades, espaço geográfico do lar e espaço da rua com seus atores é também um assunto em destaque, em relação ao qual se vive, nostalgicamente, a decepção frente à constatação da degradação de valores de uma época. Nutre-se o ideal de que o tempo de outrora oferecia valores mais estáveis.

À medida em que a temática dos cuidados parentais e da educação ia sendo abordada mais aprofundadamente, observou-se uma outra particularidade em relação à figura parental. Foi reconhecido o seu valor em algumas condições, conforme se depreende das seguintes passagens:

Julio Cesar – É, tem criança que se revolta na escola e sai matando. Eu acredito que aquilo ali aconteceu alguma coisa na infância dele. Porque aquilo ali não é um comportamento nem de um adulto, quanto mais de uma criança. Pegar uma arma de verdade e sair matando. Que nem eu chegar aqui e sair dando tiro a torto e a direita em quem não tem nada a ver, indignado com a vida. Então eu acredito que aquilo ali, ela carrega algum trauma da infância, algum pai, ou alguma pessoa fez com ela e ela vai carregando aquilo até a hora que explode, aí sai cometendo coisas erradas. Acho que a violência que você está usando contra as crianças hoje pode um dia se voltar contra o próprio pai. [Reunião 18]

Magali – Vou dizer uma coisa para a senhora. Eu acho muito bom. Eu tive um pai que eu não tive sorte com ele não, até hoje. Até hoje ele não dá valor a mim, nem a meus irmãos. Hoje em dia era pra gente estar seguindo um outro rumo do que ele ensinou. Mas graças a Deus demos pra ser pessoas boas, trabalhadoras, a gente sempre corre atrás, nunca esperamos por ele. E agradeço a Deus que meu avô foi uma pessoa muito boa pra mim. Mas Deus o levou logo. [Reunião 9]

Neuza – Eu acho que o pai dialoga, eu também falo e ela [a filha] continua fazendo a coisa toda errada. [Reunião 14]

Configura-se, assim, uma modalidade de vínculo alteritário, no qual a existência do outro é valorizada em função de suas ações, entendidas como indispensáveis. A possibilidade de compartilhar é vista de forma bastante significativa, como arranjos para o viver cotidiano. Há, também, o reconhecimento da presença do outro, o que pode ser pensado como uma forma de construção de saber, uma vez que, para isto, se faz necessária a conscientização de limites. Observa-se, assim, a criação de um espaço comum, onde as relações de poder são mais bem administradas.

O reverso desta questão é expresso numa modalidade dialógica, em que predomina a identificação à fala do outro, como esperança de ir vivendo por meio das experiências narradas, conforme se constata em:

Joana – Olha só, eu acho que ela falou certo, por que ela falou que nem todas as pessoas que estão aqui precisam do leite, porque ele ajuda muito. Principalmente para mim, que tenho quatro crianças. [Reunião 10]

Suzana – Tem mãe que trabalha, não pode ficar com o filho, aí às vezes deixa com alguém. Às vezes o filho não tá bem cuidado. Mas tem mãe que relaxa mesmo, mas é porque ela já vem com aquela má educação. [Reunião 7]

Isaura – Porque é assim, tem mãe que pensa que ter filho é fácil. Ter filho não é só porque trabalha. Aí tá, trabalha, dá comida, pronto, não. Ter filho tem que dar atenção, tudo né... [Reunião 16]

Joana – ...E sobre o trabalho, é muito difícil mesmo, uma pessoa ter quatro filhos, três, não pode trabalhar mesmo não. Não tem condições. Três filhos pequenos e a pessoa trabalhar, não tem condições. Deixar jogado mesmo. [Reunião 10]

Depreende-se, explicitamente, um apelo à garantia de reconhecimento, a partir de seu drama particular. Utiliza-se de um modo fatalista para se expressar, em que a postura de concordância com o outro tem lugar para a obtenção de benefícios. Pode-se admitir até a utilização de uma estratégia polarizada num certo egoísmo, uma vez que há o realce da própria necessidade, sem qualquer ressonância nos demais. Observa-se, também, a posição de fracasso frente aos obstáculos com que se depara, o que é vivido em tom de desespero. Há, nisto, um pedido explícito de que seu interlocutor se mobilize, no sentido de propiciar melhores condições de vida. Revela-se, neste exercício do diálogo alteritário, a modalidade acusatória, embora o discurso aponte para a concordância com o diálogo do outro.

A possibilidade de reflexão do sujeito, a partir daquilo que ouve e do que pensa sobre si mesmo, evidencia uma outra modalidade de relacionamento entre os sujeitos. Como o exercício da função paterna se mostrou um tema bastante mobilizador, cada participante, do seu modo e em seu ritmo próprio, deixou transparecer o entendimento subjetivado do que seja o exercício de ser pai e também a posição de ter pai, conforme se constata em:

Magali – ...E agradeço a Deus que meu avô foi uma pessoa muito boa pra mim. Mas Deus o levou logo. [Reunião 9]

Creuza – (...) Eu sinto falta da minha mãe, eu sinto falta do meu pai... não é que eles me jogaram no mundo não. Foi fatalidade deles morrerem quando eu era pequena. Então fui criada num colégio interno que graças a Deus me deu pra mim olhar acima de mim. Não olhar pra trás. O que passou eu sei que passou. Então eu tento olhar sempre pra frente. [Reunião 10]

Evocam-se, nestas passagens, lembranças vividas e aspirações relacionadas ao bem-estar. O diálogo, em termos alteritários, assume dois níveis. Um, em presença do interlocutor, numa horizontalidade do acontecer aqui e agora, outro, numa remissão temporal, atualiza figuras idealizadas de um passado. O apelo a “vozes” distintas, de quem possa ocupar-se do exercício de uma mesma função – Deus, instituição, avô, pai – revela a presença de múltiplas vozes neste diálogo, que oscila desde o conformismo, posição em que o sujeito não vislumbra outras alternativas, até o ressentimento, quando há a expectativa de que a presença paterna poderia ter seguido outros caminhos mais salutares, em termos de educação. Mas o que se destaca como construção de saber é a disposição, internalizada pelo sujeito, de que, em havendo falta, é possível encontrar um substituto, configurando-se, assim, a conscientização da importância do outro como presença alteritária fundamental para o sujeito dar continuidade aos esforços empreendidos, visando solucionar os impasses próprios da vida.

A alteridade cumpre, assim, uma função mútua: tanto o sujeito pode contribuir com seu interlocutor, como, também, entende que pode ser ajudado desde uma consciência de fora de si, constituindo, assim, um processo de trocas, ao mesmo tempo alteritárias e dialógicas.

Nestas circunstâncias, pode-se falar de integração entre atores dos acontecimentos da vida, de forma produtiva, por se fundamentar num espaço comum compartilhado. Nesta relação dialógica com o outro, este é internalizado como aquilo com que o sujeito pode contar.

A revivência de filigranas de memória dispostas temporalmente parece ser uma constante, quando se focaliza a relação pais/filhos, no tocante ao destino destes últimos, tendo uma vasta abrangência, desde o abandono, até a preocupação excessiva, conforme se constata em:

Luciana – Olha! Quando eu era criança, quando eu estudava na escola, às vezes eu matava aula e ficava no meio daqueles pivetes de 16 anos. Eu era criança no meio. Eles já eram malvados e eu era inocente no meio deles. Então, quero dizer, eu ficava olhando pra eles e ficava no meio deles. Eu não fazia o que eles faziam, mas se eu quisesse fazer eu poderia fazer. Eu não estava fazendo ainda. Mas depois eu passei a fazer longe deles. Já quando não estava mais com eles. Teve um tempo em que eu queria sair de casa para

viver com eles. Por quê? Porque, na minha família, ninguém sabia onde eu estava, mas quando resolvi sair de casa, e foi quando me bateram em casa. Nunca tinham me batido. Mas me bateram e resolvi fugir e ficar lá no meio deles. Não passei uma noite fora de casa porque eles [de casa] foram atrás de mim, me procuraram por Copacabana toda. Se não tivessem ido eu teria passado a noite fora. Se não tivesse ido quem sabe a minha vida não teria mudado? Não é? Eu teria sido uma bandida, não é? A mãe tem que estar sempre atrás do filho, eu acho assim. Tem que saber onde ele está, com quem está andando. Se ele tiver com má companhia, ela tem o dever de proibir ele andar com aquela pessoa. Porque a criança, quando a mãe está sempre dando carinho para ela, aí ela... A minha mãe morava em Minas. Eu não morava com minha mãe. Eu morava com minhas irmãs. E as minhas irmãs já estavam... Eu falsificava carteirinha, elas não olhavam a caderneta, não tinha ninguém para me orientar. Minhas irmãs eram todas desencaminhadas. [Reunião 10]

Naila – Quando a gente estava falando do colégio interno, eu e meus irmãos fomos todos criados em colégio interno. Então a educação que eu tinha todos tinham. A educação antes, do colégio interno, até a da Febem, não sei se vocês sabem disso, mas antes qualquer coisinha que um filho fazia, os pais falavam assim – Vou te botar na Febem. Porque ali educava e ensinava, agora virou bagunça. Não só ali, como estamos vendo em todos os lugares. Mas ali já foi um lugar de educação. Meus irmãos passaram por ali. Ali as pessoas ficavam ali para serem transferidas para o colégio que tinham pedido. Meu irmão trabalhou na casa da moeda, é um policial, o outro também, o outro é carpinteiro, o outro é carpinteiro, o outro é carpinteiro, o marido da minha irmã é professor e ela acompanha ele. Graças a Deus, todos ali... Enquanto eu estiver viva eu pretendo ajudar algumas pessoas só para não deixar, não coisas, mas não deixar uma má impressão neles. Porque foi assim mesmo. A Febem antes era mesmo para educar as pessoas, agora... [Reunião 19]

Ressentimento, preocupação e temor marcam, nestas passagens, suas presenças, remetidas a um tempo vivido, em relação ao qual não há segurança, como também os espaços referidos são imaginados como pouco acolhedores, ressaltando-se a alusão ao espaço de uma instituição escolar, lembrada em termos positivos.

O diálogo se apresenta de forma a ressaltar a importância que o sujeito atribui aos cuidados recebidos, sugerindo, assim, a necessidade de convivência com o outro, no tocante à possibilidade de melhores condições de vida, desde que este outro se coloque na posição de reconhecer as necessidades do sujeito.

Uma atitude amorosa, retratada em termos da dinâmica ser visto/ver, parece ter uma função estruturante para o sujeito, seja dos responsáveis diretos, ou de seus substitutos, o que configura um tipo de relação alteritária, na qual se destacam a necessidade e o reconhecimento do outro.

A comunicação de experiências vividas, até certo ponto exitosas, parece ter uma função: demonstrar que, em certas situações difíceis, existem saídas. Deste modo, aquilo que é vivido é enunciado, na esperança de servir de modelo. Pode-se

afirmar tratar-se, nestes casos, da transmissão da informação através da experiência vivida.

Há, também, o reconhecimento das impossibilidades e das dificuldades pelas quais as figuras parentais tenham passado, conforme se depreende de:

Marina – Os pais todos pobres. Às vezes eles querem sair com os filhos, têm vontade, mas nem condições tem. Num lugar que não tem também. Só vivem enfiados dentro dessas favelas aí. [Reunião 9]

Apesar do reconhecimento de condições precárias, isto é expresso dialogicamente em tom de revolta, tanto nas exíguas condições materiais de vida na relação com o outro, quanto na indiferenciação dos espaços de convivência. Tem-se, assim, um tom acusatório e denunciativo, que pode ser caracterizado como o *slogan verdade nua e crua*. Há, sobretudo, por outro lado, um processo de reflexão, que leva à conscientização da precariedade das atitudes dos pais com os filhos, tanto em função das dificuldades vividas, quanto da convivência constante em espaços físicos diminutos. Nisto, fica demarcado o reconhecimento da diferença espaço interno/espaço externo, o que se reflete na constituição das relações psicossociais do sujeito.

Esta modalidade dialógica acentua-se nas passagens seguintes:

Silvia – Ele olhou e colocou dentro da carteira de trabalho... É uma mensagem que ele vai levando pra cima e pra baixo. [Reunião 10]

Magali – O meu leu e falou que gostou. Ele disse que alguém lembrou dele – pelo menos alguém lembrou de mim. Meus filhos não podem me dar nada agora, porque estão pequenos, mas alguém lembrou de mim. – pegou, leu e gostou. Aí pegou e botou dentro da carteira de trabalho dele. [Reunião 10]

O reconhecimento das precárias condições parece ter uma conotação também positiva, visto que o outro, mesmo sendo visto como pouco tendo a oferecer, nem por isto deixa de ser importante, o que pode ser pensado como um valor de cunho subjetivo, e não somente material. Isto caracteriza o ditado *homem de valor*, homem exemplar, que guarda em si uma relação com a transcendência e, provavelmente, com algo de ordem mística.

5.6.2

Privação de necessidades básicas

Trabalha-se neste estudo com a expressão necessidades básicas, no sentido de indicar desde as necessidades vitais até modalidades de organização social, incluindo aspectos do viver em coletividade. No entanto, embora um conjunto diversificado de necessidades tivesse sido objeto de reflexão no grupo, no que tange à sua constituição, encontra-se como principal eixo de sustentação a necessidade básica: fome.

A razão de ser da existência do grupo teve, como seu determinante principal, a doação de leite, ou seja, na história deste grupo, os participantes sempre se reuniram para receber suprimentos alimentares.

Há uma particularidade a se destacar. O leite doado já indica alguma coisa de quem o recebe. Em certo sentido, pode-se afirmar que houve o reconhecimento de um estado carencial e, em função do mesmo, organizou-se uma ação para remediá-lo. Sendo assim, o objetivo principal desta ação circunscreve, de certo modo, o contingente de pessoas que pertencem a tal coletividade.

Partiu-se do pressuposto de realizar a doação a pessoas desempregadas, que não dispõem de outros meios para a aquisição de condições mínimas necessárias à sobrevivência. Vale salientar que, embora o eixo norteador tenha sido um alimento, durante os encontros grupais necessidades de outras naturezas foram sendo expostas e discutidas.

O uso da imagem produziu mudanças no andamento do grupo, não só pelo fato de que o tema passou a ser freqüentemente discutido, como também houve a conscientização, seja das condições precárias de vida, seja dos meios disponíveis para solucioná-las. Acredita-se que a introdução da imagem no grupo, assemelhando-se aos modelos midiáticos de programas e noticiários que abordam questões como a miséria, entre outras, tenha sido um mobilizador, levando-o a estender suas discussões para além das necessidades consideradas vitais.

Cabe ressaltar que, provavelmente, o grupo se nutria da esperança de que as informações registradas, relativas às suas queixas, apelos e reivindicações, pudessem ter um destino: ser objeto de conhecimento de autoridades competentes para implementarem políticas, no sentido de solucionar tais dificuldades. Talvez

seja esta a razão das constantes críticas dirigidas às medidas governamentais, entendidas pelo grupo como falhas.

Mesmo em se tratando de uma prática assistencialista (distribuição de leite), podem-se detectar dois grandes momentos na posição assumida pelo grupo. Em princípio, era expressada a esperança de que uma política assistencialista pudesse ser estendida aos demais estados de carência vividos, pois a abordagem de questões outras, além da fome, parecia assumir um tom reivindicativo, além de, explicitamente, ser um claro pedido de ajuda. Dito em outras palavras: os participantes verbalizavam suas situações de vida na esperança de que tais mensagens chegassem ao conhecimento de pessoas, que passariam a se ocupar do atendimento de suas necessidades. Em segundo lugar, à medida que algum tipo de produção de saber foi esboçado, a questão da responsabilidade passou a ser abordada, o que pode ser pensado como a mudança de uma posição meramente passiva para uma ativa, principalmente quando tinham lugar tanto as críticas às autoridades, quanto orientações e esclarecimentos entre os participantes.

Como o tema anterior, a análise é pautada nas mesmas categorias bakhtinianas, o que reflete a posição, a mudança e o entendimento dos participantes do grupo sobre suas condições de vida e também sobre as medidas que estão ao alcance para dar continuidade aos seus projetos de vida.

Uma particularidade é considerada: a importância do olhar de reconhecimento tanto da Pastoral, quanto dos participantes, uns sobre os outros, o que resultou, para o grupo, numa modalidade de saber acerca da necessidade de relacionamento alteritário.

As produções discursivas são indicativas não só do reconhecimento do outro, ou mesmo da imposição de reconhecimento, como também das condições de vida, condições que refletem o atual panorama em que se observa a grande densidade de pessoas vivendo em pequenos espaços, o que, certamente, tem um peso significativo na expressão e no aguçamento de condições que retratam a precariedade de vida. Acrescente-se a isto que as exigências atuais criaram modos de viver característicos de situações em relação às quais o sujeito é convocado a tomar uma iniciativa. Em certo sentido, a temática *privação de necessidades básicas* foi abordada em tom esperançoso e reivindicativo, o que, certamente, revela a maneira como estas questões perpassam o imaginário coletivo desta classe social.

Diferentemente do tema anterior, que foi introduzido para reflexão, o tema em pauta faz parte do projeto de criação do grupo, bem como de sua continuidade. Deste modo, não havia como não refleti-lo, ou seja, todos os encontros abordavam, direta ou indiretamente, as circunstâncias de vida relacionadas a determinadas necessidades, conforme se constata na seguinte passagem:

Marina – Inaudível... mas não tem graça [passar o dia dos pais na comunidade onde se vive]. *Tem uma pracinha lá* [na favela há uma pracinha muito pequena] *que se desce todo mundo* [descer o morro; os moradores da favela irem à praça], *não ia caber. Não tem nada pra se ver* [cinemas, teatros, praças. Reunião 9]

É retratada a carência de espaços para encontros de lazer, numa modalidade dialógica que revela, num tom irônico e crítico, o descompasso entre aspirações e aquilo que é oferecido pelo poder público, em termos da criação de espaços físicos necessários à manutenção de relações com o outro. Denota-se, assim, a expressão de ausência dos espaços de convivência. Fica configurado, deste modo, um horizonte de expectativas que inclua o lazer. Além disto, reivindica-se, também, uma certa ordem no espaço externo, como garantia das mínimas condições de repouso e de bem-estar, o que pode ser depreendido das seguintes passagens:

Julia – Ah! acho que o barulho dos bares [o que ela gostaria que mudasse, onde mora]. *Porque é a noite toda. Você ter que levantar para trabalhar, você acorda... É muita bagunça.* [Reunião 10]

Lucia – Aquela obra que eles fizeram lá no beco no esgoto que toda vez entope. Aquelas vielas cheia de cocô, descendo toda vida até lá em baixo. [Reunião 10]

Há, na primeira, a constatação da necessidade de mudança, ao mesmo tempo em que é indicada a dificuldade de viver em tais condições. Tem-se, assim, um discurso indicativo de uma descrença em projetos que solucionem tais situações, o que retrata o dito popular *a vida é dura*. Na segunda, o diálogo assume um tom crítico sobre o outro, revelando a *verdade nua e crua*, além de ser uma espécie de denúncia, dirigida às autoridades, e um alerta aos moradores daquela localidade para tomarem consciência de tal situação. Pode-se admitir que há um apelo dirigido àqueles que se devem implicar na busca de solução para tal fato.

A reivindicação dirigida às autoridades é colocada em segundo plano, quando há o chamado, de forma radical, à responsabilidade de cada um, conforme se observa nas passagens:

Cristina – Mas isso também depende dos moradores. É porque tem muito morador que joga lixo na lixeira; que joga o lixo direto dentro da vala e não quer saber quem está morando em baixo, o resto é que se dane. [Falamos algo e riem. Reunião 10]

Francisco – Esse negócio de lixo não adianta nem falar nada. Eu, por exemplo, limpo a porta da minha casa todo dia. ... a gente acaba de varrer daqui a pouco quando olha... vem lá de cima do morro com bolsa cheia de lixo e larga na porta dos outros. Então não acaba nunca a sujeira lá do morro. Tem uns carrinhas, você vê lá, com a cesta, limpando. É, eles lá limpando na frente e o pessoal, jogando atrás. Porque tem muita gente relaxado no morro. [Reunião 10]

Os diálogos se revelam em tom acusatório, sendo que, no primeiro, se observa uma modalidade dialógica, que tende à informação, numa espécie de postura individualista, mas reveladora de uma situação, na qual todos estão implicados, por ser trazido à tona um hábito da vida nos espaços públicos. O conteúdo expresso faz com que, obrigatoriamente, todos se reconheçam em algum tipo de vínculo identificatório à situação mencionada, o que provoca uma atitude de desvio, tanto pelo conteúdo daquilo que falam, de modo a não serem ouvidos, quanto pelos risos.

A tônica da outra narrativa é mais de conformismo e descrédito na cooperação da coletividade, mesmo sendo uma denúncia. É uma crítica da total descrença, sem vislumbre de esperança, revelando o dito popular *a vida é assim*, e indicando um certo individualismo. Mas há, também, o empenho em não desistir, mesmo diante da conscientização de uma dificuldade há muito insolúvel.

O planejamento de uma iniciativa para solucionar algumas dificuldades, indicando uma atitude cooperativa, depreende-se de:

Cristina – Vou dar uma sugestão do cheque cidadão. É o mesmo dilema. Tem muitas pessoas que têm filhos menores, têm três de cinco filhos, que precisam, e nunca chega na mão daquelas pessoas que mais necessitam. Chega na mão de quem tem dois filhos, e que a mãe ainda trabalha, por cima, que não precisa. Quem faz a inscrição não vai em casa ver da pessoa as condições, se ela tá trabalhando. Um conhecimento mais profundo, se realmente a pessoa tá precisando. Acho que isso aí, o governo fez até errado. Vou criticar um pouco o prefeito, porque esse cheque deveria ir pros colégios, porque os colégios sabem as crianças todinhas que vai pro colégio, do jeito que tão indo pro colégio, do jeito que não tão indo pro colégio... [Reunião 19]

Fica, assim, retratado um tipo de modalidade discursiva que tende à crítica dirigida às práticas segregacionistas das instituições públicas. Há uma crítica explícita ao funcionamento de determinados órgãos públicos em tom de revolta. A conscientização de mecanismos facilitadores para alguns é vivida como injustiça e acusação, situação em que se observam comportamentos passivos de aceitação, caracterizando-se, assim, o típico modo de dizer *puxa-saco*, como quem aceita as condições impostas pelo outro, de um bem coletivo desviado para si, ou para seus descendentes imediatos. Tem-se, também, uma postura ativa de quem denuncia, tanto as políticas institucionais quanto a posição ética de cada um, em ser cúmplice de pactos acordados na obscuridade. A falta de ética é relacionada criticamente ao lastro no qual se assentam a construção e a cristalização do fisiologismo político, conforme se constata em:

Kassia – Na Rocinha, tem creche de graça [dez reais] pra muita gente, mas só entra quem conhece. Assim, aquela Uêga, ela tem creche; mas quem ela não conhece, ela não bota. Só bota quem é do montinho [?] dela; não adianta isso não. Tem creche de dez reais, mas quem não é conhecido não entra. Tem que ter conhecimento; não é assim. Ela tem que saber quem precisa... [Reunião 19]

O conteúdo revelado é sugestivo de uma formação dialógica, que revela revolta em relação à discriminação que se estabelece pela troca de favores, pelas influências particulares e por outras modalidades de pactos obscuros. Tudo isto corrobora com o exercício de práticas individualistas bastante comuns em pequenos guetos. Além disto, encontra-se também a construção negativa de atitudes em relação aos direitos de uso do bem comum, no caso, a escolaridade.

Há um certo descrédito em mudanças, frente à decadência da prática ética em termos da conscientização deste uso do bem comum, e também na esperança de que uma autoridade se possa ocupar da solução destes impasses, conforme expressa a passagem seguinte:

Lucia – Acho que o Garotinho dá [o cheque cidadão], em todas as igrejas. Muitas igrejas da Rocinha recebe. Na Uesiliana [?], nas igrejas metodistas, várias igrejas recebem. Sabe, eu fui na igreja Batista pra tentar receber. Não consegui, porque tinha muitas pessoas na frente. Eles tinham vagas só pra trinta pessoas. Aí, por isso que não consegui. Mas acho que as pessoas que estavam lá estavam precisando sim, porque elas têm filhos na escola e estavam recebendo. [Reunião 20]

Tem-se, deste modo, um discurso construído na interação com o outro, expressando a intencionalidade de ampliar o conhecimento, antes restrito à cristalização do estereótipo de uma figura pública identificada como fisiologista, narcisista e interesseira, para um exercício de reflexão, remetida ao provérbio *não julgueis*, conclamando o grupo a tomar uma posição de consenso em não julgar, não falar mal. Num outro sentido, tal colocação é também sugestiva do encobrimento da tendência interesseira de defesa individualista, mesmo em se tratando do reconhecimento da necessidade do coletivo.

O reverso desta questão é objeto de discussão no reconhecimento de outras possibilidades do exercício do poder, retratado na seguinte passagem:

Lucimar – O governo tem que colocar mais professores e pagar eles melhor, vocês não acham? Porque tem sala vazia pra caramba nos brizolões por aí. O Conde falou que ia fazer os oscarzinhos: botar as crianças dos três meses aos quatro anos nos brizolões. Uma crechezinha nos brizolões. Se ele fizer isso, tá bom, vai ajudar bastante. E tem que colocar mais professores, porque tá cheio de sala vazia. Os professores tão ganhando pouco, não querem trabalhar. [Reunião 17]

Há a formulação de uma crítica consciente à defesa dos direitos coletivos, revelando, em sua forma dialógica, o dito popular *falta de vontade política*. Em certo sentido, acredita-se que as autoridades sabem o que devem fazer e tratam estas questões com certo descuido. No que concerne à utilização do bem público, constata-se o entendimento de que o mesmo deve ser de usufruto de todos, em condições de igualdade. Além disto, há a expectativa de que o exercício do poder público invista em bens para a coletividade alcançar melhores condições de vida. Tem-se, assim, o reconhecimento da necessidade e da importância de trocas alteritárias, expressadas numa modalidade de dialogia convocatória, para que cada um se pronuncie em termos de responsabilidade e ética.

Dando continuidade ao processo de análise, focaliza-se a leitura nas produções discursivas em que se observam direcionamentos de opiniões, olhares e gestos, partidos do outro, os quais visam produzir algum tipo de mobilização no sujeito. Sendo assim, destacam-se trechos que refletem momentos na história do acontecer grupal, onde o sujeito traduz, em palavras, risos, silêncios e inquietações, o efeito da influência, devido à presença e à ação do outro.

O eixo para a construção do saber crítico é a experiência vivida, como se observa na seguinte passagem:

Jussara – Realmente, o cheque cidadão é só pra pessoas que têm crianças em escola, entendeu? É realmente dado na Universal, porque quem dá o cheque é o Garotinho. O Garotinho é da igreja Universal, então ele não dá pras católicas. Só que esse pessoal que ficou responsável pelo cheque da igreja Universal são muito ignorante, e não dá pra todo mundo. Primeiro, eles só falta bater em você, xinga, te maltrata, e não dá. Só dá pras pessoas que eles conhecem, que eles querem dar. Sabe, às vezes as pessoas nem precisa, porque, eu mesmo, eu recebia o cheque cidadão. Recebi três vezes o cheque cidadão. O meu foi feito na rua Um, na RA, com Jorge Mamão. Mas aí passou pra Universal. Ela cortou, porque falou que a gente não precisa, porque só tem uma criança pequena e já é de idade. Porque normalmente é pra pessoas mais novas, porque o pessoal de idade já é aposentado. Não é pra pessoa deficiente, porque a pessoa deficiente também depende do governo. Então tem vários atritos, e ela realmente arruma mais pras pessoas que são ligadas à igreja. [Reunião 19]

Depreendem-se, assim, vários aspectos. Em princípio, a forma dialógica assume o tom de denúncia, formalizada a partir das circunstâncias da vida, em termos da maneira como algumas necessidades são atendidas ou não. Mesclado à denúncia, observa-se também o tom acusatório, numa modalidade de questionamento acerca dos direitos às políticas assistencialistas. Constata-se um diálogo ora polarizado na informação, ora polarizado na indagação.

Enfim, a modalidade discursiva se faz indicando a concordância com determinadas restrições das normas estabelecidas, no sentido também de estender esta compreensão aos demais, ou seja, a produção discursiva reveste-se da possibilidade de ser um esclarecimento ao outro.

O questionamento acompanha todos os momentos e, em algumas circunstâncias, é trazida à tona a ética, na aplicação de algumas estratégias referidas aos serviços públicos, destinadas a solucionar provisoriamente os estados carenciais de um recorte da população.

A extensão desta postura crítica pode ser detectada nas seguintes passagens:

Marina – Mas tem muita gente também, Florentina, que vai na Rocinha, e é gente importante, que nem você foi lá em cima e viu no seu Marcelo [Diretor do Centro Espírita Maria de Nazaré, que fica na Rocinha]. Seu Marcelo tem a lista de pessoas que frequenta a escola dele. E aí eles levam a voz dos caras lá pra fora. Lá pra fora do Brasil, e lá eles mandam doação. E cadê a doação? Chega até a gente? Fazem alguma coisa pela gente? Fazem alguma coisa pela Rocinha? [Reunião 11]

Marina – Ô Florentina, ali no Centro Espírita Maria de Nazaré, que fica na Rocinha e que Florentina visitou, vai japoneses, os gringos estão sempre ali naquela escola. Você viu. Você conheceu ali a metade das pessoas que frequentam aquilo ali. Ali só tem pessoas altas que frequentam ali e que dão o estudo às pessoas ali. São psicólogos, são advogados, são juízes. São gente grande, muito importantes, e essas pessoas, você acha que não fazem um estudo e não levam lá pra fora? Claro que levam! E recebem doação, claro que recebem... Ninguém vê nada porque eles não vão falar pra gente. E eles falam pra gente que receberam tanto?... Eles vão falar? Não falam. Por isso que digo: tem uma

pessoa, uma, uma pessoa em milhares de pessoas que recebem e que fazem alguma coisa pela Rocinha. Agora, o que eles recebem vão botar no bolso. Ali tem um montão de gente que faz isso, não é não? [Reunião 11]

A narrativa, em sua forma crítica, demonstra um tipo de reflexão sobre determinadas instituições, organizadas a partir da existência de condições de precariedade num dado segmento do social, como, por exemplo, as instituições não-governamentais. Além disto, há um alerta sobre a utilização das observações do *modus vivendi* de uma tal comunidade, com argumentos contundentes, tanto sobre o destino do saber produzido e, neste caso, o alvo são os órgãos de fomento, que dão suporte aos institutos de pesquisa das universidades, quanto sobre o possível retorno de tais atividades, que se organizam tendo como foco a condição miséria, revertido em benefícios dos estados de carência identificados.

A postura reflexiva é frequentemente pautada numa atitude de preocupação e desconfiança, revelando um modo de dizer do tipo denunciativo, principalmente, caracterizado pela descrença numa postura ética dos agentes governamentais, mesmo que, a todo momento, seja reconhecida a presença de medidas destinadas a ações assistencialistas, mas numa posição de quem vivencia o sentimento de uma não existência alteritária.

O diálogo, também, em algumas circunstâncias, assume o tom de defesa, conforme se depreende de:

Joana - É o seguinte, o Garotinho não é da igreja Universal. O Garotinho é da Assembléia de Deus e ele não dá só pra igreja Universal não. Ele dá pra todas as igrejas. Assembléia de Deus, Deus é amor, a Batista, e também quando ele começou dar pra Universal foi por causa da ABC, porque a ABC sempre ajudou as pessoas. Então ele começou a dar pra ABC, ele não dá pra Universal, ele dá pra ABC. E dá pras pessoas que têm quatro filho, que não pode trabalhar. Não é pras pessoas que tem dois filhos, que são idosos, nada disso. E tem mais, ele também falou bem claro, ele só dá pra pessoas que têm acima de quatro filhos, e não é pelas caras. A moça não dá pelas caras. As coisas dadas é com muito sacrifício. As coisas dadas é com muito sacrifício, as coisas dadas a pessoa tem que correr muito atrás, tem que dar entrada, tem que ter o papel, tem que ter o documento, tem que correr atrás. Qualquer um de nós, se corresse atrás bem, conseguia [o cheque cidadão], qualquer um de nós, porque coisa dada é muito difícil mesmo. Tem que ser com muito sacrifício. [Reunião 20]

Há, no trecho acima, uma clara alusão à defesa de autoridades políticas, numa espécie de diálogo voltado para interesses pessoais. A confiança e a esperança alimentadas em torno de um agente revestido de bondade e preocupação com o atendimento dos estados de carência conduz à idealização da

figura de um representante do poder público, talvez para escamotear a conscientização de suas reais condições de existência.

A postura de vitimização reveste-se de um forte apelo, feito pelo sujeito, na expectativa de ser cuidado. Embora haja uma certa noção da posição de carência, isto se faz de forma unilateral, principalmente quando são omitidos possíveis pontos negativos do outro. Sendo assim, ele acredita que, uma vez tendo explicitado sua situação, deve receber doações, para o que, na defesa de interesses próprios, usa constantemente como argumento as carências de sua vida, na justificativa de que qualquer coisa que lhe seja dada é bem-vinda. Observa-se, então, uma modalidade dialógica, no sentido de não criticar uma postura omissa, com vistas a se resguardar das conseqüências referentes à exposição de uma outra maneira de seu modo de pensar. Caracteriza-se, assim, a expressão *pobre necessitada*, em que não se observa preocupação em compartilhar, de modo alteritário, com o grupo, as experiências vividas, nem também em trazer à tona as verdades encobertas. Em outras palavras, pode-se dizer que esta construção dialógica revela um não discernimento entre a prática assistencialista e o exercício de um projeto político-social, sendo tal prática revestida de uma idolatria, culminando com a atitude de que o receber algo tem como contrapartida o sacrifício, revelando, assim, o dito popular *é preciso sofrer para ter*. A modalidade dialógica tende para o enaltecimento da experiência vivida, o que se reveste de um certo egoísmo, quando o sujeito se conscientiza de ser beneficiário eleito da entidade idolatrada.

Observa-se também uma atitude oposta a esta, na passagem seguinte:

Marluce – Aqui em cima, tem a igreja presbiteriana. Então o pastor chamou as pessoas, ia dar o cheque pra cem pessoas, mas ele não escolheu religião não. [Reunião 20]

Constata-se o reconhecimento da necessidade de ajuda mútua, o que, em termos de relações alteritárias, é vislumbrado como um sistema de trocas, a partir do reconhecimento das diferenças. Na situação em pauta, a diversidade de credos é considerada não como um empecilho para ações voltadas ao atendimento de uma carência básica. Há, nisto, a tentativa dialógica de alertar para o fato de que um bem público não pode ser utilizado a partir de restrições de diferenças

pessoais, como cor, filiação partidária, orientação religiosa, nível de instrução, naturalidade e classe social.

Por outro lado, esta modalidade dialógica é reveladora da posição ser ajudado, numa experiência compartilhada, indicando, assim, ser possível pensar em solidariedade a partir das diferenças, o que caracteriza a expressão *temos os mesmos direitos, apesar das diferenças*.

Há, também, um certo esclarecimento em discernir aspectos negativos e positivos dos serviços públicos, aos quais um dado segmento social tem acesso, como se observa em:

Ana Rita – Os professores é que não querem trabalhar na Rocinha. Minha filha está desde o começo do ano sem professora. A Paula Brito é uma escola boa, toda reformada com merenda boa e sem professora. [Reunião 17]

Joana – Acho que os professores é que não querem trabalhar. Porque a gente passa o mês inteiro para ganhar uma quase mixaria, cento e poucos reais, duzentos reais, para trabalhar numa casa de família, pra trabalhar numa firma, e eles ganham cerca de quase quatrocentos reais, quinhentos reais, e ainda não vai dar aula, e é um negócio fácil de fazer. No colégio do meu filho, ele desde segunda-feira que ele tá indo pra escola e não tem aula. Acho que é falta de organização dos professores e da diretora do colégio. [Reunião 17]

Apesar de a tônica ser a denúncia, isto não impede que se reconheçam determinados valores das instituições públicas. De certo modo, há uma nítida separação entre a posição dos agentes prestadores de serviços e as condições de instalação dos mesmos. Há uma clara denúncia dirigida à ética de representantes políticos não implicados com as necessidades do outro, ou seja, são representados como sem responsabilidade na viabilização da prestação de serviços básicos, necessários à construção da cidadania.

Reconhecem-se os aspectos positivos da instituição, separados dos aspectos negativos, relativos à administração, que é vista como descuidada com o usuário, o que revela o dito popular *funcionário público é assim mesmo*.

O diálogo se encaminha para uma postura de revolta, ante a constatação de níveis de salários diferenciados e o esforço empreendido, pois é explicitado que, para um salário de menor valor, se trabalha muito mais do que para um de maior valor. Há, nisto, também, uma clara denúncia da desigualdade social, marcada pela materialidade construída em função do dinheiro.

Paralelo à denúncia, há a cobrança de que providências sejam tomadas, indicando responsabilidade e dever. Pode-se depreender desta postura a esperança em melhorias, desde que haja interesse e investimento numa prática em que transcorram relações alteritárias e éticas.

A modalidade dialógica, claramente, sugere uma espécie de abertura para uma ação compartilhada, em que cada um – agente, público e beneficiário – assuma a responsabilidade por sua parte. O teor reflexivo funda-se na seguinte premissa: havendo um certo cuidado administrativo, pode-se aventar melhoria de condições, mostrando, assim, que a necessidade do outro para a transformação faz parte de um processo de conscientização, ou seja, constata-se que, pela interação, em que um reconhece e é reconhecido pelo outro, as ações deixariam de ter um cunho individualista, tornando-se passíveis de serem inscritas socialmente e continuadas, num processo constante de aperfeiçoamento. Enfim, há um claro repúdio a posturas egoístas e individualistas, devido à conscientização de que somente a ação compartilhada faz história.

A conscientização do que seja a responsabilidade frente ao exercício da cidadania, na utilização dos bens públicos, para atender às condições de vida, mostrou-se ser um tema mobilizador, a partir do que cada participante foi levado a refletir sobre seu papel e sua função social. Ao ser constatada uma dada situação de vida, em seguida explicitada ao grupo, é solicitada uma atenção, conforme se observa no trecho seguinte:

Magali – Sabe o que eu queria que vocês fizessem pra mim, já que vou sair no mês de dezembro? Meu filho vai fazer dois anos. O que eu queria é uma coisa: já que eu não consegui um trabalho e nem vocês conseguiram para mim até agora, escrevessem uma carta pro Ratinho. Eu já estou com endereço, telefone e tudo, eu queria que algum de vocês escrevessem para mim. Escrever meus problemas, minha situação, para eu mandar pro Ratinho e pedir uma máquina para eu cortar camiseta, e linha, que estou precisando pra eu trabalhar por minha própria conta. Porque até hoje eu não consegui um trabalho. Fui no INSS e só fiz me aborrecer, a mulher me disse que mesmo assim, sem eu trabalhar e sem carteira assinada tenho que pagar meu INSS! Se eu tenho que pagar, tenho que trabalhar, tenho que fazer alguma coisa. Queria que vocês me ajudassem nessa parte. Acho que isso não faz vergonha nenhuma. Vergonha é roubar, não poder carregar e vender o corpo. [Reunião 13]

Depreende-se o reconhecimento da ajuda do outro, de forma impositiva, para solucionar problemas pessoais. Há a expectativa do compartilhar ajuda, visando a um interesse pessoal. Constata-se também um planejamento para o

futuro, em termos de melhoria de vida, mas contando com interesses e ajudas externas voltadas para si. Dito em outras palavras, a relação alteritária decorre da tomada de consciência de que, para usufruir de determinados bens, se faz necessária a mobilização incondicional do outro. Não obstante, o que é esperado é uma ajuda para a solução das dificuldades relativas a dadas condições de vida, mas em nenhum momento há a espera passiva de que o outro ofereça a solução, pois a intenção é a busca de meios.

Embora se detecte a oscilação do diálogo na formulação de pedidos de ajuda, para o que quer ser ajudado, perpassa uma crítica à postura daqueles que, fugindo de seus compromissos éticos, não se empenham no oferecimento das condições mínimas adequadas ao atendimento de estados de precariedade.

A produção discursiva também é indicativa de uma certa sugestionalidade, decorrente da divulgação de programas midiáticos, que, abertamente, se oferecem como alternativas de ajuda. O apelo da informação midiática é de tal intensidade a ponto de engendrar a construção de figuras messiânicas em apresentadores de programas televisivos. Há, nisto, o apelo e a esperança de que o Destino possa ocupar-se das condições precárias do sujeito, abrindo-lhe o caminho da sorte. Há, até certo ponto, uma esperança em agentes desta natureza, mas não um total comprometimento ilusório, uma vez que, frente a determinadas exigências, o sujeito tem, claramente, a noção do caminho a ser seguido, o que revela a transição dos tipos populares da postura de *pobre coitada* a *é preciso ir à luta*, revelado numa espécie de diálogo partilhado, que culmina num tom acusatório. De resto, observa-se também o modo de dizer *não custa nada tentar a sorte*, justificado pela utilização de certos valores morais, até certo ponto banalizados.

A modalidade alteritária do diálogo e a questão da responsabilidade imputada àqueles que cumprem o dever podem ser consideradas indicativas do típico *carente*, quando o outro é reconhecido na condição de indispensável à sobrevivência, sendo, por isto mesmo, elevado ao lugar de co-responsável. Os seguintes trechos retratam questões que, na sua radicalidade, convergem para aquilo que é imediatamente vivido:

Joana – ...E as crianças passam fome mesmo, igual já passou as minhas mesmo, já passou, hoje em dia está melhor, graças a Deus. Mas já passou muita fome mesmo... Deixei de trabalhar por causa dos meus filhos, porque eu não queria que ficassem jogados no morro, chegassem da escola, ficassem à toa. Então esse leite serve muito, porque além da neném, eu posso dar um copo para cada um deles. Ainda mais agora,

que passou a dar [duas latas] toda semana ficou muito melhor mesmo. Porque eu posso dar um copo para cada um deles, posso fazer as coisas deles. [Reunião 10]

Creuza – Eu pago dez merréis para levarem o meu lixo da minha porta. No outro dia de manhã tem sacos e sacos na minha porta. [Reunião 10]

Observa-se, então, uma modalidade dialógica, que revela a mais chocante expressão da verdade, o que, acredita-se, tem como objetivo despertar piedade ou remorso no interlocutor, pois o sujeito manifesta, através da modalidade discursiva, *verdade nua e crua*, a posição de vítima, numa situação de impossibilidade, o que caminha para uma atitude mesclada de ironia e de tom acusatório ao outro. Ambas as situações retratam, seja na condição de vitimização ou de ironia, situações que induzem a sentimentos de impossibilidade e de descrença, ao mesmo tempo que pode gerar sentimentos de tomada de decisão: há que se fazer algo já; há que se dar um jeito; há que se encontrar uma saída.

Uma postura diferenciada da atitude de vitimização é apresentada no seguinte testemunho:

Sandra – Comecei desde fevereiro. Desde fevereiro que eu ando atrás do cheque. Aí tirei meus documentos três vezes, levei pra lá. Aí os documentos sumia; eu ia lá pra fazer a ficha, não conseguia. Lá em cima, na RA, mandaram chamar a gente. A gente foi; fizemos a ficha tudinho, aí ela perguntou como é a nossa situação, se o marido trabalha, se eu trabalho, como é que tá meus filhos, se estão na escola. E eu não tou trabalhando, meu marido não trabalha. Tenho dois filhos na escola e um de dois anos. Aí ela foi, fez minha ficha, e falou que ia descer pra Universal, que era pra mim ir lá, pra poder; lá eles iam fazer outra entrevista, pra mim receber. Aí passou, passou, passou e nada. Depois eu descí. Aí eu fiquei andando, mas andei muito pra conseguir esse cheque. Andei muito. Toda vez que eu descia, meu nome não tava lá, não tinha conseguido. Aí agora eu consegui. Graças a Deus, eu consegui. Peguei a primeira vez mês passado, esse mês vou pegar de novo. Mas, é realmente o que ela falou, é verdade. Tem muita gente que não precisa e recebe; e eles dão preferência mais aos conhecidos, porque, pelo que vejo na reunião lá, muita gente eles conhecem, aí eles dão preferência a eles mesmo. [Reunião 19]

Encontra-se, no trecho acima, a modalidade dialógica construída sobre as dificuldades a serem superadas, quando se tem em mente atingir o objetivo da utilização de um benefício. A informação aparece na maneira como a experiência vivida pode servir de exemplo aos demais, além de ser sugestiva de que haja a extensão deste tipo de experiência, de empenho pessoal, para solucionar dificuldades de outras necessidades.

Mesmo deixando clara a possibilidade de compartilhar uma experiência, críticas são dirigidas ao funcionamento de tais benefícios, em função dos percalços a serem superados para obtê-los, através da insistência, caracterizando, assim, o modo de dizer é *necessário insistir*, alertando para o fato de que não se pode desistir diante do primeiro obstáculo a ser enfrentado, mesmo porque o desencorajamento, que pode decorrer das dificuldades apresentadas pelos agentes que respondem pela viabilização de tais benefícios, pode ser o caminho mais curto. Há uma postura reflexiva, que é transmitida enquanto experiência compartilhada, de opor-se ao conformismo e à passividade, caminhos propícios à desistência.

O tom de denúncia alerta para a necessidade de uma mobilização, por ser revelador de possíveis mecanismos utilizados estrategicamente para ludibriar caminhos e escamotear possíveis saídas, até mesmo pela propagação do *slogan não querem nada*, imputando, deste modo, às pessoas, estereótipos de submissão e passividade, uma vez que, diante de impossibilidades incontornáveis, nada havendo o que fazer, são acusadas de não lutarem.

A modalidade dialógica reflete a tentativa de construir uma atitude crítica nos demais, a partir de uma experiência vivida, em que foi possível enfrentar alguns obstáculos, o que caracteriza uma posição de mobilização e comando, uma vez que se espera que a transmissão de algo vivido venha a ser revertida em construção de saber, a fim de que seja possível a mudança de uma posição conformista, passiva, para a atitude de luta pelos direitos.

5.6.3

Drogas e tráfico

Um estado de tensão constante faz parte das vidas das comunidades de baixa renda que vivem nas favelas, devido, principalmente, à comercialização e ao consumo de drogas. O conviver cotidianamente com esta realidade faz com que, mesmo as pessoas sendo orientadas para o silêncio do que vêem e do que sabem, não cessem de expressar, de forma direta ou indireta, suas inquietações. Eis a razão que, provavelmente, fez surgir no grupo, de forma quase espontânea, a temática referente às drogas, bem como o envolvimento dos participantes em abordá-la.

Acredita-se que, pelo fato de as pessoas de tais comunidades estarem afetadas pela questão da droga, este tema se mostra como uma particularidade de suas vidas: algo muito presente, porém bastante temido e em que, ao que tudo indica, a sensação das pessoas é de tratar-se de algo que foge ao controle. Deste modo, não só o tema se afigura como um impasse, como a discussão se encaminha numa expectativa de busca de solução.

O encaminhar das discussões trouxe à tona uma articulação do consumo de drogas com a educação e os papéis/funções das figuras parentais, especialmente quando as mães retratam a dificuldade de trabalharem e, ao mesmo tempo, darem assistência aos seus filhos. Na verdade, devido à exigência do trabalho da mãe, para a sobrevivência da prole, pois quase sempre não contam com a ajuda dos pais, as crianças são criadas soltas, nas ruas, em contato com adolescentes e adultos, presenciando situações das quais deveriam ser preservadas e assimilando hábitos que dificilmente são transmitidos no contexto familiar, como, por exemplo, a inclinação ao consumo de “cola”, utilizada no conserto de calçados.

Além do mais, freqüentemente, as crianças servem aos agentes do narcotráfico para transmitirem informações ou distribuírem drogas, recebendo algum tipo de recompensa por estas atividades ilícitas. Este mundo fora de casa, em que a criança se insere, tem uma dinâmica que quase sempre foge ao controle e ao conhecimento dos pais, de modo que, quando um pai ou uma mãe sabe das atividades de um filho no comércio de drogas ou no consumo, já se trata de um processo em andamento bastante pronunciado, o que dificilmente encontra soluções a médio e curto prazo.

Pode-se afirmar que a vivência dos pais frente a tais circunstâncias instigou o grupo a focalizar as questões referentes ao consumo de drogas e à situação dos filhos engajados no comércio do narcotráfico, como se estivessem levando tal situação ao conhecimento de autoridades, na esperança de que alguma coisa seja feita. Dito em outras palavras, as mães mostram-se impotentes em relação ao que fazer com o filho viciado ou traficante. Acredita-se que a explicitação de tal estado de impotência seja um apelo desesperado para “a salvação” de um filho.

Ao partir da lógica das relações ditadas pela ciência, com sua promessa de produzir objetos cada vez mais adequados às necessidades humanas, observa-se que, tanto no aperfeiçoamento técnico se encontra uma vastidão de opções, quanto na produção de objetos de consumo. Isto fez a droga ser alçada ao nível de um

objeto oferecido para a satisfação de uma necessidade. Sabe-se que esta necessidade nada tem de natural, sendo, tão somente, o artifício criado pela mídia e oferecido ao sujeito como saída, na busca da felicidade.

O consumo de droga em várias comunidades faz parte de um contingente bastante expressivo, ao lado da incidência nas atividades ligadas ao tráfico. As alegações apresentadas apontam, quase sempre, para a precária estrutura do núcleo familiar, de condições econômicas desfavoráveis. Acrescente-se a isto que, em determinadas favelas, reina um estado de tirania, em que as regras de funcionamento não surgem do consumo e sim da vontade e da vaidade daquele que, no momento, está no comando das operações ilícitas. Tal estado de coisas pode muito bem ser pensado como o abandono do Estado na assistência das comunidades de baixa renda.

Como se trata de um tema de grande mobilização, devido à avaliação dos pais em relação aos riscos aos quais seus filhos estão sujeitos, o grupo assume uma postura ativa na abordagem do consumo de drogas, sobre que medidas podem ser tomadas na orientação de seus filhos e sobre o que fazer ante a constatação de um filho viciado ou traficante. Observa-se o interesse crescente do grupo na busca de soluções, motivo desencadeador da necessidade de cada participante oferecer aos demais seu saber sobre o assunto, o que, numa atitude cooperativa, se configura como uma ajuda, conforme se depreende da seguinte passagem:

Creuza – (...) Uma coisa que a gente tem que debater na Rocinha: droga. Coisa que muita gente aqui não vai dizer pra mim, porque sou velha na Rocinha, tem marido novo e com os maridos todos metidos em tóxico. Isso não é certo. Tem, conforme a Dona Florentina falou. Tem a psicóloga lá em cima, gente, pede ao marido para ir. Porque essa droga não leva a gente, não leva o marido de vocês a nada. [Reunião 10]

A passagem acima traduz, em primeiro plano, um alerta, no sentido de conscientizar cada participante da gravidade referente ao uso de droga, sendo, também, uma advertência à possível omissão. Trata-se de um testemunho que surge em tom de exigência e de autoridade. O participante em pauta não só se posiciona em termos de autoridade no assunto, admitindo dispor de um saber, em função da experiência vivida, como também convoca os demais a assumirem cada um a responsabilidade necessária ao “combate” às drogas. É constante a consideração de que ter acesso à informação é uma meta a ser empreendida, no

sentido de produzir outras saídas, que sejam mais eficazes e, assim, contornar o problema.

A retratação da experiência é vivida de forma contundente, o que mostra ser um aprofundamento da colocação anterior, e pode ser detectada no seguinte trecho:

Pedrina – Sobre o assunto de drogas eu acho assim que também não é só homem que fuma, que usa. A gente vê muitas garotas novas, moças bonitas, misturadas juntas...eu por enquanto tenho uma filha de um ano e cinco meses,deixo com uma moça pra eu ir trabalhar.Mas não sei quando ela estiver maior, aí a gente sempre pensa no futuro. [Reunião 10]

A tônica do discurso é de esclarecimento, sendo indicativo de um deslocamento de ênfase do consumo de drogas sobre figuras do sexo masculino. Denota-se, assim, a ampliação de um modo de olhar a questão da droga sob uma perspectiva pouco mencionada: a extensão do uso a mulheres. O discurso traz à baila o testemunho do visto e do vivido, sendo revelador do termo *testemunha*, solicitando uma intervenção de agentes externos, uma vez que a situação se mostra a olhos vistos. Novamente, a alegação de que as mães, em função do trabalho, deixam seus filhos soltos, é tomada para explicar a inserção no mundo do tráfico de drogas e as causas do vício.

A preocupação com o consumo de drogas pelas crianças é uma constante, como revelam as seguintes passagens:

Luzia – Criança solta, lá, aprende coisa que não presta: xingar, falar um montão de besteira, beber, fumar, cheirar. Lá no campinho, onde moro, vejo um montão de gente fumando. E não respeitam a gente nem nada. A gente com criança recém-nascida, assim, debaixo da janela eles fumam. E meu filho tem problema de falta de ar. A gente não pode falar nada, que não adianta. [Reunião 15]

Ana Rita – Tem criança de sete, seis anos; aí tem um maior que já bebe, já fuma, dá um copinho [adulto ou crianças maiores dão bebida para as crianças menores], daí começa [a iniciação às drogas. Reunião 17]

Vanusa – Depende muito do pai e da mãe. Tem pai e mãe que, sinceramente, já é safado. Eu vejo por aí. Às vezes, o pai está numa festa bebendo. Toma aqui meu filho, pra você dormir [dá bebida alcoólica para a criança]. Aí acaba deixando a criança zonza, bêbada, eu vejo. Pega o cigarro, dá para a criança porque acha bonito. Isso é palhaçada. [Reunião 12]

As três produções dialógicas retratam o incômodo perante a situação de o sujeito ser obrigado a conviver com hábitos ilícitos, bem como a impotência

diante da atitude dos praticantes, inclusive dos próprios pais, em consumir drogas na presença de crianças. A passividade revelada é admitida em função do temor à retaliação, caso ações de outra natureza (como pedido para evitar determinadas coisas, em função das crianças) sejam desencadeadas.

Mais uma vez, é o vivido que força o diálogo, revelando, pela pregnancy do visto, o possível descaso das autoridades em empreenderem medidas coibitivas de tais práticas, no sentido da promoção do bem-estar da comunidade. Há também uma clara explicação sobre o processo de iniciação no uso de drogas, sendo, neste caso, o saber explicitado, oriundo de vivências que revelam a característica *testemunha* (testemunha revoltada e impotente) e o dito popular *não vê quem não quer* (também indicativo de revolta e indignação, misturado com impotência).

A mobilização para a denúncia está presente em quase todas as produções dialógicas que focalizam o consumo de drogas, como é evidenciado a seguir:

Geraldo – (...) Tem muitas mães, e você pode descer [descer o morro da favela da Rocinha], que ela tá lá no largo do Boiadeiro, conheço muito ali, bebendo cerveja, cachaça, fumando, fazendo tudo na vida. [Reunião 13]

Marta – (...) Porque eu vejo, saio pra trabalhar no sábado às oito horas; o que tem de mulher doidona naquele valão [largo do Boiadeiro] cheia de filho! Brincadeira! Largam os filhos lá e só bebendo. [Reunião 14]

Não somente se formula um apelo à intervenção de autoridades, como também o diálogo apresenta um tom acusatório, baseado na experiência vivida, típico do modo de dizer *eu sei porque vi*, revelador de uma certeza inquestionável. Aqueles que são acusados, por se entregarem aos prazeres e ao luxo do vício, são considerados como descuidados em seus afazeres, o que revela o tipo *irresponsável*, numa atitude reprovadora e discriminatória em relação às mães.

Por um lado, elas são reprovadas por largarem suas crianças para beberem e, por outro, são discriminadas por se agruparem com os homens, revelando, assim, o estereótipo segregativo dos papéis homem e mulher.

Ao que tudo indica, o estado da mulher embriagada parece ser mais preocupante, em comparação com o do homem, demonstrando um nível menor de tolerância. A inquietação mobilizadora sobre tal atitude das mulheres reveste-se de uma preocupação maior em relação aos cuidados com as crianças, o que pode ser pensado como a tentativa de manter o padrão tradicional de que à mulher cabe

o encargo de cuidar dos filhos e educá-los. Deste modo, a atitude destas mães provoca espanto, indignação e perplexidade, sendo, pois, explicitada como algo inadmissível. De resto, cobra-se uma postura ideal às mães, ignorando o estado e as condições em que vivem, em que são mães, os pais escolhidos e suas origens.

Cabe ressaltar a existência de testemunhos que retratam situações opostas, conforme se observa na seguinte passagem:

Kássia – Oh! Eu conheço ela desde pequena. Isso que ela falou é coisa séria, ela falou coisa verdade. Isso acontece muito na Rocinha mesmo. Eu também criei filho sem marido, mas graças a Deus, negócio de drogas, essas coisas, minha família não é disso. Mas o que ela falou é coisa séria. Pra mim o que ela falou é uma coisa que precisamos muito.[Reunião 10]

Depreende-se uma fala reveladora de credibilidade, obtida pelo conhecimento. Há, claramente, uma tentativa de identificação à fala do outro, como uma estratégia de produzir aliados à sua posição. Ao mesmo tempo, o discurso apresenta uma posição destacada de si em relação aos demais, até mesmo quando o problema é estendido à comunidade. Tudo concorre para evidenciar a característica *individualista*, o que assume uma posição mais acirrada no trecho seguinte:

Francisco – Eu? Tenho netos, tenho filhos graças a Deus. Teve um que quis entrar até no bicho. Vocês devem conhecer. O Carlinho; Carlinho quis entrar no bicho. Olha, o Dênis, conhecem muito bem o Dênis [ex-chefe do tráfico de drogas na Rocinha], quando Dênis soube que ele era meu filho, deu conselho a ele. Por quê? Porque conheci o Dênis, ele, desde garotinho. Trabalhei na COFAP [inaudível] há quatorze anos direto; entreguei muito bujão de gás, muito fogão a gás. Era da Gás Brás, fui trocado pela Heliogás. Aquela garotinha lá, vi de fralda no berço. Aquela moça gorda lá [apontando para uma participante] me conhece um bocado de ano. A mãe dela me conhece há mais de trinta anos. Nunca estive misturado no meio de marginal. Era do meu serviço pra casa, da casa pro meu serviço. Era a lei do "murici": eu trato de mim, cada um trata de si. Não me prejudicando... eles que vivam a vida deles que eu vivo a minha, entendeu? [Reunião 10]

O testemunho retratado é uma modalidade construída, nos relatos, a partir das lembranças de experiências vividas. O discurso assume a conotação apelativa de que a longa experiência seja vista como respeito à autoridade, demonstrada por uma cadeia de hábitos exemplares, pautados numa postura ética e na solidez de valores, conservados num contexto de vida propício à dissolução dos vínculos sociais e ao esfacelamento, pela irrupção dos limites de privacidade, de espaços exíguos, próprios de habitações construídas desordenadamente, sem a observância

dos mecanismos legais, ficando, assim, voltada somente aos interesses de bem-estar ilusórios: a dispensa de uma planta para a construção de um imóvel, concorrendo para a frequência de riscos, o não recolhimento de taxas e o “roubo” de energia e água.

O discurso se encaminha para a retratação de uma prática reveladora de uma atitude individualista, apresentada como recurso, no sentido de evitar a “contaminação” pelas más influências do meio. Tal prática revela uma posição conformada, notificada como forma de sobrevivência. Manifesta o individualismo como forma de proteção, mas sendo este insuficiente para produzir um saber consensual necessário a uma transformação coletiva.

A experiência vivida, diferentemente da anterior, de quem, apesar de todos os cuidados, não conseguiu evitar o consumo de droga por um de seus filhos, é retratada na seguinte passagem.

Creuza – ...Eu falo porque eu tenho um filho. Eu criei meus filhos sozinha. Separei do meu marido e meus filhos ficaram pequenos. Eu aturei, criei tudo. Trabalhava de dia, à noite, criei. Mas infelizmente tive um filho que passou a usar e eu me sinto até meio perdida por causa disso. Dois filhos, por eu ter de trabalhar, eu deixei soltos, não porque eu quisesse. Ou eu trabalhava ou eu soltava eles na vida, pra eles ficar conforme tem aí. Não tem filho sem mãe pra ficar esse absurdo de criança na rua cheirando cola. Porque tem mãe, não tem filho de chocadeira. Então as mães têm de olhar mais pros filhos, mesmo que trabalhe. Porque eu sempre trabalhei. No que eu botava comida dentro de casa, de noite quando eu chegava, eu ia ver os cadernos deles, o que estava faltando, mas eu não estava de dia acompanhando eles. Foi aonde ele se misturou, porque o outro não foi. As meninas não foram. Todas casaram. As que não casaram moram com um cara e se não deram certo se separaram. Mas o pior é o meu filho. Ele não é mais um garotinho, porque ele agora já é um adulto. [Reunião 10]

A produção dialógica concentra-se em circunstâncias da história do ser mãe, sendo retratada uma construção de uma função na qual o espírito de luta esteve sempre presente. Para tanto, notifica-se a questão da sobrevivência dos filhos, ou seja, a necessidade de a mãe trabalhar para alimentar os filhos e a tarefa extra do acompanhamento em atividades escolares.

Depreende-se, assim, a denúncia da ausência de uma paternidade, ou da irresponsabilidade no seu exercício, concorrendo para a sobrecarga do trabalho da mulher, para responder diante de si e junto ao Estado, pelo cuidado e pela educação de seus filhos.

O excesso de exigência por não dispor de alguém para compartilhar no acompanhamento e no desenvolvimento das crianças é sentido como a

impossibilidade de contornar e controlar as dificuldades que decorrem da situação. Assim, tem-se a indicação da necessidade da presença do outro, como indispensável na construção de projetos de vida em nome da solidariedade.

A realidade é expressa na modalidade da verdade *nua e crua* e alerta para o aumento da gravidade de situações como o abandono de crianças pela mãe, o que, de acordo com a experiência vivida, é apontado como solo próprio para o ingresso no mundo das drogas.

O testemunho em pauta demonstra uma construção reveladora de uma modalidade discursiva que transita do *sentir-se culpado* e *arrependido* para o característico *testemunha*. Além da mensagem de alerta, constata-se a importância da informação, como aconselhativa e apelativa.

A mensagem de alerta encontra ressonâncias ante a possibilidade de tais ocorrências terem lugar, conforme se observa no seguinte trecho:

Pedrina – Sobre o cigarro, a mesma coisa. Eu, por exemplo, não fumo nada, não tenho nenhum vício. Mas onde eu moro, a gente vê muito homem, mulher, criança na rua, criança mais ou menos oito, dez anos fumando droga. Isso é uma tristeza. Quer dizer, muitas mães querem prender os filhos, mas já tem o trabalho. Eu, por enquanto, tenho uma filha de um ano e cinco meses, deixo com uma moça pra eu ir trabalhar. Mas não sei quando ela tiver maior. Ai, a gente sempre pensa no futuro. [Reunião 10]

O diálogo é revelador de uma preocupação ante a impotência para driblar ou mesmo evitar pressões do meio na constituição do sujeito. Há também uma evidência de que o distanciamento do contato na relação mãe/filho, devido ao trabalho, pode ser um fator agravante, por facilitar a ação das forças do meio. Mas há ainda uma aposta sutil e uma esperança na postura de que determinados cuidados podem ser preventivos, no sentido de fornecer elementos saudáveis à constituição do sujeito.

O temor à ação das forças externas revela preocupação. Esta mesma postura e o testemunho de um certo êxito de quem conseguiu não ceder às tentações aparecem na passagem seguinte:

Magali – Sei lá, às vezes penso que a pessoa quando dá pra ser uma coisa ruim, a pessoa é mesmo... Porque muitas dessas coisas que estão acontecendo no mundo hoje, era pra eu estar fazendo. Olha, eu só estudei dos dezenove aos vinte anos... Olha, dizem que isso vai pelos estudos, pela criação da mãe. Mas muitas coisas que eu hoje vejo de errado, roubar, cheirar, fumar, era pra eu estar fazendo, porque até maconha eu cheguei a plantar... Mas quando a pessoa tá pra seguir aquilo, ela segue mesmo. [Reunião 7]

A modalidade discursiva revela uma posição pessoal um tanto ou quanto determinista, na intenção de que tal posição seja seguida. A experiência vivida é tomada como parâmetro suficiente para servir de exemplo, sendo, até certo ponto, inquestionável. Há uma clara alusão à impossibilidade de contornar determinadas influências, o que se traduz na visão de escolhas prévias, que colocariam as pessoas a serviço do mal, revelando o característico modo de dizer *coisas do destino*.

Tomar a experiência como recurso ilustrativo é o que se depreende do testemunho a seguir:

Francisco – ...Eu moro na Rocinha há 60 anos. Me criei na Rocinha. Fui para a Rocinha com 5. Vou fazer 61 de morro. Mas graças a Deus ninguém nunca me viu misturado no meio de droga. Quando era garoto eu jogava ronda. Era o único jogo que aprendi a jogar na minha vida e gostava de um goró. Mas nunca usei droga, nunca cheirei nem nada, hoje em dia tá largado. Quando nego ia fazer, nego ia lá pra mata lá pra cima por morro. Agora não, é na porta dos outros, é sentado na porta dos outros. De vez em quando eu expulso um lá do morro, da minha porta. [Reunião 10]

Depreende-se da passagem acima uma modalidade dialógica, que se constrói pelas recordações de histórias de vida, em que se focaliza, principalmente, a infância e a adolescência. A fala é reportada a um tempo em que o vício de beber e jogar não era por si só determinante de desvios, de dissolução de vínculos e de cristalização de comportamentos. Esta é a ótica expressa pelo participante, como um retrato não negativo de sua vida.

Ao mesmo tempo, o tom de denúncia aparece, indicando que o afrouxamento de determinados valores concorreu para o encaminhamento às drogas, o desrespeito, a desordem e a vivência de caos na comunidade. Tudo isto parece ser sugestivo da constatação de um enfraquecimento de certas instâncias administrativas na condução de questões de cunho social, ou seja, é vivida claramente a falência do Estado, o que revela o modo popular de dizer *naquele tempo a vida era outra*, indicativo de nostalgia em relação aos valores do *modus vivendi* atual, tanto no que se refere à postura do sujeito consigo mesmo, quanto na utilização do espaço público.

5.6.4

Imagem e construção de saber

A introdução da videogravação como operador no funcionamento grupal pode ser considerada como ruptura, marcando um momento anterior, no qual tinham lugar a reflexão, em função da discussão, e a transmissão de saber, e um momento atual, em que, pelo uso da imagem, o grupo se encarregou da tarefa da construção de saber, no âmbito da relação eu/outro.

O efeito especular, logo observado, criou condições de avaliação de cada um sobre si mesmo, gerou expectativas em relação a ideais de mudança e propiciou um processo de integração, pela configuração de uma nova trama de relações, na qual se têm: o sujeito, o outro e a imagem, oferecida por um dispositivo técnico.

Esta nova configuração, ou seja, a estrutura ternária do grupo, foi pretendida em função da intenção de que o uso da imagem, ou seja, o sujeito frente a si mesmo, bem como frente aos demais, dispõe de meios para refletir sobre sua condição de existente, bem como para colocar-se numa outra posição, em relação à qual não é possível mais retorno ao estado de coisas anterior. Dito em outras palavras: uma vez capturado pela imagem, o sujeito é obrigado a operar de maneira tal que este encontro marca uma radicalidade entre dois tempos do existir e sobre o saber acerca de si mesmo. Ver-se pela imagem leva o sujeito a se encontrar enquanto reconhecido, marcando também uma possibilidade de continuidade, dada a autonomia deste dispositivo técnico em perpetuar as marcas de ocorrências de um estado vivido.

Da perplexidade à timidez registram-se as variadas reações de cada participante, ao encontrar sua imagem. Uma das primeiras reações observadas foi o riso, desencadeado quase sempre diante da captação de uma imagem em que o grupo era levado a tomar conhecimento das atitudes, do modo de ser e de outras tantas características até então desconhecidas. Além disto, cabe ressaltar que a imagem oferece ao sujeito um tipo de retorno, em termos de provisões narcísicas, quer dizer, a relação sujeito/imagem, mesmo produtora de tensão, contém elementos de satisfação. Sendo assim, o ato de ver-se a si próprio produziu no grupo um movimento dialógico de descoberta e entretenimento, o que conduziu à

produção seja dos risos, seja tecendo comentários sobre a dinâmica desenrolada no dispositivo técnico.

Em certo sentido, pode-se afirmar que a imagem mobiliza o sujeito, provocando tanto o pensar, quanto o falar e, acima de tudo, o processo de reflexão e produção de saber. Esta é uma das funções positivas do uso da imagem técnica: provocar interesse do sujeito em si mesmo e, na interação de seu semelhante, ser um meio de diversão, por presentificar, no aqui e agora, o recorte de um acontecer partilhado, e, finalmente, possibilitar a cada um tomar ciência da história do agrupamento de várias pessoas de uma dada comunidade.

Como se pode depreender do exposto, a imagem do sujeito, oferecida a si mesmo, faz parte de um processo que resulta em marcar presença, levando-o a enunciar-se enquanto agente construtor de uma história de vida e possibilitando-lhe expressar o seu desejo. Além disto, o encontro com a imagem, registrada tecnicamente, é vivido como uma esperança de que outros possam tomar conhecimento das condições vividas e empreenderem ações que vão ao encontro da solução de suas necessidades. Neste sentido, há a expectativa de ajuda, uma vez que a exposição através da imagem é tomada como indicativo de expressão das inúmeras questões relativas às condições de vida. A este respeito, cabe ressaltar que o clima de funcionamento grupal passou a ter um diferencial: a constante preocupação em levantar questões, no sentido de demonstrar àqueles que porventura se convertessem em destinatários da imagem aspectos do vivido, para que, enfim, uma intervenção externa seja planejada e executada.

A tomada de consciência pela reflexão de determinadas nuances, próprias da condição de vida, levou os participantes a empreenderem o uso de estratégias na construção de saber, com o objetivo de buscar condições necessárias a uma melhoria de vida. A importância do olhar, como auto-reconhecimento e como reconhecimento do outro, teve um peso decisivo para o grupo construir saber numa relação alteritária.

As produções discursivas podem ser alocadas em dois níveis. Em primeiro lugar, destaca-se o elemento surpresa na relação eu/imagem. Em segundo lugar, o sujeito, ao circular no grupo pela imagem, foi despojado de algumas inibições, pois a imagem, aos olhos dos outros participantes, não só representa uma forma de aceitação, como de reconhecimento da condição de existência.

Colocar o sujeito frente à sua imagem constituiu um fator de importância para a elaboração de questões, sendo o processo considerado como elemento facilitador, como ilustram as seguintes passagens:

José – A imagem sempre foi boa, assim no modo de dizer. Geralmente o pessoal fica aqui sentado olhando e fica dizendo: ih! olha lá! Fulano está assim, bertrano tá assado. Eles tentam se expressar naquilo ali. [Reunião 13]

Joyce – A gente tem uma noção do que a gente comenta, a maneira como a gente se expressa a gente está vendo tudo no vídeo. [Reunião 7]

Marcia – Eu prefiro o trabalho com imagem. Porque, quando a gente se vê, vê o que precisa trocar na gente. [Zum, zum, zum, risos. Reunião 9]

Observam-se nestas produções dialógicas a influência do olhar “externo”, em termos de seus efeitos positivos para a elaboração de projetos sobre si e sobre o outro. A importância da imagem é a reafirmação feita pelo sujeito de sua constituição pelo outro. Em certo sentido, é provável que haja, por parte do grupo, a comunhão de ideais que somente são explicitados mediante a circulação da imagem, ou seja, tais ideais são alçados à condição verbal. Além disto, a imagem sugere um tipo de identificação de cada um ao outro.

O impacto produzido pelo encontro com a imagem foi bastante mobilizador, a ponto de, como medida defensiva, os participantes adotarem a postura de manter conversas paralelas, na maioria das vezes incompreensíveis.

Este modo de proceder, sugestivo de um momento em que o grupo conviveu com a dificuldade de elaborar algumas condições, pode ser considerado como a necessidade de mudança, revelando, assim, o dito popular *ter que encarar a verdade*, pois a imagem desnuda o sujeito de suas “proteções” defensivas, conforme demonstram as seguintes passagens:

Maria – Com a imagem a gente vê se falou alguma besteira, se falou alguma coisa certa. E, também, porque é muito mais animado, mais interessante. [Reunião 9]

Claudinha – Acho mais legal, porque a gente vê os vacilinhos das pessoa. As pessoas fazendo coisas errados... Eu, por exemplo, só estou balançando aquela perna ali, estou vendo a mania que eu fico. [Risos. Reunião 9]

Antonia – É conforme a moça falou ali, a gente se corrige. E mesmo sobre a fisionomia da pessoa, ajuda, o que é bom. É bom a gente ir se corrigindo. [Reunião 9]

Isabel – *A gente pode também guardar uma lembrança da gente, passando todo mundo ali. Quando acabar o grupo? Tem as fitas todas pra todo mundo ver.* [Reunião 9]

Sandra – *Com imagem a gente se corrige mais. Às vezes a gente está sentado todo esquisito. Se vê na fita e diz: Ah! não! na próxima venho mais bonitinha.* [Reunião 9]

Em todas as passagens, constata-se uma modalidade dialógica, reveladora da força com que a imagem opera, seja no enquadramento de atitudes maniqueístas, seja na formação de estereótipos. O contato com o novo é visto como possibilidade de adequação a padrões morais de funcionamento, dada a constante preocupação de correção, no sentido de aproximação da estética cultuada como satisfatória, que é difundida pela mídia. Sendo assim, a imagem registrada funcionou como um operador, mediante o qual cada um se conscientizou daquilo que é, bem como de suas aspirações, o que, sendo objeto de julgamento, revelou o sentido do que, no dito popular, é *certo x errado*. Cabe ressaltar que o padrão *certo* faz ressonância aos modelos difundidos, que são assimilados pelos meios de comunicação, povoando o imaginário e sendo critério de mudanças de atitudes.

Um aspecto interessante a ser ressaltado foi a indicação de que a imagem não só traduz, em concretude, o desconhecido de cada um, como também torna explícito, na maioria das vezes, aquilo que é de difícil controle. Mesmo assim, a necessidade de aperfeiçoamento e melhoria esteve sempre presente. A imagem, como um outro, serviu de parâmetro para a elaboração de medidas a serem empreendidas para se alcançar um ideal desejável de cunho estético, revelando, assim, a relação entre *beleza interior x beleza exterior*.

Deduz-se, portanto, que a positividade do registro da imagem é reconhecida, tanto no sentido da realização de acabamento, como na conservação de fatos memoráveis, ou seja, a experiência grupal é vivida como algo que se quer continuar, dadas as possibilidades de transformação que dela advêm. Não só a continuidade, como também a revivência da experiência, revelando, assim, a modalidade discursiva da *recordação*, como um dos caminhos para ressignificar a experiência e retratá-la num espaço/tempo de modo positivo. Deste modo, a imagem, como recurso que estimula a tomada de consciência, transporta o sujeito de um lugar para o outro e do tempo de viver a experiência para o tempo de elaborá-la.

A conscientização de mudanças, mobilizada pela imagem, tanto na estética, quanto na melhoria de condições de vida, resultou num discurso que revela a característica *aperfeiçoamento*. Além disto, constatou-se que a imagem mobiliza o diálogo, conforme se depreende das seguintes passagens:

Julia – É porque a gente comenta, fica comentando o que vê na fita. Aí é ótimo. [Reunião 9]

Paula – ... Tem gente aqui que fica impaciente. Não sabe se coça a cabeça [risos]. Fica preocupada com o que vai aparecer na imagem. Então as pessoas vê umas às outras assim já ficam encarnando umas às outras. Ah! você precisa melhorar isso, você precisa melhorar aquilo! [Reunião 9]

Marcia – E também divulga o trabalho da senhora. Porque o que adianta a senhora fazer um trabalho, e sair mostrando a fita por aí para ver quem quer ajudar? Como é que eles vão ajudar, se não verem realmente a fita? [Reunião 9].

Observa-se que o uso da imagem teve a função de integrar os participantes, uma vez que viabilizou a possibilidade de trocas e criou condições de os participantes se familiarizarem uns com as circunstâncias de vida dos outros. A participação de cada um teve como mediador um traço de solidariedade, além do que cada participante tomava aquilo que era divulgado pela imagem como prova de verdade.

A credibilidade dedicada à visão do fato exposto em imagens levou os participantes a compartilharem suas opiniões sobre o visto e a se disporem a engendrar medidas (exibir o vídeo em outros lugares), visando à construção de um saber que resultasse em mudança. Neste sentido, o ver teve um peso fundamental para os sujeitos, fazendo ecos ao ditado popular *ver para crer*. Cabe, ainda, ressaltar que o diálogo revelou a positividade da imagem técnica, tanto como um meio para autoconhecimento e transformação, quanto para a produção de evidências inquestionáveis, a tal ponto que o trabalho grupal sobre os efeitos da imagem foi considerado uma necessidade, conforme explicita a seguinte passagem:

Marcia – No grupo da Nayara [a outra psicóloga, que coordena outro grupo] tem uma colega que quer ficar aqui, porque aqui tem vídeo. Aí ela estava falando que queria ficar aqui porque tem vídeo. Aí ela estava falando, que lá ela [Nayara] só fala na palestra dela. Não queria subir de jeito nenhum. [Reunião 9]

Ficam, assim, demonstrados os efeitos positivos da integração entre o ver e o falar, indicando a imagem como motivadora para a construção de diálogo, sendo também reveladora do modo de dizer *se é bom pra um, deve ser para os demais*, o que é sugestivo da necessidade de ampliação da experiência, uma vez que a mesma é vislumbrada como abertura para a descoberta de coisas novas, o que é também expresso nos seguintes trechos:

Ana Rita – Para mim, tá bom com a imagem. Fica mais animado assim. A gente não fica só conversando, nem só na palestra. Tem uma coisa pra gente ver diferente. É melhor com a imagem, com o vídeo. [Reunião 9]

Sônia – Eu acho que com o vídeo fica melhor, porque aí a gente pode fazer através do vídeo alguns comentários. Eu acho que com o vídeo fica melhor. [Reunião 9]

Depreende-se, assim, que, para o sujeito, a imagem é um caminho de reencontro necessário à ressignificação de experiências, bem como à possibilidade de destiná-las ao outro, para serem compartilhadas. Além da possibilidade da transmissão de saber, há uma curiosidade sobre o destino da imagem aos olhos do outro, conforme se constata a seguir:

Marcia – Florentina, não tira o som não, aumenta um pouquinho, porque vou dar uma entrevista aí. [Reunião 9]

Trata-se de um discurso que revela o interesse em falar, no sentido de que a curiosidade é mobilizada pela crença de que o participante dispõe de um saber a ser revelado, como de utilidade para os demais. A experiência é considerada como exemplar, daí a necessidade de explicitá-la. O apelo ao querer ver-se, além de ser a expressão de um desejo narcísico, revela a necessidade de reconhecimento. Tem-se, assim, a modalidade discursiva de *entrevista*, indicando o desejo de fazer demonstrações, mas também a necessidade de compartilhar com o outro uma experiência e encorajá-lo, dando-lhe voz e inserindo-o na dinâmica dos acontecimentos.

Além do mais, a produção dialógica, em alguns momentos, assume a conformação de um processo em que o acontecer grupal pode ser conservado, por ter sido registrado, não só no sentido da realização de acabamentos, pelos comentários a serem feitos, como também no âmbito do aprofundamento

reflexivo, quer dizer, algo pode ser deixado para se pensar depois, revelando, assim, a característica *reflexiva*, conforme se constata nos seguinte trechos:

André – Eu acho que com o vídeo é um trabalho excelente, porque você pode rever qual foi a conversa que foi feita na semana, para ver os problemas. Isso é o que eu acho. [Reunião 18]

José – (...) Eu, toda vez que venho aqui, tento ver o que passou de quando eu não venho. Teve uns tempos aí que eu não vim. Então estava vendo ali que vocês estavam discutindo sobre a imagem. Então estou mais ciente que é pela imagem. [Reunião 13]

Tem-se, assim, uma modalidade dialógica a partir da qual se considera a imagem técnica registrada pelo vídeo como um arquivo de metamemória, ou seja, uma memória pela qual se pode futuramente retomar o acontecimento grupal e ressignificá-lo, num tempo em que já se produziu um saber sobre o mesmo e sobre a participação do sujeito em tal acontecimento. Sendo assim, o diálogo é revelador da positividade da imagem, tanto em termos de trocas imediatas, quanto na possibilidade de construções futuras, de modo que a cada participante é dada a possibilidade de produzir acabamentos provisórios sobre si e sobre o outro, num espaço/tempo contínuo.

O encontro do sujeito com sua imagem resulta na possibilidade de auto-avaliação e de comparação em relação aos demais, a partir de padrões estéticos. A imagem funciona de modo que ao sujeito são fornecidas evidências em relação às quais terá de refletir e também interagir com os demais com comentários para, enfim, modificar-se.

A imagem não é só o veículo capaz de transformar a aparência do sujeito, mas também o mobiliza para refletir sobre as trocas que realiza com o outro, seja por meio de identificações, seja por comparação com os modelos difundidos como ideais na mídia. Eis o que se constata em:

Magali – Oh! Tia! Vou dizer uma coisa para a senhora, tem gente muito mais feia que a senhora que aparece na televisão. A senhora não é feia não. Nenhum de nós é feio. Advinha porque me acho feia? Falta de dente e dinheiro para me cuidar, por isso é que me acho feia. [Reunião 6]

Observa-se, neste trecho, o mecanismo de identificação com o outro, indicando que a imagem técnica, especialmente a televisiva, traz em si aspectos de natureza artificial, pois se trata da construção a partir de determinados padrões de beleza e acessórios materiais. Neste sentido, a imagem transforma, como também transforma aquele que tem acesso à sua própria, revelando, neste caso, a

compreensão do dito popular *transformação midiática*, quer dizer, a imagem técnica pode ser manipulada e, assim, produzir aparências diversas de um mesmo sujeito. Em cada uma destas aparências pode ser construído um discurso sobre a virtualidade resultante do processo de transformação.

Encontra-se, ainda, neste discurso, a conscientização da estreita vinculação entre nível socioeconômico e a produção de modelos considerados ideais. Ressalta-se, assim, o poder do capital como sendo determinante na discriminação daqueles que não têm condições de usufruir de atributos que aproximam a imagem do sujeito do suposto ideal de perfeição.

Além da transformação, em que o recobrimento por acessórios deixaria ocultos aspectos que são veiculados na mídia como negativos, a imagem coloca o sujeito diante de traços até então desconhecidos ou mesmo daquilo por que ele não se interessa ou que não quer ver, conforme demonstra a seguinte passagem:

Penha – Você vê até o que não queria ver. [Reunião 19]

Depreende-se desta produção dialógica o poder de captura da imagem, levando o sujeito a, obrigatoriamente, se confrontar consigo mesmo. Tem-se, pois, o que pode ser denominado de a experiência do aprisionamento, visto que a imagem desfaz todos os elos ilusórios de cunho imaginativo. Dito em outras palavras, diante da imagem, o sujeito tem de se ver, revelando, assim, o modo de dizer *ter que encarar*. Neste sentido, a imagem coloca o sujeito em xeque, a ponto de obrigá-lo a captar em si tanto aquilo que nunca pensou existir – e, assim, trata-se de um processo de descoberta – bem como aquilo que não está disposto a ver.

Em se tratando de uma experiência grupal, em que o sujeito pode fazer opção pelo silêncio, no sentido de não se mostrar, caso seja utilizado o dispositivo da imagem técnica, haverá a chance de que este sujeito se veja, mesmo estando calado. Sendo assim, será mobilizado a pensar sobre a dimensão imagética que dele foi capturada. Pode-se, enfim, admitir que, num tipo de acontecimento grupal, registrado por meio de imagens, o uso do vídeo tem uma positividade a ser considerada, conforme se constata no trecho seguinte:

*Joana – O vídeo é importante, porque a gente vê a gente falando, como a gente faz, como a gente assiste... aí é importante para a gente sim*²⁰. [Reunião 5]

Um aspecto importante, detectado no trecho acima, como em tantos outros, concerne à positividade da imagem, no sentido da possibilidade de acabamentos. Não obstante, uma particularidade cabe ser destacada, quando o participante relata, através de provas cabais, uma outra modalidade de ver. Neste sentido, faz a distinção entre o mero exercício da visão, como registro passivo, e um tipo de olhar construído psiquicamente, no qual o sujeito tem participação ativa. Indica, assim, como as coisas podem ser apreendidas pelo olhar, sugerindo que o olho humano, mesmo comparável aos dispositivos técnicos de produção de imagem, máquina fotográfica e câmera de vídeo, produz um tipo de imagem que transcende as propriedades destes dispositivos. Assim, é informado como o sujeito pode participar, ao assistir a um acontecimento. No caso em tela, o participante, quando questionado sobre sua condição de estar na maior parte do tempo de olhos fechados, responde de forma tal que demonstra não só o acompanhamento da situação, como também traz à tona aspectos subjetivos relacionados à sua condição social.

Sendo assim, este modo de interação revela um aspecto do social, condição de vida, verbabilizada a partir da imagem, indicando a característica *carente*, no sentido da precariedade no atendimento das condições mínimas à sobrevivência. A condição em que nada escapa à captura pela imagem pode ser encontrada na seguinte declaração:

Marinalva – (...) Vanusa tem um radar nos olhos que não deixa passar nada. [Reunião 8]

A fala é indicativa da riqueza da imagem, visto que, pela mesma, o sujeito se encontra ante a possibilidade de ser visto pelo outro, como também de refletir sobre si. Há ainda a possibilidade de o sujeito tentar firmar laços identificatórios com o outro, no sentido de ser aceito, o que ocorre pela busca de um olhar. Talvez

²⁰ Este depoimento é de uma avó, que ficava, praticamente em todas as reuniões, de olhos fechados. Ela é catadora de latinhas (latas usadas de refrigerantes e de cerveja), durante a noite. Quando, um dia, alguém do grupo fez um comentário sobre sua imagem no vídeo, de olhos sempre fechados, ela (a Joana) respondeu que podia repetir a reunião toda, que estava de olhos fechados mas sabia dos assuntos discutidos, sim. E alguém contou a estória de que ela catava latinhas à noite.

seja este o motivo do olhar poderoso do participante, identificado como um olho acoplado de um radar.

Este trecho revela que, diante de um dispositivo produtor de imagem técnica, é impossível o sujeito não se ver. Deste modo, o vídeo confere presença e visibilidade, sendo, por isto mesmo, um meio de intervenção: a imagem obriga o sujeito a pensar sobre si e construir saber.

Encontra-se nesta forma dialógica o típico modo de falar *não adianta fingir*, indicando ao sujeito que, uma vez capturado pela imagem, não há escapatória. Quer dizer, mesmo que o sujeito não queira ver sua imagem, em algum momento ele foi visto. Trata-se, assim, de uma positividade, que tem valor para o sujeito repensar suas condições de vida, conforme expressa a passagem seguinte:

Magali – Depois que terminar, quando a gente parar de pegar o leite aqui, será que tem como a gente ganhar uma lembrancinha para guardar sobre isso, não? Eu vou dizer a verdade. Se eu tivesse condições, eu comprava um monte de flor para dar para vocês guardar e se lembrar. Uma lata de leite a gente não pode guardar, o vídeo também a gente não pode levar para casa. [Reunião 6]

A modalidade dialógica acima sugere o valor estimado da experiência com a imagem, a ponto de o sujeito revelar-se, motivado pela vontade de ver-se novamente. O interesse em conservar o momento de encontro com a imagem indica como uma materialidade (imagem técnica) faz parte da interioridade. Além disto, há, também, em função da imagem, o desejo de obter bens materiais, como lembranças, o que pode ser interpretado como sendo representativo de uma experiência subjetiva.

O vídeo pode, então, ser considerado como uma metamemória, à medida que, a partir de uma materialidade, possibilita ao sujeito tomar contato, posteriormente, com aspectos seus até então desconhecidos, como também ressignificar algo da ordem do vivido. Sendo assim, o uso da imagem técnica tem como propriedade integrar forma e conteúdo; materialidade e espiritualidade, beleza física e beleza interior; projetos, expectativas e ações externas, entre outros.

Tem-se, assim, esta modalidade discursiva da característica *recordação*, no sentido de que algo pode ser conservado, revisto e reconstruído. A positividade referida diz respeito à possibilidade de ressignificar uma experiência

qualitativamente boa, bem como de realizar acabamentos provisórios em aspectos considerados indesejáveis.

A imagem pode suscitar reações diversas no sujeito, que vão desde a perplexidade até o vivenciar de fortes emoções. Sendo assim, recobre-se de um valor significativo para que o sujeito, de posse das informações obtidas, disponha de condições para repensar a si próprio e, fundamentalmente, a posição que ocupa no processo de interação com o outro. Além disto, cabe assinalar que a imagem é também criadora de condições, representando, assim, a possibilidade de inovação, visto que o sujeito pode engajar-se num processo de reconstrução, munindo-se daquilo que a imagem técnica lhe oferece. Em outras palavras: a imagem faz o sujeito produzir vários modos de inserção, conforme se depreende de:

Mara – Para mim é uma emoção, porque nunca pensei na minha vida um dia chegar na televisão, mesmo assim, através do vídeo. Nós que somos mais da antiga, nunca pensamos que íamos chegar numa idade de ver as coisas que a gente até não esperava. A gente é da época que não existia televisão, até um rádio era difícil. Fico assim imaginando... Ah! meu Deus! como é que as coisas evoluíram tanto e chegaram a esse ponto, né? A gente, numa comunidade carente, ter uma fita, um aparelho de TV e poder se ver num grupo. A gente se vê, vê os vizinhos e os que não são vizinhos. A gente se encontra e se conhece. Para a minha idade, eu acho uma coisa superbacana. [Reunião 7]

A modalidade dialógica é construída pela reflexão sobre as inúmeras mudanças ocorridas nos hábitos e nos costumes, registradas mediante o uso de dispositivos produtores de imagem técnica, o que é reconhecido como o avanço e o progresso da tecnologia. Não somente são constatados a positividade da imagem técnica e os mecanismos destinados a produzi-la, como também ela propicia a interação, pelo encontro entre as pessoas. Acrescente-se a isto que o uso da imagem técnica possibilita e favorece a produção de conhecimento, dando condições ao sujeito de se conscientizar de seu papel, no que diz respeito às ações empreendidas numa comunidade. Cabe também situar a possibilidade de o sujeito refletir sobre sua responsabilidade e a responsabilidade do outro, na construção de um projeto coletivo, destinado a produzir condições de vida mais digna.

A conscientização da responsabilidade e da necessidade da construção de um projeto coletivo reflete-se numa atitude ética. Registre-se, também, a indicação de uma vivência em termos de satisfação, ante a possibilidade de o grupo usufruir de uma experiência mediada pela tecnologia, o que resulta em

encantamento, satisfação e gratidão. O diálogo, então, revela a característica *evolução dos tempos*, no sentido do progresso, visto pelo uso positivo da tecnologia. O aspecto positivo da imagem técnica concerne ao recurso da visibilidade, o que se reflete no sujeito em termos de uma conscientização de acabamentos e de captação de si mesmo em ângulos nunca antes imaginados, conforme ilustra exemplarmente o trecho seguinte:

Geraldo – Eu acho até demais, porque essa presença aí é mais do que a minha. Aí, tô vendo tudo. [Reunião 8]

Este fragmento traduz, em letras capitais, um estado de arrebatamento, vivido como o êxtase, em função do reconhecimento que teve lugar a partir do momento em que passou a presentificar-se no mundo das imagens. A existência, enquanto imagem, reverteu-se para o sujeito numa experiência ímpar de significação positiva da vida, indicando, assim, não só o poder da imagem técnica em colocar o sujeito num destaque em relação aos demais, como também o reconhecimento da autoridade e da autonomia deste dispositivo.

A experiência vivida traduz-se na constatação de que a imagem técnica contém uma presença marcante, em comparação com aquela que se produz nas ações cotidianas, caracterizadas fundamentalmente pelo “ofuscamento”. Neste sentido, os valores considerados importantes são aqueles veiculados pela mídia, relegando a um segundo plano o valor das trocas nas relações em presença do outro. Fica, assim, constatado “o império das imagens”, pelo qual o sujeito é capturado, vivendo a sensação de um aprisionamento, pelo fato de dispor de poucas alternativas, além daquela que se viabiliza através da imagem.

Destaca-se, neste discurso, o *slogan imagem é tudo*, indicando a onipotência deste dispositivo técnico sobre o sujeito e seu poder de transformação, a ponto de produzir mobilização e forçá-lo a ver e ser visto. A imagem técnica conclama o sujeito a uma ação (ver), elevada ao topo de importância em relação a outras ações, quando estas são esquecidas ou interrompidas.

A imperiosidade da imagem, ao mostrar a realidade “nua e crua”, reveste-se de exigências e cuidados necessários a uma transformação para o sujeito atingir o modelo difundido como ideal, conforme se depreende das seguintes passagens:

Marcia – Eu vejo que estou muito mais gorda. [Risos] Vejo os pneuzinhos do lado. [Risos] Aí tenho que ver que tenho que entrar numa dieta aí. [Reunião 8]

Beta – Essa daqui [apontando para a amiga ao lado], cortou o cabelo depois que viu aí na imagem que ele estava muito alto. [Reunião 6]

Marina – Sem o vídeo, as pessoas vêm de qualquer jeito e com o vídeo vêm mais arrumadas. Teve uma pessoa aqui que eu não vou falar quem é, olhou e falou assim: puxa! Como eu estou feia! Semana que vem venho mais bonitinha, pra eu aparecer melhor. Não é verdade? [Reunião 7]

Encontra-se, nestas produções dialógicas, não só a posição de enfrentamento em relação a aspectos que devem ser mudados, como também a confirmação de que o encontro com a imagem teve por função produzir mudanças. De um modo ou de outro, a imagem reveste-se de um imperativo, como a força propulsora para a tomada de atitudes com vistas à mudança e para a ação efetiva de mudar.

Constata-se, ainda, a possibilidade de a imagem fornecer ao sujeito a conscientização vigente, transmitida pela estética midiática. E também a veiculação de informações sobre a transformação de condições pessoais em padrões aceitáveis, em termos de beleza ou de saúde.

A imagem tem o poder de produzir no sujeito a idéia de que é necessário mudar, revelando, assim, neste diálogo, a importância da *informação*, no sentido da obtenção de conhecimentos necessários à construção de novos valores.

A possibilidade de construção, pelo conhecimento obtido pela imagem, como a comparação entre um estado do agora e um do antes, é esboçada no seguinte fragmento:

Cristina – Ah! gente, eu achei que naquele dia eu estava com muita energia. Que loucura! Eu me vendo na TV. Acho que me senti fazendo uma reportagem por um dia. [Risos] Aí você se vendo, você vê que loucura! Pedir, pedir não, quase implorar para ver se algumas pessoas falam, porque falar é também importante. Teve muitas pessoas que participaram, vocês até me ajudaram, eu até fiquei emocionada de ver. É um mínimo trabalho, mas gostei de ver. [Reunião 11].

Tem-se uma modalidade dialógica, construída pela atividade reflexiva realizada em torno da imagem, o que se traduz numa apropriação que o sujeito faz de si mesmo, considerando comentários vindos do outro, quando tem lugar a intervenção da imagem técnica. Configura-se, assim, um jogo de trocas recíprocas, através do qual o sujeito se transforma, ao receber provisões de si,

vindas do outro, como também possibilita ao outro transformar-se, à medida que lhe oferece também provisões.

O ver e o ser visto, como propiciadores de conhecimento dos obstáculos e das facilidades, podem ser observados em função do uso da imagem técnica no processo de interatividade do eu com o outro. Além disto, é possível haver a tomada de consciência acerca da integração entre imagem e palavra, quando tem lugar o processo de transformação. Neste sentido, o outro é reconhecido, em sua alteridade, como capaz de ser integrante ou co-participante de uma experiência subjetiva. Há, ainda, em termos de importância, o destaque da função das microintervensões, operadoras no âmbito da experiência inter-subjetiva.

O discurso apresenta-se no típico modo de dizer *repórter por um dia*, no sentido de pesquisar alternativas para questões do sujeito, além da oportunidade de convocá-lo a produzir saber e enfrentar suas reais condições, como ilustra a seguinte passagem:

Penha – Eu não gosto de me ver não, estou sempre no canto, acho que não fico bem, não sou bonita. Mas gosto de ver as pessoas conversando, falando sobre as imagens, eu acho ótimo. [Reunião 6]

Tem-se uma produção dialógica, na qual o sujeito parte do enfrentamento a um aspecto de si, revelado pela imagem técnica. Há, de um lado, o temor em ver-se, devido à construção de uma apreciação negativa de si, formulada através da imagem, e, de outro, o estado contemplatório prazeroso da curiosidade em ver os demais. Nisto se constata a conscientização, pelo sujeito, de que sua imagem, produzida pelo dispositivo técnico, não se enquadra nos parâmetros do ideal de ser, ou seja, a imagem de si não é apreciável, uma vez comparada com aquelas que são veiculadas na mídia, consideradas como belas.

Há, na produção dialógica, uma indicação de um estado depreciativo da imagem de si, produzida pela técnica e também uma atitude de desencorajamento, revelada no dito popular *não adianta fazer nada*, sugerindo o distanciamento e a desistência do sujeito, no sentido de engendrar alternativas para mudanças em relação à estética, mas não em relação à possibilidade de partilhar de acontecimentos da vida, mesmo que, ironicamente, seja através de imagens.

Conclusão

O encontro do pesquisador com um dado objeto de investigação tem conseqüências para ambos. Em princípio, a entrada do investigador no campo em estudo deve ser considerada como uma intervenção, na medida em que, daí por diante, neste lugar algo é produzido, em decorrência de sua presença. Em segundo lugar, o próprio objeto de estudo modifica-se constantemente, devido à conscientização das indicações trazidas a lume pelo pesquisador. Por este prisma, circunscrevem-se os balizadores, que servirão de esteios para as aproximações teóricas, produzidas em decorrência da vivência, altamente significativa, do investigador, quando se encontra constantemente mobilizado pelas indagações acerca de questões referidas ao recorte que retrata uma nuance da existência.

Cabe salientar que a proposta deste estudo possibilita levantar questões para suscitar discussões e não se preme a estabelecer conclusões estanques.

A singularidade do processo investigativo decorre de a pesquisa se desenrolar numa dinâmica em que há co-participação dos espaços de voz e de escuta, o que é característico de uma modalidade de intervenção. Na situação em questão, enveredou-se por uma metodologia construída em processo, à medida em que a densidade do objeto investigado ia sendo reduzida pela enunciação de autores, oriundos de vários “nichos vivenciais”, indicando que, nestas circunstâncias, são desfeitas as fronteiras entre os diversos campos de saber. Não obstante, o acontecer no campo em estudo pressupõe, *a priori*, uma intencionalidade, mas não um método-padrão a ser seguido, visto que o eixo norteador da investigação constitui a tese de que, ao se possibilitar a construção de saber, o processo em pauta é a intervenção. Neste sentido, a comunidade foi convocada a produzir saber, na mediação de um instrumento produtor de imagens. Tal recurso técnico foi enfrentado de várias maneiras: a) como um desafio, por se tratar de uma tarefa que exige do sujeito uma posição, b) com constrangimento, tanto pelo uso do microfone quanto da câmera; c) como iniciativa, no sentido de proporcionar o interesse em fazer comentários, observações, acabamentos e diversão e, d) como algo que confere presença ao sujeito, sendo esta a função mais importante do vídeo. Ressalte-se que a ampliação da voz, no microfone, é

também indicativa da presença e da certeza de ser escutado e do destaque entre os participantes. Em outras palavras, por meio do vídeo e do áudio o sujeito se faz visto e se faz ouvido, podendo, em decorrência disto, ter acesso à condição de notoriedade ou à condição de inibição, diante das provas concretas que estes dispositivos oferecem. Apesar de o vídeo causar inibição, esta sensação não culminou com a paralisação, à medida que a imagem técnica disponibilizou para o sujeito o acesso a “um canal” de registros memoráveis e, assim, ele se encorajou a abordar, em público, suas próprias vivências. Em alguns momentos, o andamento do processo foi de tal natureza produtivo que alguns participantes se encarregaram de exercer a função de facilitadores, tanto na criação de meios para viabilizar ao outro uma condição de estar presente, quanto na atenção que lhe foi endereçada.

Do exposto, depreende-se que a câmera teve, neste contexto de investigação, a função de desconstruir o processo de captação de imagens, uma vez que o intuito era o de propiciar uma outra modalidade de relacionamento, construída por meio de artifícios técnicos, ou seja, não somente contemplar a imagem e tomar a satisfação imediata como o suficiente: é preciso refletir sobre o que há de mais habitual, mas também sobre o que há de estranho nos hábitos e nos costumes. Deste modo, o sujeito é convocado a estar atento a si mesmo, sendo o resultado disto a produção de saber.

A chamada do sujeito para esta modalidade de atenção é geradora de tensão, pois, neste tipo de intervenção, ele é constantemente afetado, sendo confrontado com impasses em relação aos quais se poderá mobilizar para produzir soluções.

Assim, o campo ético de investigação circunscreveu-se aos termos da possibilidade de fornecer ao sujeito, implicado no processo de investigação, o direito de ver, de ser visto a olho nu, de ser visto pela imagem técnica, de se ouvir e de se fazer ouvir, numa dinâmica em que o engajamento de atores foi a tônica das ocorrências. Nisto, então, teve lugar a questão da estética, quando foi possível estabelecer comparações entre os modelos midiáticos e a própria condição subjetiva de cada um, revelando, assim, uma postura política no tratamento de questões divulgadas como estereótipos de padrões, pela mídia. Além do mais, o registro de acontecimentos compartilhados possibilitou a remissão e a recuperação de experiências, no sentido da construção de uma história, o que coloca o sujeito frente a frente com filigranas de experiências do viver fragmentado, próprio da época atual. Mas não se trata de um reviver e sim de uma reconstituição, com

ressignificação, de um momento singular, focalizado como experiências importantes de um passado. Da mesma forma que a experiência com a imagem técnica faz o sujeito se voltar para um passado, também lhe possibilita captar-se em outra dimensão: enquanto espectador de sua própria imagem e, assim, face às nuances de sua subjetividade, ele constrói autoconhecimento. Deste modo, a câmera tem, por assim dizer, uma função ímpar: serve de interlocução, tanto no sentido de o sujeito poder fazer acabamentos provisórios, quanto no de lhe conferir a liberdade de aprofundamento de suas questões, a ponto de enunciar cada vez mais suas intenções de forma clara e precisa, quer dizer, constrói novos sentidos, à medida que o saber, gerado pela interferência da imagem técnica, produz no sujeito uma transcendência e fomenta a esperança de que algo seja feito, daí empenhar-se na formulação de projetos.

Acredita-se, pois, que a imagem técnica opera tanto na relação do sujeito consigo mesmo, quanto impulsiona trocas verbais, que têm valor significativo na produção de subjetividade, numa dada comunidade, não só pela formação de valores, como também pela possibilidade de confrontar tais valores com aqueles que circulam no contexto social. De resto, cabe salientar que a intervenção pela imagem forneceu ao grupo uma concepção de mundo construída por intermédio de palavras, tanto a partir de expressões da ideologia do cotidiano, para questioná-las, ou na fomentação de sistemas ideológicos construídos.

De um modo ou de outro, alcança-se um processo de conscientização, pois a construção alteritária do diálogo dos participantes pode ser considerada como uma conquista, não só na delimitação da responsabilidade de papéis, mas na ciência dos limites a serem enfrentados.

Deste modo, o olhar do coletivo referido voltou-se para questões acerca da cidadania, da privação, do atendimento às necessidades básicas, dos cuidados preventivos e remediativos em relação ao consumo e ao tráfico de drogas, da educação, da delimitação dos papéis parentais junto aos cuidados dos filhos e da circunscrição do que é entendido como sendo o homem e a mulher. Todas estas questões foram alvo de discussões, processo a partir do qual se produziram informações, inicialmente dispersas, mas que, aos poucos, tomaram corpo, nos moldes de um saber compartilhado, produzido consensualmente. Sem dúvida, no âmbito de uma relação dialógica alteritária, caracterizada pelo confronto de opiniões e por identificações, construiu-se um espaço propício para que as trocas

vivenciadas se vertessem em condições de reestruturação de situações cotidianas da vida, o que ocorreu pela construção de subjetividade crítica e criativa de soluções, respeitando-se os limites próprios da comunidade em questão. É interessante e importante ressaltar um curioso paradoxo: se a mídia cotidiana, ao revelar cenas de destruição, de desmoronamento e de ruínas, estaria indicando um tipo de posição subjetiva sem esperanças, confinando o sujeito a um aprisionamento, a experiência grupal com a imagem técnica, quando foi solicitado um outro modo de ver o espetáculo produzido, contribuiu, em função da dinâmica de processos perceptivos, dos laços identidicatórios, das trocas de informações e do levantamento de questões. À medida que o grupo refletia sobre este manancial de coisas, pôde assumir uma atitude interpretativa e, certamente, deveras criativa, ponto em que o saber, produzido a partir de intervenções subjetivas e do dispositivo técnico, se disponibilizou para o outro, na intenção de sofrer um acabamento ou ter um encaminhamento. Assim, o grupo alcançou um tipo de elaboração sobre a consciência de classes, tendo uma noção clara e precisa da sua própria, razão pela qual o projeto de distribuição de alimentos não se revelou ser apenas de caráter assistencialista, indicando que é mais pregnante a vontade de ajuda e cooperação.

Deste modo, a construção de saber que se sucedeu ao projeto de distribuição de alimentos, no caso o leite, tem o seu valor social, por propiciar vivências por meio de laços identificatórios, por ser motivador, no sentido da formulação de projetos coletivos, por ser um tipo de aprendizagem transformadora e, enfim, por servir de uma espécie de “espelho mágico”, em que cada participante, ao se ver, é imediatamente afetado, podendo transformar-se. Pode-se salientar que, se é o alimento que leva o sujeito ao acontecimento grupal, não é o que responde à vontade de permanência, ou seja, o sujeito traz, além da necessidade, outros horizontes, a partir dos quais se disponibiliza a realizar um feito coletivo, cujo resultado é a produção de saber. Deve-se alertar para um fato importante: sem a boa vontade destes serviços, não seria viável a transformação subjetiva. Isto quer dizer que é preciso haver iniciativas no sentido de agregar sujeitos, mesmo que seja pelas suas necessidades, não somente para satisfazê-las, mas para convocá-los a assumirem com dignidade a sua condição de sujeito e de cidadão. Certamente, tais serviços, além de estarem voltados para o atendimento de necessidades, devem primar pela iniciativa de reflexão e pela construção de saber, uma vez que

propiciam ao sujeito provisões narcísicas, à medida que lhes é oferecido um espaço de reflexão e de produção de uma “escrita”, prova cabal de sua existência. Com isto, admite-se que um serviço polarizado na satisfação de necessidades apenas não constrói esteios de continuidade, pois não tem como meta a superação, decorrente das transformações subjetivas.

Igualmente, as iniciativas de combate ao consumo e ao tráfico de drogas devem comprometer os sujeitos implicados a se engajarem num processo de produção da potente arma: o saber.

Enfim, as vozes dos necessitados, dos afetados pelo narcotráfico, dos cônjuges que solitariamente educam e sustentam seus filhos e daqueles que sofrem frente às condições sanitárias precárias têm de ser ouvidas como um apelo que, em uníssono, revela uma experiência vivida, clamando a atenção para projetos políticos comprometidos com segurança, saúde, educação e bem-estar. Sem dúvida, estas vozes ecoam na esperança de que políticas públicas direcionem seu olhar para o *modus vivendi* de um setor da comunidade e assumam a responsabilidade e o compromisso de oferecer condições básicas ao exercício da cidadania. A esperança, lançada como uma aposta, é a de ver um discurso revertido em ação. Eis o sentido deste estudo: empreender projetos a partir da escuta atenta às vozes destas pessoas, mas de maneira compartilhada. É necessário, ao detectar uma questão, não perder de vista o seu aspecto principal, para não deixá-la cair no esquecimento e no vazio.

Referências Bibliográficas

- ADAS, M. *A fome: crise ou escândalo?* São Paulo: Moderna (coleção polêmica), 1988.
- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento, fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- ALTAVILA, J. de. *Origem do direito dos povos*. São Paulo: Ícone, 2001.
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa editora, 2001.
- . Mikhail Bakhtin's contribution: the ethical, esthetical, and epistemological triple articulation. Texto apresentado no *Fifth Congress of the International Society for Cultural Research and Activity Theory*. Amsterdam, 18-22 de junho de 2002
- AURELIO, B.H.F. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- . *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- . Arte y responsabilidad. In: BAKHTIN, M. *Estética de la creación verbal*. Madrid: Veinteuno Ed., 1985.
- BAREMBLITT, G.F. A clínica como ela é. *SaudeLoucura*, no. 5. São Paulo: Hucitec Ltda, 1997.
- BARROS DE LEITE, A.L. Ética, [http://www.observatório da imprensa.com.br/artigos/,mo200899.htm](http://www.observatório_da_imprensa.com.br/artigos/,mo200899.htm).
- BARROS, R.D.B. Grupos e produção. In: *Saúdeloucura*, no. 4. Grupos e Coletivos, São Paulo: Hucitec, 199 .

- BAUDRILLARD, J. *A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- . *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 90, 1991.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEZERRA, B.J. Grupos: cultura psicológica e psicanálise. In: *Saúdeloucura*, nº 4 - Grupos e coletivos, São Paulo: Hucitec, 1994.
- BENITES, L.S. Delinqüência e maus-tratos: uma questão de filiação? In: FLEIG, M. (org.) *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo: Unisinos, 1993.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 1, 1987.
- . O narrador. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 1, 1987.
- . Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 1, 1987.
- . *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- . A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'água editores, 1992.
- BOFF, L. Comentário. In: ROCHA, A. *Cidade cerzida*. Rio de Janeiro, Relume & Dumará, 2000,
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, ed. 1997.
- . Bourdieu desafia a mídia internacional. Folha de São Paulo, *Caderno Mais*, 17 de outubro de 1999.
- CABAS, A.G. Os paradoxos da civilização e o desgarramento da cultura. *Agora* 1(1), 1998.

- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.
- CAMERINI, M.F.A. A importância do contexto histórico-social e relacional na estruturação psíquica da criança e na formação de seu sintoma. *Dissertação de mestrado*. Depto. de Psicologia, PUC-Rio, 1996.
- CAMERINI, M. F. A. e CARVALHO, A. M. A Produção da Pesquisa na Academia e sua Aplicação. In: *Cadernos de Metodologia*, Rio de Janeiro: PUC, CTCH, Departamento de Psicologia v.1, n.1, 1994.
- . Comentários: A criança e o adulto. In: (org.) GARCIA, C.A., RABELLO DE CASTRO, L. e JOBIM e SOUZA, S. *Infância, cinema e sociedade*. Rio de Janeiro: Raval, 1997.
- CARVALHO, A.M.A. e cols. Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: Reflexões a partir de relatos de experiência. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, set./dez. vol. 12, n. 3.
- COSTA, J.F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2^a edição, 1995.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro:Ed.34,1992.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.
- DESSEN, M.A., Tecnologia de Vídeo: registro de interações sociais e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. II n.3, 1995.
- DOLTO, F. Prefácio. In: MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- EIRADO SILVA, A. do. O vídeo e a subjetividade: criação não é comunicação. In: JOBIM E SOUZA, S. (org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2000.
- FORRESTER, V. *O horror econômico*. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XIX.

- . *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1960, v. XXI.
- . *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GERALDI, J.W. A diferença identifiça. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. Texto apresentado no *V Congress of the International Society for Cultural Research and Activity Theory*. Amsterdam, 17-22 de junho de 2002.
- GOLDBERG, J. *A clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Te Corá. 2^a edição, 1996.
- GONDAR, J. Angústia, desamparo e o trágico. *Tempo psicanalítico* 27, 1994.
- GOOD, W.J. e HATT, P.K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1979.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: vozes, 1986.
- GUATTARI, F. *Caosmose, um novo paradigma estético*, São Paulo: Ed. 34, 1992.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HERZOG, R. Da falta à ausência de referência: o vazio na psicanálise. *Agora*. 2(1), 1999.
- HEUILLET, H. Le malaise social. *Le Discours Psychanalytique*. 9, 1993.
- JOBIM E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, S.P.: 1994.
- . (org.) *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- . O Olho e a Câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual. *Advir* 15, Set. Rio de Janeiro: ASDUERJ, 2002.
- JOBIM E SOUZA. S., CAMERINI, M.F.A. e MORAIS, M.C. Era uma vez... a escola. *Videotexto*. PUC/RJ, Depto. de Psicologia, Depto. de Artes, 1997.

- JULIEN, P. *O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LANCETTI, A. (org.). *Assistência social e cidadania*, São Paulo: Hucitec, 1996.
- LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- LORENZ, K. *Civilização e pecado*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1974.
- MACHADO, A. Apresentação. In: FLUSSER, V. *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio d'água, 1998.
- . *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 3^a ed. 1^a reimpressão, 1997.
- MERLEAU-POINTY, M. *O olho e o espírito*, Rio de Janeiro: Grifo edições, 1969.
- . *Resumo de curso: filosofia e linguagem*. Campinas: Papyrus, 1990.
- MIRANDA, L.L. Criadores de Imagens, Produtores de Subjetividade: A experiência das TVs Comunitárias. *Tese de Doutorado*, Departamento de Psicologia, PUC-RIO, 2002.
- MITSCHERLISH, A. Ausência do pai. In: CANEVACCI, M. *Dialética da família* (fragmento). São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MORA, J.F. *Dicionário de filosofia*. Barcelona: Editorial Ariel, 1994.
- NICOLACI DA COSTA, A. M. Comunidades: teorias e modelos. *Psicologia Clínica, Pós-graduação & Pesquisa*, v8, n8, PUC-RIO, 1996/7.
- OLIVEIRA, V.M. A rua é lugar de menina? Um estudo acerca da construção de subjetividade com meninas e adolescentes no espaço de rua. *Dissertação de mestrado*. PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 1993.
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A. 1983.

- PAIVA, R. *O espírito comum: comunidade e globalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- . *O virtual comunitário*, <http://www.facom.ufjf.br/lumina/paivalum.htm>.
- PEREIRA, L.M.L. A fala da violência: um estudo psicanalítico da violência. *Tese de doutorado*. PUC/Rio. Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 1997.
- QUINET, A. *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2002.
- RABELO DE CASTRO, L. *Infância e Adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- . Desenvolvimento humano: Uma perspectiva paradigmática sobre a temporalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 5, 2: 99-100, 1992.
- . *Crianças e Jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU, Editora FAPERJ, 2001.
- ROCHA, A. *A cidade cerzida*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000.
- ROUSSEAU, J.J. *O contrato social*. In: ROUSSEAU, coleção os pensadores. São Paulo: Ed. abril cultural, 1984.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SANTOS, M. Nação ativa, nação passiva. *Caderno Mais*, 21 de novembro, Folha de São Paulo, 1999.
- SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e video-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- . *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SAWAIA, B.B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R.H. de F. (org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1996.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

- . *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SIMON, G. *Le regard, l'être et l'apparence dans l'optique de l'antiquité*. Paris: Seuil, 1988.
- SINATRA, E.S. Variantes del argumento ontológico en la modernidad. *Sujeto, goce y modernidad*. Buenos Aires, Atuel, 1995.
- SOARES, C.E.L.V. Em nome do pai: um estudo sobre a culpa e a angústia. *Tese de doutorado*, Rio de Janeiro: Depto. de Psicologia, PUC/R.J., 1997.
- SODRÉ, M. *A máquina de Narciso*. São Paulo: Cortez, 1994.
- TAS M. O ABC da gramática televisiva. In: JOBIM E SOUZA, S. (org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2000.
- TODOROV, T. prefácio, in: BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VASSE, D. *O peso do real: o sofrimento*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
- ZAMORA, M.H.R.N. Textura áspera: confinamento, sociabilidade e violência em favelas cariocas. *Tese de doutorado*, Depto. de Psicologia, PUC/Rio, 1999.

ANEXOS



Editora ABRIL - edição 1684
ano 34 - nº 3 - R\$ 4,50
24 de janeiro de 2001



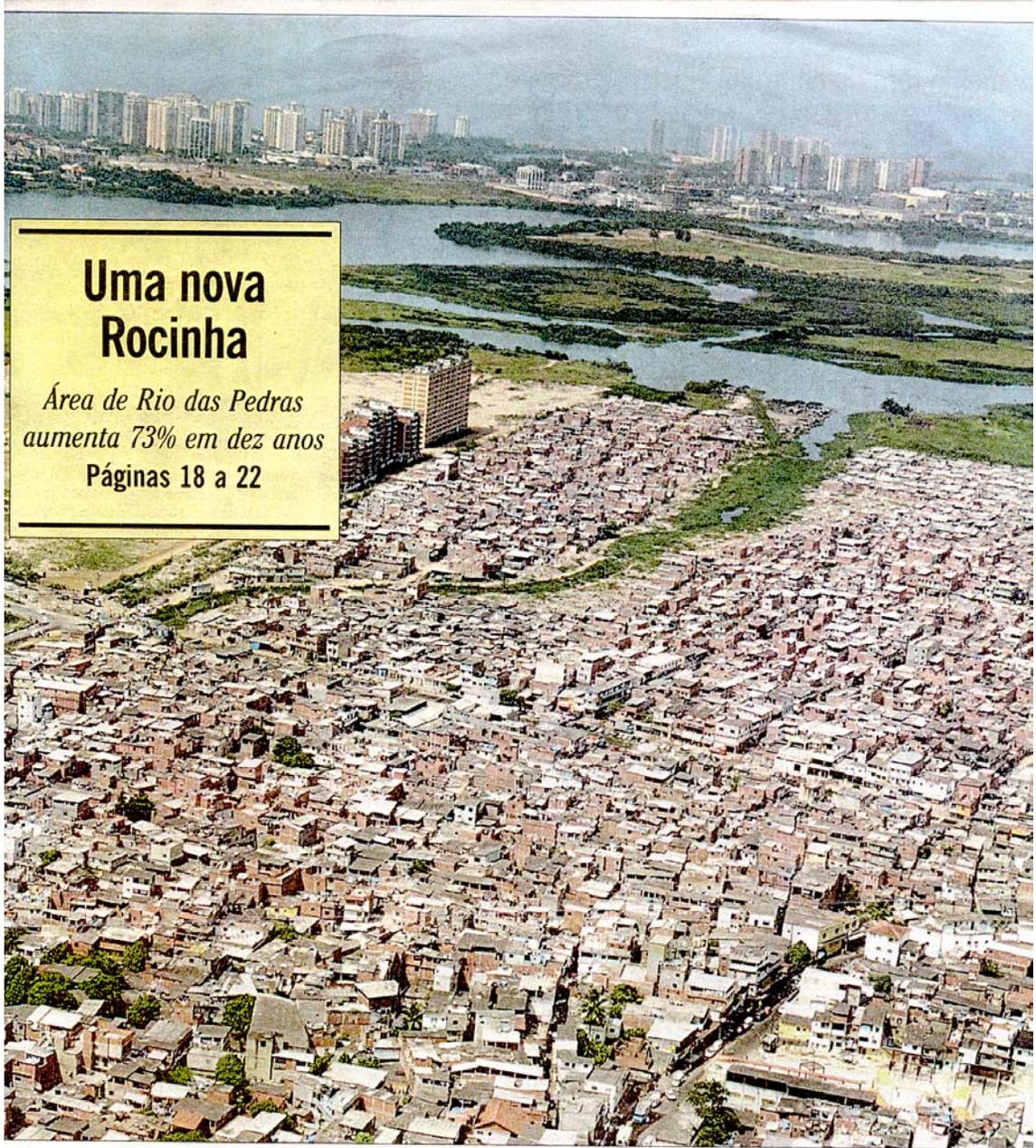
veja

www.veja.com.br



O CERCO DA PERIFERIA

Os bairros de classe média estão sendo espremidos por um cinturão de pobreza e criminalidade que cresce seis vezes mais que a região central das metrópoles brasileiras



Uma nova Rocinha

*Área de Rio das Pedras
aumenta 73% em dez anos*
Páginas 18 a 22



SE alguém disser: “*Já não se fazem mais pais como antigamente*”, pode-se aceitar a frase como verdadeira. Duas décadas de revolução social baseada no mito da juventude mudaram muita coisa na atitude dos filhos. Por outro lado, a invasão dos conceitos psicanalíticos e as exigências do mercado de trabalho também alteraram a atitude dos pais. Os papéis dentro da família estão mudando e essa indefinição de uma fase transitória acaba por tornar as pessoas inseguras.

Uma coisa é certa: os pais perderam a sua onipotência. Os limites transmitidos pela educação antes fixados na base do poder já não funcionam, precisam ser mais pensados e refletidos. Essa perda da onipotência, porém, deve ser contrabalançada de algum modo na procura de novos caminhos. Difícil é escolher esses caminhos.

VIDA MODERNA

OS PAIS VÃO À ESCOLA

Marilda Duarte Machado
Fotos: Paulo Soler



O excesso de informações torna tudo mais confuso. Os pais já não conseguem discriminar o que é importante para seu filho e nem têm tempo para pensar se determinada teoria está mesmo relacionada com o seu caso. E quando se perdem na busca de maior compreensão dos processos educativos e afetivos, apelam para os especialistas, que tomam o seu papel sem nenhuma resistência da parte deles.

Confrontados com as situações do dia-a-dia, os apelos culturais, sociais e econômicas — a exigência, por exemplo, de se colocar os filhos em diversos cursos para atender ao mercado de trabalho — os pais acabam pedindo a orientação de profissionais sobre casos particulares que ocorrem num determinado momento, sem questionar o problema como um todo. E a orientação tipo “receita de bolo” não funciona.

Baseado nesses dados e no trabalho de uma psicanalista francesa, Françoise

Dolto, a psicóloga Maria Florentina Camerini e a logopedista Eva Laufer resolveram criar o que chamaram de *grupo operativo para pais e educadores*. “A informação pura e simples” — diz Florentina — “não é uma garantia de ajuda. O importante é a maneira como ela vai ser operada. Daí formarmos esses grupos profiláticos, um trabalho que visa instrumentalizar os pais sobre o desenvolvimento psicológico, psicomotor e mental da criança”.

Espécie de curso de pais, com duração média de três meses, um mínimo de 8 e um máximo de 14 pessoas, o grupo se reúne uma vez por semana para discutir assuntos que vão desde a discriminação dos papéis e lugares que cada um desempenha nas diversas relações e as influências dos fatores culturais às fases de desenvolvimento da criança. “O importante” — diz Eva — “é que cada pessoa traz para o grupo a sua própria experiência, o que ajuda a levantar as situações e pensá-las, mas sem jamais fechar o conhecimento. Esse é um processo que continua depois do curso através da própria vivência dos pais”.

Cada grupo operativo tem um coordenador e um observador que anota as perguntas, seu desempenho e características para serem discutidas no final do trabalho. Qualquer profissional pode promover um grupo, dependendo do tipo de problemas em demanda. Somente quando essa demanda se refere a comportamento é que é indispensável a participação de um psicólogo. “Os pais” — Informa Eva — “aprendem no curso quando uma situação normal passa a ser considerada problema, o que significa cada situação de acordo com a idade da criança e a sua fase de vida e a discriminar até onde podem eles mesmos resolver o problema, evitando a dependência ao especialista”.

Para os pais, maior certeza e segurança nas relações com os filhos. “Eu sentia total insegurança ao estar com meus filhos” — diz um deles, desquitado. Não compreendia o seu processo de desenvolvimento e não conseguia organizar idéias a respeito. “Agora que tenho percepção das coisas e sei como colocá-las, o nosso relacionamento sofreu grande mudança. E se foi bom para os meus filhos, para mim foi melhor ainda.” “Depois que compreendi realmente as informações que recebia” — diz uma das mães, — “inclusive a partir da minha própria experiência, passei a ver as coisas de outra maneira e me sinto muito mais tranqüila”.

Florentina e Eva, uma coordenando e a outra observando, fazem uma espécie de currículo para os pais, cujos temas servirão para as discussões do grupo e através das quais se pretende chegar ao conhecimento dos filhos.



ROTEIRO DAS PALESTRAS

- Situações determinantes do psiquismo humano: história mítica (situações anteriores à concepção e ao nascimento de uma criança), projeção do futuro da criança.
- primeiro ano de vida, fatores psicológicos: do parto, da amamentação, do desmame, da dentição, da fala, da marcha, etc. A sexualidade na fase oral.
- segundo ano de vida: aspectos psicológicos do controle dos esfíncteres e sua relação com o dar e receber. A sexualidade na fase anal.
- terceiro ano de vida: a descoberta das diferenças sexuais e a heterossexualidade. A escola, sua significação psicológica nessa época. A sexualidade na fase fálica. As vivências do complexo de Édipo: o sentimento de posse, a rivalidade, a possibilidade de vivências com a heterossexualidade.
- A discriminação dos lugares (do pai, da mãe e do filho) na relação triangular. Problemas e substituição dos pais na situação triangular.
- A resolução do Complexo de Édipo: a heterossexualidade como embasadora de possibilidades de relacionamento com o diferente, o novo, as leis, as regras, a ordem, etc.
- A fase da latência: a prática da lei como reguladora e propiciadora da produção e da criatividade.
- A fase da puberdade: início das mudanças corporais, a necessidade de comprovação e esclarecimento das questões relativas à sexualidade.
- A fase da adolescência: a constatação das mudanças corporais. Luto pelas perdas em relação ao mundo infantil. A busca de identidade, o desligamento do grupo familiar, a necessidade de grupos como fator de elaboração da independência, a prática da sexualidade nessa fase.

Eu sou um menino
em casa de 5 anos que
vai para a escola só
para dormir e quando
a gente chama ele, ele
finge que não escuta
eu estou muito preocupado
para com o que está →
O meu nome é? ^{meu}

Simone Da Silva Almeida
eu sou de 2 filhos o
Kaiser Da Silva Rodrigues de
5 anos e o.

Tudo isso Eduardo Da Silva Rodrigues
que ele tem o 2º nome.

TRANSCRIÇÃO

Eu tenho um menino em casa de 5 anos que vai para a escola só para dormir, e quando a gente o chama ele finge que não escuta. Estou preocupada com o que está acontecendo.

O meu nome é Simone da Silva Fernandes. Tenho dois filhos. O Caio da Silva Rodrigues de 5 anos e o Carlos Eduardo da Silva Rodrigues de 1 ano e 2 meses.

23-02-99

tenho um filho de 10 anos ele está me dando trabalho só pensa em ficar na rua e casa do colega brincando.

não quer fazer nada em casa

não quer me obedecer coloco ele de castigo,

mas ele não fica bater não quero porque

sei que é carne e osso e dói.

converso muito com ele, falo sobre Jexico

estrapador enfim muitas coisas.

mas nada disso entra na cabeça dele

porque ele quer se mandar, pensa que

sabe de tudo

tenho pender ele em casa mais ele não fica

então eu ameaço falo que vou internar em

um colegio interno...

falo também que vou pegar ele onde ele

estiver de vara aí ele se abedee

enfim ele é bom menino as vezes é carinhoso

po é compreensivo.

as vezes falo com ele, que ele já é bom q^{do}

está dormindo ou q^{do} está no colegio

falo. ele orientação psicologica

grato

TRANSCRIÇÃO

Tenho um filho de 10 anos. Ele está me dando trabalho. Só pensa em ficar na rua e em casa do colega brincando. Não quer fazer nada em casa. Não quer me obedecer. Coloco ele de castigo mas ele não fica. Bater não quero, porque sei que é carne e osso e dói. Converso muito com ele. Falo sobre tóxico, estuprador, enfim muitas coisas. Mas nada disso entra na cabeça dele porque ele quer se mandar, pensa que sabe de tudo. Tento prender ele em casa, mas ele não fica. Então eu o ameaço. Falo que vou interná-lo em colégio interno. Falo também que vou pegá-lo de vara onde ele estiver, aí ele me obedece. Enfim ele é bom menino, às vezes é carinhoso e compreensivo. Às vezes falo com ele que ele só é bom quando está dormindo ou quando está no colégio.

Peço-lhe orientação psicológica.

Rio 17.06.99

Com 1º lugar um bom dia para todos
em que aqui se encontram, eu também
pertença ao grupo e estou aqui presente no
momento.

Não sei se todas as mulheres ou algu-
ma de você se encontra com o problema
em que estou, pois, sei que é parte do
meu corpo não da mãe marida, mas
sei que tem homens que quando a
mulher se encontra nesta fase nem
todas procuram diálogos, conversar,
procurar justificativas ou soluções para o
problema ou até mesmo um amigo
amigo com carinho, sim, estou preocu-
pada comigo e com o meu corpo.

Dábe sente eu cuido o meu orgão
do muito bem, não deixo ninguém fa-
zendo sexo a duas e 4 meses desde
que eu operei os trompas em ocasião
do nascimento da minha filha Rayana, ele
não é muito, não manda nada pronto
mas ele não é assim, ele sabe
como tratar uma mulher antes
de começar a festa certa, só que
no este momento sou eu que
não estou batendo junto com ele.

Eu me sinto, meu corpo exposta,
me dá uma coisa no mundo, as vezes
é certo gosto ou melhora na hora H eu
não sinto meu orgasmo, não todo

mellhada e ainda muito excitada e
moda nada mesmo, eu estou me
tendo inutil da Sexo amado.

Flora tem certeza que a mulher
não só explica as coisas sobre
ciência, biologia, medicina, economia,
política, o ambiente, os primeiros passos e
tudo + que eu já sei e sou sobre
mas também das mulheres e mesmo
sobre o que muda e o que temo -
que fazer quando algo acontece.

Estou me sentindo tão boa
na que penso que ele vai proce-
der a seguir para poder completar o
seu furo com ele já que a
mulher de casa não faz isso.

Se tiver alguém poderia
me ajudar (já fui ao "Ginecologista"
e nada).

Preciso de uma solução de uma
palavra mesmo amiga.

TRANSCRIÇÃO

Em primeiro lugar um bom dia para todos em que aqui se encontram. Eu também pertenço ao grupo e estou aqui presente no momento.

Não sei se todas as mulheres ou alguma de vocês se encontra com o problema que estou. Sei que é parte do meu corpo, não do meu marido. Mas sei que tem homens que quando a mulher se encontra nesta fase nem procuram dialogar, conversar, procurar justificativa ou solução para o problema, ou até mesmo um ombro amigo, um carinho. Sim, estou preocupada comigo e com o meu corpo.

Sabe gente, eu conheço o meu marido muito bem. Nós dois viemos fazendo sexo há 2 anos e quatro meses. Desde que eu operei as trompas ao nascimento de minha filha Rayana não estou batendo junto com ele. Ele não é bruto, não só manda a vê e pronto. Não, ele não é assim, ele sabe como excitar uma mulher antes de começar a festa certa, só que no momento certo sou eu que não estou batendo junto com ele. Eu me excito, meu corpo esquenta, me dá uma dor na nuca às vezes, e num certo ponto ou melhor na hora H eu não solto meu orgasmo, fico toda molhada e ainda muito excitada e nada, nada mesmo. Eu estou me sentindo inútil no sexo amoroso.

Florentina, gostaria que a senhora não só explicasse coisas sobre: criança, bebês, nascimento, amamentação, a alimentação, os primeiros passos e tudo o mais que eu já ouvi e sim sobre nós também, as mulheres e o nosso corpo, o que muda e o que temos que fazer quando algo acontece.

Tem hora em que penso que ele vai procurar outra para poder completar o sexo junto com ele já que a mulher de casa não faz isso.

Por favor alguém poderia me ajudar? (já fui ao ginecologista e nada).

Preciso de uma solução, de uma palavra amiga.



Distribuição do leite



Dinâmica de grupo



Recreação da festa de Natal



O grupo assistindo à palestra

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(MÊS VOCACIONAL - DIA DOS PAIS)

Os pais são pão de vida para seus filhos, não só porque lhes deram a vida, mas porque, de certo modo, os filhos continuamente "alimentam-se" dos pais. Dando o pão, fruto de seu trabalho, o pai pode, de certo modo, dizer: "Este pão é a minha carne dada por meus filhos", enquanto os comensais que participam deste pão, participam, de certa maneira, da própria vida de quem lho dá.

Se pais e filhos podem dar ao pão um significado tão profundo, por que Jesus não poderia dar ao pão um significado e uma realidade totalmente novos, proporcionais à profundidade de todo o seu ser, e dele fazer assim a participação da sua vida com o Pai e o sinal eficaz da sua íntima presença e comunhão com os que nele crêem!

Celebremos este Domingo na intenção de todos os Pais, vivos e falecidos, e peçamos a Deus, nosso Pai do céu, que faça os pais terrestres cada vez mais testemunharem a paternidade divina, amorosa e fiel.

**Texto do folheto da missa de domingo, que foi lido, refletido e doado
aos pais na comemoração do dia dos pais.**